



BETHANY-KRIS

SÉRIE FILTHY MARCELLOS

ANTONY

ONDE TUDO COMEÇOU...

BEA
EDITORA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BETHANY-KRIS

SÉRIE FILTHY MARCELLOS

ANTONY

ONDE TUDO COMEÇOU...

Série Filthy Marcellos
Livro 0.5

The logo for Dea Editora features the word 'Dea' in a stylized, teal-colored font. The letter 'D' is large and contains a red number '3'. Below 'Dea', the word 'editora' is written in a smaller, lowercase, teal-colored font.

Dea
editora

Copyright © KRISTEN FOURNIER
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Título Original:
Antony
Filthy Marcellos, Book 0.5

Editor	Patrícia Azevedo
Assistente Editorial	Natália Perruchi
Revisão	Carolina Coelho Natália Perruchi
Diagramação	Cris Spezzaferro
Ilustração	Mia Klein
Imagem	www.depositphotos.com/98947088

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2016.

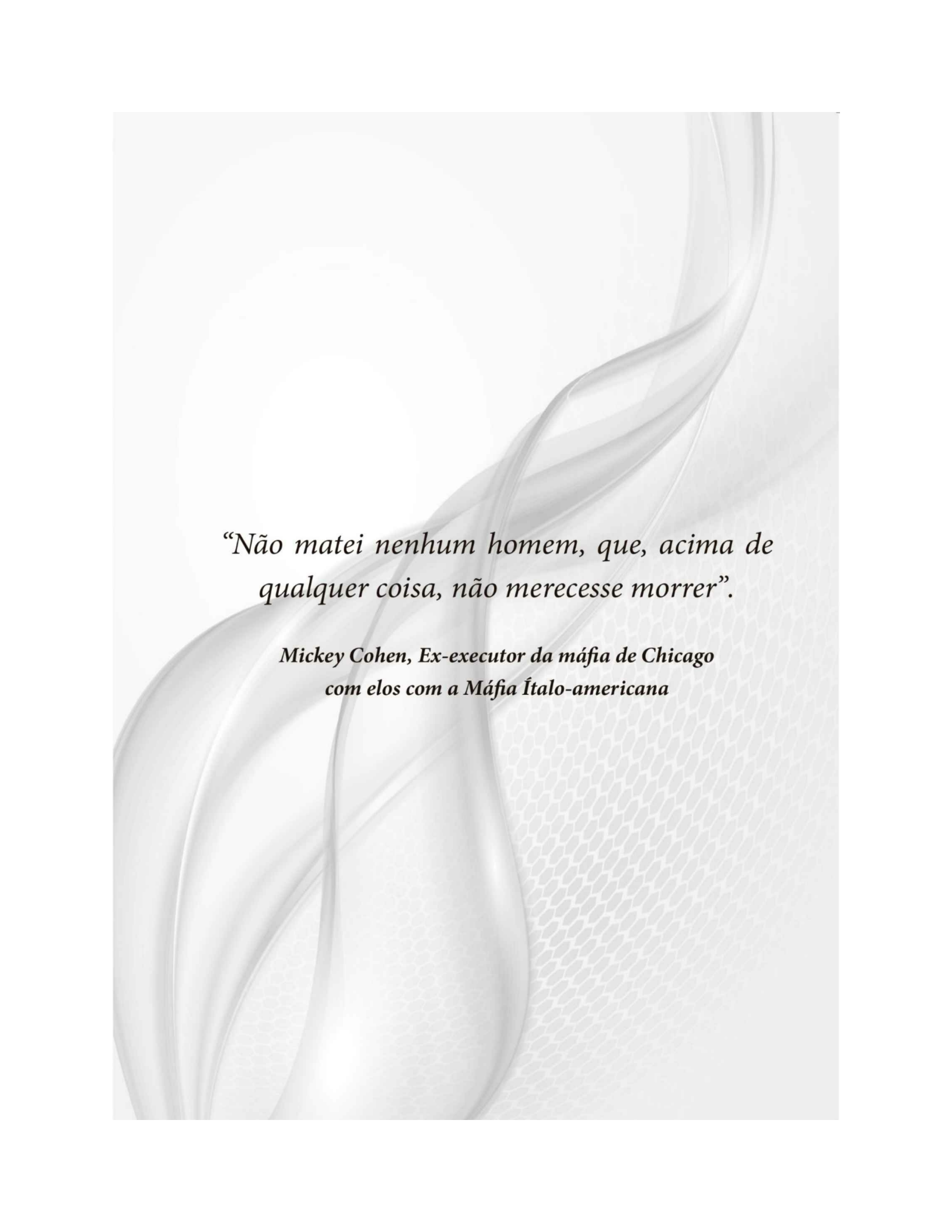
Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.
www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

The background is a light gray with a subtle hexagonal pattern. Overlaid on this are several flowing, translucent, ribbon-like shapes that curve and twist across the frame. The text is centered in a black, elegant script font.

Aos leitores que pediram Antony.



“Não matei nenhum homem, que, acima de qualquer coisa, não merecesse morrer”.

*Mickey Cohen, Ex-executor da máfia de Chicago
com elos com a Máfia Ítalo-americana*

Sumário

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Catorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Epílogo](#)

[Vire a página e comece uma nova história de tirar o fôlego.](#)

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)

PARTE UM: L'OMERTÀ

Capítulo Um

Janeiro de 1964

— Nunca se esqueça da sua arma, garoto. Você sempre precisa dessa merda por perto... Neste negócio, você precisa dela. Se for pego desarmado, eu garanto que você não vai gostar do que vai acontecer.

Aos cinco anos, Antony Marcello olhava o revólver brilhante que seu pai estava limpando com interesse.

— Que é isso, Papà?

Ross sorriu.

— La Cosa Nostra, garoto. A porra do nosso negócio.

— Ah.

Antony ainda não sabia do que seu pai estava falando. Mas saberia. Mas gostava da arma e do canivete vermelho que seu pai lhe dera naquela manhã.

— E não deixe de seguir as regras, Antony. Sempre.

Fevereiro de 1984

Ele foi em paz. — A enfermeira disse delicadamente.

Antony enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu de ombros. A enfermeira não entendia, mas estava tentando ajudar, ele sabia disso.

“Em paz” era um termo que não se aplicava à morte de seu pai. Onde estava a paz ao passar uma década bebendo até morrer? Onde estava a paz ao acordar tremendo, tomar algumas cervejas para aliviar os tremores, passar

metade do dia vomitando e, em seguida, desmaiar em qualquer lugar que caísse?

Não, não havia nada de paz no alcoolismo.

— O que eles fizeram? Aplicaram morfina até seu último suspiro? —

Antony perguntou rispidamente.

A enfermeira hesitou, surpresa.

— O que disse?

— Será que não foi isso o que fez com que ele partisse em paz? —

Antony esclareceu.

— Hum.... Bem, veja bem....

— Senhorita, eu vi meu pai beber até a morte durante os últimos dez anos, desde que minha mãe morreu. Se está tentando facilitar para mim, pare. Eu posso lidar com isso, pode acreditar.

— Nós oferecemos a medicação para ajudá-lo, mas ele recusou. Ele parecia bem-humorado e até cantou por alguns momentos.

A enfermeira ainda tinha um monte coisa a dizer. Antony notou na hora. Levar seu estilo de vida, notar coisas sobre as pessoas podia salvar a vida.

— E? — Antony pressionou.

— Nós pensamos que ele havia adormecido e tinha mandado que desligássemos o sinal sonoro do monitor.

Sim, Antony entendeu. Eles nem sequer notaram que Ross tinha morrido.

Caramba, talvez seu pai não tivesse sofrido mesmo. Talvez ele tivesse simplesmente... Adormecido e pronto.

Os últimos dez anos da vida de Antony tinham girado em torno de duas coisas: manter a sanidade do pai e conseguir seu lugar na La Cosa Nostra. Evidentemente, ele falhou na primeira. Agora, com vinte e cinco

anos, parecia que fracassaria na segunda antes mesmo de ser um homem feito.

Parte do motivo pelo qual ele continuava sendo apenas um ajudante da família criminosa Catrolli estava a um metro dali, morto em uma cama de hospital. A propensão de Ross para beber quebrou uma das regras mais fundamentais da Cosa Nostra. Homens que agiam como bêbados idiotas eram passivos e uma vergonha para a família. Ross vivia assim, porém seu filho sofreu as consequências de suas escolhas. Era difícil ganhar confiança quando seu pai tinha feito o que fez.

Não importava que Antony fosse também o neto de Andino Marcello, o braço direito e conselheiro de Vinnie Catrolli. Porque no final, ele ainda era filho de um bêbado.

Tal pai, tal filho, como diziam.

Ainda assim, Antony não guardava nenhum rancor de seu pai. Ele acreditava que o entendia em alguns aspectos. Desde a morte de Cella, a mãe de Antony, dez anos antes, em um afogamento, Ross não era mais o mesmo. O homem não foi capaz de salvar sua esposa, seus filhos ficaram sem a mãe durante os anos mais importantes da vida e o tempo continuou passando.

Quando o mundo de Ross parou, o resto do mundo se manteve girando. Porque Cella era mesmo o centro da terra para Ross, enquanto ele era a lua para ela, em constante rotação em torno dela, construindo sua vida em torno dela. Antony não conseguia se lembrar de uma época em que seus pais discutiram, nunca houve violência física entre os dois, e seu pai, até onde ele sabia, sempre foi fiel.

Analisando as outras pessoas em sua vida, Antony sabia que isso era uma raridade. Os homens de seu mundo geralmente tinham uma amante ou duas, as suas goomahs, geralmente com filhos ilegítimos enquanto as esposas legítimas faziam vista grossa.

Ross não.

Antony não tinha a menor ideia de como era um amor assim. Também não tinha certeza se queria um.

— Eu vou cuidar dos trâmites — disse Antony, afastando tais pensamentos.

A enfermeira assentiu. — Ele vai ser etiquetado ao necrotério.

Etiquetado.

No necrotério.

Antony se arrepiou dos pés à cabeça.

Antony tinha acabado de entrar em casa quando o telefone começou a tocar.

Ele queria muito ignorá-lo. Muito.

Mas não podia.

Seria muito azar se a chamada que ele ignorasse fosse do chefe.

Nunca ignore seu chefe. Era uma regra.

Antony não se preocupou em tirar os sapatos nem o paletó antes de cruzar o hall de entrada, entrar na sala de estar e atender a ligação.

— Aqui é o Marcello.

— Bom dia, Tony. — Veio uma voz familiar no outro lado.

— Bom dia, John.

Johnathan Grovatti era, e sempre foi, um dos melhores amigos de Antony. Havia uma diferença de idade de dois anos entre eles, e Johnathan era o mais velho. Johnathan tinha conquistado o seu posto aos dezoito anos — uma das muitas vantagens de ter um chefe rival como um pai de uma família de Nova York.

No entanto, o irmão mais velho de Johnathan estava tomando o lugar de seu pai, enquanto John foi criado para assumir o de Vinnie Catrolli, quando o homem morresse ou se aposentasse. O acordo entre as famílias tinha evitado a morte de muitas pessoas, já que os rivais faziam negócios juntos e tudo o mais.

Antony supunha que isso era o mais importante. Mesmo que isso significasse para John se casar com uma mulher que ele desprezasse pelo bem dos negócios. A filha mais nova de Vinnie, Kate, era desagradável, mas talvez Johnathan pudesse domá-la. Ou, pelo menos, lidar com ela.

— Temos que ir hoje à Hell's Kitchen — John informou.

Antony se encolheu. Hoje não, cara. Ele ainda tinha que entrar em contato com sua família sobre Ross e contatar a funerária.

— Podemos adiar...

— Não, a ordem veio diretamente de Vinnie. Não é nada importante. Se veio do chefe, com certeza, é importante.

— Sim, está certo. — Antony respondeu cansado.

— Ei, o que foi? — perguntou Johnathan.

Nada.

Absolutamente nada.

Aquela era a Cosa Nostra. A vida de Antony. Todo o resto ficava em segundo lugar quando *la famiglia* chamava. Cosa Nostra vinha primeiro, sempre.

— Quando e onde você quer me encontrar? — perguntou Antony em vez de responder ao seu amigo.

— O que acha do Dee's Diner?

Antony rangeu os dentes, sabendo muito bem por que Johnathan queria encontrá-lo lá.

— Ela vai estar lá?

— Ela quem?

Não banque o estúpido, cara — disse Antony.

Johnathan suspirou. — Tony...

— Você está prometido a outra mulher, John.

Antony não acreditava em infidelidade.

— Só daqui a alguns anos.

Pelo que Antony compreendia, Vinnie Catrolli queria que a filha completasse 23 anos antes de se casar com John. Até lá, ela teria tempo para terminar a escola e qualquer outra coisa. Antony acreditava que era a maneira de Vinnie ganhar tempo e ficar de olho em John, mas John não parecia estar preocupado com o tempo que levaria até seu casamento acontecer.

— Vinnie vai descobrir e quando isso acontecer, seu pai também irá.

— Antony o alertou.

E se isso acontecesse, Johnathan perderia tanto o seu lugar como herdeiro dos Catrolli quanto sua herança. Não porque ele tinha uma goomah, alguém que Antony não conhecia bem e não se importava em conhecer, mas porque ele não estava seguindo as expectativas estabelecidas por seu pai.

John nunca gostou de seguir regras.

— Eles não vão.

— Eu não quero ter nada a ver com essa confusão, John

John xingou. — Tudo bem, imbecil. Na Meca, no centro, em 20 minutos, Tony. Será que assim está bom para você?

Sim, isso funcionou.

— Em 20 minutos — Antony confirmou antes de desligar o telefone.

Depois discou outro número, esfregando a testa para aliviar súbita dor de cabeça que o atingiu. Quando seu avô atendeu, Antony se perguntou se o homem iria mesmo se importar com a morte do filho mais velho.

Andino e Ross nunca tinham concordado na maioria das coisas.

— Ciao — Andino atendeu. — Aqui é o Marcello.

— Nós todos atendemos o telefone do mesmo jeito — disse Antony, rindo sozinho.

— Bom dia, menino.

Antony lutou contra a vontade de ironizar. Vinte e cinco anos de idade e ele ainda era uma criança para o avô.

— O que você quer logo às sete horas da manhã? — Andino perguntou.

— Eu tenho assuntos a tratar na Kitchen com John hoje — Antony respondeu.

— Sim, e daí? Vá.

— Pretendo ir, mas preciso de um favor.

— Qual favor? — Perguntou Andino.

Ele conseguia ouvir o clique do cortador do avô, cortando a ponta do que provavelmente era um charuto cubano. Antony tentava viver modestamente, mas, em grande parte, sua família era rica há muito tempo, muito, muito tempo.

Há tanto tempo que cheirava a mofo.

Sua conta bancária era muito recheada, mas Antony nem uma vez tratou sua herança como se fosse uma coisa à toa na vida. Não, ele se matava de trabalhar todos os dias. Quanto mais conquistava, melhor se sentia. Seria menos provável que alguém tentasse tirar algo dele dessa maneira.

— Recebi um telefonema do hospital hoje cedo. — Antony começou a dizer.

— Não — Andino o interrompeu. — De jeito nenhum, Tony. Tenha um bom dia, garoto.

Com isso, seu avô desligou a chamada.

Antony ficou olhando para o receptor na mão, nem mesmo chocado

com a reação de Andino. Normalmente abordar o tema Ross com o avô terminava mal de alguma forma. Como a maioria das pessoas, Andino tinha lavado as mãos em relação às coisas erradas de seu filho há muito tempo.

Bufando, Antony bateu o telefone no receptor, pegou-o novamente, e discou mais uma vez. Seu irmão mais novo provavelmente não se importava nem queria saber da morte de seu pai, mas Antony não tinha tempo para essa bobagem hoje.

Ross Júnior pegou o telefone e antes mesmo de poder dizer alô, Antony disse:

— O papai morreu, eu tenho trabalho a fazer e alguém precisa ligar para a porra da funerária.

Que a família fizesse o que queria.

Antony não dava mais a mínima.

Capítulo Dois

Johnathan jogou um maço de cigarros sobre o capô do Cadillac. Antony pegou-o facilmente, puxando um cigarro para fora para acendê-lo.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Antony, olhando para o armazém sujo e caindo aos pedaços.

— Vinnie deixou um pacote aqui ontem à noite. Nós precisamos resolver

isso.

— É mesmo?

— Sim.

— Tudo bem — Antony murmurou.

Antony seguiu John para dentro do armazém, ignorando o cheiro de mofo que dava a impressão de ser uma mistura de urina e vômito. John acendeu as luzes, iluminando o espaço. O olhar de Antony imediatamente se voltou para a figura amarrada no chão vazio.

Ele reconheceu o homem desmaiado e amarrado como sendo um dos executores de Vinnie. O cara que normalmente fazia a segurança da família do chefe, especificamente.

— Um pacote, hein? — perguntou Antony, ironizando.

John suspirou. — Eu não tinha permissão para contar enquanto não entrássemos

— E nós temos que cuidar dele.

Não era uma pergunta.

John assentiu.

— Bem. Alguma outra instrução? — perguntou Antony.

— Não tenha pressa. — John murmurou.

Ótimo.

Em outras palavras: faça doer.

Antony percebeu o balde quase cheio de água. Olhando para cima, ele observou que devia estar sendo usado para pegar a água do telhado que estava pingando. Havia uma dúzia de outros em todo o piso do armazém vazio.

— Que lugar é esse, afinal? — perguntou Antony.

— Apenas um lugar — John respondeu.

— Eu odeio quando você é vago, John.

— Conquistou seu posto, Tony.

Antony arregalou os olhos. — Nem todos nós os recebemos de mão beijada, John.

— Bonito, mas imbecil. — John acenou para o homem amarrado. — Você pode começar a conquistar o seu fazendo o que o chefe mandou. Além disso, ele pediu especificamente que você trabalhasse comigo hoje.

Antony se animou com essa afirmação. — Huh.

Ele não precisava repetir. Antony avançou, pegando o balde de água ao passar. Quando chegou ao executor desmaiado, jogou a água sobre a cabeça do homem, acordando-o. O cara gritou cuspidando água para todo lado.

— Por favor, não estrague o meu terno — disse Antony. — Isso seria uma pena.

O executor arregalou os olhos. — O qu..quê?

Antony sempre carregava uma arma, mas na verdade preferia as facas. Pegou um canivete do bolso da calça, balançou-o na frente do homem.

— Nós vamos começar com o rosto, certo? Dessa forma, toda vez que você gritar, não vai ser particularmente bom. — Antony sorriu, sabendo que parecia cruel.

Matar era fácil para ele. Negócios de sempre. Sangue não o

incomodava e os gritos também não. Aquela era a Cosa Nostra. Os homens seguiam aquelas regras e morriam por elas. Era evidente que aquele homem tinha infringido uma delas.

Antony tinha um trabalho a fazer.

O executor engoliu em seco.

— O que você fez para estar aqui? — perguntou Antony, sinceramente curioso.

— Eu não sei.

Antony ergueu uma sobrancelha. — Você não sabe?

O homem sacudiu a cabeça.

— John? — perguntou Antony, sabendo que seu amigo tinha ouvido a pergunta anterior.

— Ele não estava só observando a Kate, se entende o que quero dizer.

O executor arfou. — Eu não!

Antony deu uma olhada para trás, para John. Seu amigo estava rígido e calado. Em mais de uma ocasião, John havia dito a ele que Kate era conhecida por suas mentiras. Antony não tinha certeza se isso era verdade ou não, mas John não era mentiroso. Este homem estava prestes a perder a vida por outra rodada de mentiras de Kate?

— Nós não temos escolha, cara — disse John. — Ordens do chefe.

Antony se virou para o executor e encolheu os ombros.

Não tenha pressa.

Fevereiro de 1984

Antony Marcello nunca quebrava as regras. Pelo menos, não as que

importam. No mundo da Cosa Nostra, a justiça era feita com uma única palavra e uma bala, não com um tribunal e juiz. Quando lhe diziam para pular, só havia uma resposta apropriada: Quão alto, chefe?

Uma das regras mais importantes que ele tinha aprendido na infância foi a de nunca constranger um Don. Não levaria a nada de bom agir como um idiota arrogante na frente de alguém que tinha mais poder do que você. Especialmente em um mundo onde a única coisa importante era que você seguisse as ordens e fizesse dinheiro.

Antony tinha as duas coisas, mesmo ainda não sendo um membro iniciado na Cosa Nostra, pois ele ainda não ganhara seu maldito cargo.

Então, sim, Antony seguia a droga das regras. Mesmo que isso significasse dirigir até o inferno para comprar um determinado sanduíche de carne de um fastfood sobre o qual ele nunca tinha ouvido falar. Porque quando o Don ordenava, era preciso tirar a bunda italiana da cama, mesmo tendo dormido só uma hora, para fazer o que estavam mandando.

Como encontrar uma loja idiota de sanduíche que aparentemente ficava aberta 24 horas por dia com uma placa chamativa que seria impossível não ver.

Antony estava começando a achar que alguém estava armando para cima dele.

Meu Deus.

Ele deu mais algumas voltas pelas ruas e ainda assim não conseguiu encontrar o maldito restaurante em questão. Por fim, cansando-se de dirigir a esmo, Antony parou o carro ao lado do primeiro telefone público que viu. Deixando o carro ligado, saiu e correu para dentro da cabine para escapar da chuva pesada. Suas mãos ficaram geladas antes mesmo que ele conseguisse terminar de discar o número.

John atendeu ao segundo toque. Como assistente de Vinnie, todas as

chamadas iam para ele e, em seguida, ele decidia se alguma era importante o suficiente para ser passada ao chefe. Ou melhor, se valia a pena passar o recado. Associados não falavam diretamente com o chefe.

— Ciao — disse John.

Antony notou que seu amigo parecia bem desperto e pronto para o dia.

Eram três horas da manhã, inferno!

— John, eu juro por Deus, se você me foder hoje, me fazendo percorrer a porra de todos os restaurantes a troco de nada nada, eu vou...

John riu, interrompendo a ameaça de Antony.

— Lembra aquele armazém que fomos há um mês?

— O que tem ele? — vociferou Antony.

— Você tem vinte minutos para chegar lá, imbecil. Não se atrase.

Antony franziu o cenho. — Mas...

— Na verdade, agora são dezenove. Não se atrase, Antony. Confie em mim.

— É um trajeto de trinta minutos saindo daqui.

— Voe, então.

A chamada foi desligada.

Meu Deus.

O armazém estava escuro quando Antony chegou. Verificando o relógio, ele notou que chegou com três minutos de antecedência. Bufou quando saiu do carro, perguntando a si mesmo novamente se Johnathan pretendia ferrá-lo naquela noite. No entanto, pensou que devia verificar dentro do maldito armazém antes de ligar para John de um telefone público

de novo.

Antony deu a volta no edifício até a entrada da frente, parando de repente ao ver vários carros estacionados lá, todos desligados. O armazém estava tão escuro na frente como nas laterais.

Duas pessoas estavam esperando por ele na escuridão. Ele reconheceu as formas familiares antes mesmo de elas dizerem uma palavra.

— O que está acontecendo? — perguntou Antony.

Paulie riu. — Algo grande, Tony.

— Algo importante — acrescentou Johnathan. — Tire a roupa.

Antony congelou. — O quê?

— Rápido, você tem três minutos para estar dentro daquele armazém ou perde sua chance, cara — disse Johnathan. — Tire as roupas.

— Estamos em pleno inverno, John!

— Temos que ter certeza de que você não traz uma escuta no corpo, você sabe.

Isso foi muito ofensivo.

Antony era um monte de coisas, mas não um canalha.

— Eu não estou...

— Você nunca vai conseguir entrar pra Casa Nostra assim, Tony. — John interrompeu. — Não perca tempo e corra. Você tem dois minutos para estar na frente do chefe e dos homens dele antes de perder a sua chance de pegar o posto de uma vez. Você só tem uma tentativa para isso. Tire a roupa

— O posto? — Antony perguntou em voz baixa, ainda não acreditando.

— O seu, talvez.

Euforia e medo correram pelas veias de Antony. Ele sabia como estas tradições eram tratadas na Cosa Nostra, mas como não era membro ainda, ele não deveria saber de nada. Mas de alguma forma, a informação sempre dava

um jeito de vazar.

Antony não tinha tempo para pensar nisso.

Ele tirou o blazer antes de desabotoar a camisa social. Paulie apareceu ao lado dele para segurar as peças de roupa. O ar frio envolvia Antony de todos os lados, tirando seu fôlego.

Quando ele estava nu, Antony encontrou o olhar de John, que não havia olhado para baixo nem uma vez. Seu amigo ostentava o sorriso mais arrogante e presunçoso que Antony já tinha visto.

— Tem algo a dizer para mim, idiota? — Antony perguntou a seu velho amigo.

John encolheu os ombros. — Sim, use isto ou você vai passar vergonha lá dentro.

Antony pegou a toalha vermelha que John ofereceu e envolveu a cintura com ela.

— Um pedido de desculpas seria bom.

— Você nunca vai conseguir, Tony.

— Não por isso, de qualquer maneira — disse Antony.

— Pensei que você me ligaria mais rápido do que fez.

Antony riu, dizendo: — O chefe queria comida.

— E você sempre segue as regras — John respondeu. — Eu sei. As indicações para o cargo surgiram há um mês.

— Vieram? — Antony perguntou a John.

— Sim. Um assento precisava ser preenchido.

O pai de Antony morreu, então isso fazia sentido. Quando um cargo na família fica vago, ele precisava ser preenchido.

— Então, você tem meu voto, Tony.

— E o meu. — Paulie assegurou.

— Seu avô não disse uma palavra — disse John.

Antony não se surpreendeu.

— Ele queria que eu ganhasse sem o apoio dele de alguma forma.

John sorriu. — Eu imaginei. Fique quieto, responda somente quando derem ordem, e não entre em pânico. Certo?

— Certo.

Antony estreitou os olhos quando a luz o ofuscou, tornando-o incapaz de ver os homens conversando tranquilamente na escuridão. Quando aqueles malditos holofotes foram instalados, afinal? Ele não se lembrava deles, quando estivera ali com John há um mês.

Andando com os pés descalços, Antony tentou ignorar o fato de que estava com muito frio e sentindo-se mais exausto a cada segundo. Ele havia sido direcionado até o círculo de luz, onde ficou quieto, esperando que o chefe fosse convidá-lo para uma conversa quando estivesse pronto para isso.

Antony estava de pé há pelo menos duas horas.

— A Cosa Nostra é, na sua essência, uma família. — Antony ouviu seu chefe dizer.

Murmúrios de concordância foram ouvidos na escuridão.

La famiglia é o que sempre foi; uma força de muitos homens, não apenas de um homem. — Vinnie Catrolli continuou. — E por causa disso, vou permitir que os homens da La Cosa Nostra o interroguem o quanto quiserem hoje, Antony Marcello. Eles vão especular sobre sua lealdade e sua devoção à nossa família e negócios. Eles vão questionar suas crenças e dizer o que esperam de você depois de hoje. Suas respostas, as palavras que você escolher, vão determinar como esta noite termina, Marcello.

Antony foi forçado a controlar a súbita ansiedade. Um aviso sobre a

intensidade da noite teria sido bom.

— Certo.

— Isso só pode acabar de duas maneiras — Acrescentou Vinnie. —

Você sai daqui um homem feito...

— Ou não vai sair. — Antony ouviu seu avô terminar.

Vinnie andou até a borda da escuridão, dando a Antony uma visão dele.

— Você entendeu, Marcello?

Antony assentiu. — Sim.

— Será que você está aqui por livre e espontânea vontade?

— Estou — respondeu ele.

— Você está preparado para enfrentar esta noite independentemente do resultado?

— Estou.

— Então, vamos começar.

Capítulo Três

Vinnie virou as costas para Antony, dizendo:

— Não se mova, eles vão querer ver o seu rosto em todos os momentos durante o interrogatório. Você não deve se sentar. Você não vai falar a não ser que mandem. O que é mais importante em sua vida, Marcello?

— *La famiglia*. — Antony disse instantaneamente, sabendo que era a única resposta apropriada.

— O que vem em segundo lugar? — Perguntou uma voz na multidão.

Antony odiava não poder ver os homens. Já que eles estavam avaliando suas reações, ele gostaria de poder monitorar as deles também. Isso o deixava nervoso.

Ele não tinha vantagem ali.

Antony pensou nas lições de seu pai ao longo dos anos. As palavras arrastadas devido à embriaguez e a clareza que às vezes se fazia perceber.

Família em primeiro lugar, Antony.

Deus em segundo.

— Deus — disse Antony.

— O que você está disposto a dar pela Cosa Nostra? — perguntou outra pessoa.

— Minha vida.

— Seus filhos?

— Meus filhos — respondeu Antony.

— Suas filhas também?

A tensão pesou nos ombros de Antony com a pergunta. Ele deu um jeito de se forçar a responder.

— Sim.

— Se a sua esposa te chamasse na sala de parto e seu chefe te ligasse da casa dele, a quem você atenderia?

— Meu chefe.

As perguntas continuaram a ser feitas. Algumas vinham de vozes que ele reconhecia e outras de homens que ele tinha certeza de que nunca tinha visto. Seu avô não o questionou nem uma vez, tampouco Paulie ou Johnathan. Antony suspeitava de que fosse por Andino ser da sua família, enquanto Paulie e John o haviam indicado.

Quanto mais tempo ele ficava ali, mais entorpecido do frio Antony se sentia, até estar tremendo e seus dentes baterem entre as perguntas.

Meu Deus, eles poderiam ter escolhido um lugar melhor para isso.

Antony, apesar de estar morrendo de frio e do desconforto de estar no centro das atenções, conseguiu manter a calma apesar do questionamento incessante. Ele não titubeou quando a sugestão de matar a família e amigos próximos pela Cosa Nostra foi dada. Ele não se perturbou, nem mesmo quando a toalha na cintura ameaçou cair e mostrar seu pau para todos.

Não, ele só... Seguiu as regras.

Por fim, a sala ficou em silêncio. Vinnie perguntou se havia mais alguma pergunta. Ninguém respondeu.

— Há alguma objeção em relação a este homem se juntar à *La famiglia*? — perguntou Vinnie.

— Não.

— Não, chefe.

Mais vozes ecoavam através do armazém, confirmando o posto de Antony.

Mas ainda não havia terminado, ele sabia.

Vinnie apareceu novamente, posicionando-se na área iluminada com Antony. Havia quatro coisas em sua mão. Um isqueiro, uma arma, uma faca

de prata e o rosto de Santo Antônio em um pequeno cartão.

— Você deseja receber a omertà? — perguntou Vinnie

— Sim, chefe — disse Antony.

Vinnie mostrou o santinho.

— Imaginei que este santo combinava com você, Marcello. Além do nome, é claro, Santo Antônio é conhecido por sua devoção à religião e a Deus. Parece-me que você é outro homem cuja devoção à família vai ajudar a deixar suas marcas em todos os lugares.

Antony não sorriu. — Espero que sim.

— Daqui em diante, sua palavra é a sua reputação e sua vida. Você responde e vive pela *la famiglia*. La Cosa Nostra — essa nossa coisa — é algo bonito, Antony. Mas também é perigosa, feia e difícil. Você terá que manter padrões dignos em todos os momentos e cuidar para que seus homens mantenham os deles. A família vem em primeiro lugar, sempre. Seus desejos, suas vontades, são irrelevantes às necessidades e exigências da família.

— Eu entendo.

— A tua mão? — pediu Vinnie, erguendo a mão para pegar a de Antony.

Antony ofereceu ao Don sua mão virada para cima. Ele não teve tempo de piscar antes de a faca abrir um corte de três centímetros em sua palma. Os dedos de Vinnie apertaram o pulso de Antony como um torniquete, quase causando dor. O sangue acumulou, pingando no chão, espirrando a fonte da vida quente sobre os pés de Antony.

Doeu demais. Quanto mais forte Vinnie espremia, pior a dor se tornava, mas Antony não mexeu um músculo.

Vinnie soltou a mão de Antony antes de atear fogo a um dos lados do santinho. Colocou o papel em chamas na palma de Antony. O fogo tocou sua pele e a feriu, mas nada pior do que isso.

— Abra a boca, Marcello. — Vinnie deu a ordem.

Antony fez o que lhe foi dito.

A ponta da faca de Vinnie deslizou ao longo do interior do lábio inferior de Antony. O corte sangrou instantaneamente, enchendo a boca de Antony com o gosto de cobre.

— Diga-me as regras, Antony — disse Vinnie.

Antony olhou nos olhos de Don quando respondeu: — Sempre mantenha a dignidade em todas as situações. Nunca toque ou olhe para a mulher de outro homem de honra. Esteja disponível para a Cosa Nostra em todos os momentos. Não ande com policiais nem com aqueles próximos a eles. Nunca se apresente a outro homem, mas peça que outra pessoa, que conheça vocês dois e seja respeitável, faça isso. As esposas devem ser tratadas com o máximo cuidado e respeito. O mau comportamento não é tolerado. Nunca roube nada de ninguém da família. A palavra do chefe é lei. Nunca mate outro homem de honra.

A boca de Antony estava cheia de sangue. Ele podia senti-lo escorrendo pelos cantos dos lábios. Vinnie pareceu notar.

— Não engula nem cuspa seu sangue — disse Vinnie. — Não enquanto você faz seu juramento. Entendido?

Antony deu um único aceno em resposta, ignorando o acúmulo de sangue na boca e no lábio latejando.

— Olha, a Cosa Nostra é dona até mesmo do seu sangue agora — Vinnie murmurou. — Lembre-se disso quando ele inundar a boca e descer garganta abaixo sem permissão. Lembre-se de que nós somos as únicas pessoas que têm permissão para derramar seu sangue ou deixá-lo continuar fluindo por suas veias, rapaz. Faça seu juramento se ainda quiser.

Antony sentiu o movimento de seus lábios, pronunciando as palavras que ele tinha ouvido serem sussurradas ao longo dos anos, mas ele mal ouviu

algo acima do som do sangue correndo em seus ouvidos. Tinha esperado muito tempo por aquele momento; esperou muito para aquilo ser seu e agora era.

— Eu, voluntariamente, entrego a minha vida a Cosa Nostra, *la famiglia* — nossa coisa. — Antony sussurrou. — Os valores e as crenças da família são meus para proteger e defender até o dia em que eu morrer. Se algum dia atrever-me a trair a Cosa Nostra, meu maior desejo é que a minha carne e meus ossos sejam queimados como este Santo.

As cinzas se desintegraram na palma da mão de Antony.

— Você é um mafioso — disse Vinnie.

— Eu sou um mafioso. — Repetiu Antony. Vinnie sorriu.

— Bem-vindo à família, rapaz.

As luzes se acenderam dentro do armazém, iluminando o ambiente para cegar Antony.

— Jesus, você se saiu bem. — disse Vinnie.

— Obrigado.

Antony ainda estava tentando esquecer o sangue escorrendo por seu rosto. Ele cuspiu o restante de sua saliva com sangue no chão de cimento.

— E limpe-se. — O chefe acrescentou. — Dio, você é um maldito imundo, Marcello.

— O Marcello Imundo^[1]. — disse Andino, parando ao lado do chefe. — Eu gosto disso. Um dos Marcellos tem que ser um pouco sujo, de qualquer maneira. Melhor que seja você, Tony.

Antony suspeitava que o título fosse segui-lo por um bom tempo.

— Acho que não — disse Andino da cabeceira da mesa. — Você sabe

o que Vinnie acha sobre o tráfico de narcóticos.

Paulie deu de ombros do outro lado da mesa, na frente de Antony.

— É assim, a merda está enchendo as ruas, Andino. As pessoas estão fumando e passando-a como doces. Ele pode entrar nessa ou deixar que os outros trabalhem nas suas ruas usando isso pra fazer dinheiro.

— Ele tem razão. — Antony resmungou enquanto mastigava a carne assada.

— Que assim seja, mas eu não sou o maldito chefe, Tony — Andino respondeu. — E o chefe disse não.

— E se eles nos pagassem para fazer isso? — perguntou Antony.

Paulie ergueu uma sobrancelha.

— O quê?

— Você sabe, tipo se eles nos pagassem para estarmos nas nossas ruas fazendo isso. Então, eles não estariam nos dando dinheiro do lucro das drogas, e sim estariam pagando a nós para alugar as ruas. Esse tipo de coisa.

Andino cantarolou, batendo o garfo na lateral do prato.

— Essa é uma ideia interessante.

— Não é diferente dos lojistas que pagam por proteção, de certa forma. — disse Paulie.

Antony deu de ombros.

— Na verdade, não. Eles estão no nosso território, de qualquer maneira. Francamente, as drogas são um negócio muito rentável e se Vinnie quer aumentar o seu fluxo de caixa dos negócios normais, seria uma boa maneira de fazê-lo.

— Bem, quando você for a porra do chefe, sinta-se livre para tomar as decisões relacionadas a isso, Tony. — Disse Andino, dando uma risada logo depois.

Antony mostrou o dedo do meio para seu avô.

— Não saia por aí dizendo esse disparate. Cazzo, você vai me matar.
Andino olhou para o neto.

— Eu não sei, Tony. Você pode ser um bom chefe ainda.

Onde diabos seu avô queria chegar?

Antony não tinha interesse em ser o chefe, muito menos na sua idade.

— É sério, pare. — Antony murmurou.

— Certo. Por enquanto. — Andino assentiu para Paulie. — E você.

— O que tem eu? — perguntou Paulie.

— Você atrasou este mês e sabe que esse atraso vai aumentar mais a sua dívida total, Paulie.

Paulie ficou imóvel em sua cadeira, lançando um olhar para o amigo do outro lado da mesa. A testa de Antony se franziu com a declaração do avô.

Que dívida? — Perguntou Antony.

Paulie pigarreou, sacudindo a cabeça. — Não é nada, cara.

Antony não acreditou naquela merda nem por um segundo.

Paulie não cresceu numa família de dinheiro, como Antony. Ele não tinha a riqueza que os Marcello ou Catrolli tinham. Antony também nunca se importou com isso. Paulie era seu braço direito desde que os dois eram crianças.

Tão jovem, de fato, que Antony não conseguia se lembrar de uma época em que Paulie não estivesse a seu lado. Johnathan tinha se unido a eles um pouco depois, mas os três eram inseparáveis na maioria das coisas. Mesmo no início da vida adulta, cada um com seu caminho, eles ainda eram um trio muito próximo.

— Você deve dinheiro para o meu avô? — Antony perguntou em voz baixa. Ele havia perguntado a Paulie, mas olhou para o avô esperando uma resposta. — Desde quando?

Andino se recostou na cadeira, evitando o olhar de Antony.

— Quatro anos.

— Quatro..., mas que merda, Paulie? — Antony perguntou, voltando-se para o amigo.

Dever dinheiro, especialmente durante tanto tempo, era uma coisa ruim. Ainda mais porque Paulie tinha essa dívida com um mafioso, o que era ainda pior.

— Foi melhor ele ter pedido a mim. — Disse Andino. — Outro homem poderia ter causado problemas maiores para ele, mas eu suavizei na maioria das vezes.

Antony não conseguia acreditar nisso. Não apenas o fato de Paulie dever para seu avô, mas por seu amigo não ter contado a ele.

— Posso falar com você em particular? — Antony pediu a Paulie.

Paulie se levantou da mesa e deixou cair o guardanapo no assento.

Antony empurrou a cadeira para trás, desculpou-se com seu avô e seguiu o amigo até a sala de estar onde havia mais privacidade.

— Por que você não me procurou? — Antony perguntou quando soube que não podia ser ouvido.

Paulie suspirou profundamente. — Eu não queria que você soubesse. Não é nada importante.

— Você atrasou este mês. — Disse ele. — É importante, caralho.

— Mês difícil.

Antony entendia por que Paulie tinha abordado o assunto das drogas, agora.

— Para que foi isso? — perguntou Antony.

— A faculdade e o casamento, mais o pagamento da casa.

Antony sabia que Paulie trabalhava muito para se formar médico. O cara ainda passaria alguns anos estudando porque seu tempo era dividido entre a família, o trabalho e a faculdade. Ainda assim, Antony respeitava

muito seu amigo por querer ser algo mais do que apenas um mafioso, como seu pai tinha sido.

— Qual é a taxa de juros pelo atraso no total da dívida?

— Dois por cento. — Respondeu Paulie.

— Quanto você deve ainda?

— Um pouco mais de cem mil.

Antony se assustou. Isso era um monte de dinheiro para alguém como Paulie pagar.

— Deus, você deveria ter me procurado, Paulie.

— Tony, você não entendeu. Você não sabe como é trabalhoso viver assim, nesta luta. Eu quero ter sucesso, mas não quero de mão beijada, sabe? Se eu tivesse procurado você por causa de dinheiro, você o teria entregado sem fazer perguntas.

— Exatamente!

— Sim, exatamente. — Seu amigo respondeu com veemência. — Eu quero vencer sozinho, Antony. Não porque você ou outra pessoa me deu.

— Quanto é esse um pouco mais?

— Vinte mil.

— Puta que pariu.

Antony não entendia por que seu avô tinha falado sobre a dívida na frente dele. Se Paulie já tinha a dívida há quatro anos e Antony não tinha ouvido nenhum comentário a respeito, tinha que haver uma razão pela qual Andino deixou seu neto a par do segredo.

Talvez porque ele quisesse que Antony cuidasse desse assunto.

Andino agia assim.

— Cento e vinte? — Antony pediu para ter certeza.

— Sim, mas...

— Quanto você deveria estar pagando a ele por mês?

— Mil e duzentos.

Antony assentiu, pensativo.

— Sua dívida com Andino está quitada. Eu a estou assumindo. Quinhentos por mês, Paulie. Nunca atrase um único pagamento. Não haverá extra adicionado sobre a dívida e eu não quero os juros, mas se você atrasar, eu vou pegar seu sangue no lugar do dinheiro. Entendeu?

— Eu vou lhe dever pelos próximos vinte anos, Marcello.

— Paciência. Eu sei que você pode honrar esse pagamento. Tenha sucesso, e poderá pagá-la mais rápido.

Paulie assentiu bruscamente. — Está certo.

— Você quer trabalhar por isso, então trabalhe.

PARTE DOIS:
L'AMORE

Capítulo Quatro

Páscoa de 1984

— Que altura da porra, hein? — Perguntou John.

Antony assentiu, olhando para os doze metros de altura da mansão Catrolli. Sua família com certeza tinha dinheiro, mas os malditos Catrolli, nadavam nele. Era meio maluco ver como tudo na casa parecia caro.

Era a primeira vez que ele era convidado como um mafioso para ir à casa do seu chefe para um jantar. Antony não podia recusar a oferta, mesmo se quisesse, seria rude. Eram grandes as chances de haver ainda mais jantares e convites por vir.

— Onde está Kate? — perguntou Antony.

John fez uma careta. — Em algum lugar fazendo alguma coisa.

Antony olhou para seu amigo, tentando entender o que estava acontecendo com ele.

— Você aceitou se casar com ela, John.

— Eu sei, mas Cristo...

— O quê?

— Ela é suja, cara. Tem hábitos viciosos. Não dá pra confiar nela com nada, eu juro por Deus.

Antony colocou o copo de conhaque sobre a mesa.

— O que aconteceu?

— Eu não sei. Eu tentei, viu? Eu pensei que se talvez eu não pensasse se tratar de um acordo, poderia fazer dar certo. Ela joga e mente o tempo todo

sobre qualquer merda sem importância. E ela gosta de ver outras pessoas sofrendo, Tony. Kate Catrolli é uma das mulheres mais manipuladoras que já conheci e não serve para ser uma boa esposa.

Ele tinha razão.

Em seus negócios, as mulheres precisavam ter certa atitude. A vida não era um jogo ou um roteiro de novela que poderia ser alterado conforme sua vontade.

— Como é que eu vou construir uma família com alguém como ela? Será que ela vai usar meus filhos contra mim ou me machucar? Eu quero uma mulher assim como mãe dos meus filhos? — John deu de ombros, tomando um enorme gole de conhaque. — Ela é louca.

Antony não tinha passado muito tempo perto de Kate Catrolli, então não podia dizer com certeza se as palavras de John eram verdadeiras. Vinnie mantinha suas filhas trancadas. Tão trancafiadas, na verdade, que Antony não tinha conhecido a filha mais velha de Vinnie ainda. O que Antony sabia sobre Kate tinha vindo na forma de sussurros de outras pessoas na *famiglia*.

Suas opiniões, essencialmente, eram as mesmas de John.

— Kate é jovem, também — disse Antony. — Vinte anos, certo?

— Sim.

— Talvez ela só precise...

— De um manicômio e um psiquiatra. — John murmurou.

Antony riu baixinho. — Você concordou com o casamento.

— Pare de me lembrar. E ainda tem a Lina também. — John acrescentou.

Antony levantou uma mão, interrompendo seu amigo. — Não quero saber disso, cara.

— Tony, escuta...

— Não, eu não aprovo amantes, John. Eu sinto muito. Mantenha-me

fora

disso.

— Ela é mais do que isso — disse John, com raiva no jeito de falar.
— Você fala como se ela não fosse nada mais do que a minha puta, cara.
Vaffanculo com essa merda, tá? É ofensivo.

A culpa tomou conta de Antony. Ele sabia que John tinha razão. A mulher com quem John tinha uma relação em segredo era sua amante e amiga por mais tempo do que o próprio noivado com Kate Catrolli. O pai de John não aprovava a baixa condição econômica da mulher e sua linhagem meio italiana.

John não sabia como desconsiderar a opinião do pai.

— Você poderia gostar dela. — Seu amigo disse calmamente. — Ela é doce, tranquila, humilde e tem os pés no chão.

— E está dormindo com um homem que está prestes a se casar, John.

— Ela é mais do que isso, Tony.

— Escute, se Kate é tão terrível como você diz, você deve ser cuidadoso — alertou Antony.

— Sim, eu sei.

— Sério, não deixe que ela saiba que você está andando por aí com outra pessoa.

John desviou o olhar, suspirando.

— Não é da conta dela o que faço com outras mulheres, de qualquer maneira.

— Você parece um cachorro, John. Só falta a coleira.

E um homem feito.

Antony odiava isso mais do que tudo.

— Eu amo Lina. — John murmurou.

— Continue amando e você terá a porra do sangue dela manchando

suas mãos. Escreva o que digo.

Antony soltou uma risada amarga quando virou a esquina e deu em outro corredor que parecia levar a um beco sem saída. Quantos corredores havia naquele maldito lugar, afinal? Ele tinha pedido licença depois do jantar para explorar a casa um pouco e conseguiu se perder enquanto fazia isso.

Agora, ele precisava mijar, mas não queria ficar abrindo portas aleatoriamente até encontrar o banheiro. Alguém poderia não ficar muito satisfeito com isso.

Ótimo.

Simplesmente perfeito.

Ele deveria ter dispensado o conhaque.

O som suave de música flutuou pelo corredor, mostrando a Antony que poderia haver alguém que indicasse o caminho certo para o banheiro mais próximo e depois ele voltaria para a festa. Ele andou pelo corredor rapidamente, parando a meio passo das vozes vindas de uma porta aberta.

— Você tem três anos para pensar nisso. — Disse uma voz doce, feminina.

— Papai poderia muito bem soltar o dinheiro agora. Além disso, quanto mais rápido eu sair de casa, melhor.

Antony reconheceu a voz da segunda mulher. Kate.

— E quanto a isso? — Perguntou Kate.

— Está...

— O quê?

— Realmente branco — disse a primeira mulher.

— E daí? O que há de errado com o branco?

— Tipo todo branco?

— Sim, por que não?

— Porque você estaria mentindo — disse a primeira mulher.

— Só porque eu não sou uma puritana como você...

— Eu não sou uma puritana, Kate, eu só não saio por aí transando com qualquer cara bonitinho e que me dá um pouco de atenção.

Kate zombou. — Cecelia, pare com isso. Você é bem pura. Você já viu um pau?

Cecelia.

Antony reconheceu o nome como sendo da filha de 21 anos de Vinnie. Ele não sabia onde ela estava durante os cultos no domingo quando as únicas pessoas sentadas no banco ao lado do Don naquela manhã tinham sido Kate, sua mulher, e Johnathan.

— Você é uma cadela — respondeu Cecelia. — Saia do meu quarto.

Kate riu com grosseria antes de perguntar:

— O que você vai fazer na sua noite de núpcias, Cecelia? Vai se esconder no canto com as pernas amarradas? Você vai conseguir acender a luz?

— Não. Vou dar ao meu marido algo que você claramente não pode dar ao seu. Saia daqui, já disse.

Antony não teve tempo para se esconder antes de Kate aparecer no corredor. Ela sorriu e da porta mostrou o dedo médio para a irmã, claramente não percebendo Antony em pé a três metros dali.

— Não se preocupe, Cecelia. Só dói um pouco. Sorria e suporte como você faz com todo o resto. Além disso, você pode até gostar. Só Deus sabe que você odeia Vinnie tanto quanto eu, então eu aposto que você tem algum tipo de problema com a figura paterna escondido em algum lugar. Talvez se você deixasse um homem te pegar, você não seria tão frígida, porra.

— Saia, Kate!

Kate apenas riu.

Era assim que ela agia com todos?

Se ela era tão terrível assim com a irmã, como seria com John?

Antony mal conteve a repulsa.

Kate se virou, ainda rindo, e deu alguns passos para a frente até notar Antony ali. Ela não disse nada sobre ele estar ouvindo a conversa quando passou por ele, fazendo-o ficar aliviado. Ela, no entanto, levantou a mão em provocação, acenando para ele.

— Ei.

Isso foi tudo o que ela disse.

Ei.

Antony franziu a testa enquanto Kate dobrava a esquina.

Coitado do John.

Infelizmente, a vontade de mijar apertou novamente. Muito. Antony não estava a fim de correr atrás de Kate para pedir direções, então ele caminhou até a porta aberta que dava a um grande quarto, lindamente decorado.

Uma jovem estava no meio do cômodo, de costas para Antony. Ele notou pela rigidez de suas costas e a forma como os braços estavam cruzados que ela estava irritada.

Antony bateu na porta com dois dedos e deu um passo para dentro. E foi provavelmente o maior erro que ele poderia ter cometido.

Cecelia se virou rápido para encará-lo.

Ela era bonita.

Bem linda.

Linda de morrer.

Seu cabelo era da cor de caramelo e caía em ondas soltas sobre os

ombros. Grandes olhos verdes profundos, como a cor de uma floresta salpicada de raios de sol, olharam para ele. Seus cílios fizeram sobras em suas bochechas quando os lábios rosados se abriram com surpresa.

Antony ficou atordoadado.

Completa e totalmente atordoadado.

Ele esperava que Cecelia fosse parecida com sua irmã, e elas compartilhavam algumas características semelhantes, mas eram completamente diferentes.

Claro, Kate era bonita. Antony não negava isso, mas ela não tinha a beleza daquela moça. Ela não o deixava sem ar com um único piscar de olhos nem fazia seu coração parar com um arquear de uma sobrancelha.

— Uh, olá — disse Antony.

Cecelia parou. — Quem é você?

O quê?

— Hum...

O quê?

Por que ele estava agindo como um *cafone*?

— Antony Marcello. — Ele finalmente conseguiu dizer.

O olhar de Cecelia se estreitou como se ela reconhecesse seu nome. Antony supôs que ela conhecia seu avô, pois ele era conselheiro de seu pai. — Saia do meu quarto.

Antony não se mexeu. — Desculpe?

— Você está dentro do meu quarto, não deveria estar, e eu não o quero aqui, então saia.

— Mas...

— Eu juro por Deus, eu vou atirar no seu pé se você não se retirar imediatamente.

Antony riu, não acreditando nela nem por um segundo.

O olhar frio de Cecelia não vacilou.

Ele ficou sério.

— Eu não consigo encontrar um banheiro. — Tentou explicar.

— Três portas depois daqui — disse Cecelia.

Oh.

E depois vá virando à direita em cada esquina. — Acrescentou. — Você vai encontrar o piso principal novamente.

Antony assentiu, ainda observando Cecelia como se ela pudesse saltar em cima dele. Ele ainda não conseguia respirar muito bem e seu peito doía bastante.

— Se você acha que eu estou brincando sobre o tiro, eu não estou — disse Cecelia com uma cara de brava e um tom sério. — Por que ainda está de pé aí?

Porque ele gostava dela. Ele queria conhecê-la. Ela tinha coragem.

Ela era também a filha do chefe.

Paulie esgueirou-se ao lado de Antony no canto da enorme sala de estar, onde a maioria dos convidados estava reunida.

— Onde você se enfiou, cara? — perguntou o amigo.

Antony deu de ombros. — Tive que procurar um banheiro.

Paulie olhou para ele e Antony suspirou, sabendo que seu amigo estava fazendo suposições. Ele andava com Paulie desde que os dois eram criancinhas que usavam o penico. Bons amigos como ele eram difíceis de encontrar, não que Antony tivesse um monte de amigos, para começar. Os que ele tinha, queria manter.

— O que foi? — perguntou Paulie.

— Nada.

— Mentiroso.

Antony observou Vinnie dançar com sua filha mais nova no meio da sala, girando-a com uma mão enquanto segurava um copo de vodca na outra, sem derramar uma gota.

— Como é que ele não casou a mais velha ainda? — perguntou Antony.

— Cecelia, você quer dizer?

— Sim, ela é a outra filha que ele tem, certo?

— Sim, e eu não tenho certeza. Talvez ele quisesse diminuir os absurdos de Kate e essa foi uma maneira de fazê-lo.

O coração de Antony bateu com força no peito, as palavras escapando antes que ele pudesse detê-las. — Eu conheci Cecelia agora há pouco.

Paulie virou-se para o amigo. — Ah é?

— Sim.

— E aí?

— Eu gostei dela. — Antony admitiu.

Paulie tossiu em choque. — O quê?

— Ela ameaçou atirar em mim. Bem, no meu pé, mas é a mesma coisa. Ela nem sequer piscou quando disse isso. Ela é linda também. Agora, eu estou querendo saber se ele está tentando esperar para casar Cecelia com outra pessoa por algum motivo. Ele fez isso com Kate. É possível.

— Você não está fazendo muito sentido, Tony.

Antony não acreditava em amor à primeira vista. Seu pai, sim.

Um monte de italianos acreditava, na verdade.

Antony não sabia o que pensar naquele momento.

Você saberá quando a vir, seu pai tinha dito uma vez.

Você saberá Antony.

Você apenas vai.

— Eu acho que seria uma vergonha se ele casasse Cecelia como fez com Kate.

Paulie assentiu. — Eu conheci Cecelia. Ela é um doce. Mas bem diferente de Kate.

— Ela ameaçou atirar em você também?

— Não. Você foi sortudo hoje, eu acho.

Antony sorriu. — Eu vou me casar com aquela mulher, Paulie. Pode escrever.

Paulie riu alto. — Você tem que passar por Vinnie primeiro. Verdade.

Ele também tinha sua própria família com quem lidar.

O que seu avô pensaria sobre ele indo atrás da filha do chefe?

Merda.

Capítulo Cinco

— Marcello!

Antony virou-se bruscamente com o grito de seu chefe. Vinnie ficou com os punhos cerrados ao lado do corpo e uma carranca modificando sua feição

— Sim, chefe? — perguntou Antony, ignorando os olhares curiosos dos convidados que estavam se preparando para sair, assim como ele.

— Podemos falar, Marcello?

Paulie arfou entre os dentes, escondendo seu cenho, desviando o olhar. — Isso não parece bom.

Sim, nunca era. Mas não importava.

Antony assentiu. — Claro, chefe.

Vinnie levou Antony novamente pela casa até eles chegarem à escura e silenciosa cozinha. As vozes dos clientes restantes mal os alcançavam quando Vinnie se aproximou de Antony.

— Minha filha disse que você a abordou antes e foi inconveniente.

Antony se engasgou com a própria saliva.

— O quê?

— Você me ouviu. Ela disse que você a encurralou em um corredor no andar de cima e agiu como um imbecil. Onde diabos você pensa que está?

— Eu fiz *o quê*? — Antony o interrompeu.

Aquela provavelmente não era a melhor resposta.

Vinnie resmungou baixinho, dando um passo ameaçador em direção a Antony.

— Aqui entre nós, Tony, você sabe que eu sou a pessoa que toma todas as decisões. Eu pensei que seria bom para você conhecer a minha casa,

conhecer minha família, agora que você é parte dela. Seu avô me garantiu que você saberia agir como um homem, mas aparentemente ele mentiu também. Se eu souber que você andou incomodando a Kate novamente...

— Kate. — Antony disse fracamente.

O que ela tinha dito ao pai sobre ele?

Meu Deus, ela era mesmo uma vadia mentirosa.

Meu Deus.

Será que ela não percebia que espalhar um absurdo como aquele poderia fazer um homem morrer? Será que ela não se importava?

— Sim, minha filha.

— *Kate?* — perguntou Antony, ainda incrédulo.

Cecelia, ele entenderia, apesar de o ocorrido ter sido algo inocente e um erro.

Kate, não tanto.

— Interrompa-me mais uma vez e...

— Papai, eu estava lá quando Kate passou por Antony no corredor. Ele não disse nada para ela. Ele me perguntou onde era o banheiro, eu disse a ele, e então ele desceu para se juntar aos convidados.

A voz calma de Cecelia pareceu acalmar Vinnie. O chefe se virou para sua filha mais velha, parada na entrada da cozinha.

— Cecelia. — Vinnie disse em tom de alerta. — Kate me contou o que aconteceu.

— Kate mentiu como ela sempre faz. Eu estava lá, papai. E eu o segui depois que usou o banheiro para me certificar de que ele não se perderia novamente. Kate ficou no meu quarto comigo durante a maior parte da noite antes de descer para participar da festa, então eles não poderiam ter se encontrado antes disso, de jeito nenhum.

Vinnie não desviou o olhar de Cecelia quando disse.

— Peço desculpas, Marcello.

— Não há necessidade, chefe. Eu entendo.

— Claro. Claro.

Cecelia olhou por cima do ombro de Vinnie para Antony.

— Eu gostaria que Antony me levasse para jantar.

Vinnie inclinou a cabeça para o lado.

— Desculpe, mas o que disse, *principessa*?

— Antony, eu quero sair com ele. Ele preenche todos os requisitos para alguém com quem eu posso namorar, não é mesmo, papai?

Requisitos?

— Sim. — Vinnie confirmou bruscamente. — Se você quer mesmo, um guarda irá com você como companhia.

— Eu tenho 21 anos.

— E você ainda vive sob o meu teto, Cecelia. Siga as minhas regras ou nós dois sabemos o que vai acontecer se você não obedecer.

— Tudo bem, pode ser jantar na terça-feira, então? — perguntou Cecelia a Antony como se seu pai não estivesse na cozinha.

Antony estava atordoado. Ele se sentia como se alguém tivesse acabado de jogá-lo em uma zona de perigo. Como era possível que uma das filhas de Vinnie fosse assim, enquanto a outra fosse completamente o oposto? Além disso, como é que Cecelia conseguia, com apenas algumas palavras, fazer com que seu pai livrasse Antony pelas mentiras de Kate, e que concordasse com um encontro?

Não, Antony não sabia o que fazer. No entanto, respondeu.

— Terça-feira é o nosso jantar, *bella*.

O chefe de Antony olhou para trás.

Sim... Chamá-la de bonita na frente do pai provavelmente não foi a melhor ideia, como pôde notar pela cara de Vinnie.

Antony tinha aprendido rapidamente em algumas horas que Cecelia Catrolli era uma corajosa com um sorriso enlouquecedor, determinada quando queria alguma coisa, e com um rosto de anjo em qualquer outro momento.

Ele a havia buscado em torno das quatro para o jantar, recebeu um olá muito conciso de seu chefe, embora Cecelia agisse como se Vinnie não tivesse dito nada, e então a levou embora.

— Eu gosto deste restaurante — disse Cecelia, olhando ao redor. — É tranquilo e acolhedor.

— Obrigado.

Cecelia piscou. — Bem, pelo visto, foi escolha sua.

— Isso, e ele é meu.

— É seu?

— Nem todos os meus negócios são ruins, Cecelia.

Ela o observou por um momento como se estivesse pesando suas palavras.

— O que mais você faz?

— Eu tenho alguns negócios, sou dono de outros restaurantes além desse, e nunca durmo no ponto. Eu não desperdiço o dinheiro da minha família. Meu bisavô não trabalhou tanto por nada.

— Você tem apenas vinte e cinco anos, Antony.

Ele deu de ombros. — É bom ter metas, Cecelia.

— Isso é verdade.

Algum dia, Antony seria dono da metade de Nova York, de uma forma ou de outra. Ele não se preocupou em contar a Cecelia sobre tais

aspirações tão particulares.

— Você não deveria ter mentido a seu pai por mim — disse Antony.

Cecelia tirou todas as pequenas cerejas de cima do cheesecake.

— Eu não menti. Eu não vi vocês dois no corredor, mas posso ter ouvido alguma coisa. Eu sei o que poderia ter acontecido se o meu pai acreditasse em Kate.

Antony fez uma carranca. — Ela é... diferente.

— Uma princesa da máfia mimada com problemas a resolver com a figura paterna e muitas outras questões que prefiro não dizer, se você me entende.

— Você está dizendo isso, *Tesoro*, não eu.

O olhar de Cecelia encontrou o dele, atordoando-o com um simples piscar. Seus olhos sempre pareciam mirar diretamente nele, como se ela pudesse ver através de sua tranquilidade e atitude indiferente.

— Tesouro, é?

Antony sorriu. — Acho que combina. Você é preciosa, Cecelia.

— Mesmo depois que eu ameacei atirar em você? — Ela perguntou timidamente.

— Especialmente porque você ameaçou atirar em mim.

— Você é tão estranho.

— Não, eu só gosto que minhas mulheres sejam... — Antony parou, sem saber como terminar a frase.

— Como é que você gosta que suas mulheres sejam, Antony?

— Todo mundo me chama de Tony, sabia?

— Eu gosto de Antony.

Bem, ele gostava do modo com que ela dizia seu nome.

Antony supôs que ela não conhecia o verdadeiro Tony. Nem todo mundo o conhecia. Ele era volátil — um Capo com a prerrogativa de não

aturar besteiras, e violência era o seu nome do meio. Cecelia não precisava conhecer tudo de Tony.

— Como você gosta que suas mulheres sejam? — Cecelia perguntou novamente, mais suave desta vez.

— Você. Eu gosto que elas sejam como você. — Cecelia abriu a boca para responder, mas Antony foi mais rápido e acrescentou: — E acho que nunca conheci ninguém como você, *Tesoro*.

— Galanteador.

— Eu tento. — Antony murmurou. — E eu não tenho um monte de mulheres, Cecelia.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu não perguntei.

— Mas quis perguntar.

Ele podia ver a pergunta estampada no rosto dela.

Cecelia se remexeu na cadeira, observando-o por baixo dos grossos cílios.

— Nenhuma?

— Atualmente, não.

— Nunca? — Cecelia pressionou.

— Eu não sou santo, se é isso o que você está perguntando, mas eu sou um homem de uma mulher só.

— Só uma mulher?

— Apenas uma, que está sentada ao meu lado, mas você não é minha de fato, *Tesoro*.

Ainda não.

Mas estava cuidando para mudar isso.

A mão de Cecelia encontrou a coxa dele embaixo da mesa, fazendo o corpo de Antony ficar tenso.

— E se eu quiser ser?

— Tenha cuidado, Cecelia. Seu guarda está escutando. E você realmente não pode fazer essa escolha.

Ela pareceu entender a pergunta não formulada.

— Meu pai tem regras — disse Cecelia.

— Requisitos foi a palavra que você usou, na verdade.

Cecelia riu e cutucou o peito dele. — E você cumpre todos eles.

— Eu deveria perguntar quais são?

— Italiano, com boas conexões, boa família, status dentro da família e de família abastada. O homem deve ter uma reputação sólida e estar em dia com *la famiglia*. Quer que eu continue?

Antony riu baixinho, já assustado.

— Tem mais?

— Tem mais. — Cecelia confirmou como se eles estivessem falando sobre o tempo. — Se eu seguir as regras e escolher alguém que ele considere adequado, posso sair com quem eu quiser.

— E Kate?

— O que você acha?

— Ela não segue as regras. — Antony murmurou.

— Bem por aí. — Cecelia inclinou-se perto o suficiente a ponto de Antony poder sentir a doçura de seu perfume e o calor de seu corpo. — Meu sobrinho teria três anos, agora.

Antony parou.

— O quê?

Cecelia assentiu.

— Três, faça a conta.

Antony fez, rapidamente. E isso o levou de volta para a época em que o acordo entre a família de Vinnie e John foi feito.

— Teria?

— Ela perdeu o bebê com seis meses. — Cecelia disse baixinho para que o guarda não ouvisse. — Antes de a barriga crescer demais e começarem a fofocar. Conveniente, não acha?

— O pai? — Antony se atreveu a perguntar.

Cecelia recusou-se a olhar para ele.

— Ela não disse. E o intervalo antes de ela se casar? Sim, não foi só até Kate terminar os estudos. É por isso que ela vai manter a boca fechada sobre o porquê de ele quer casá-la primeiro.

Antony não sabia o que dizer, mas algo terrível brotou dentro dele.

— Cecelia...

— Então, eu sigo as regras dele, Antony. Porque eu não quero ser vendida para a família do crime que tem mais a ganhar. Mas eu posso escolher. Então, tudo bem, e agora, eu estou escolhendo você.

— Você não parecia muito satisfeita comigo quando entrei em seu quarto. — Antony observou.

— Eu estava envergonhada.

— *Dio*, por quê?

— Eu acho que você ouviu a conversa entre Kate e eu. Isso não é constrangedor o suficiente para você?

Não.

Antony deu de ombros.

— Ela é um pouco maldosa, só isso. Você lidou bem com ela.

Cecelia lançou a ele um olhar indecifrável. Mais uma vez, seu coração bateu forte.

— Eu estou falando sobre o tema da conversa, Antony.

— Ah.

— Sim, ah. É embaraçoso.

Antony riu.

— Talvez do seu ponto de vista. Para mim, não, mas tudo bem. Você tem valores e não há nada de errado com isso.

Cecelia desviou o olhar novamente.

— Eu não sou frígida.

— Eu sei que você não é.

— Eu gosto de você um pouco. — disse Cecelia.

— Que bom.

Cecelia sorriu para ele.

— Sim, também acho.

Antony adorou vê-la alegre, feliz por ter sido o causador. Apesar de sair com moças de vez em quando, nunca tinha namorado sério com ninguém e nunca quis namorar.

Algo em Cecelia o atraía como uma mariposa que se atrai pela luz.

— O que aconteceu? Esqueceram o “H” no seu nome na certidão de nascimento? — Perguntou Cecelia, um sorriso maroto iluminando suas belas feições.

Antony riu, estendendo o garfo com cheesecake para ela pegar. Ele esperou até ela comer o doce oferecido, os lábios envolvendo o garfo de uma forma que fez imagens surgirem em sua mente. Ele rapidamente se lembrou do guarda a duas mesas de distância, e se ajeitou na cadeira, pigarreando. Sim, precisava se livrar daqueles pensamentos.

E rápido.

Cecelia era inocente. Antony necessitava manter isso em mente e focar no objetivo. Ele não era inocente, mas ela era. Porque ela queria algo com ele, ele não tinha a mínima ideia.

— Não, eles não esqueceram. — Antony finalmente respondeu.

Cecelia usou a ponta do polegar para limpar um pouco de creme no

canto da boca. O olhar de Antony instantaneamente se fixou naquele gesto inocente e ela não deixou de notar. O sorriso de Cecelia se transformou em um sorriso travesso.

Algo dentro dele dizia que ela não era totalmente inocente.

— Como Cleópatra. — Antony explicou.

— Hmm?

— Cleópatra e Marco Antônio. Minha mãe era uma romântica. Eu tive sorte de não acabar sendo chamado de Romeu. Ela gostava de casais que davam tudo em nome do amor.

— Incluindo suas vidas. — Cecelia comentou.

— Exatamente. “O que é o amor sem um pouco de tragédia?”, como diz o ditado. Meu irmão recebeu o nome de Romeu e eu acabei como Antony.

Cecelia mordeu o lábio, sorrindo daquele modo sensual dela mais uma vez.

— Eu prefiro Antony, de qualquer maneira.

— Eu também.

Sua mão encontrou a coxa dele novamente.

— Leve-me para dançar neste fim de semana, está bem? Em algum lugar divertido. Eu não consigo fazer coisas divertidas mais.

— Eu posso fazer isso, *Tesoro*.

Tudo o que ela queria, ele faria.

— E talvez... — Cecelia parou com um sorriso malicioso.

— Talvez o quê, Cecelia?

— Isto.

Ela se inclinou e o beijou antes que ele percebesse. Suaves lábios quentes pressionando os seus. Antony se foi. Ela tinha gosto de açúcar e inocência. A pureza entrou em seu sangue e ossos. Seu pau crescia dentro de sua calça quanto mais ela subia a mão na coxa e o beijava com mais

intensidade. Rapidamente, os lábios se entreabriram e ele aproveitou a oportunidade para aprofundar o beijo enquanto pôde.

Ela não se afastou.

Sim, inocente.

Ele queria torná-la uma safada.

Antony apostava que ela ia adorar.

Capítulo Seis

Junho de 1984

Cecelia se esticou sobre o corpo de Antony como um gatinho pequeno acordando de uma longa soneca. Ele ignorou a maneira como seu corpo estava se movendo em cima dele, recusando-se a reconhecer a tentativa de sedução.

— Eu amo estar aqui — disse Cecelia, mais para si mesma do que para ele.

Antony concordou. Apesar de odiar o fato de eles estarem sempre sendo vigiados quando a visitava na casa de seus pais, a família Catrolli possuía uma bela propriedade e um quintal que se estendia por quilômetros.

Usando o braço como travesseiro, Antony se endireitou para conseguir olhar melhor para Cecelia. Ela mantinha o queixo apoiado na palma da mão enquanto o observava sob seus cílios grossos. Uma leve brisa soprou seus cachos loiros, deixando-a ainda mais bonita à luz do dia.

— Eu quero uma casa grande, um dia. — Cecelia disse a ele. Antony levantou uma sobrancelha. — De que tamanho, Tesoro?

— Não tão grande como a dos Catrolli.

— Bom, porque a sua casa é enorme. Eu me perco cada vez que entro nela.

— Três varandas em vez de quatro, então? — Ela perguntou docemente.

— Meu Deus, isso é... Cecelia, vamos lá. Como você dará conta de limpar algo tão grande?

Ela encolheu os ombros delicados sob o vestido de verão.

— Nós podemos enchê-la, também, você sabe.

Isso chamou a atenção de Antony.

— Encher?

— Crianças.

— Crianças?

— Nossos filhos.

Antony sorriu, gostando da conversa.

Eles estavam namorando há apenas dois meses, mas ele aproveitava para sair com ela sempre que tinha chance, e sempre que era permitido. O que Cecelia quisesse, Antony dava. O sorriso dela era como uma droga para ele e apenas estar perto dela era o suficiente para acalmar seu coração e sua alma.

Sim, ele sabia.

Cecelia era a mulher certa.

A mulher certa que seu pai disse que um dia ele iria encontrar.

Antony nunca tinha pensado muito em casamento, filhos ou qualquer coisa assim até encontrar aquela menina brava, com belos olhos verdes e cabelos cor de mel em seu quarto.

Agora, ele só pensava nela.

— Você age rápido, Cecelia Catrolli. — Antony sussurrou.

— Rápido o suficiente para você, Antony?

— Perfeita.

Cecelia sorriu e era uma visão ofuscante, movendo o corpo apenas o suficiente para pressionar os lábios sedosos contra os dele. Sua língua dançava com a dele, o sabor persistente dos daiquiris de morango se espalhando em sua boca. Não demorou muito tempo para a luxúria inundar suas veias e suas calças tornaram-se desconfortáveis.

— Você precisa parar ou alguém vai ficar muito incomodado com o que eu vou acabar fazendo. — Antony advertiu enquanto a beijava.

A risada de Cecelia foi instantânea.

— Você quer me dizer o que vai fazer?

Meu Deus, ela não queria saber.

— Diga-me. — Cecelia murmurou e seu olhar encontrou com o dele.

— Cecelia...

— Conte-me.

Ele poderia ter dito várias coisas. Coisas que a fariam estremecer e palavras que poderiam dar a ela uma visão da loucura em sua mente e corpo, e do que ele sentia sempre que ela estava perto.

Ah, ele poderia ter dito muito.

Antony escolheu dizer a verdade. Porque ela deveria saber. Cecelia era tão bonita, tão, tão maravilhosa para ele, e a última coisa que ele faria na vida seria feri-la ou usá-la. Ela merecia mais do que isso. Especialmente vindo dele.

— Eu queria te amar. — Disse Antony.

Cecelia estremeceu. Ela mordeu o lábio inferior e se moveu contra ele novamente.

— Só isso?

— Pode acreditar, bella, entre nós, isso seria mais do que suficiente.

— Ah, é?

— Mmm. — Antony cantarolou.

Ela piscou.

— Eu pensei que você já me amasse, Antony.

— Eu amo, mas então eu poderia te mostrar também.

— Você me mostra, mas eu ainda quero uma casa grande — disse Cecelia. — Talvez uma piscina, também.

— Duas varandas. — Antony se comprometeu.

— Grande como a dos Catrolli?

— Não tão grande. Grande como a dos Marcello.

Julho de 1984

— Entre e sente-se, Tony — disse Vinnie, indicando a cadeira de couro em frente à sua mesa.

Antony fez o que seu chefe mandou.

— Grazie por me receber hoje, chefe.

Vinnie costumava usar o sábado para resolver assuntos pessoais e interagir com os amigos próximos. Antony compreendia as razões dele. Às vezes, uma pessoa precisava ficar a sós consigo mesma. Assim, poderia se livrar da obrigação de chefe, de pai e de cristão e ser apenas alguém comum por um curto período.

Como para recarregar as baterias ou algo assim.

— Claro. Do que você precisa? — perguntou Vinnie.

Antony se remexeu, balançando a perna. Ele não estava acostumado a lidar com o nervosismo.

— Você vai estar na igreja amanhã, certo? — seu chefe perguntou.

— Claro.

Cecelia pedia para ele ir à igreja com sua família todos os domingos, então, Antony ia. Ele preferia ir com sua família, mas ele suspeitava que ao acompanhar Cecelia, ele ganhasse pontos com o pai dela, de alguma forma.

— Bom. Parece que você vai vomitar aí, Tony.

Ele achava isso também.

— Eu quero me casar com Cecelia. — Antony deixou escapar.

Vinnie ficou em silêncio. Na verdade, pareceu se transformar em

pedra.

— Eu sei que é cedo...

— Cedo? — Vinnie riu, mas saiu seco. — Meu Deus, rapaz, vocês dois estão namorando há apenas três meses.

— Eu a adoro. Eu a amo. Um ano a mais ou cinco anos a mais não vão mudar isso. Eu sei o que eu quero e tenho certeza de que ela quer a mesma coisa, chefe.

Vinnie suspirou profundamente, pressionando as têmporas.

— Bem, melhor ter um casamento agora do que dois juntos depois, eu acho.

Tony olhou para a frente.

Seria mesmo tão fácil?

— Que seja, garoto. Case com ela.

— Sério? — perguntou Antony, ainda inseguro e instável.

Vinnie deu de ombros.

— Veja bem, Cecelia nunca me deu problemas como a sua irmã. Ela é uma boa menina e apesar de eu ter algumas dúvidas a seu respeito às vezes, ela poderia encontrar algo pior. Eu acho melhor juntá-la com alguém que vai manter a compostura, certo? Além disso, Cecelia sabe qual é o seu lugar. Ela será uma boa esposa, vai fazer igual à mãe faz e fingir que não sabe que você está com outras mulheres. Sim, case-se com ela. Eu quero alguns bambinos para mimar.

Jesus Cristo.

— Sou fiel a Cecelia — disse Antony, querendo que o homem soubesse.

Vinnie assentiu.

— Com certeza você será. Assim como eu sou à minha esposa, filho.

A ansiedade que Antony tinha sentido antes saiu de seu corpo,

deixando o incômodo e a raiva para trás. Ele mal se conteve para não dizer a Vinnie que Cecelia valia mais do que a esposa de qualquer homem. Que ela foi feita para ser a esposa de Antony por uma razão.

Antony compreendia por que sua menina desprezava aquele homem. Era uma porcaria que ele também fosse o Don de Antony.

Regras.

Toda a sua vida era cercada por elas, infelizmente.

— Ai, meu Deus. — Cecelia sussurrou olhando para a própria mão de novo e deixando que os raios solares reluzissem no diamante.

— É lindo.

Antony sorriu e se alegrou por ela ter adorado o anel de noivado. Dos dois, Cecelia era a elegante e Antony era o tipo comum. Cecelia era a colorida, moderna. Afinal, ela estava se especializando em design.

De alguma forma, ele acertou na escolha do bendito anel.

Antony desconfiava que era por ter sido presente dele, e era por isso que ela havia gostado tanto.

Não importa. Ele aceitava.

— Isso é um sim, então? — Antony sussurrou em seu ouvido, por trás.

— Isso é um grande sim. — Disse Cecelia, suspirando enquanto beijava o pescoço dele.

— Vire-se, bella donna, para eu poder beijá-la corretamente.

Ela fez o que ele mandou, girando em seus braços antes de pressionar os lábios contra os dele. Antony se deleitou com o calor de sua boca e a maciez dos seus lábios se movendo contra os dele. Adorava a maneira como

aquela mulher o beijava. Era como se com um único toque de sua boca e o roçar entre suas línguas, ela o possuísse.

Porra, ele era muito apaixonado por Cecelia Catrolli, a ponto de ser ridículo.

— Isso é um sim. — Cecelia repetiu enquanto se afastava.

Antony segurou seu queixo entre o indicador e o polegar, mantendo seu olhar no dela. — Não foi imposta nenhuma restrição de tempo em relação à data, Tesoro.

— Não?

— Não.

O sorriso recatado de Cecelia se alargou, mostrando os dentes brancos. Havia algo bem malicioso em seu sorriso e ele acreditava que ela nem sequer se dava conta disso. Era uma das coisas que Antony mais apreciava em sua namorada.

Cecelia era sexy sem se esforçar. Ela gostava de usar vestidos e salto alto, portando-se com um ar elegante que sempre o deixava querendo mais, mas nunca de uma maneira ruim. Sinceramente, eles nunca tinham conseguido fazer nada no sentido físico, porque ela estava sempre acompanhada dos guardas do pai. Ainda mais estranho era o fato de Antony não se importar. Ele tinha andado com muitas mulheres, mas não se importava de esperar por Cecelia.

Não, ele não se importava.

— O que acha de escolhermos outubro para o casamento? — Perguntou Cecelia.

Antony pensou.

— Seria daqui a três meses, Tesoro.

— Então, podemos nos apressar e preparar tudo para a hora certa.

— Há um monte de coisas para planejar e... — Tony parou de falar e

deu uma gargalhada. — Planejamento, certo. Você vai ter tudo resolvido, eu sei.

— E meu pai vai pagar tudo.

— Não. — Antony disse rapidamente, querendo tirar essa ideia da cabeça dela. — Eu vou.

Cecelia olhou para ele, franzindo a testa.

— Mas os pais costumam pagar o casamento de suas filhas, Antony.

— Eu não vou deixar Vinnie me pagar para ter você, Cecelia. Se eu deixá-lo pagar, ficaria exatamente com essa sensação. Eu vou pagar pelo nosso casamento.

Ela se acomodou em seu abraço.

— Ok.

Antony beijou o topo da cabeça da moça, abraçando-a com mais força. Ele não pôde deixar de notar o carro entrando no estacionamento vazio do parque. Cecelia sempre amou aquele lugar e sempre que eles saíam para passear, era o primeiro destino em sua mente. Ela gostava da paz e tranquilidade, e havia um pequeno lago com patos.

Aquele carro, no entanto, sempre os seguia.

— Vou ficar feliz quando puder te beijar sem uma babá. — Antony murmurou.

Cecelia riu.

— Ah, eu não sei se beijar é o que vamos fazer.

Ele não teria que ser um gênio para descobrir o significado oculto daquilo. Seu corpo esquentou quando o sangue desceu para sua região íntima.

Meu Deus. Sim, três meses parecia o tempo perfeito. Antony achava que não poderia esperar mais do que isso para ter aquela mulher como sua esposa.

— Vou te beijar enquanto estiver fazendo também, Cecelia.

— É melhor mesmo.

Antony sorriu.

— Sempre.

— Cecelia!

Antony se encolheu ao escutar a voz esganiçada de Kate Catrolli. Instintivamente, ele posicionou Cecelia ligeiramente atrás de si, como se para protegê-la da ira de sua irmã.

Quanto mais tempo Antony passava perto de Kate, pior ele se sentia por Johnathan.

Os dedos de Cecelia apertaram o pulso de Antony conforme Kate invadia a cozinha da família Catrolli. O rosto da moça estava vermelho e ela bufava de raiva como um touro irritado à procura de alguém para atacar.

De jeito nenhum ela atacaria Cecelia. Antony não permitiria essa merda.

Qual era o seu problema, afinal?

Às vezes, com Kate, poderia ser praticamente qualquer coisa.

— Sim? — perguntou Cecelia, afastando-se de Antony e retomando sua tarefa de amassar as massas de pão.

Sua namorada sabia cozinhar. E ele adorava esse fato. Ela era um pouco maníaca em relação a isso, e Antony rapidamente aprendeu a deixá-la trabalhar com calma ou enfrentar as consequências. Estas geralmente vinham na forma de palavras cortantes ou de uma colher de pau batendo em seus dedos.

No entanto, Cecelia tinha habilidades.

— Deveria ser eu, Cecelia! — Kate gritou.

Antony franziu a testa quando olhou para a mulher que era sua noiva há poucas horas.

— Do que ela está falando? — Ele perguntou para Cecelia baixo demais para Kate ouvir.

— Espere. — Cecelia sussurrou. — Ela vai chegar lá.

— Você... Você... Sua cadela. — Kate esbravejou.

Nossa! Agora isso.

— Ei. — Antony bradou. — Porra, ela é sua irmã, Kate.

Kate reagiu.

— Cuidado, Tony. Papai pode ouvir você me xingar. O que aconteceria com você, não é?

Antony literalmente teve que forçar seu corpo a ficar sentado. Nenhuma outra mulher na terra havia despertado sua ira, mas Kate conseguia.

Parece que ela tinha esse efeito em um monte de homens.

Cecelia, por outro lado, não ficou parada. Ela se virou rapidamente, posicionou-se ao lado de Antony e olhou para Kate.

— Deixe-o em paz. Ele não é seu boneco para que fique fazendo essas palhaçadas, Kate. Tente ser desagradável com ele de novo, e eu juro que vai ser a última vez que você fará isso.

Kate riu.

— Você é uma cadela.

— Você já disse isso, Kate. Diga algo novo.

— Você só está fazendo isso porque não está sendo o centro das atenções, Cecelia. Deveria ser eu.

— Sim, eu vou me casar só porque você vai daqui a três malditos anos, Kate. Pare, você está sendo ridícula. Não tem nada a ver com você. — Cecelia acenou para ela e Antony. Só agora ele estava entendendo o que acontecia ali e concordava com Cecelia. Kate era ridícula. — Isso, eu e ele,

não tem absolutamente nada a ver com você. Tem a ver conosco.

— Não é justo. — Kate assobiou.

— Isso não é problema meu — respondeu Cecelia, fria como Antony nunca tinha visto.

Kate virou-se e saiu da cozinha tão rápido quanto tinha entrado. Cecelia voltou para sua tarefa de misturar a massa em silêncio. Antony levou ao todo três minutos até falar novamente.

— Eu estou começando a concordar com John — disse Antony.

Cecelia o olhou de lado, com a tristeza cobrindo os olhos muito verdes.

— Sobre o quê?

— Ela precisa de um quarto com paredes forradas e um tratamento.

— Não tem a ver com ela, Antony — Cecelia disse de modo enfático.

— Tem a ver conosco. Eu sei.

— Então, quando ela tentar chamar a atenção de novo, olhe para o outro lado. Ela tem que se casar pelos negócios, mas eu não. Não vou deixar que ela faça escândalo. Nunca.

Capítulo Sete

Outubro de 1984

Antony se virou, certificando-se de que seu smoking estava como Cecelia exigiu que fosse. Ajustado nos lugares certos, nenhum fio fora do lugar, e nenhuma partícula de poeira à vista. Sua noiva era um pouco louca sobre ter as coisas do seu jeito, mas Antony não se importava nem um pouco.

O dia do seu casamento, apesar de ter demorado muito para chegar, estava indo muito bem. Ele se sentia um pouco triste pelo fato de seu pai e sua mãe perderem aquele momento, mas estava com seus irmãos, primos e avós para compartilhar o dia também. Cecelia tinha familiares em número mais do que suficiente para preencher o lado dele.

— Onde está meu neto?

O avô de Antony abriu caminho entre todos os homens e mulheres entrando e saindo da suíte do hotel. Eles tinham reservado um andar inteiro para a família e os amigos. Cecelia, no entanto, escolheu o quarto mais perto do fundo, onde havia menos chance de que Antony a visse

Ele queria muito vê-la, porra.

— Cazzo, olhe para você, garoto — disse Andino, puxando as lapelas do terno de Antony. — Seu pai teria gostado de vê-lo todo arrumado e elegante como você está.

Antony sentiu-se atordoadado. Seu avô não tinha falado nenhuma vez sobre Ross desde a morte dele, meses atrás.

— Você sempre foi seu favorito, eu acho. — Acrescentou Andino.

— Por quê? — perguntou Antony.

Andino riu.

— Porque você era igual a ele, e ele sabia disso. Você costumava

andar por aí fazendo arminhas com as mãos. “Bang, bang”, era o que você dizia. Dizia a todos que seu papà ia pegá-los.

— É mesmo?

Antony não conseguia se lembrar disso.

Seu avô deu de ombros como se não fizesse diferença.

— Claro, garoto. Você está bonito, Tony. Ele e sua mãe estariam muito orgulhosos de você. Grande dia para você, hein?

Seu nervosismo era evidente.

— Será que eu estou sonhando? — perguntou Antony.

Andino sorriu. Era uma cena familiar. O sorriso comum que todos os homens da família Marcello sabiam usar.

— De jeito nenhum. Qualquer um consegue ver que aquela mulher está louca por você. E não fique nervoso. Tem muita gente, mas estão todos aqui por Vinnie. Ignore-os. Faça o que o padre disser para fazer. Sorria para Cecelia.

Antoniou sorriu ao ouvir o nome de sua futura esposa.

— Eu não a vi ainda.

— Esse é o objetivo, garoto. E não chore quando você a vir. Todo homem em *la famiglia* vai tirar sarro disso.

Antony caminhou até o altar onde Johnathan esperava.

A mão de John pousou em seu ombro e o apertou.

— Meu Deus, olhe para você.

— Pare com isso. — Antony murmurou, empurrando a mão de seu padrinho para trás. Ele tinha ficado dividido entre John ou Paulie, mas Antony decidiu por John. Paulie não tinha ficado ofendido, graças a Deus. —

Todo mundo fica me dizendo isso. Como se eu não fosse apresentável em um dia comum ou alguma coisa do tipo.

John riu.

— Você é apresentável. Mas hoje é o dia do seu casamento, por isso temos que...

— Vamos, rapazes. — Veio uma voz aguda atrás de Antony e John.
— Até agora, um de vocês usou o nome do Senhor em vão e eu não vou tolerar.

Antony riu.

— Cale a boca, John, ou ele não vai me casar.

John sorriu.

— Sim, tudo bem. Você está bem?

— Perfeito.

Mais do que perfeito, na verdade.

— Você deve ser o padrinho de Paulie, então acho que vou usá-lo como meu padrinho. — Johnathan disse calmamente.

— Tudo bem. — Antony respondeu.

John ficou em silêncio enquanto as portas traseiras da catedral se abriam. A festa de casamento não era enorme, mas Cecelia tinha duas damas de honra que eram primas, sua madrinha, que era Kate, e uma menina para espalhar pétalas de flores. Quanto mais tempo demorava para as pessoas se aproximarem do altar, mais nervoso Antony ficava.

Ele queria Cecelia.

Ele queria que ela fosse sua esposa.

Ele queria que ela ficasse ao seu lado.

Logo.

Agora.

Ontem.

Quando Cecelia apareceu na porta com o pai ao seu lado, um véu sobre o rosto e usando um vestido branco longo o suficiente para varrer o chão enquanto ela se movia, Antony parou.

Deus, ele amava aquela mulher.

Sempre.

Para sempre.

Então, ele agradeceu a Deus por tê-la feito. Não havia outra como ela.

— Parabéns, parabéns, parabéns!

Antony aceitou o beijo na bochecha e o abraço apertado demais dado pela milionésima pessoa que ele não conhecia. Cecelia, graciosa e bela como sempre, fez o mesmo. A taça de vinho vazia na mão de sua esposa foi passada para um garçom e outra a substituiu antes de o convidado que lhes havia felicitado desse a Antony um envelope bem grosso.

John, logo atrás de Antony, pegou o dinheiro e o colocou dentro da bolsa, juntamente com as centenas de outros. A filha do chefe havia se casado, a primeira das duas moças. Parecia que quem não havia chegado a tempo para a cerimônia tinha chegado para o jantar e para a recepção. Havia tanta gente no salão que Antony se sentia sufocado.

Cecelia não tinha saído de seu lado nem uma vez. Isso ajudou.

— Já acabou? — perguntou John.

Antony assentiu. Já tinha acabado há horas.

Casamentos italianos eram sempre grandes, barulhentos e nunca terminavam. A cultura de reunir pessoas para festejar o início da nova vida do casal ganhava proporções épicas. Além disso, metade dos convidados era também das origens da Cosa Nostra, o que só tornava o evento ainda mais

importante.

Antony queria ter se preparado melhor para isso.

Cecelia parecia estar levando tudo numa boa.

O beijo suave dos lábios de sua esposa em seu queixo e a mão entrando em seu blazer chamou a atenção de Antony de volta para onde precisava estar. Ela estava surpreendente com o vestido de casamento, com a maquiagem e cabelo feitos com perfeição. Caramba, sua mulher estava sempre perfeita, mas algo naquele dia deixava tudo muito diferente.

Como o fato de que ele em breve saberia como era vê-la nua. Antony mal podia esperar por isso.

— Você não é o tipo de homem que adora holofotes, não é? — Cecelia sussurrou em seu ouvido.

— Não. — Antony admitiu.

Cecelia piscou para ele.

— Bem, nós cortamos o bolo, dançamos, passamos horas aqui, cumprimentamos todas as pessoas...

— O que você está querendo dizer, Tesoro?

Seus dedos agarraram o cinto da calça dele.

— Que tal nos despedirmos agora também?

Jesus Cristo.

Sim.

— Vamos fazer isso.

Cecelia deu um beijo ardente, rápido, na boca de Antony antes de se afastar rápido demais para seu gosto. Não importava. Aquele beijo rápido tinha acordado cada célula de seu corpo como nunca. Ele estivera consciente da presença dela ao seu lado durante toda a noite. Antony não podia se esquecer de que ela estava ali, mas agora... agora, meu Deus.

Porra, o pau dele estava muito duro. Luxúria e desejo se misturavam

dentro dele, tomando seu estômago e prometendo algo malvado e divino.

Antony nunca foi bom em esperar por algo que queria.

Ele teve que ter calma e esperar por Cecelia. Ela era diferente.

Ela merecia muito, muito mais.

— Eu vou encontrar meus pais para informá-los.

— Claro, querida.

Antony a deixou ir sem dizer mais nada.

Johnathan e Paulie pararam ao lado de Antony assim que Cecelia desapareceu na multidão.

— Podemos dizer parabéns também? — perguntou Paulie.

— E adeus. — Acrescentou John. — Você está parecendo muito animado, Marcello. Mude essa cara antes que Vinnie venha aqui e o veja parecendo um cão atrás da filha dele, hein?

Antony riu e deu de ombros.

— Estou assim mesmo.

— Sim, todos nós sabemos disso. Ele não precisa saber.

— Verdade.

Paulie colocou a mão no ombro de Antony. — Tenha uma ótima noite, cara.

Antony sorriu. — Você sabe que terei.

— E eu vou encontrar minha esposa e levá-la para casa também. —

Paulie terminou com uma risada.

— Até.

Quando Paulie se foi, Antony e John olharam um para o outro.

— Pensei que eu me casaria primeiro. — John admitiu. — Entre nós dois,

quero dizer.

— Você vai chegar lá.

John assentiu, mas seu olhar era distante.

— Sim.

Antony não precisava que seu amigo dissesse as palavras que ele estava pensando.

Mas não com quem eu quero.

Isso era provavelmente o motivo pelo qual Antony se sentia mal em relação a Johnathan. Ele tinha feito a escolha de se casar com Kate pelo bem dos negócios, com certeza, mas não havia como mudar de ideia agora. O casamento em seu mundo não era algo para durar pouco.

Era para a vida toda.

— Estou feliz por você ter encontrado o caminho certo, Antony. — John murmurou.

— Sinto muito por você não ter conseguido. — Antony respondeu.

John sorriu, mas não era de verdade.

— Eu consegui, mas fui um idiota em relação a isso. Nunca seja idiota com o seu, cara.

— Eu não vou ser.

Antony ainda não tinha nem fechado a porta do quarto completamente quando Cecilia foi pra cima.

Pra cima, mesmo.

Seu beijo era intenso, exigente. Ele se deliciou com o gosto de sua boca e a maneira como sua língua guerreou com a dele. Ela nunca o havia beijado tão descaradamente antes. Ele estava no céu. Ela deixou suas mãos vaguearem por

baixo de seu blazer, puxando a camisa para fora da calça. Quando não

conseguiu abrir os botões rápido o bastante, simplesmente puxou o tecido até se abrirem.

As mãos de Cecelia estavam quentes contra a pele dele, marcando um caminho quente e fazendo-o abafar um gemido. Se ela não fosse mais devagar, ele não tinha certeza de que poderia se controlar. A menina podia estar usando um vestido branco, mas parecia bem ousada, na opinião dele. Principalmente quando o tocava.

Antony riu quando seus lábios desceram por sua garganta.

— Meu Deus, de onde veio isso?

— Sem mais babás. — Ela disse simplesmente. Antony supôs que isso explicava muita coisa.

Seus dedos percorreram a barriga e o peito expostos como se ela estivesse se dedicando a decorar cada inclinação e linhas de seus músculos. Ela deu atenção especial ao caminho de pelos escuros que desapareciam sob a linha da calça. Ele deixou as mãos macias tocá-lo e permaneceu em silêncio quando ela desabotoou a calça e puxou o zíper para baixo.

De repente, a mão escorregou para dentro de sua cueca e encontrou o pau endurecido. Ela manteve o olhar sem-vergonha no dele enquanto seus dedos envolviam seu pênis com firmeza e acariciavam a cabeça.

Palavras e ar ficaram presos na garganta de Antony, sufocando-o. A mão era como seda quente em seu pau. Não demorou muito para que seus movimentos deixassem o pênis dele mais duro do que aço e latejando por algo quente, úmido e apertado.

— Como está? — Cecelia sussurrou.

— Fantástico. — Antony conseguiu dizer.

— Mmm, que bom.

Meu Deus.

Apenas o som de sua voz o excitava mais do que tudo. Ele tinha

esperado muito tempo para senti-la dessa forma, para tê-la a sós, e agora era ela quem o surpreendia. Para uma moça tão inocente, Cecelia definitivamente parecia mais do que disposta a deixar sua pureza de lado. Ela queria conhecê-lo, isso estava claro.

Ele queria fazer o mesmo com ela, também.

— Deixe-me despir você, Cecelia — disse Antony.

Cecelia mordeu o lábio.

— Só se você prometer que vai ser rápido.

Se havia algo que ele adorava em Cecelia, acima de tudo, era sua confiança sutil. Às vezes, era apenas seu olhar que dizia muito. Ela não era o tipo de mulher que gritava para fazer seu ponto de vista ser aceito e ela não tinha necessidade de fazer escândalo para ser notada.

— Eu não posso fazer isso, Tesoro.

Cecelia olhou para ele, arqueando uma sobrancelha de modo desafiador.

— Por que não?

— Porque há muitas partes de sua pele que eu quero explorar, tocar e sentir. Eu quero você no meu corpo todo. Quero conhecer cada parte de você. Todos os pontos que farão você emitir os sons mais doces, quero conhecer. Então não, eu não posso ser rápido, Cecelia. Não hoje.

— Mas você tem tempo para aprender essas coisas — disse ela suavemente.

— Claro, mas você só tem uma primeira vez, querida.

Cecelia sorriu, desviando o olhar dele. — Eu sei exatamente quem você é, Antony. Você sabe disso, certo?

— Quem eu sou?

— Cosa Nostra. As coisas que você faz. Eu sei todas essas coisas.

Antony nunca tinha pensado nisso daquela forma.

— Por que diz?

— Eu só queria que você soubesse que quando diz coisas assim e me ama como você faz, eu não me importo com nada disso. Nada disso importa para mim. Contanto que você seja meu, tudo bem.

Ele se lembraria disso para sempre, então.

— Você é meio que perfeita, sabe disso, né? — perguntou Antony, segurando o rosto da esposa para poder olhar para ela por um minuto.

— Meio que? — Perguntou Cecelia.

— Completamente perfeita, Tesoro.

— Para você.

Algo nas palavras dela apertou seu peito. Era como se, com aquelas duas palavras, Cecelia tivesse feito uma promessa a ele, que ele não tinha pedido,

mas que ainda assim precisava ouvir. A possessividade correu por suas entranhas como uma bola de demolição.

Cecelia era dele.

Para sempre.

Sua.

— Só para mim — disse Antony.

— Só para você.

Então, a atitude confiante dela pareceu desaparecer. A mão dela parou de se movimentar e ela não quis olhar nos olhos dele. Antony queria sua esposa ousada de volta, não a menina tímida que subitamente tomou seu lugar.

— Qual é o problema? — Perguntou Antony.

Cecelia encolheu os ombros.

— Eu não sei o que fazer e não quero desapontá-lo, só isso.

— Você não vai. Confie em mim. Isso tudo será aprendido, Cecelia.

Nunca se sinta constrangida ou envergonhada. Diga-me o que você quer ou precisa. Se fizer você se sentir bem, então fará tudo certo. E não tem que ser só bom para mim, tem que ser para você também.

— Isso é bom?

— Muito bom.

Cecelia sorriu.

— Você quer que eu continue?

— Faça o que quiser, Cecelia. Peça o que quiser. Eu sempre vou dar a você.

— Promete?

— Para sempre, meu amor. Pergunte-me ou me diga. Tudo o que você quiser saber ou aprender, eu vou te ensinar. Há muitas coisas que eu quero te ensinar, Cecelia Marcello. Aposto que você vai adorar cada segundo, também. Você só tem que abrir essa boca linda e dizer.

Capítulo Oito

— Diga. — Repetiu Antony, a voz mais rouca do que ele esperava.

A mão dentro de sua calça finalmente soltou seu pênis. Antony não se importava, mas pretendia colocá-la de volta ali em algum momento. Ela passou as mãos pelas laterais do corpo dele, as unhas arranhando sua carne e deixando-o louco.

— *Tesoro?*

Cecelia estremeceu. — Tire minha roupa.

— O que mais?

— Me toque.

Antony sorriu. — E?

— Me ame.

— Sempre, meu doce. Ti amo, *bellissima donna*.

— *Ti amo*. — Ela repetiu.

Cecelia se virou nos braços dele. Antony reuniu seus cachos cor de caramelo e os soltou sobre um dos ombros. Ele tirou as presilhas que mantinham seu cabelo para cima, uma por uma, deixando-as caírem no chão. O colar de pérolas ao redor de sua garganta teve o mesmo fim.

Lentamente, ele abriu os botões de pérola da parte de trás de seu vestido modesto, deixando as palmas das mãos deslizarem por baixo dele para sentir seus ombros lisos. A cada toque sobre seu corpo, levando seu vestido ainda mais para baixo, a respiração de Cecelia aumentava.

— Não fique nervosa. — Ele disse. — Você é tão bonita.

— Você não viu tudo de mim ainda, Antony.

— Eu não preciso, porque já sei. Mas ainda quero ver tudo de você.

Vire-se.

Cecelia fez o que ele mandou, segurando firme no corpete de seu vestido, mantendo-o no lugar. Antony envolveu o corpo dela com as mãos, afastando os dedos dela do vestido. Quando as rendas e seda presas em sua cintura caíram, Cecelia encontrou seu olhar inebriante novamente.

Antony deixou seus olhos fazerem o trabalho, enquanto a observava, mil e uma emoções passando pelo rosto de sua esposa. Ela estava claramente nervosa, mas ainda disposta também. Nada cobria seus seios sob o vestido. Seu corpo magro e a curva de sua cintura encaixavam-se em suas mãos perfeitamente.

Como ele sabia que seria.

Sua pele era pálida, cremosa, ele sentia passando as mãos sobre seus seios. Os montículos rosados enchiam suas palmas. Seus polegares passavam pelos mamilos tensos e Cecelia soltou um suspiro e estremeceu em resposta.

— Bom? — perguntou ele.

— Muito bom. — Ela sussurrou.

— Eu nunca vou tomar o que você não estiver disposta a me dar, Cecelia.

Ela assentiu com a cabeça.

Antony se aproximou da esposa, puxando a saia de chiffon de seu vestido para baixo ao redor da curva de seus quadris até o material cair no chão. Ele não pôde se controlar, passou as mãos por baixo de sua calcinha de renda branca, puxando-a contra seu corpo.

Cecelia nem sequer hesitou ao apoiar as mãos nos músculos de seu estômago.

— Vou ser lento, bem lento — disse Antony, deslizando uma mão por cima da calcinha até poder deslizar os dedos por baixo. Ela ficou tensa com o toque súbito, mas não se afastou. Enquanto falava, seus dedos exploraram as dobras de sua vagina, sentindo as coxas tremerem conforme

as pontas dos dedos dele corriam sobre a fenda de seu sexo. — Bem lento, Cecelia. Até você estar tremendo da cabeça aos pés, encharcando os lençóis e gritando o meu nome.

— Apenas faça promessas que você consegue cumprir — Cecelia sussurrou.

— Oh, é uma promessa, com certeza.

Um de seus dedos mergulhou na vagina dela, encontrando-a quente e molhada como esperava. Ele pressionou a palma da mão sobre seu clitóris enquanto tocava a boceta dela com apenas um dedo, querendo que ela se sentisse bem, precisando de seu corpo disposto e cheio de desejo, antes de fazer mais. As paredes internas envolviam o dedo dele de forma firme, e um suspiro suave, sem fôlego, respondeu suas provocações.

— Mais? — Perguntou Antony.

Cecelia gemeu baixinho, abrindo as pernas um pouco.

— Por favor.

— Que tal algo diferente, hein?

Antes que sua esposa pudesse responder, Antony estava de joelhos. Ele levantou o pé com salto alto para poder usar a língua e tocar a pele da parte interna de sua coxa. Quanto mais ele provava, mais doce ela ficava e mais úmida também. Meu Deus, era delicioso lambê-la.

— Nossa, você tem um gosto divino. — Antony rosnou contra sua vagina.

Cecelia emitiu outro gemido que Antony não conseguiu decifrar. Uma de suas mãos encontrou seu cabelo, segurando firme, enquanto a outra segurou o pulso da mão que ainda penetrava sua boceta encharcada, lentamente.

— Eu... Eu não sei... ai, meu Deus. — Ela gemeu com os dentes cerrados.

Antony deslizou um segundo dedo em seu sexo, sentindo o corpo dela aceitar sua intrusão facilmente. Seus músculos flexionaram em torno dos dedos dele e outro doce gemido saiu de seus lábios.

— Vai ser tão, tão bom, *Tesoro*. Corpo quente por dentro e frio por fora. Isto pode fazer você se sentir dormente, ou se sentir sensível. Quando a tensão for grande demais, você tem que relaxar. Não lute contra isso, Cecelia. Tem que aumentar para poder ser extravasada, linda.

— Is-isso... Isso... — Cecelia parou quando a boca de Antony envolveu seu sexo.

Ela tinha um gosto incrível. Tão perfeita. Cheia de desejo em sua boca, inundando seu paladar com uma essência que era toda ela, nova e imaculada. Ele passou a língua no clitóris, deixando cair sua perna ao redor de seu ombro antes de apoiar a mão na parte baixa das costas dela.

A cada retirada dos dedos, ele a abria mais para ele.

Ele queria que ela se sentisse completa, como se cada parte dela fosse tomada por ele. Sua língua tocou o clitóris no mesmo ritmo de seus dedos na vagina. De vez em quando ele lambia ainda mais embaixo para recolher os fluidos de seu sexo com a língua.

Quando os gemidos de Cecelia ficaram mais altos e seus tremores aumentaram, ele afastou a boca do meio das coxas, beijou a região acima de sua genitália e a observou se entregar a seu primeiro orgasmo. Seus dedos não cederam nem por um segundo. Ela mantinha a cabeça inclinada para trás e os quadris se movendo no ritmo de sua mão.

— Meu Deus, você é linda, *Bella*.

Cecelia riu levemente, o som cheio de êxtase. Ela olhou para ele por cima com um novo brilho nos olhos. Ela tinha mordido os lábios até que ficassem com um tom vermelho rosado e o rubor colorisse sua pele.

“Linda” era um grande eufemismo.

— Dá pra ficar melhor? — perguntou ela.

— Muito melhor.

— Pare de perder tempo, então, Antony.

Ele obedeceu à ordem, tirando os dedos molhados do sexo ainda latejante dela, ao se levantar. Cecelia não parecia se importar com o fato de sua lubrificação estar nos lábios dele quando o beijou intensamente. A sensação forte que tomava conta dele sempre que essa mulher aparentemente inocente se aproximava estava de volta, mas dessa vez, ele estava mais do que disposto a ir até o fim.

Antony passou o braço em torno de Cecelia, segurando-a pela parte inferior das costas, e espalmou a outra mão em sua barriga lisa. Cuidando para que ela não tropeçasse em seu vestido no chão, Antony fez com que ela andasse para trás através do quarto de hotel, levando cada passo com ela e beijando-a o tempo todo.

Ela não tinha um gosto completamente doce mais. Havia um pouco de malícia agora. Porra, ele gostava muito disso.

— Quero você pra caralho. — Antony murmurou contra sua boca.

Cecelia puxou a calça dele para baixo junto com a cueca. Quando a parte de trás dos joelhos de Cecelia bateu na borda da cama, ele a deixou cair deitada. Antony arrancou a calça e a cueca o mais rápido possível antes de subir na cama onde sua esposa já estava se movendo para cima para poder ficar na altura adequada.

Ela abriu as coxas, deixando que ele se encaixasse no meio. E ele se encaixava perfeitamente.

Cecelia puxou o blazer e a camisa, jogando-os de lado. A gravata estava solta em volta do pescoço dele, mas ela logo a tirou também. As mãos de Antony correram por seu cabelo, sentindo seu peito contra o dele e movendo a ereção nua contra seu sexo. Ela arqueou o corpo na cama,

sussurrando seu nome da forma mais suave. O som tomou seus nervos, espalhando-se como ouro líquido.

— Está doendo, Cecelia? Quanto você me quer, *bella*? Diga.

— Eu não consigo respirar — ela murmurou, beijando a parte inferior de sua mandíbula. — Eu estou com calor.

— Segure essa sensação. Lembre-se disso agora.

— Está bem.

Antony segurou as mãos dela acima da cabeça com uma das suas. Ele usou a outra para guiar seu pênis dolorosamente latejante até sua entrada. Ela estava mais do que molhada, o suficiente para acomodá-lo, mas isso não significava que ela estava acostumada a isso. Ele a tomou com um impulso rápido. Instantaneamente ele estava dentro de sua vagina latejante, sentindo seu corpo apertar seu pênis e envolvendo cada centímetro dele nela. Ela parecia veludo ao redor de seu pênis.

As mãos de Cecelia em seus ombros relaxaram antes de as unhas cavarem em sua pele. Seus olhos estavam arregalados, brilhando, úmidos. Antony se inclinou para pegar a primeira lágrima que escapou com os lábios, beijando-a e emitindo um som suave.

Ele roçou o nariz ao longo de sua bochecha, querendo tirar a dor que sentia o mais rápido possível, desejando que passasse rapidamente.

— Relaxe. — Disse a ela. — Você precisa relaxar, querida.

Cecelia assentiu, mas o ar saiu de seus lábios em um assobio.

— Shhh — ele sussurrou, lutando contra a vontade de começar a se mover, somente para alimentar seu próprio desejo. Ele não podia fazer isso com Cecelia. — Lembre-se do calor, não é? Pense em como ele fez você se sentir e te deixou sem fôlego. Devagar, Cecelia.

— Até eu estar tremendo, suando e gritando o seu nome. — Ela terminou por ele.

Antony riu baixinho.

— Bem desse jeito.

Finalmente, seus músculos internos começaram a relaxar. Suas unhas raspavam sua pele enquanto ela erguia o quadril como uma forma de provocação. Foi o suficiente para fazer um rosnado fugir de seu peito. Ela era tão apertada que ele não conseguiria aguentar.

Ele precisou de todo o controle que tinha para não a penetrar até gozar dentro dela. Ninguém mais teria aquela mulher como ele agora a tinha. Ninguém jamais iria senti-la, ter seu sabor em sua boca, ou saber como ela era sem roupa.

Ninguém a não ser ele.

Ele queria garantir que ela nunca nem sequer pensasse em outra pessoa depois daquela noite.

— Meu Deus... Não faça isso. — Antony avisou.

— Mas...

— Só quando estiver pronta.

As mãos de Cecelia desceram por seu pescoço e peito.

— Estou pronta. Mexa-se, por favor... Deus, eu preciso que você se mexa, Antony.

— É mesmo?

— Si.

— *Cazzo Cristo*. — Antony rosnou. — Graças a Deus, caralho.

Ela era o paraíso ao redor dele quando começou um ritmo lento, que tinha certeza de que iria satisfazê-la enquanto o deixava louco. Seu corpo era o céu que também parecia muito com sua própria versão de inferno pessoal, para destruí-lo com seus desejos.

A cada movimento de seus quadris, as pernas de Cecelia apertavam sua cintura. Seus saltos pressionaram a parte inferior de suas costas, enquanto

ela encontrava o próprio ritmo para combinar com o dele. Ela rebateu impulso por impulso, sua respiração ficando mais forte enquanto ela se arqueava na cama, expondo o pescoço para ele.

Antony aproveitou essa chance para morder e chupar sua pele sensível, certificando-se de deixar suas marcas para trás.

— Mais. — Disse Cecelia, sua voz um gemido em seu ouvido.

Antony segurou seu queixo e forçou-a a olhar para ele. Seus olhos estavam brilhando de novo, suas pupilas dilatando de felicidade enquanto a fodia um pouco mais rápido. O suor escorria em sua pele e borrava sua maquiagem. Cecelia sugou a ponta do dedo polegar dele e mordeu, dando um leve sorriso sexy.

— Você está com o meu gosto. — Disse ela.

Antony engoliu em seco, seu prazer crescendo na base da espinha e sua liberação mais próxima. — Você vai ter o meu gosto e tudo mais quando eu terminar tudo isso, porra.

— Assim que eu quero.

Antony percorreu a espinha de Cecelia com beijos, os dedos dançando em seu traseiro sob os lençóis macios. Seu riso cansado, sem fôlego, foi abafado no travesseiro quando ela acordou devido a seus toques provocantes.

— *Buongiorno, mia bellissima.* — Antony murmurou contra sua pele.

— Bom dia.

— Como está se sentindo?

— No céu.

Antony riu. — É mesmo?

— Sim. E se você não me tocar mais, nem sei o que fazer.

Ah, ele estava mais do que disposto a alimentar essa necessidade.

— Eu já criei um monstro?

— Um bem terrível. — Ela respondeu docemente.

— *Perfetto*.

Ela já estava molhada, quente e cheia de desejo quando os dedos dele encontraram seu sexo. Lentamente, ele tocou sua vagina com os dedos até ela tremer, murmurando seu nome contra o travesseiro, agarrando os lençóis.

Quando ela gozou, Antony colocou-se atrás dela e a penetrou de uma vez, sendo tomado pelo prazer intenso. Ela deveria estar sensível, por isso, em vez de fazer de modo forte, levou-a suave e lentamente.

— Meu Deus, não há nada mais bonito do que você embaixo de mim, Cecelia.

Cecelia lançou um olhar a ele, virando-se para trás. Ela tinha marcas por toda a pele. Desde suas impressões digitais, beijos, até a vermelhidão em seus lábios e as marcas de sua barba e dentes. Não havia um pedaço dela que não tinha sido marcado por Antony Marcello.

— Eu não sou de cristal, Antony. — Disse ela, movendo-se contra sua virilha.

Antony gemeu. — Não me provoque.

— Eu não vou quebrar. — Cecelia pressionou.

— Porra.

— Essa é a ideia.

Para onde sua esposa inocente tinha ido?

— Diga-me se...

— Eu vou. — Ela interrompeu suavemente. — Sempre.

Antony pegou as mãos dela e a guiou para baixo de seu corpo. Ele abriu os dedos sobre os lábios carnudos, para que ela pudesse sentir o pau

dele batendo nela e sua vagina o molhando.

— Toque-se. — Ele exigiu enquanto suas estocadas ficavam mais fortes, fazendo os gemidos mais doces ecoarem de seus lábios. — Toque-se, *Tesoro*. Sinta-me dentro de você, como você está molhada para mim, e quanto o seu corpo adora quando te fodo. Sinta.

— Oh, Deus.

— Brinque, Cecelia. Conheça seu corpo. Eu quero que você conheça isto, também.

Ele sentiu os dedos sobre a vagina dela, espalhando sua umidade ao longo de seu sexo até o clitóris. No momento em que ela entrou em contato com o cerne latejante, Cecelia se arqueou e suas paredes estremeceram ao redor de seu pênis.

— Isso... Assim. — Ela murmurou.

— Sim, é isso. Tão bom, Cecelia. Sexo é mais do que a procriação. É um prazer. É necessidade. É conexão. Continue. Eu quero ouvir todos os sons que você faz enquanto eu te fodo e você se toca.

Ela fez isso e foi incrível.

Antony não teve pressa para amá-la e deixá-la conhecer seu próprio corpo e as coisas de que gostava. Cada batida de pele contra pele o deixava louco. Todos os pequenos ruídos e sons que ela fazia o levavam direto para o limite. Quando ela gozou pela segunda vez, ele já tinha gozado também, despejando seu sêmen bem fundo.

— Mais. — Ele ouviu a ordem através do toque em seus ouvidos.

Sim, um monstro.

Mas ela era dele.

PARTE TRÊS:
LA COSA NOSTRA

Capítulo Nove

Maio de 1986

Antony colocou Cecelia de pé no chão. A grande entrada estava vazia, assim como o resto da casa.

Bem, era uma mansão para ele.

Cecelia fez uma pequena dança, jogando os braços para o ar quando gritou. O som ricocheteou nas paredes e ecoou de volta. Antony apenas riu.

— Grande de acordo com os padrões dos Marcello. — Disse Cecelia, virando-se para o marido.

— Sim, isso mesmo.

Ele tinha levado dois anos para construir a casa. Ele se esforçou para encontrar uma que fizesse jus à Cecelia. E Deus sabia que ele tinha lutado, porra. Mas nada servia. Nada era bom o suficiente para sua pequena rainha.

Então, sim, ele construiu o palácio que ela queria.

Eles viveram em uma casa menor, perto dos pais dela durante a maior parte dos dois anos, enquanto a terra era preparada, a fundação era feita e tudo foi sendo construído. Cecelia fazia três viagens por semana para Tuxedo Park apenas para verificar o progresso.

Ela queria algo grande, então teve que esperar por isso.

— Você tem um monte de trabalho a fazer, ainda. — Antony avisou. Cecelia girou em círculos, radiante de felicidade.

— Não importa.

— Cecelia...

— Não importa, Antony.

— Bella, a casa está vazia. Nós nem sequer temos uma cama, ainda.

— As paredes estão de pé e pintadas. O aquecimento funciona. As luzes estão acesas. Eu não me importo, Antony.

Antony sorriu, balançando a cabeça.

— Você é louca.

— Você também.

— Loucamente apaixonado por você.

— Precisamente. — Cecelia concordou.

Ela virou-se para olhá-lo novamente, levantando as sobrancelhas de forma sugestiva prometendo que ele ia gostar do que viria a seguir. Gesticulando com um único dedo para ele, o sorriso de Cecelia se alargou.

— Venha aqui. — Ela exigiu.

Antony fez o que ela queria, curvando-se para beijar sua boca.

Afastando-se do beijo antes que pudesse realmente ficar bom, Cecelia levantou uma sobrancelha. — Há uma piscina, certo?

— Você sabe que sim. Você escolheu os benditos azulejos para ela. Coberta e aquecida.

— Você me construiu uma casa. — Ela sussurrou.

— Isso. Feliz aniversário, Tesoro.

Cecelia inclinou-se e mordeu seu maxilar, provocando.

— Hora de enchê-la, Antony.

Julho de 1986

Antony manteve-se de braço dado com Cecelia enquanto guiavam seus convidados pela casa. Eles ainda teriam uma festa de inauguração, mas Cecelia exigiu convidar algumas pessoas consideradas amigos em comum

para um jantar.

Ele não conhecia Jean e Lissa muito bem, mas Cecelia, aparentemente, sim. Lissa era uma amiga do colégio particular de sua esposa, e Jean era o marido dela. Eles pareceram bacanas no início, mas isso não durou muito tempo.

Ele decidiu no jantar que os dois não eram realmente amigos. Os comentários desagradáveis e a constante necessidade de competir com as coisas que Cecelia e Antony tinham eram irritantes e mesquinhos.

Quem precisava de inimigos quando se tinha amigos como esses?

Cecelia parecia ignorar tudo, mas Antony estava atento. Quanto mais comentários eram feitos, mais magoada sua esposa parecia estar. Antony não podia ver Cecelia magoada por nada, e muito menos por amigos invejosos.

Por isso Antony não tinha amigos, na verdade. Os que ele tinha estavam ligados à Cosa Nostra, e faziam parte de sua vida há mais tempo do que se lembrava. Cecelia queria amigos normais. Isso, ou ela estava de alguma forma tentando se desligar de uma parte de sua vida a partir de la famiglia. Antony não sabia como dizer isso a sua doce esposa, mas isso nunca seria possível.

Ambos eram nascidos e criados na Cosa Nostra.

Melhor aceitar essa merda e seguir em frente.

— Belo, mas vergonhoso — Lissa murmurou, olhando para um determinado quadro na parede.

Cecelia tinha gosto pela arte e Antony não se importava em alimentar esse capricho especial da esposa. Ela se esforçou muito para terminar a faculdade e entre seu trabalho na galeria de arte e sua carreira em tempo parcial como decoradora, ela estava sempre ocupada.

Ele estava orgulhoso dela.

— Desculpe-me? — perguntou Cecelia.

Antony pousou a mão sobre o quadril da esposa e apertou. Na maior parte do tempo, Cecelia era a mulher adequada em todos os aspectos. Tinha classe, era respeitosa e se mantinha ao lado dele como ele precisava. As mulheres que estavam na frente de Cecelia poderiam aprender muito com a esposa de Antony, na opinião dele.

— Oh, eu só estava pensando... — Lissa murmurou, sorrindo de uma maneira que parecia um pouco desagradável para o gosto de Antony.

— O quê, Lissa? — perguntou Cecelia, sua paciência chegando ao fim.

Antony notou que a esposa tinha aguentado tudo o que poderia de sua amiga.

— Eu só estou tentando descobrir se este é um passo para a frente ou para trás para você, Cecelia. Afinal, vamos lá, você é uma Catrolli, né? Será que seu papai se recusou a construir a casa que você queria porque você se casou com alguém inferior? Porque eu sei que você se casou com um Marcello, mas isso certamente não se compara a ser um Catrolli.

Casada com alguém inferior?

Que porra é essa?

Antony não conseguiu nem sequer falar, de tão atordoado.

Aquela mulher era atrevida.

Cecelia, por outro lado, soltou uma gargalhada como ele nunca tinha ouvido antes. Ela se virou para o marido, levantando-se nas pontas dos pés para dar um beijo em seus lábios silenciosos.

— Antony, você pode acompanhar os nossos convidados até a porta, por favor? Estou ficando cansada.

Antony pôde ver claramente a chateação no olhar de sua esposa, o que só o irritou mais. Se havia algo que ele não podia suportar, era a dor de Cecelia. Isso era simplesmente inaceitável e a pessoa que causou isso

certamente iria se arrepender de fazê-lo.

— Claro, Tesoro.

— Mas...

Antony interrompeu o que Lissa ia dizer com um aceno de mão.

— Siga-me.

Ele andou até a frente da mansão dos Marcello, esperando paciente e silenciosamente enquanto ambos reuniam seus pertences e calçavam seus sapatos. Antes que pudessem sair, ele bloqueou a porta da frente com o corpo, sabendo muito bem que aquelas duas pessoas tinham uma boa ideia de quem exatamente ele era e com que tipos de coisas ele estava envolvido.

Afinal, se eles sabiam sobre a família Catrolli, então eles sabiam sobre os Marcello também.

Antony percebeu que era hora de deixá-los saber como os Marcello sabiam jogar sujo.

— Antes de irem, há algumas coisas que vocês devem saber. — Disse Antony com um tom seco, aborrecido.

— É? — Perguntou Lissa.

— Si. Entre Cecelia e eu, saiba que ela é a agradável entre nós dois. Ela é a única respeitosa. Ela vai virar o rosto e sorrir quando você a irritar. Eu, no entanto, não vou.

— Desculpe-me...

— Cale a boca e ouça. — Antony disse calmamente, sorrindo o tempo todo. — Nós certamente aguentamos o suficiente dos seus absurdos hoje, então acredito que é hora de você estar ciente de alguns dos meus. Ela não mostrou, mas você perturbou minha esposa. Isso é inaceitável para mim e você deve saber que eu não posso ser responsabilizado por minhas ações sobre aqueles que machucam Cecelia Marcello de alguma maneira. Quando eu construí esta casa, eu fiz isso sabendo que certas características tinham que

ser acrescentadas. Para o meu negócio, sabe? Eu precisava de alguns itens específicos, como um porão onde os gritos de uma pessoa não podem ser ouvidos.

Antony não hesitou quando o medo empalideceu o rosto da mulher nem ao notar o silêncio chocado do marido. Virando-se, Antony abriu a porta da frente e deu um passo para o lado, dando aos dois permissão para deixar sua casa. Rapidamente, os dois correram em direção à liberdade oferecida com o instinto natural de se afastar de um assassino.

Porque sim, independentemente da espécie, até os seres humanos sabiam quando um predador os tinha na mira.

Antony era um homem quieto. Homens tranquilos eram um pouco mais perigosos do que o resto. Ele com certeza esperava que aqueles dois tivessem percebido isso agora, também.

— Ah, e mais uma coisa — disse Antony, de frente para ambos enquanto os observava da entrada principal. — Se alguma vez tiver o prazer de pisar dentro da casa da minha linda esposa novamente, eu sugiro que você mantenha sua atitude e seu ciúme sob controle e bem escondidos, caso contrário, nós dois veremos quanto você terá que gritar para que Cecelia ouça. Tenham uma noite maravilhosa.

Antony bateu a porta.

Dezembro de 1986

Antony contou o dinheiro, colocando cada nota na mesa, uma após a outra em rápida sucessão. O telefone na mesa tocou, mas ele o ignorou por um momento. Assim que a última nota bateu na mesa, a ligação parou. Antony contou o dinheiro uma segunda vez só para ter certeza de que não

tinha errado na conta.

O telefone tocou novamente.

Xingando, Antony apontou para o idiota que estava na porta.

— Você não se mexa, cafone. Nós ainda não terminamos.

Johnathan riu do seu lugar no sofá.

— Ele não vai a lugar nenhum, Tony.

Antony pegou o telefone e deu as costas para a sala.

— Ciao, Marcello falando.

— Antony?

O som da voz de sua esposa, baixa e cansada, fez Antony se preocupar na hora. Não era comum sua esposa telefonar quando ele estava fora de casa. Ele tinha negócios por toda a cidade e trabalhava para a família Catrolli, além dos vários restaurantes, por isso, ele variava a cada dia.

— Cecelia, eu estou meio ocupado agora.

— Eu sei que não devo ligar no trabalho.

— Não tem problema, mas estou cuidando de uma coisa. Onde você está, em casa ou nos seus pais?

— Em casa, mas...

— Ligo para você daqui a pouco, tudo bem?

— Antony...

— Depois, Tesoro.

Antony desligou o telefone e voltou-se para o homem que devia ao seu Capo quase oitocentos dólares. Essa merda não podia acontecer. Antony amava as ruas. Às vezes passava horas demais nelas, a tensão era alta e sua equipe podia sofrer baixas, mas ser um Capo como seu pai tinha sido dava a ele uma sensação de realização.

— Onde está o resto? — Antony perguntou ao tolo que estava olhando para as próprias unhas e evitando olhar para o Capo.

O cara não respondeu.

John suspirou, olhando para o garoto de vinte anos.

— Quanto?

— Oito. — Respondeu Antony.

— Merda.

— Sim. Você conseguiu ou não? — perguntou Antony.

— Não.

Antony assentiu uma vez.

— Eu imaginei.

Antony abriu a gaveta da mesa e o cara se encolheu, fazendo seu Capo rir. O medo era o motivador perfeito quando se andava nas ruas. Qualquer Capo com um pingo de noção sabia disso. A melhor maneira de controlar os homens que não podiam ser vigiados vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, era se certificar de que eles sabiam o que aconteceria quando fizessem algo de errado, independentemente de haver gente para testemunhar isso ou não.

Nos negócios, Antony era volátil. A violência vinha como algo natural. Ele sempre foi um pouco cruel em relação ao trabalho e à equipe. Ele não engolia besteiras e não aceitava nada menos do que perfeição e obediência.

Aquele cara também sabia disso.

Antony tirou a faca da mesa e se levantou do seu assento, atravessou a sala até parar na frente do soldado. — Dê sua mão para mim.

— Mas...

Antony pegou a mão do cara e cravou a ponta da lâmina reta na palma da mão até sangrar e feri-la. Gritando de surpresa e dor, o cara tentou se afastar, mas Antony manteve-se firme, pressionando a faca na mão do homem e fechando os dedos em torno dele em um aperto firme.

— Segure isto para mim, OK?

— O-o quê? — Ele gaguejou, olhando de Antony para sua mão sangrando.

Pare de me fazer repetir. É completamente desnecessário e absurdo. Você tem quatro horas para conseguir esse oitocentos e entregá-los a mim. Enquanto estiver fazendo isso, certifique-se de manter isso em você. Não a esqueça em algum lugar nem a solte nenhuma vez. Apenas segure-a.

— Por quê?

Antony deu de ombros.

— Se você não voltar aqui com o meu dinheiro, eu vou usá-la para matá-lo. Melhor você saber o que vai acontecer, certo? Vejo você em quatro horas ou você vai me ver. Vá.

O cara saiu do escritório antes que Antony piscasse.

John riu do lugar dele no sofá assim que o homem desapareceu.

— Estou feliz por não ter mais que lidar com tolos como esse.

— Um subchefe mimado, isso é o que você é.

— Vaffanculo, Tony. — John murmurou, mostrando a Antony o dedo médio. — Em vez de lidar com caras como ele, eu tenho que lidar com idiotas como você.

— Você gosta disso.

John sorriu.

— Sim.

Antony tomou seu lugar novamente, apoiando os calcanhares sobre a mesa. — Como está indo o planejamento do casamento?

— Kate é uma tirana louca, mas isso não é nada novo.

— E o chefe?

— Vinnie a deixa fazer o que ela quer. Eu só tenho que aparecer, você sabe.

— Cecelia planejou o nosso em três meses. Que diabos Kate está fazendo que precisa de um ano ou mais tempo para conseguir? — Perguntou Antony.

John encolheu os ombros.

— Tentando superar a irmã. — Antony zombou.

— Isso é impossível, você sabe.

— Duas mulheres diferentes, cara.

Sem que John precisasse dizer de uma vez, Antony podia ver escrito no rosto do amigo. O arrependimento era um fardo pesado para carregar e o dever era um monstro impossível de enterrar.

— Vale a pena? — Antony perguntou em voz baixa.

— O que vale a pena, Tony?

— Ser o chefe, eu suponho. Tudo isso vale a pena?

John respirou lentamente.

— Se Kate não me matar de alguma forma primeiro, sim, vai valer a pena.

Antony riu.

— Vamos lá, isso nunca vai acontecer.

— Eu ainda tenho que passar por uma noite de núpcias, Tony.

— Tem razão, John.

John inclinou a cabeça na direção do telefone do escritório de Antony.

— Ligue para sua esposa.

Antony sabia que deveria. Ele pegou o telefone, mas uma batida na porta do escritório o deteve. Outro membro do grupo tinha passado para deixar as taxas semanais ao seu Capo.

— Mais tarde. — Disse Antony para John.

Trabalho primeiro.

Sempre.

Capítulo Dez

Abril de 1987

— Os Grovatti estão tendo alguns problemas com alguns Capos na família.

— Vinnie informou os seus homens, enquanto lambia o polegar e contava algumas notas. — Eu quero que todos vocês fiquem fora dessa merda, não precisamos nos meter em nenhum tipo de guerra com outra família. Certamente não agora. Deixemos o líder deles lidar com isso.

Antony se inclinou mais perto de John.

— Desde quando o seu pai está com problemas?

John emitiu um som desdenhoso.

— Há meses. Os Calabrese estão pensando no posto dele. Merda de sempre, dia diferente. Meu pai vai lidar com isso, ou não vai. É esperar para ver, eu suponho.

Antony não queria admitir isso para o amigo, mas Carl, o Sr. Calabrese, era um filho da puta desagradável quando queria ser. Então novamente, talvez John não se importasse se o posto de seu pai como o Don da família Grovatti fosse usurpado por um Capo.

Era difícil dizer.

Isso, e não tinha importância para a família Catrolli.

— E você? — perguntou Antony.

— O que tem eu? — John riu baixinho. — Eu fiz tudo o que meu pai quis, porra. Já cansei dele. Ele pode ajeitar a bagunça que fez, eu tenho minha própria família para proteger, você sabe.

— Sim, eu entendo isso. — Antony respondeu.

— Onde está Cecelia agora?

— Em casa.

Sozinha, Antony não completou.

— Você tem ficado muito fora de casa ultimamente. — John observou.

— Trabalho.

— Muito, talvez.

— Cuide da sua casa e eu cuido da minha, John.

— Só estou dizendo, Tony. Meu Deus.

Antony esfregou a testa, irritado. Ele tinha comprado mais dois restaurantes no ano passado e ações em uma empresa de investimento e desenvolvimento. A empresa foi um aprendizado, enquanto os restaurantes levaram mais tempo do que Antony tinha para dar. Ele ainda estava trabalhando no objetivo de ser dono de metade de Nova York, de uma forma ou de outra, afinal.

E também havia a Cosa Nostra. La famiglia não pedia tempo, ela simplesmente exigia, quer Antony quisesse ou não. Ser um Capo significava que Antony ficava à disposição do chefe, seus homens e outros Capos que eram mais velhos do que ele, a qualquer hora. Não fazia diferença se ele tivesse acabado de chegar em casa depois de passar meia semana fora e o telefone tocasse no momento em que ele passasse pela porta. Se fosse a Cosa Nostra, ele tinha que ir.

Cecelia não falava muito, mas devia ser duro para ela.

Porra.

Antony gostaria de ter tempo de perguntar.

O casamento era difícil. Ele estava aprendendo que uma pessoa tinha que trabalhar apenas para fazer funcionar. Ele nem sequer tinha tempo para fazer dar certo.

— Sim, eu preciso entender se alguns caras são confiáveis o suficiente para assumir algumas das minhas coisas. — Antony murmurou para John.

Todo o tempo, Vinnie continuou falando sobre o tributo, dinheiro e os absurdos de sempre. Antony normalmente prestava atenção ao seu chefe — as regras tinham motivo para existirem — mas naquela noite ele não estava com disposição para qualquer uma delas.

— Eu poderia ajudar com isso. — John respondeu. — Você não pode controlar tudo, Antony. Abra mão do controle, um pouco. Sente-se, aproveite o que você tem e faça-os pagar.

— Eu gosto de trabalhar.

John riu.

— Bem, então eu suponho que você precisa encontrar um equilíbrio.

— Quanto tempo isso deve demorar?

— Você está perguntando ao homem errado. Eu ainda não encontrei o meu. Entre Kate, minha família e Lina... — John parou abruptamente com a menção do nome da sua amante, lançando a Antony um olhar de desculpas. — Esqueça, sinto muito por isso.

Antony suspirou.

— Ainda enrolado com ela, né?

— Eu a amo — John disse simplesmente. — Você ama Cecelia. Para mim, não é diferente.

— Não é?

— Não para mim. Eu a amo como você ama Cecelia. Eu tenho que lidar com coisas que a envolvem. Eu não posso simplesmente virar as costas para ela, muito menos agora.

A confusão de Antony ficou mais intensa.

— O que é tão importante agora?

— Nada. — John disse rapidamente.

— John. — Antony enfrentou seu amigo e virou de costas para o resto da sala, como se para impedir que os homens escutassem sua conversa. Ele sabia que era apenas um pouco de privacidade, mas Antony ainda abaixou a voz quando ele perguntou de novo:

— O que há de tão importante agora?

Os olhos castanhos de John não encontraram o de Antony.

— Você deixou sua posição clara sobre como se sente em relação às minhas escolhas com Lina, Tony, para deixá-lo fora disso. Além disso, quanto menos você souber, melhor.

— Está acontecendo alguma coisa?

— Nada de ruim.

— Alguma coisa boa? — Antony pediu com a voz mais baixa.

— Algo realmente bom. — John disse com um pequeno sorriso. — Algo incrível, mesmo que tenha sido estúpido da minha parte deixar acontecer. Mas eu ainda não posso contar a ninguém.

Agosto de 1987

Na noite anterior ao casamento de Paulie, nós festejamos. — Disse John, cortando a tampa de uma caixa de papelão grosso. — Na noite antes do seu casamento, nós fizemos o mesmo.

Antony ajudou o amigo a abrir a parte superior das outras quatro caixas e puxou o lixo de cima que escondia as armas.

— E o que quer dizer?

— Por que diabos estamos trabalhando na noite antes do meu

casamento?

— John...

— Eu nem mesmo gosto da mulher com quem vou me casar, porra. Ao contrário de vocês dois, tenho todos os motivos para querer ficar bêbado, mas em vez disso, eu estou trabalhando.

— Antony!

— Merda. — Antony sibilou, enfiando as armas de volta nas caixas rapidamente quando Cecelia apareceu na escada do sótão. — Ei, Bella. Você precisa de algo?

Cecelia levou as mãos à cintura e examinou as caixas de Antony e John.

— Quantas daquelas você vai trazer até aqui?

— Mais duas. — Respondeu Antony.

— O que tem dentro?

— Nada.

— Antony.

— ...importante. — Completou.

Os lábios rosados de Cecelia se entortaram em frustração.

— Por que não pode ir... para outro lugar?

Porque os outros armazéns estavam cheios de merda da qual Vinnie não poderia se livrar pois estava marcada como quente e chamaria a atenção se fosse vendida nas ruas. Ninguém queria que a polícia encontrasse uma trilha que o levasse de volta para eles. Antony tinha o maior sótão. Era o jeito.

— Cecelia, volte lá para baixo. — Antony disse com firmeza.

Ela não se moveu.

— Antony.

— Tesoro, basta olhar para o outro lado.

— Esta é a minha casa, Antony.

— Minha também.

Cecelia franziu a testa e isso cortou o coração de Antony. Não havia nada que ele odiava mais do que perturbá-la. Ao contrário da maioria das mulheres, ganhar coisas bonitas não fazia Cecelia Marcello feliz. Não que ela não gostasse de joias e outros enfeites, mas não compensava suas noites, a falta da sua presença em casa e o silêncio.

Na verdade, ele tinha mesmo se ausentado muito recentemente.

La Cosa Nostra vinha primeiro. La famiglia era muito exigente.

Antony não sabia como explicar isso a sua esposa.

— Nós vamos tirá-los daqui dentro de algumas semanas. — Disse John.

— Mais ou menos. — Acrescentou Antony.

Cecelia ainda não parecia muito satisfeita.

— Tudo bem, não importa.

Com isso, sua esposa girou nos calcanhares e voltou a descer as escadas.

John disse baixinho.

— Ultimamente ela parece mais séria do que o normal. Cecelia não costuma perguntar muito sobre seus negócios.

Ele tinha razão. Cecelia normalmente fazia vista grossa para os negócios suspeitos que apareciam ao seu redor. Ele sempre gostou disso.

Antony suspirou.

— Ela está grávida.

— O quê?

— É o que você ouviu, cara.

— Sério?

— Sim. — Antony deu de ombros. — Ela só não me disse ainda.

John franziu a testa. — Como diabos você sabe, então?

— Eu conheço minha esposa. Ela está grávida. E provavelmente com medo. Nós não terminamos de decorar todos os cômodos nesta casa, porque é grande demais para encher e nós vivemos aqui há um ano já. Ela sabe que há armas no sótão e drogas no porão. Nós não estamos vivendo um sonho aqui, porra. É algo real e eu não estou aqui todas as manhãs para acordar com ela. Vai ser uma mudança enorme.

— Uau.

— Um dia você vai entender.

John pigarreou, rindo sem forças.

— É... Um dia.

Antony virou para o amigo, curioso.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, Tony. Não significa nada. Vamos acabar com essa merda, né?

— Sim. Talvez então possamos começar a ficar bêbados.

John bufou.

— Cuide para que eu esteja bem bêbado amanhã, também.

Antony queria que seu amigo estivesse brincando, mas ele sabia que não estava.

— John está passado mal. — Antony informou a sua esposa. — Eu provavelmente não deveria tê-lo deixado beber muito, mas eu não o culpo.

Cecelia não agiu como se tivesse escutado algo. Apenas continuou a lavar os pratos na cozinha com a postura de uma rainha.

— Cecelia?

— O quê, Antony?

— Sinto muito pelo que aconteceu... mais cedo.

Cecelia soltou o pano de prato e virou-se para o marido com mágoa tomando seu belo rosto.

— Foi tão difícil para você?

— Hã?

— Isso aí. Um pedido de desculpas, Antony. Foi tão difícil?

Antony levantou um único ombro.

— Não.

— Ok, então faça isso mais vezes. Use palavras ou algo assim. Nada além disso. Eu não quero desculpas para o que você está fazendo, mas você precisa falar comigo também. Eu só... Você entende o que estou dizendo agora?

Antony não sabia o que dizer.

— Você não se lembra do que eu disse?

— Quando?

— Na nossa noite de núpcias. — Ela disse claramente irritada.

Claramente ela não esperava que ele se mostrasse confuso.

Cecelia acenou para ele como se para fazê-lo ir embora.

— Deixa pra lá. Deixe-me sozinha por um tempo, por favor. Estou cansada e quero acabar isso para poder ir para a cama.

Não, Antony não deixaria para lá.

— Cecelia, não faça isso. Eu sei que não estou por perto o suficiente ultimamente e que eu estou passando mais horas longe de casa do que aqui com você, mas não posso evitar. Você sabia quem eu era antes de nos casarmos. Você sabia que esta era uma parte do negócio, Tesoro.

Cecelia suspirou profundamente.

— Eu sei. Eu só...

— O quê?

— Eu preciso mais de você aqui, Antony.

— Quando é que você vai me contar, hein?

Cecelia mudou de um pé para o outro, parecendo mais desconfortável a cada segundo.

— Sobre o quê?

— Você sabe o quê. Eu posso não estar todo o tempo aqui, mas noto tudo da mesma forma como quando estou, Cecelia. Como o fato de que você não come ovos cozidos há mais de um mês e como você tem dormido mais do que o costume. Porque sim, quando eu não estou aqui de manhã para acordá-la, eu ligo para dizer olá e você não atende. Eu me preocupei e vim ver você uma ou duas vezes. Você está exausta, não está se sentindo bem, e quando estou em casa você tem pouco ou nenhum interesse em mim.

— Isso não é verdade!

— Sim, é. — Antony argumentou. — Quando foi a última vez que nós transamos, Cecelia?

— Eu...

— Faz tempo. — Ele interrompeu bruscamente. — Por que você não me disse que está grávida?

— Porque eu abortei há oito meses, mas você estava muito ocupado com tudo para me notar!

O coração de Antony parou.

— Abortou?

— A gravidez não estava muito avançada e, aparentemente, não é incomum numa primeira gravidez — disse Cecelia como se estivesse partindo um pão e não dando uma notícia devastadora. — Eu queria esperar até que passasse de um certo ponto dessa vez, para contar a você como um presente.

— Cecelia, eu...

— Não. — Sua esposa interrompeu. — Eu não quero ouvir suas desculpas, Antony. Eu só quero que você perceba que há mais na nossa vida do que o trabalho, a máfia e as drogas. Você acha que eu não sei sobre o porão e as armas no meu maldito sótão? Existe mais além disso, existe, sim.

Antes que Antony pudesse dizer outra coisa, Cecelia deixou seu lugar na pia e os pratos sujos que ainda precisavam ser limpos, passou pelo marido atordoado parado à porta e desapareceu pelo corredor.

Desde que se casaram, eles estavam tentando ter filhos. Na verdade, eles nunca realmente impediram nada. Ambos eram católicos devotos e tentar prevenir uma gravidez de alguma forma ia contra a vontade de Deus. As crianças eram presentes, tesouros a serem cuidados, amados e adorados.

Ele queria ter filhos. O que ele não queria era que sua esposa sofresse com uma gravidez.

Levou muito tempo para ele acordar de seu estupor e seguir sua esposa. No momento em que fez isso, Antony não tinha nem ideia de onde ela tinha ido em sua enorme casa, mas foi primeiro para o quarto. A porta estava fechada e uma vez que também estava trancada, Antony imaginou que havia escolhido o lugar certo. Ele bateu na madeira, encostando o ombro na porta.

— Cecelia, deixe-me entrar.

O silêncio foi a resposta.

— Cecelia, deixe-me entrar.

Nada.

Antony bateu os nós dos dedos contra a madeira mais uma vez.

— Cecelia, deixe-me entrar ou vou arrombar a porta.

Nada ainda.

Antony deu um passo para trás e, em seguida, chutou a maçaneta da

porta com o pé, arrancando-a. Sob a força de sua batida, a porta rachou e cedeu. Cecelia estava no meio do quarto com os braços cruzados e uma expressão severa.

— Eu estava indo abri-la!

Ele encolheu os ombros.

— Você demorou demais. Eu pedi três vezes.

— Não, você exigiu e eu estava no banheiro.

Ah, bem...

— Desculpe? — Antony disse.

Cecelia bufou.

— Eu gosto muito de nossa casa e eu preferiria que você não a destruísse.

— Desculpe. — Antony disse de novo, mais sincero pela segunda vez.

— Eu realmente sinto... por tudo, Tesoro. Eu vou pensar em alguma coisa que eu possa fazer para estar mais aqui com vocês.

— Há mais do que isso. — Disse ela.

— Há nós também. Eu sei.

— Eu sei que você não pode evitar, mas tente.

Antony concordou.

— Você tentou me dizer sobre... o aborto?

— Sim. — Disse sua esposa. — Eu liguei para você no trabalho, você ficou me interrompendo e disse que depois ligaria de volta. Você não ligou. E então você apareceu em casa três dias depois.

— Em dezembro?

— Algumas semanas antes do Natal.

Antony sentiu-se como um idiota.

— Mais alguém sabe?

— Além de nosso padre que disse que era a vontade de Deus e do médico que me disse que iria passar, não.

Antony se encolheu. Cecelia não era de usar tal veemência em relação à sua religião ou igreja. Ela a mantinha acima de todas as coisas em sua vida, até mesmo de Antony. Ele respeitava isso, porque sabia que ela era assim.

— Cecelia...

— Por que tirar isso de mim? — Ela perguntou em voz baixa, seus olhos cheios de lágrimas. — Por quê?

— Eu não sei e não vou ter as respostas certas para você.

— Eu não queria respostas, eu queria que você estivesse aqui.

Sim, ele estava percebendo isso agora.

— Você não deveria ter passado por isso sozinha, Cecelia. Eu sou... Essa merda não vai acontecer novamente.

— Na verdade, provavelmente vai ocorrer. Você estava certo, eu sei que isso é uma parte da nossa vida. Eu sabia disso antes de me casar com você e eu lhe disse que estava bem com isso, desde que você continuasse a me amar do jeito que você ama. Você está indo e vindo. Por favor, lembre-se de ficar um pouco mais, Antony.

— Eu posso fazer isso. Só para você saber, eu nunca me esqueci de você, de maneira nenhuma. Mas eu posso deixá-la ciente, também.

— Bom. — Ela sussurrou. — Isso é tudo que estou pedindo.

— Então, teremos um bebê, né?

Cecelia sorriu. Um sorriso genuíno e verdadeiro. Ele aqueceu sua alma fria totalmente. — Um bebê. Vem em abril.

Um bebê.

Capítulo Onze

Outubro de 1987

Antony adorava observar Cecelia quando ela estava feliz por alguma coisa. Não importava muito para ele do que ela estava gostando, desde que ele conseguisse vê-la contente. Ela amava ópera; Ele, nem tanto. Mas não podia, no entanto, fingir que não sabia quanto prazer a sua esposa tinha com isso.

— Lindo, não é? — Perguntou Cecelia ao lado dele.

Antony não desviou o olhar da esposa nem por um segundo.

— Muito.

Cecelia lançou a ele um olhar de lado, seus cílios descendo sobre suas bochechas quando sorriu; uma visão sexy.

— Você não está nem prestando atenção, não é?

— Eu estou. Na coisa mais importante na sala, *Tesoro*.

— Você é muito bom, Antony Marcello.

— Já me disseram.

Cecelia riu.

— O que mais já disseram?

— Que nós, da família Marcello, somos safados.

— Bem, pelo menos um de vocês.

— Feliz aniversário, Cecelia.

Ela sorriu.

Era brilhante e perfeito.

Assim como ela.

Antony nunca mais deixaria de valorizar o fato de ter uma esposa e amante como Cecelia novamente.

— Feliz aniversário.

Antony inclinou a cabeça na direção das cortinas que levavam para fora da cabine privada. Sua mente estava longe de ópera e pela forma com que sua esposa estava olhando para ele, a dela também.

— Vamos sair daqui?

— Não.

— Não?

Cecelia sacudiu a cabeça.

— Não, mas você pode vir aqui.

Sua oferta foi flagrante e sugestiva. O pau de Antony endureceu pensando naquilo.

— Você pode não gostar do que eu farei com você se eu me levantar desta cadeira, porque estamos em um lugar muito público, esposa.

— Você quase arrancou fora a cabeça do garçom mais cedo quando ele olhou para mim por tempo demais. O pobre garoto não veio mais aqui desde então, ou seja, não seremos interrompidos. E você sabe que eu sempre amo o que você faz comigo. Venha aqui, Antony.

Ele não precisava ouvir uma segunda vez.

Antony se levantou, atravessou o pequeno espaço entre eles em dois passos curtos e puxou a esposa da cadeira, esperando pegá-la de surpresa. Cecelia soltou um suspiro que foi engolido pelo beijo dele. Colocando a mão sobre o vestido de seda, Antony agarrou o pano nos quadris, tocou o traseiro dela com a outra mão e forçou seu corpo contra o dela para que ela sentisse sua ereção contida pela calça.

— Sente isto, Cecelia? Isso é o que a sua maldita provocação faz comigo. É melhor estar disposta e pronta para fazer aqui e agora.

— E o que você pretende fazer? — Ela perguntou em um sussurro.

Antony sorriu, sabendo muito bem que parecia perverso.

— Por que não *damos* um pequeno show enquanto nós *assistimos* ao show, hein?

Cecelia suspirou como se suas palavras fossem a única coisa que ela quisesse ouvir.

— Isso é bem safado.

— Você não me ama quando sou bonzinho.

— Você não sabe ser bonzinho, Antony Marcello.

— Você se casou comigo, Cecelia.

— Isso eu fiz.

Antony girou Cecelia de modo que as costas dela ficaram encostadas em seu peito. Moveu-se para a frente, longe das cadeiras de couro na cabine privada, mantendo um braço firme em torno da barriga de sua esposa conforme eles iam em direção à parede divisória que dava para o teatro de ópera. Ele colocou as mãos de Cecelia no corrimão.

— Não as mova. — Ele murmurou.

— Safado. — Ela repetiu.

Antony riu.

— Quanto você teria que gritar até que alguém notasse, Cecelia?

— Jesus, pare com isso.

— Acho que vamos descobrir.

— Minha nossa...

As palavras de Cecelia foram interrompidas por um sussurro quando as mãos de Antony foram para baixo do vestido de seda, usando uma mão para espalmar seu traseiro enquanto a outra viajava entre suas coxas, abrindo mais suas pernas. Com os dedos, ele delineou a borda da calcinha, sentindo a umidade de sua esposa já transpassando o tecido fino.

— Porra. — Disse Antony em um gemido. — Você já está molhada. Eu não pensei que isso a excitaria.

— Me excita muito.

— Vou me lembrar disso da próxima vez. Deus sabe que foder você vai tornar esses espetáculos muito mais toleráveis para mim.

Cecelia lhe respondeu com uma risada ofegante que se transformou em um gemido baixo quando os dedos dele deslizaram sob a calcinha e ele acariciou sua boceta encharcada. Ele abriu os lábios carnudos de seu sexo enquanto a outra mão empurrou a saia mais para cima, expondo seu traseiro coberto de rendas. Cecelia arqueou as costas em resposta, fazendo sua bunda entrar em contato com o pênis duro dele.

— Continue fazendo isso, Cecelia... — Disse Antony, a advertência em seu tom.

— O que você vai fazer, Anto...

Ele enfiou dois dedos em seu sexo, sem aviso prévio, sentindo o aperto de sua vagina e sentindo seus sucos encharcarem a palma de sua mão. Inclinando-se sobre ela de novo, Antony fodeu sua esposa com os dedos e usou a outra mão para segurar seu queixo e manter seus olhos no que acontecia ali embaixo. Ele admirou cada tremor ao redor dos dedos e todos os gemidos baixos que ela continuava segurando enquanto ele tocava seu sexo com um ritmo implacável.

As costas de Cecelia estavam tensas e suas mãos no corrimão de madeira da parede divisória tremiam. Ela só parecia ficar cada vez mais molhada quanto mais forte os dedos dele se moviam. Seu olhar varreu a multidão de pessoas abaixo, mas nenhuma pareceu notar o casal na cabine. Antony observou Cecelia apertar a madeira com mais força, os olhos se fechando.

— Abra os olhos e assista ao show, esposa. — Antony exigiu. Cecelia lamentou. — Eu não posso... Tão, tão bom.

— Assista. — Ele disse novamente. — Ou eu paro.

— Deus, não.

— *Assista.*

Ela choramingou e Antony sorriu.

— Porra, é uma delícia te sentir. — Ele disse a ela, sussurrando as palavras em seu ouvido. Beijando o ponto abaixo da orelha, ele esfregou o rosto no pescoço dela e mordeu a pele suavemente. — Tão apertada, Cecelia. Você ama isso. Imagine o que vai sentir quando for o meu pau batendo em você, hein?

Não foi preciso mais nada.

Cecelia gozou, a cabeça zonzinha quando um gemido baixo de felicidade escapou por entre os dentes cerrados. Antony continuou acompanhando o ritmo do orgasmo, sentindo o leite dela encharcar seus dedos.

Enquanto Cecelia tentava se recuperar, Antony aproveitou a chance para tirar a mão do meio das coxas dela, abrir e abaixar a própria calça e cueca boxer nos quadris, e libertar sua ereção na palma da mão. Seu membro latejava. A veia na parte inferior de seu eixo pulsava, combinando com a batida do seu coração. Ele precisava penetrar a esposa bem fundo, para que os dois enlouquecessem.

Ele não dava a mínima para onde estavam naquele momento.

O que dizia respeito a Cecelia sempre vinha em primeiro lugar para Antony.

Prendendo o polegar no elástico da calcinha de Cecelia, ele puxou o tecido para baixo até chegar aos joelhos trêmulos. Sem parar, ele acomodou-se atrás dela, rolou seu pau ao longo de sua fenda, e a penetrou.

— Antony!

— Isso é o que eu gosto de ouvir — disse ele, puxando-a de volta para seu pênis duro.

Cecelia virou-se para olhar para seu marido, mas Antony forçou a

cabeça dela de volta para olhar para o palco do teatro e para as pessoas lá embaixo. — Assista, foi o que eu mandei.

— Mas...

— Eu quero ver você desfrutar de algo enquanto eu te fodo, Cecelia. Eu quero sentir você gozando no meu pau com uma multidão a alguns metros abaixo de nós, completamente alheios ao fato de que você está me deixando fodê-la acima deles. Fique calma, assista ao show, e deixe-me te foder, *Tesoro*, ou juro que poderia morrer.

— Cristo... Sim, tudo bem. — Ela murmurou quando ele deslizava para fora e empurrava de volta novamente, mais forte da segunda vez.

Antony se deleitava no calor da vagina da sua esposa engolindo seu pênis. Ela sempre se encaixou tão bem e ele sentia prazer no fato de o sexo entre eles sempre deixá-lo cego, sem fôlego ou confuso na mente ou no coração. Como uma dose de luxúria diretamente em sua corrente sanguínea, Antony se perdeu dentro de Cecelia.

Porra, não havia nada melhor do que isto.

Retirando o pênis da vagina dela até que pudesse ver a cabeça do seu pau, ele gemia satisfeito com a visão de seu membro coberto pela excitação de Cecelia. O ligeiro aroma de seu sexo tomou a cabine, prometendo deixar o espaço com o cheiro deles, de sexo, quando já estivessem bem longe.

— Meu Deus, eu te amo. — Antony disse baixo.

— Me fode. — Sua esposa implorou.

Ah, ele não podia desobedecê-la.

Ainda mais depois de ela ter pedido tão bem.

As mãos de Cecelia escorregaram do corrimão quando ele a penetrou novamente, sem se conter, mas Antony a pegou com bastante facilidade. Ele entrelaçou os dedos com os dela sobre a madeira lisa, mantendo a esposa firme no lugar enquanto a fodia com força por trás. Os saltos de Cecelia a

mantinham na altura certa para o pau dele bater em cada ponto sensível que havia dentro de seu sexo molhado. A cada impulso, seus cachos caíam e pulavam ao redor de seus ombros.

Os sons suaves de sua respiração se transformaram em gemidos sussurrados. Ela não tirava os olhos do palco, no entanto. Antony gemeu quando as unhas da sua esposa marcaram seus dedos e palmas das mãos, mas adorou tudo da mesma maneira.

Seu ritmo era intenso, safado e rápido. O som de pele contra pele tomou conta de seus tímpanos, abafando quase todo o resto. Antony viu o perfil de sua esposa contorcido de prazer, mas extasiada com o show lá embaixo. Todos os músculos de seu corpo pareciam torcidos como bobinas prontas para encaixar.

— Imagine o que eles pensariam, Cecelia. — Disse Antony, inclinando-se sobre ela para traçar com beijos um caminho sobre a pele sedosa de seu pescoço. Apenas ouvindo sua voz, a boceta da esposa apertou o pênis dele, avisando que sua libertação viria tão rápida e forte quanto da última vez. Ele mordiscou a orelha dela, lambendo e provando seu suor com a língua. — Imagine, *Tesoro*. A boa *principessa* de um mafioso que você é, tão limpa e bonita por fora, não passa de uma mentira. Você é muito safada por dentro.

Ela estava a ponto de gozar.

Antony não estava diferente. A pressão ao redor de sua virilha com cada movimento flexível do quadril fez seu controle oscilar, ameaçando levá-lo para o ápice antes dela.

Cecelia bateu as mãos na madeira, abafando um grito.

— Só com você.

Antony sorriu.

— Só comigo.

Ela arfou e murmurou:

— Ah.

Foi o único aviso que Antony teve antes do orgasmo da esposa afogá-lo em nada além de puro êxtase. Ele deixou o sexo dela agarrá-lo até o fim. Todos os seus nervos pareciam em chamas, enquanto o resto de seu corpo parecia entorpecido.

— Tão delicioso. — Ele ouviu Cecelia dizer como fundo para as batidas de seu coração acelerado.

— Nem pense em dizer isso para o nosso padre, Cecelia.

Sua esposa apenas riu.

Porra.

Dezembro de 1987

— Como está o *bambino*? — perguntou Vinnie, estendendo a mão para tocar a barriga arredondada de Cecelia.

Cecelia suspirou, deixando seu pai se alegrar com sua gravidez como vinha fazendo nos últimos meses. A partir do momento em que Vinnie soube que seu primeiro neto estava chegando, Antony e Cecelia passaram a ser como ouro para ele. Antony não entendia, mas seu chefe não o estava pressionando todos os dias, o dia todo, então ele optou por não questionar.

— Vai ser um menino — disse Vinnie a Cecelia.

Cecelia olhou para Antony por cima do ombro de Vinnie.

— Um menino, hein?

— Sim, um pequeno *principe* para mim.

Liliana tirou as mãos de seu marido da barriga da filha. — Pare com

isso, você a está deixando desconfortável.

— Você está deixando todos nós desconfortáveis. — Kate murmurou. Antony teve que se forçar para não responder para a cadela encostada na parede.

A cada passo que Cecelia e Antony davam, Kate dava um jeito de marcar, de alguma forma, sua presença indesejada.

Com seu filho não seria assim. Antony poderia garantir.

— Você vai ter seus próprios *bambini* em breve. — Disse Vinnie para Kate, colocando a mão na barriga de Cecelia. — E eu vou mimá-los, também.

— Eu aposto que sim. — Kate murmurou, olhando para John em pé ao lado de Antony.

— Eu gostaria de ter um menino primeiro. — Disse Antony, ignorando Kate.

Cecelia revirou os olhos bonitos.

— Vai ser uma menina.

— Você não sabe, *Tesoro*.

— Eu sei disso.

Antony meneou a cabeça de forma exagerada.

— Uh-huh. Entendi.

Vinnie, Liliana e Cecelia continuaram conversando sobre o bebê enquanto Antony e Johnathan seguiram pelo corredor, indo em direção à cozinha. O Natal sempre era uma grande festa em uma família italiana. Eles haviam passado metade do dia na igreja e agora Antony estava praticamente morrendo de fome. Precisava comer alguma coisa em breve.

— O que Cecelia lhe deu este ano? — perguntou John.

Antony sorriu.

— Uma faca feita sob medida com as minhas iniciais gravadas no

cabo. Prata pura. É legal.

— Ela lhe deu um em cada Natal desde que vocês casaram, certo?

— E em cada aniversário. — Antony respondeu.

Tornou-se uma tradição entre ele e a esposa. Ele tinha uma boa coleção agora. Cecelia sempre encontrava novos modelos que sempre o impressionavam, Antony não sabia como ela conseguia. Mas sentia-se agradecido.

— Onde diabos você guarda tudo?

— Em uma caixa. Eu tenho que encontrar um lugar para exibi-las. Em algum lugar onde possam ser vistas, mas não tocadas.

Ninguém além dele tocava em suas facas. Pelo menos não nas que Cecelia lhe deu.

— Eu não esperava vê-lo aqui hoje. — Disse Antony.

John encolheu os ombros. — Eu fiz a coisa da família hoje cedo e Vinnie me pediu para vir aqui, então por que não, certo?

Coisa de família?

Antony olhou para seu amigo, parando. A confusão tomou conta dele.

Johnathan tinha muito pouco a ver com sua família, agora que ele estava completamente integrado à família do crime, os Catrolli. Misturar negócios com outras famílias era uma coisa arriscada, mesmo se fossem relacionados. Vinnie tinha deixado claro que eles tinham que ficar longe da família Grovatti. John não quebraria essas regras, considerando que ele era subchefe de Vinnie e não ficaria bem.

— Coisa de família? — perguntou Antony.

John tossiu, escondendo a mentira.

— Você sabe, tem a igreja, essas merdas.

— Com seu pai, você quer dizer?

— Sim, claro... O meu pai.

O amigo estava mentindo descaradamente.

O que John estava escondendo?

— John...

— Vamos comer! — Antony ouviu Vinnie gritar.

— O chefe está chamando — disse John, deixando Antony em silêncio e atordoado atrás dele.

Capítulo Doze

Fevereiro de 1988

Os beijos que Cecelia dava no peito nu de Antony não cessaram nem mesmo quando o telefone tocou.

— Meu Deus, bella, pare por um minuto. Eu tenho que atender. Pode ser importante.

— Não. — Sua esposa disse, ao mesmo tempo em que desabotoava sua calça.

Antony ficou sem fôlego quando sua calça foi empurrada para baixo junto com a cueca e a boca de sua mulher segurou seu pau entre os lábios macios. A boca quente e molhada de Cecelia engoliu sua ereção com uma intensidade ardente que retirou sua capacidade de pensar ou falar. A única coisa que Antony podia fazer era segurar seu cabelo sedoso e deixar a esposa fazer o que quisesse.

Que, aparentemente, era chupar seu pau.

Antony não fingia entender a gravidez. Ele não agia como se soubesse por que sua esposa de repente sentia um desejo enorme sobre sexo. Simplesmente aceitou os resultados e em todos os momentos em que ela era tomada pelas mudanças hormonais, ele deu o que ela queria ou precisava para fazê-la feliz.

Para ele, era um ótimo negócio.

— Ai, meu Deus, caralho. — Antony gemeu quando a boca de Cecelia abriu o suficiente para que seus dentes resvasassem a veia pulsante na parte inferior de seu pênis.

O telefone não parava de tocar.

Porra, devia ser algo importante.

Ou alguma coisa...

Antony não se importava.

O telefone parou de tocar.

Ele se concentrou na sensação dos lábios de sua esposa apertando seu pau e na forma como sua língua circulava a cabeça cada vez que ela subia para a ponta. A mão de Cecelia deslizou por sua extensão e espalmou suas bolas, fazendo com que a pressão na base da coluna se tornasse insuportável.

Antony tinha pouco ou nenhum controle quando sua esposa o chupava. Havia algo excitante em ver Cecelia de joelhos, tomando-o como se ele fosse a melhor coisa. Para o mundo, Cecelia provavelmente parecia subserviente e doce. Ela era, de certa forma. Porém, mais do que tudo, ela era independente, intensa e às vezes um pouco irritadiça. A esposa perfeita para ele. Assim, ela era apenas sua.

Cecelia sorriu com o pênis na boca, olhando para ele entre cílios grossos.

— Porra, você está linda demais assim, Tesoro.

Quando o telefone começou a tocar de novo, Antony fechou os olhos e desejou poder ignorá-lo. Mas não podia.

— Não pare, porra. — Ele disse à esposa, estendendo a mão para pegar o telefone pendurado na parede. Ele atendeu no terceiro toque. — Sim, merda, ciao? Marcello falando.

Atender o telefone foi uma má ideia. Ainda mais porque a esposa parecia tomar isso como um desafio pessoal para acabar com o controle dele enquanto falava. Cecelia levou-o mais fundo em sua garganta até todo o pênis desaparecer entre os lábios rosados e um brilho malicioso aparecer nos olhos dela.

— Antony? — John perguntou do outro lado.

Porra.

Inferno.

Sim, inferno. Era para lá que Antony estava indo. Direto para o inferno.

— O quê? — Perguntou Antony, murmurando a palavra contra a palma de uma mão enquanto puxava o cabelo de Cecelia com a outra.

— Você está bem?

— Ocupado no momento.

— Bem, não está mais. Aconteceu uma coisa.

O coração de Antony se acelerou. — O que aconteceu?

Cecelia pareceu notar a súbita ansiedade de Antony. Ela não disse nada enquanto soltava seu membro, beijava-lhe a parte interna da coxa e puxava a calça para cima para abotoá-la. Antony segurou seu rosto entre as mãos enquanto ela o fitava, com a preocupação tomando conta de seu rosto.

— John, o que aconteceu? — Antony perguntou novamente.

— Kate estava visitando a mãe dela hoje...

Antony revirou os olhos, já frustrado. Qualquer coisa que incluía o nome de Kate era sujeita a ser uma merda total. Como Jonathan conseguia lidar com ela, Antony não sabia. Seu amigo tinha o respeito de Antony, apesar de tudo.

— Será que ela causou algum tipo de merda que você precisa limpar de novo? — Perguntou Antony. — Porque se você me chamou e interrompeu o meu tempo com minha esposa para esse absurdo, eu não vou ficar satisfeito, John.

— Não. — John murmurou. — Algo aconteceu enquanto ela estava lá. Eu quis te contar, e não deixar que qualquer outra pessoa o fizesse.

— Pare de enrolar e me diga.

— Havia um monte de caras lá. Você sabe como Vinnie é. Ele dá

jantares todo o tempo com Andino e os Capos mais velhos.

— John, que inferno.

— Andino desabou na mesa, Antony. Eles nem sequer tiveram tempo de colocá-lo deitado antes de ele morrer

A mente de Antony desligou. Seu coração poderia muito bem ter parado de bater.

Não era possível. Andino era um homem saudável, na medida do possível. Para sua idade e linhagem, ele tinha um coração forte e uma atitude igualmente forte.

— Mas... Não, John, eu estava conversando com Andino hoje cedo. Eu sabia que ele estava indo para a casa do chefe. Ele estava bem. Kate deve ter se enganado e...

— Tony, pare com isso. Ouça-me, homem. Ela não estava enganada. Falei com Vinnie também. Sinto muito, mas eu não queria que você soubesse disso por outra pessoa. Kate me ligou da casa dos seus pais há poucos minutos. Depois que eu desligar, eu vou buscá-lo. Você tem que dizer ao seu irmão também. Eu só... Eu sinto muito.

Antony desligou o telefone, sem querer ouvir mais.

— O que está acontecendo? — perguntou Cecelia.

— Nada. — Antony disse rapidamente.

Ele não queria pensar nisso. Pensar nisso tornaria tudo real. Antony pensou que o melhor que poderia fazer era simplesmente desligar todos seus sentimentos e fingir que nada tinha acontecido.

Não seu avô.

Não era ruim o suficiente que ele não tivesse praticamente mais ninguém agora?

— Antony, respire. — Cecelia disse, agarrando seu rosto e forçando-o a olhar para ela. — Respire, bello.

Ele não conseguia.

— O que aconteceu? — Perguntou ela.

Assim era a vida.

Não havia nenhuma garantia.

Antony poderia perguntar por que e pedir respostas tanto quanto quisesse, mas Deus não tem que dar uma razão. Ele supunha que isso era o que ele mais odiava a respeito da divindade.

Dar e tirar.

Antony estendeu a mão e a tocou a barriga grande de sua esposa, sentindo o movimento da criança na palma da mão.

— Antony?

— Se o bebê for um menino, vamos chamá-lo de Dante, ok?

— Dante?

— Por Andino. Esse é o seu nome do meio, e era o nome do pai dele. Dante, tá bom?

Cecelia secou as lágrimas que escaparam dos cantos dos olhos de Antony.

— Ok, vamos chamá-lo de Dante, se for um menino.

Abril de 1988

Dante Antony Marcello chegou ao mundo em silêncio no meio da noite com pouca comoção. Ele gritou durante os dois primeiros minutos da sua vida na Terra e, assim que seu pai o segurou, o menino ficou imóvel, observando Antony com os olhos enevoados, satisfeito.

Antony conhecia o amor. Claro, ele conhecia. Sua família, sua esposa

e sua vida. Antony amava todas essas coisas. Em graus variados e de diferentes maneiras, claro, mas ele os amava.

Com Dante não foi diferente.

Foi algo instantâneo. Como a paz na alma de Antony, o orgulho em seu coração e a vida em seus braços.

Ali...

Em seus braços.

Vida.

Ele tinha feito isso.

— Oh, mio bambino. — Antony sussurrou para seu filho, olhando para todas as características do recém-nascido pelo que parecia ser a milionésima vez. Dante parecia com seu pai, mas com uma boa dose da mãe também.

— Tão perfeito, meu rapaz. Você é tão perfeito.

E amado.

Ele era muito amado.

Cecelia pensou que o bebê seria uma menina. Na verdade, ela tinha tanta certeza do sexo que comprou pouquíssimas roupas de menino. O quarto da criança tinha até mesmo sido pintado com um amarelo pálido, embora Antony estivesse corrigindo esse problema. Dante iria para casa com um quarto perfeito para um príncipe italiano. Completo com quatro paredes azuis.

Antony se lembrou de agradecer a Paulie por fazer isso.

— Caramba, ele é um menino bonito, cara. — Disse John, parando ao lado de Antony. — Ele se parece com você.

— E com Cecelia.

— Sim, mas... Você não poderia negar que é pai desse garoto, Antony.

Antony sorriu, orgulhoso demais.

— Eu sei.

— Quando você o entregar à sua esposa por uns cinco minutos, devemos comemorar com um charuto e uma garrafa de vinho.

Antony riu.

— Sim, se eu o entregar.

— Você vai ter que fazer isso em algum momento. Ele precisa mamar.

É verdade...

— Seja o padrinho dele — disse Antony para John.

— Sério?

— Sim, John. Seja padrinho do meu filho.

— Eu ficaria honrado.

John estendeu a mão para acariciar a cabecinha de Dante, um sorriso em seus lábios. A tristeza persistente em seu olhar, no entanto, não escapou a Antony.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— Nada. — John murmurou.

Esse parecia ser um mantra para seu amigo recentemente.

Outono de 1989

— Férias? — Perguntou Cecelia, segurando Dante, que se contorcia, no colo.

— Sim, mais ou menos.

— Mais ou menos?

— Um tipo de férias. — Acrescentou Antony.

Os olhos de Cecelia se estreitaram antes de ela colocar Dante de pé no chão. Imediatamente, o menino de quase dois anos de idade disparou em direção ao pai com os braços abertos.

— Papà!

Antony pegou o filho sem perder um minuto e disse:

— É, um tipo de férias, Cecelia. Nós vamos fazer o que quisermos, mas há algumas coisas que eu quero verificar na Itália. Andino tinha propriedades da família por lá e são minhas agora. Além disso, ele possuía algumas empresas. Então, sim, uma espécie de férias.

— Trabalho, então. Você estará trabalhando.

— Leite. — disse Dante, batendo na bochecha do pai com sua mãozinha.

— Ai, merda, Dante, não.

— Merda. — Seu filho o imitou.

— Meu Deus, não diga isso. — Antony repreendeu. — Palavrões, Dante. Feio. Não, eu disse. Não, filho.

— Não, não, não!

— Exatamente, não.

— Merda, não — Disse Dante, sorrindo.

Antony não aguentou. Ele riu. Agora que o menino tinha finalmente aprendido a falar e imitar outras pessoas, os palavrões de Dante não tinham fim. Era uma batalha perdida.

Cecelia, por outro lado, não achou graça na situação.

— Como vou explicar o linguajar dele quando formos à igreja, hein?

Antony deu de ombros.

— Como você quiser, Cecelia. Ele é uma criança. Não sabe de nada.

— Seria bom se você parasse de levá-lo para todos os lugares com

você.

Não, isso não ia acontecer.

— Ele gosta de passar seus dias comigo. — Disse Antony.

— E o que ele vê? — Perguntou Cecelia.

Seu futuro, provavelmente.

Antony decidiu não dizer isso.

— Você vai nesta viagem para a Itália comigo ou não? — perguntou Antony.

A mão de Cecelia desceu para a barriga ligeiramente arredondada. Seu segundo filho tinha vindo rapidamente assim que ela parou de amamentar Dante. Conceber seu primeiro filho tinha levado anos. O segundo? Não muito.

Antony compreendia a hesitação de sua esposa, apesar de tudo. A gravidez não estava sendo fácil. Ela passava a maior parte enjoando, cansada e na cama. E essa era uma das maiores razões pelas quais ele queria ter Cecelia afastada por um tempo para lhe dar um descanso antes da chegada do bebê.

Antony estava esperando um menino. Meninas o assustavam. Com meninos ele sabia lidar. Com meninas... provavelmente não.

— Umas férias seriam boas para você. — Ele disse calmamente.

— Eu não sei se eu deveria andar de avião agora, Antony.

— O bebê só deve nascer em meados de janeiro.

— E o trabalho aqui?

É uma viagem de duas semanas. Eu vou cuidar de tudo.

Cecelia ainda não parecia convencida.

— Mas...

— É Itália, Cecelia. Itália. Nossas famílias vieram da Sicília e nenhum de nós nunca foi até lá. Primeiro de tudo, eu quero que meu filho veja onde

suas raízes foram feitas.

Ela olhou para Dante nos braços de Antony.

— Ita-la. — Dante balbuciou. — Ita-la.

— Tudo bem. — Disse Cecelia, rindo. — Uma espécie de férias é o que teremos.

— Senhorita, eu sinto muito, mas você não pode voltar para lá! — Gritou um homem em italiano.

— Mas meu filho! — Gritou Cecelia. — Eu preciso estar com o meu filho!

Antony segurava um letárgico e febril Dante nos braços, desejando que a sensação de peso em seu peito fosse embora para que ele pudesse respirar. O medo era um assassino. Ele estava sugando sua alma. Cada apelo de Cecelia que ecoava pelos corredores monótonos do hospital de má qualidade o cortava no âmago e levava embora sua capacidade de pensar com clareza.

Ele queria tranquilizar Cecelia, dizer que tudo ficaria bem. Ele queria abraçar sua esposa e pedir desculpas por ter exigido que ela embarcasse naquela viagem com ele. Ele queria fingir que seu filho não estava perto da morte e que tudo não era sua culpa.

O que aconteceria, agora?

O que poderia aquele hospital, em uma pequena aldeia siciliana, com pouca ou nenhuma assistência médica digna da situação fazer por seu filho?

O quê?

Era culpa dele.

Tudo aquilo era culpa de Antony.

— Deixe-me ver o meu filho! — Cecelia gritou. — Por favor!

Dante mal se movia nos braços do pai conforme Antony era levado pelo corredor. A pele de seu filho estava cheia de manchas inchadas, grandes e vermelhas. Desde o pequeno pálido pescoço até os braços, nas costas, e todo o caminho até a fralda que ele usava. As enfermeiras tinham despido a criança, explicando que precisavam ver até onde o vírus tinha ido pelo pequeno corpo de Dante.

Em todo lugar.

Estava em toda parte.

Pegou os dois de surpresa.

Já foi erradicada, Antony se lembrou de Cecelia dizendo uma vez. Por que dar-lhe injeções desnecessárias?

Por que fazê-lo sentir dor, Antony?

Ele não culpava sua esposa por isso, de jeito nenhum.

Cecelia não tinha como saber. Ninguém os avisou, quando visitaram as aldeias, que o vírus estava no ar.

— Não podemos correr o risco de você se expor ao vírus, senhorita. Não em sua condição.

— Mas meu bebê...

A voz de Cecelia foi abafada pelo seu próprio grito desesperado.

— Sinto muito por sua esposa. — Disse a enfermeira.

Antony assentiu. Ele sentia, também.

— Obrigado.

— Ela não deve ser exposta mais do que já foi. Por causa da gravidez, é arriscado. Pode causar aborto ou matar o bebê dentro do ventre. Eu já vi isso acontecer. É terrível.

— Eu entendo. Ela vai entender também.

Em algum momento.

— Por aqui. — A enfermeira indicou a Antony em italiano.

— Sí. — Antony sussurrou.

Dentro de um pequeno quarto, a enfermeira indicou uma cama de hospital feita de metal, com um colchão afundado coberto por um lençol aparentemente limpo. Em vez de colocar seu filho na cama, Antony se deitou e pôs Dante ao seu lado.

— Você pode aquecer demais a criança.

— Então eu vou tirar a roupa. — Antony respondeu secamente.

Ele sabia que a enfermeira estava apenas tentando ser útil, mas sinceramente, ele só queria que ela fosse embora. Eles já tinham dito que era necessário diminuir a febre de Dante antes que pudessem fazer algo mais. O medicamento que podia ser dado já tinha sido. Agora, não restava nada além de esperar.

— Eu vou trazer panos frios. Temos que impedir que a febre aumente. É perigoso, ele pode convulsionar durante a noite.

Antony continuou passando as mãos pelo cabelo emaranhado de Dante. Ele estava muito quente. Sua temperatura corporal só iria prejudicar seu filho.

Como ele conseguiria deixá-lo?

Antony saiu da cama e retirou suas roupas. Estava muito frio no hospital, o suficiente para fazê-lo tremer, mas Dante estava a cada segundo mais quente.

— Traga-as para mim. — Antony exigiu, voltando para a cama com seu filho e ajeitando a criança em seus braços novamente. — Os panos frios, traga-os.

Qualquer coisa.

Ele faria qualquer coisa por seu filho.

Capítulo Treze

Dezembro de 1989

Dante mordiscou alegremente o cookie, felizmente sem entender a conversa que acontecia ao seu redor. Antony queria estar tão alheio a tudo quanto seu filho no momento. Em vez disso, ele teve que sentar-se calmo e respeitosamente enquanto um médico lhe explicava o resultado provável da doença de Dante.

— Certeza? — Perguntou Cecelia.

O médico balançou a cabeça, lançando à criança sentada no colo de seu pai um olhar triste.

— Mais do que provável, sim. Como o vírus da rubéola se espalhou sobre suas regiões mais baixas, sem qualquer tipo de intervenção para impedir de infectar seus testículos, há uma boa chance de ele ficar estéril.

— Mas ele é apenas uma criança. — Disse Antony, confuso. — Ele não... Ele não se desenvolveu como um adulto, certo? Como algo que aconteceu nesta idade pode afetá-lo na puberdade?

— É a natureza do vírus. — Explicou o médico.

Antony odiava a pouca informação que recebia. Eles tinham ido àquele especialista porque ele era, supostamente, o melhor médico para estas circunstâncias. Mas Antony pensou que o homem era um maldito charlatão.

— Nós podemos, é claro, fazer exames para ter certeza quando ele atingir a puberdade e novamente quando for adulto. Se ele for diagnosticado como estéril, há uma chance de que, conforme fique mais velho, sua fertilidade possa retornar, mas é raro. Incredivelmente raro.

— Estéril. — Cecelia disse baixinho.

Ela se culpava, ele sabia. Porque pensou que certas vacinas eram

inúteis, Dante tinha viajado sem ser vacinado e isso lhe custou caro. Antony não culpava sua esposa pelo erro inocente de julgamento. Ele só queria que ela parasse de culpar a si mesma também.

Tesoro.

— Como é que vamos dizer a ele? — Ela perguntou ao marido.

Antony não tinha uma resposta.

— Eu não sei, Cecelia.

— Eu preciso saber como que é que eu deveria dizer isso a ele, Antony.

Sua tristeza era clara. Ele praticamente podia senti-la a um quilômetro de distância.

— Eu não sei. — Ele repetiu.

— Eu também não. — Cecelia sussurrou.

Quem Dante culparia?

Janeiro de 1990

— Pode ir. — Antony ordenou, subindo totalmente a porta do armazém.

Ele observou enquanto o caminhão de bens roubados desaparecia dentro do edifício antes de fechar a porta de metal com a mesma rapidez. Às vezes, o dinheiro da Cosa Nostra vinha do tráfico, extorsão, lavagem ou outras coisas... Mas, normalmente, tudo tinha a ver com os esquemas. Roubar um grande caminhão de varejo cheio de alguma coisa e tudo valer a pena era muita sorte.

— Muito bem. — Antony elogiou os quatro membros da sua equipe,

os homens que tinham conseguido realizar o golpe. — Isso vai compensar, rapazes.

— Essa é a ideia, Capo.

Antony sorriu. — Abra e vamos ver o que há dentro. Temos muito trabalho a fazer. Esta merda tem de estar nas ruas para ser vendida de manhã. Precisamos disto fora e o dinheiro na mão até amanhã à noite. Está claro?

— Como água. — Foi a resposta coletiva.

— Comecem a trabalhar, então, porra.

Antony não era um idiota. Ele não fazia a equipe trabalhar enquanto ficava sentado, sem fazer porra nenhuma, apenas recolhendo o dinheiro. Não, quanto mais rápido as mercadorias estivessem na rua para serem vendidas, menos provável que os policiais descobrissem para onde tinham ido.

— Onde fica o telefone neste maldito buraco de merda? — Antony pediu para ninguém em particular.

Um dos caras mais jovens espiou pela parte de trás do caminhão.

— Está quebrado, Capitão.

Droga.

— Quando isso aconteceu?

O garoto deu de ombros.

— Não sei. Talvez alguém esqueceu de pagar a conta ou algo assim.

Antony acenou irritado, ordenando que o g a r o t o voltasse para dentro do caminhão. Isso não era bom. Ele ficaria preso dentro daquele armazém a maior parte da noite até ter as coisas descarregadas e prontas para entrega.

Ele nunca dormia longe de casa sem avisar Cecelia. Não que ele nunca tivesse feito isso, mas prometeu que evitaria, se fosse possível. Além disso, ela estava perto de ter seu segundo filho e Antony estava nervoso. Por outro lado, ele não poderia deixar a equipe porque se Vinnie descobrisse que

Antony havia deixado os caras sozinhos com um esquema, sem supervisioná-los, com certeza ele teria problemas.

Havia também o fato de que ele deveria prestar contas de seus serviços às sete da manhã no restaurante favorito do Don. De nenhuma maneira seria aceitável que Antony deixasse de cumprir isso.

Se não fizesse isso, levaria um tiro, com certeza. A Cosa Nostra tinha que vir em primeiro lugar.

— *Cazzo*. — Antony xingou.

Em vez de se preocupar com isso, Antony tirou o blazer e subiu no caminhão com os caras. Um segundo par de mãos faria tudo mais rápido.

Quanto mais rápido fosse feito, mais cedo ele poderia chegar em casa para ver Cecelia e Dante.

— Apresse-se. — Antony disse dentro do caminhão.

— Entendi, Capo. — Veio a resposta.

Já passava das seis da manhã, quando Antony viu todos os bens serem colocados dentro de vários veículos. Eles não embalaram a maioria para garantir que ninguém tivesse provas da procedência dos itens. Eles removeram etiquetas de identificação e depois classificaram tudo em pilhas de similaridade e preferências para ordenar em quais ruas poderiam ser vendidos melhor. Não era a primeira vez que pegavam uma carga como aquela, cheia de bolsas, joias, sapatos e roupas.

Verificando seu relógio, Antony xingou em voz baixa. Ele ainda tinha que comparecer ao restaurante antes que pudesse ir para casa, mas pelo menos poderia encontrar um maldito telefone e ligar para Cecelia no caminho.

Ainda assim, algo o incomodava. Antony tocou a parte de trás do seu pescoço, suspirando. A sensação de peso no estômago só tinha crescido ao

longo da noite e nas primeiras horas da manhã. Isso ainda não tinha passado.

— Giovanni! — Antony gritou.

O mais novo membro da equipe, que estava tirando a placa da parte de trás do caminhão, colocou a cabeça para fora na parte de trás.

— Sim, Capitão? — Perguntou o garoto.

Antony gostava de Giovanni. Ele era rápido com os pés, astuto demais, e ele seguia as malditas regras. Isso era mais do que Antony poderia dizer sobre o resto de sua equipe. Eram todos bons rapazes, com certeza, mas Giovanni compreendia que se ele queria ir mais longe do que as ruas, precisava aprender a ouvir. Não falar, ouvir.

— Eu preciso prestar contas em trinta minutos e preciso que você vá até minha casa e veja como Cecelia está. — Disse Antony.

Giovanni deu de ombros.

— Claro, Capitão.

— Agora, se você não se importar.

O garoto se levantou e passou as mãos pela calça.

— Ela está doente, ou algo assim?

— Não, eu só quero ter certeza de que ela está bem. Vou tentar ligar quando estiver no restaurante, mas eu quero alguém lá para vê-la fisicamente. Dante a mantém ocupada e ela não vai reclamar, você sabe.

— Tudo bem, Capitão.

Com um último adeus para equipe e um aviso de que ele estaria verificando-os mais tarde para ver como se saíram com a mercadoria, Antony deixou o armazém. Ele foi rápido em direção ao restaurante, uma vez que passou do limite de velocidade, o que conseguiu fazê-lo chegar cinco minutos mais cedo.

Todos os outros já estavam lá esperando quando Antony entrou na seção privada do restaurante.

— Que demora, Marcello. — Disse Vinnie. — Eu estava quase pronto para enviar um par de *cafones* para procurar você.

— Desculpe, Chefe. — Antony respondeu, ignorando os olhares curiosos que em cima dele. — Peguei uma carga ontem à noite e acabei de prepará-la há trinta minutos.

O Don bateu palmas e acenou para as cadeiras.

— Perfeito, mais dinheiro. Sente-se, então. Coma.

— Na verdade, primeiro eu preciso fazer uma ligação.

Não, você precisa sentar-se, e me deixar tomar meu café da manhã, e depois me pagar o que deve. Então, talvez você possa fazer essa ligação.

Antony sentiu a mandíbula apertar. Era sua única demonstração de irritação. O que um chefe queria, ele dava. Era assim que funcionava na Cosa Nostra. Provavelmente não adiantaria se Antony explicasse a Vinnie que tinha a ver com Cecelia, porque conhecendo seu chefe, o homem não daria a mínima.

Era tributo, afinal. Ou seja, dinheiro.

Se havia uma coisa que Vinnie amava, era dinheiro.

Sentando-se em uma cadeira, Antony tentou controlar a súbita ansiedade. Paulie se sentou ao seu lado enquanto Johnathan sentou-se do outro.

— Aconteceu algo? — Perguntou Paulie.

Antony deu de ombros, a pressão ainda em seu peito. — Não.

— O telefonema é sobre o quê? — Perguntou John.

— Só queria ver como Cecelia está.

John assentiu.

— Ela está perto de ter o bebê, não é?

— Daqui a alguns dias, mas... Eu só queria ver. Mandeí um cara até Tuxedo Park, de qualquer maneira.

Provavelmente, seria necessário dar a Giovanni vinte minutos ou mais até que ele chegasse à casa dos Marcello. Antony tentou se confortar com o fato de que alguém estaria lá para sua esposa saber onde diabos ele estava.

— Tenho certeza de que ela está bem, Tony. — John murmurou. Então, por que ele tinha a sensação de que ela não estava?

— Sim. — Antony concordou.

— O que tinha no caminhão, Marcello? — Perguntou Vinnie, levando uma colher de ovos mexidos à boca.

— Coisas de varejo. — Ele respondeu ao seu chefe.

— De qualidade ou falsas?

— Alta qualidade.

— Ótimo.

— Obrigado. — Antony murmurou.

Sob a mesa, Antony não parava de mexer a perna. Ele batia os dedos no encosto da cadeira de John ao tentar relaxar no assento. Nada funcionou. Nada parecia ajudá-lo a acalmar a fúria de preocupação infundada.

Alguma coisa devia estar acontecendo.

Antony nunca tinha se sentido assim antes.

— Como está o meu afilhado? — Perguntou John.

Rindo, Antony respondeu. — Sempre aprontando.

— Eu aposto que sim. Eu amo aquele garoto. Ele me lembra você.

John precisava ter seus próprios filhos, na opinião de Antony. Ele era bom com os monstros e brincava com seu afilhado sempre que podia.

— Quando é que você vai ter um seu, hein?

John levantou uma sobrancelha.

— Se depender de mim, com Kate, nunca.

Antony não esperava essa resposta.

— Nunca?

— Tony, ela jogou café quente em mim hoje cedo, antes de sair de casa.

Putá merda.

— Por quê? — Perguntou Antony.

— Porque eu não dormi com ela ontem à noite. Como você pode foder uma mulher que odeia, não é?

Ai.

— E eu não tenho interesse em estar bêbado ou drogado o tempo todo, porque só assim eu consigo lidar com ela e eu não estou tão desesperado para molhar meu pau. — Acrescentou John.

— Sinto muito, cara.

John gesticulou, ignorando o pedido de desculpas.

— Não importa, mas eu não vou dar a essa mulher uma criança em quem ela vai descarregar toda sua raiva. Se eu não estiver por perto quando ela estiver tendo um dos seus ataques, quem vai ocupar esse posto? Não meu filho ou filha. Eu tenho tudo de que preciso, de qualquer maneira.

— Mas você queria ter filhos, John.

— Como eu disse, tenho tudo de que preciso.

A prestação de contas só terminou um pouco mais de meia hora depois. No momento em que Vinnie desejou a seus Capos um bom dia, Antony não perdeu tempo e saiu do restaurante para achar os telefones públicos que ficavam presos à parede.

John e Paulie estavam ao seu lado enquanto ele discava o número de casa. Eles pareciam sentir sua ansiedade louca durante toda a reunião, embora tenham feito o melhor para tranquilizar Antony de que tudo estava bem.

Ninguém atendeu na casa dos Marcello.

Antony desligou o telefone, discou novamente. Ninguém atendeu. John empurrou-o para o lado e pegou o gancho.

Digitou os números de sua própria casa e encostou-se no telefone público enquanto chamava, esfregando a testa e fazendo caretas.

— Sim, Kate, oi.

Antony podia ouvir o zumbido irritante da voz de sua cunhada, mas não conseguiu entender o que ela disse em resposta. Era provavelmente algo que ele não queria saber, de qualquer forma.

John cerrou os dentes e franziu a testa.

— Sim, eu sei. Eu estarei lá à noite. Bem, você falou com sua irmã hoje ou ontem à noite, por acaso? — A chamada ficou em silêncio e John apertou mais o telefone. — Que porra é essa que você quer dizer? Ela te ligou e você não atendeu?

— Como eu disse, John. — Kate retrucou tão alto que até mesmo Antony pôde ouvir. — Eu não tenho tempo para ouvir suas queixas mesquinhas, porra. Ela é a única que já tem um filho e ficou grávida pela segunda vez. Eu não dou a mínima se ela está cansada ou com dor nas costas, OK? Não me importo.

Antony pegou o telefone de Johnathan antes que seu amigo pudesse fazer algo. Ele não conseguiu acalmar sua raiva, por mais que tentasse. A ira corria como veneno quente em seu sangue, ameaçando-o descumprir sua promessa sobre a violência.

Ele sempre gostou de um pouco de sangue.

— Você, sua puta maldosa. — Ele rosnou no receptor. — Cecelia não sabe como reclamar, Kate, e ela nem sequer te liga mais porque tudo o que você sabe fazer é reclamar sobre a injustiça de sua merda de vida. Vá para o inferno, *cagna*. E fique longe da minha casa, porra, ou eu não

hesitarei em expulsá-la como a cadela que você é.

Capítulo Catorze

Antony bateu o telefone antes de virar as costas.

— Antony...

— Eu preciso ir para casa. — Disse Antony, cortando tudo o que John estava prestes a dizer. — Cecelia não ligaria para Kate a menos que realmente precisasse.

— Ela disse que Cecelia ligou em algum momento hoje cedo depois que eu saí. Ela estava bem de manhã, Antony. Se ela ligou, ela estava bem.

Antony olhou para o relógio, o coração acelerado.

— Eu tenho que ir para casa agora.

Sem se importar por não ter se despedido direito de seu chefe e pensando que provavelmente deveria fazer uma verificação rápida em seus homens, Antony praticamente correu para fora do restaurante. Ele tinha estacionado um pouco abaixo da entrada, porque todos os pontos mais próximos tinham sido tomados por outros Capos e clientes.

— Capitão!

Antony ignorou o chamado enquanto seguia até seu carro e enfiava a chave na porta para destrancar o veículo. Suas mãos tremiam, o que o fez derrubar a porra da chave numa poça de lama. Ele se abaixou para pegá-las rapidamente, ignorando os dedos dormentes.

— Capitão, espere!

Finalmente reconhecendo a quem pertencia aquela voz, Antony se virou e viu Giovanni descer a rua, correndo.

— Não há lugar algum para estacionar aqui.

Antony olhou para o garoto, inseguro e perturbado. Não por que ele estava lá ou por que ele o havia encontrado, mas porque havia uma mancha

escura horrível na camisa azul de Giovanni. Ela tinha ganhado um tom castanho-avermelhado, mas sem dúvida Antony sabia que mancha era. Ao longo dos anos, já tinha visto muitas como aquela.

Sangue.

— Gio...

— Me desculpe, eu não cheguei aqui mais rápido, mas eu tinha que esperar pela...

— Giovanni, onde está minha mulher? — Perguntou Antony, sua voz fraca como ele nunca tinha ouvido antes.

— Capitão...

— Onde ela está?

— Ela está bem. — Giovanni disse rapidamente. — Ou ela estava quando a deixei.

— Deixou? — Antony rugiu.

— Eu tive que esperar pela ambulância! Ela está bem agora. Ela estava desmaiada quando eu cheguei lá. Arrombei a porta. O senhor provavelmente precisará consertá-la, mas ela está bem.

O coração de Antony saltou à garganta. Estava preso ali como uma rolha, tirando sua capacidade de respirar. — Meu Deus.

— Ela está bem. — Repetiu o garoto. — Mas perdeu muito sangue.

Antony sentiu como se todo seu corpo apenas flutuasse por um segundo. Ele ouviu o garoto dizer em qual hospital Cecelia estava e que Liliana tinha chegado pouco antes da ambulância para pegar Dante. Cecelia deve ter tentado ligar, ou conseguido, porque o telefone estava fora do gancho e com um som de discagem, Giovanni explicou.

A dor de cabeça de Antony só aumentava à medida que o garoto continuava a falar.

— Eu não posso dirigir. — Disse Antony, com certeza desse fato.

— O quê?

Antony colocou suas chaves na palma da mão do garoto.

— Dirija minha Benz. Leve-me ao hospital. Eu não consigo.

Giovanni não perguntou o porquê. Era muito óbvio. As mãos de Antony tremiam tanto que ele mal conseguia segurar as chaves.

— Leve-me para a minha esposa.

O garoto balançou a cabeça, confirmando.

— Claro, Capitão.

Cecelia piscou, acordando na cama de hospital, resmungando algo que Antony não conseguia entender. Sua esposa estava mais pálida como ele jamais vira e ele sabia que os cobertores enrolados em torno de seu corpo escondiam as bandagens que ele estava apavorado demais para perguntar ao enfermeiro por que tinham sido feitas.

Seu dia inteiro estava manchado com o gosto do medo.

— Ei, *Tesoro*. — Antony sussurrou quando o olhar confuso de Cecelia pousou sobre ele.

Instantaneamente, Cecelia começou a chorar.

Sem pensar que sua atitude poderia lhe causar dor, Antony cruzou o pouco espaço entre ele e sua esposa, inclinando-se sobre a cama para abraçá-la apertado. Cecelia fez uma careta, a dor nublando suas feições, mas ela não pediu para ele se afastar.

— Ai, isso dói. — Soluçou.

— Desculpe, desculpe.

— Não se afaste.

— Eu não vou. — Prometeu.

— Eu tentei ligar.

— Eu tentei sair de... Merda, mas eu não pude.

— Está tudo bem. — Ela murmurou.

Na verdade, não estava.

Cosa Nostra havia lhe custado muito naquele dia. Perder o nascimento de seu segundo filho, por exemplo. Quase perder sua esposa, também.

— O bebê está bem. — Disse Antony, querendo que Cecelia soubesse disso antes de mais nada. — Ele está no berçário com os outros dez recém-nascidos e tem os mais fortes pulmões dentre todos eles. Aparentemente, ele já tem atitude. Nós teremos problema com isso.

— Ele?

— Outro menino.

Cecelia riu baixinho.

— Deus não vai me dar meninas, Antony.

Bem, Ele não daria mais nenhum filho a eles, agora.

— Ele é lindo? — Ela perguntou em voz baixa.

— Ele se parece com Dante, mas um pouco mais parecido com você.

— Disse Antony, beijando o rosto manchado de lágrimas de sua esposa. — Tem muito cabelo, também.

— Isso explica a azia. — Cecelia fungou, escondendo o rosto contra o peito de Antony enquanto continuava. — Ele simplesmente... começou a querer sair. Sangrei muito. E senti dor, muita dor.

Antony mordeu o interior da bochecha, perguntando a si mesmo como deveria dizer a sua esposa o que os médicos tinham explicado a ele mais cedo, enquanto ela ainda estava sob efeito do anestésico. Ele imaginou que a honestidade era melhor porque ele sempre foi honesto. Cecelia sempre apreciou isso nele.

— Houve uma ruptura onde a placenta estava e rasgou o revestimento

do útero. Foi por isso que o sangramento começou e isso a colocou em trabalho de parto.

Cecelia arfou.

— O que você não está dizendo?

— Eles tiveram que tirar tudo, *Tesoro*.

— Tudo?

Ela não parecia compreender.

O coração de Antony se despedaçou um pouco mais.

— Seus órgãos reprodutivos. Eles fizeram a opção de remover seu útero devido à gravidade e...

— Pare. — Disse Cecelia, sua voz abafada em sua camisa.

— Sinto muito, querida. — Antony respondeu.

— Eu queria mais.

— Eu sei.

— Nós não...

— Eles são perfeitos. — Antony interrompeu gentilmente.

Ele abraçou sua esposa e segurou-a enquanto ela tremia, chorando.

— Eles são tão perfeitos, Cecelia. Dois meninos saudáveis. Você vai mimá-los e amá-los para sempre, não importa o que aconteça. Você já faz isso. Meninos da mamãe, certo?

Cecelia assentiu.

— Como está Dante?

— Com a sua mãe agora.

— Ela não é uma boa babá. Ela bebe muito vinho.

Antony concordou. — Paulie e sua esposa irão buscá-lo mais tarde e ficar com ele até eu chegar em casa.

— Você vai pegar o bebê para mim?

— Primeiro eles querem que você descanse.

— Não, eu o quero comigo, não no maldito berçário sendo vigiado por enfermeiras.

Antony riu.

— Tudo bem, eu vou trazer o seu pequeno *principe* Marcello.

Antony observou enquanto a esposa se apaixonava imediatamente pelo filho mais novo. A palidez de suas bochechas dera lugar a um tom róseo enquanto ela sorria; seus olhos brilhavam e ela embalou o menino contra o peito.

— Olá, *mio bambino*. — Cecelia sussurrou, traçando com os dedos os contornos do rosto do menino. — Olhe para ele, Antony.

— Eu olhei. Por horas.

Antony conhecia cada parte do rosto de seu bebê, não precisava nem olhar. Ele sabia que o nariz da criança era parecido com o de sua mãe, mas que ele tinha o cabelo escuro de Antony e a forma dos lábios também. Ele sabia que os lábios do menino se entortavam para o lado enquanto dormia e ele parecia gostar de chupar um lado da mão.

Cecelia olhou para ele.

— Olhou?

— Você esteve inconsciente por um tempo e eu não tinha nada melhor para fazer.

— Ah. Alguém veio?

— Todo mundo já veio e foi embora. Mande todos para casa. Você precisa descansar, *Tesoro*.

Cecelia abraçou o bebê mais apertado.

— Ainda não.

— Você vai acostumá-lo mal, Cecelia.

— E?

Antony apenas riu.

— Pode mimá-lo quanto quiser.

— Planejo fazer isso.

Cecelia se acomodou na cama, abrindo espaço. Ela deu um tapinha no colchão fino com a palma da mão e Antony tomou isso como um convite para se juntar a ela. Uma vez que estavam lado a lado na cama e o bebê entre eles, confortável e satisfeito, ele aproveitou o momento de paz e tranquilidade para admirar seu filho e sua esposa.

Cecelia era muito surpreendente para Antony. Ela lhe deu tudo, de fato.

— Você se saiu bem. — Ele disse à esposa.

— Quase morri, você quer dizer.

— Você se saiu bem. Obrigado.

Cecelia suspirou, passando a ponta do dedo pelo nariz do bebê. — Alguém foi me ajudar, não é?

Antony assentiu. — Um cara da minha equipe.

— Eu acho... — a testa de Cecelia franziu antes que ela continuasse.
— Eu acho que ele te chamou de Capitão.

— Provavelmente.

— Qual era o nome dele?

— Giovanni. — Disse Antony.

— Ele é jovem, não é?

— Dezesete anos, na verdade.

Cecelia franziu a testa.

— É muito novo para estar nas ruas, Antony.

— Eu tinha quinze anos.

— Ainda assim, muito jovem.

Antony olhou para sua esposa e para o filho.

— Os nossos serão jovens quando começarem também. É assim que acontece, Cecelia.

— Isso é diferente.

— Como assim? — Perguntou ele.

— Tudo o que os torna felizes me faz feliz. — Cecelia explicou, ainda extasiada com a visão de seu filho. — E se forem felizes com a Cosa Nostra, então que assim seja. Meu trabalho como mãe não é julgá-los, é amá-los e apoiá-los. Esse outro jovem, no entanto, não é meu filho. Eu só quero saber, só isso.

— Ele é um bom garoto. E é muito bom no que faz.

— Salvou minha vida. — Cecelia respondeu. — E o nosso bebê.

— É, ele salvou.

— Podemos chamá-lo de Giovanni, então?

Antony sorriu. Ele gostava desse nome.

— Sim, vamos chamá-lo de Gio.

Março de 1990

Giovanni David Marcello gritou como se estivesse sendo assassinado quando o padre espirrou a água benta em sua pequena testa. Para um bebê de oito semanas, que deveria dormir dezoito horas por dia, Giovanni era ativo e alerta. Ele também era muito escandaloso, mantinha a mãe e o pai acordados à noite e não era nada parecido com seu irmão mais velho. Giovanni não usava chupeta, só chupava o bico da mamadeira ou seu dedo, e sua mãe tinha

que embalá-lo para dormir rezando para que ele não escutasse nada ao seu redor.

Sim, problemas.

Antony já sabia disso.

Seu filho mais novo seria um diabinho. De alguma forma, Antony simplesmente sabia.

— Shhh, *bambino*. — Disse Paulie para o menino em seus braços. — Não faça barulho na igreja. É uma regra, você sabe. Você tem muitas regras para aprender ainda, garoto. Poderia muito bem seguir as mais importantes.

Antony riu baixinho enquanto o padre continuava com o batismo.

— Paulie, se isso funcionasse, Cecelia e eu não estaríamos tão exaustos.

— Bem, ele é bonito, pelo menos.

— Ele é.

Giovanni se acalmou, finalmente, mas Antony tinha a sensação de que isso não duraria muito. Seu pequeno *principe* gostava de caos e ruído. A maioria dos recém-nascidos preferia calma e quietude. Gio, não.

Apesar de os Marcello normalmente irem à igreja do chefe na maioria das missas de domingo, foi um pedido de Antony que seus meninos fossem batizados em sua igreja. Era o lugar onde seus pais tinham se casado e onde seu bisavô assistiu à sua primeira missa após descer do barco da Sicília. Antony também havia sido batizado dentro daquelas paredes.

Aquele era o seu lugar.

Não a Cosa Nostra.

Seu.

Antony sentiu os dedos de Cecelia apertarem os seus enquanto Giovanni era batizado. Tudo novamente. Com a visão do homem que o havia

molhado antes, o bebê começou a testar seus pulmões com gritos altos. Antony nem sequer se preocupou em segurar a risada cansada naquele momento.

Cecelia sorriu. Ela estava muito melhor, embora tivesse passado duas semanas internada. Mais de uma vez ela arrebentou os pontos tentando fazer coisas que não deveria. Antony apreciava a tenacidade e independência de sua esposa. Cecelia era durona, forte e assustadora de um jeito que muita gente não sabia que ela poderia ser. Às vezes, ela precisava ser contida para esfriar um pouco e deixar que outros lidassem com as coisas.

Mesmo que ela não gostasse.

— Teremos grandes problemas com ele. — Disse Cecelia em um sussurro.

— Verdade.

Mas Antony apostava que tudo seria divertido.

Mas provavelmente não.

PARTE QUATRO: LA UCCISIONE

Capítulo Quinze

Janeiro de 1994

— Merda, quantos carros você tem, Tony? — Perguntou Johnathan.

Antony deu de ombros porque, realmente, não sabia.

— Uma frota, eu suponho.

— A porra de uma frota?

— Bem, alguns não poderiam ser considerados exatamente como veículos de uso pessoal, certo?

— Eu tenho os que papai deixou e Andino tinha dois carros que foram passados para mim — explicou Antony.

John olhou ao redor da garagem de quatro portas, lotada de veículos.

— E o que aconteceu, você nunca se livrou de seus próprios carros?

— Não. Por que eu deveria? Eles fazem um serviço muito bom.

— Esta é uma baita coleção, Tony.

— Sim.

— Você dirige todos eles? — Perguntou John.

— Ocasionalmente.

Diferentes ocasiões exigiam carros diferentes, afinal. O mercado sempre lançava melhores. Antony tinha que tê-los. Cecelia nunca disse nada.

— *Papà!*

Antony pegou o cachinho de seu filho mais velho com a mão. Ele mal conseguiu despentear as mechas escuras de Dante antes de o menino correr em alta velocidade com Giovanni logo atrás dele.

— Me dá a minha arma de volta, Dante! Me dá agora!

Dante, de seis anos de idade, virou-se e com sua pistola de água na

mão e apontou diretamente para seu irmão mais novo.

— Bang, bang, Gio! Você está morto! Está me ouvindo? Morto!

— Dante Antony Marcello! — Antony gritou com seu filho.

O menino ficou instantaneamente paralisado, olhando para seu pai com olhos arregalados e marejados. Raramente Antony tinha que gritar para chamar a atenção de seus meninos. Disciplina não precisava envolver gritaria e palmadas. Sinceramente, não era algo efetivo, na opinião de Antony.

Os gritos só ensinavam a criança a temer seus pais, não respeitá-los.

— Sim? — Dante perguntou em voz baixa.

— O que você acabou de dizer ao seu irmão, hein? — Antony exigiu saber. Giovanni se escondeu atrás das pernas de Johnathan, provavelmente sabendo que alguém estava com problemas e não querendo que fosse ele. Gio era levado dessa forma. A criança sabia criar problemas e se safar com a mesma rapidez. Antony não tinha certeza de onde aquele talento vinha, mas esperava que isso ajudasse seu filho no futuro.

— Eu atirei com a arma, papà — disse Dante.

— Não, depois disso.

— Nada.

— Não minta para mim, Dante.

Dante fez uma careta. — Nós só estávamos brincando.

— Dê-me a arma de água, Dante.

— Mas, não...

Antony pegou a arma de água das mãos de seu filho antes que a criança pudesse escondê-la. Ele então a entregou de volta para Giovanni.

— Gio, quais são as regras, garoto?

— Não machucar a família. — Giovanni murmurou, segurando a arma de água com o máximo de força que podia.

— Por que isso? — Perguntou Antony.

— A família vem em primeiro lugar. — Disse o filho.

— Dante?

Dante fez uma careta. — Em seguida vem Deus.

— Obrigado. Desculpe-se com o seu irmão.

— Desculpe, Gio.

— Tudo bem. — Gio sussurrou. — Podemos ir, *papà*?

Antony acenou.

— Vão.

Quando os meninos estavam fora de vista, Johnathan riu ao lado do amigo.

— Você está criando os dois bem, Tony.

— Eu tento. — Disse Antony.

Antony levantou-se para ajudar sua esposa a servir a mesa cheia de convidados, mas Cecelia o impediu. Sentado, ele pegou o prato de comida que sua esposa ofereceu e começou a servir seus meninos, que estavam a seu lado.

Giovanni sorrateiramente pegou um pedaço de pão da travessa e o colocou na boca. Antony não conseguiu pegar a comida antes de ela desaparecer.

— Desculpe. — Gio resmungou enquanto comia, sabendo que ele estava em apuros apenas pelo olhar de seu pai.

— Não coma antes de agradecer. — Disse Antony.

— Desculpa.

— Pare de falar com a boca cheia.

— Desculpa.

— Meu Deus, Gio.

— Antony! — Cecelia repreendeu. — Não diga isso na mesa. Antony evitou o olhar divertido de seus filhos para com ele agora.

— Desculpe, *Tesoro*.

Os convidados sentados ao redor da mesa riram com o show. Não era sempre que Cecelia e Antony entretinham pessoas depois da missa no domingo, mas Vinnie pediu para que os Marcello fizessem isso naquela semana. Por não querer um monte de gente em sua casa, mas incapaz de negar a seu chefe sem parecer rude, Antony fez o que lhe foi dito.

Cecelia lidou com a cozinha.

Antony ficou longe dela.

Contando os pais de Cecelia, Paulie e sua esposa, Johnathan e Kate, e alguns de Capos que levaram alguns parentes, a mesa estava cheia. Apesar de Antony não gostar de ser sufocado por pessoas, ele não se importava de ver os outros felizes e alimentados à sua mesa.

Talvez deversem fazer isso mais vezes.

— Deixe o menino comer. — Vinnie disse a três cadeiras de distância. — Ele é um *principe* em crescimento e precisa de seu alimento, Marcello.

Antony se forçou a ficar quieto, mas sabia que seu filho não colocaria outra coisa na boca enquanto seu pai não fizesse a oração. Vinnie não estava acostumado a não ficar na cabeceira da mesa nem comendo na casa de outra pessoa quando não estava no controle. Mais do que tudo, Antony desprezava que dissessem como ele deveria lidar com seus filhos.

Com a mesa servida, Antony deu as mãos a seus meninos, inclinando a cabeça, e disse seus agradecimentos. Depois, a conversa fluiu facilmente, enquanto comiam. Havia algo nos italianos e sua comida, Antony sabia. Não era apenas uma refeição, mas um encontro de amigos e familiares. Uma

maneira de ficar conectado com aqueles com quem você se preocupava e aqueles que se preocupavam com você.

— Será que conseguiremos outro pequeno *príncipe* ou *princesa* para a família? — Perguntou Vinnie, dirigindo sua pergunta para o final da mesa, onde estavam Kate e Johnathan.

Antony pigarreou baixinho, sentindo-se desconfortável por seu amigo com a pergunta. Anos haviam passado em seu casamento, e Johnathan e Kate não tinham filhos. Realmente, os dois mal toleravam um ao outro, o que Antony compreendia, mas eles mantinham uma boa relação de aparência para as pessoas de fora.

Kate conhecia seu lugar. E John o dele. De alguma forma, eles faziam a coisa funcionar.

— Talvez. — John murmurou antes de encher a boca de pão com manteiga.

— Bem, ele teria que ficar em casa com mais frequência para que isso acontecesse. — Disse Kate com uma risada que era tudo, menos alegre. — E por que ele voltaria para casa se tem sua *goomah* para cuidar de tudo isso para ele?

A conversa à mesa parou instantaneamente.

Cecelia engasgou com o vinho, acenando com a mão à frente do rosto enquanto lançava a Antony um olhar cortante. Antony não tinha certeza do que dizer a sua esposa. Ele nem sabia que Kate estava ciente de que John tinha uma amante.

— Kate. — Johnathan assobiou. — Não é o momento.

— É verdade, John. — Kate sorriu e deu de ombros, pegando seu copo de vinho e balançando-o de modo que o líquido dentro girasse. — Não tenha vergonha disso. Papai teve uma dúzia ou mais de prostitutas desde que se casou com mamãe.

Put a merda.

O rosto de Vinnie ficou vermelho, assim como o de sua esposa.

— Johnathan, leve sua esposa para outro lugar e explique a ela como deve ser o comportamento adequado à mesa de outro homem.

Johnathan não disse uma palavra, empurrou a cadeira para trás, desculpou-se com Cecelia e Antony e, em seguida, saiu da sala de jantar. Kate seguiu o marido, mas não sem antes dizer:

— Ah, eu sei como me comportar, papai.

— Minhas desculpas. — Disse Cecelia, mal piscando conforme as palavras saíram de sua boca.

Vinnie sorriu, mas foi forçado.

— Kate poderia aprender uma coisa ou duas com você, Cecelia.

— Certo.

Antony sentia-se grato porque o resto dos convidados não disse nada e voltou a comer como se tudo estivesse bem.

Dante, como o pequeno cavalheiro que era, comeu devagar e com cuidado. O garoto não sabia ser desleixado. Ele fazia Antony lembrar muito de si mesmo, na verdade. Dante era o correto e educado entre ele e o irmão, mas um pouco barulhento também. Ele seguia as regras, principalmente.

Giovanni, por outro lado, tinha massa e molho espalhados pelo corpo. Ele não gostava de garfos e não sabia como se manter limpo.

Quando teve certeza de que seu filho mais novo tinha feito bagunça suficiente e estava terminando de encher a boca com massa que não havia pousado na mesa, no chão ou em seu corpo, Antony tirou Giovanni da cadeira. Desculpando-se, ele levou o filho para a cozinha.

Giovanni riu, se contorceu, e tentou evitar o pano o melhor que pode, enquanto seu pai limpava seu rosto e corpo sujos. Sabendo que as roupas do rapaz eram uma causa perdida, Antony tirou a camisa e a calça de Giovanni e jogou as peças manchadas na pia até que tivesse tempo para lidar com elas.

— Não se mova. — Antony disse a seu filho.

— Mas...

— Gio, não se mova. *Papà* logo estará de volta com roupas limpas.

Giovanni assentiu na hora.

— Ok. Eu vou ficar parado.

— É melhor.

— Eu vou.

Felizmente, Cecelia gostava de manter algumas trocas de roupas para os meninos no andar de baixo, para que não tivessem que andar pela casa duas ou três vezes por dia para trocar seus filhos quando se sujavam. Os meninos sempre ficavam sujos. Era algo inevitável.

Especialmente Gio.

Antony levou vinte minutos para limpar Giovanni, pegar para o menino uma roupa nova para vestir, e vesti-lo novamente. Até o momento em que Antony voltou para a sala de jantar, a maioria da louça havia sido retirada e Vinnie e Liliana tinham desaparecido. Kate e John não tinham voltado à mesa.

Enquanto Cecelia pegava os últimos pratos, Antony perguntou:

— Aonde é que o chefe foi?

— Falar com Kate.

Antony se retraiu.

— Perfeito. Não tem sobremesa?

— Eu acho que o nosso apetite está mais do que satisfeito hoje.

Colocando Giovanni, já limpo, no chão a seus pés, Antony suspirou.

— Desculpe, *Tesoro*.

Cecelia deu de ombros.

— Ela tem que ser o centro das atenções. Sabemos disso.

— Foi o seu jantar.

— Ah, bem.

O mais novo Capo, Daniel, sentado ao lado de sua esposa na outra extremidade da mesa, sacudiu a cabeça. Ele apontou um dedo para sua esposa, Valentina, à frente de seu rosto, quase de modo zombeteiro. Antony se conteve para não dizer ao homem para ter um pouco de respeito com a mulher com quem se casara.

— Se você fizer algo assim, Val, eu vou bater no seu traseiro até ele ficar roxo. Aja como uma cadela e será tratada como uma, entendeu?

Cecelia engasgou abruptamente.

A irritação de Antony fugiu do controle.

Não em sua casa.

Não na frente de seus filhos ou esposa.

Não com outros mafiosos presentes.

Não, de jeito nenhum, porra.

Antes que Antony pensasse que Cecelia e Giovanni estavam no cômodo para testemunhá-lo disciplinar o Capo mais novo, ele foi até Daniel. Antony agarrou o cabelo na parte de trás da cabeça do homem e esmagou o rosto sério de Daniel contra a mesa de carvalho com um baque assustador. O sangue do nariz quebrado que Daniel agora ostentava se espalhou pela mesa e no guardanapo de seda de Cecelia.

Sem se importar e sabendo muito bem que parecia cruel, Antony puxou Daniel para cima e virou o rosto sangrento do homem na direção de sua esposa, que chorava silenciosamente.

— Peça desculpas. — Antony ordenou.

Daniel tossiu sangue.

— *Papà?* — Chamou Giovanni, de olhos arregalados e confusos.

— Meu Deus, Antony. — Cecelia sussurrou.

Antony ignorou os dois.

— Daniel, você vai pedir desculpas a sua esposa por ser um tolo desrespeitoso na minha casa, ou você não vai sair daqui.

Daniel engoliu em seco.

— Peço desculpas, Val.

Ele largou o homem.

— Vinnie não vai gostar de ver você agindo assim, Tony. — Disse Timmie, o Capo mais velho sentado ao lado da esposa, atordoado e sem palavras.

— Se ele não reforça a porra das regras, eu reforço. — Antony respondeu.

— Especialmente nesta casa.

— Não xingue na minha sala de jantar. — Disse Cecelia, ainda sem se mover de seu lugar no outro lado da mesa.

Dante entrou correndo na sala de jantar com dois carrinhos de brinquedo na mão. Ele mal reagiu ao homem sangrando ou à tensão óbvia ali. Em vez disso, ele se aproximou de seu irmão e deu a ele um dos carrinhos.

Virando-se para seus filhos, Antony acenou para a bagunça que havia feito. Esta era outra lição. Mais uma regra para os meninos aprenderem. Os dois meninos estavam quase acostumados às reações de seu pai, tanto física como de outra forma, quando se tratava de outros homens agora. Seus dois

filhos passavam uma grande parte do tempo com Antony, e por isso podiam ver o pai lidando com sua equipe.

Nem sempre aconteciam coisas boas.

— Dante, Gio. — Disse Antony, ganhando a atenção dos dois.

— Sim? — Responderam juntos.

— Nunca desrespeitem uma esposa. Nem a sua nem a de qualquer outra pessoa.

— Nunca? — Perguntou Giovanni.

— Jamais. — Dante disse por seu pai.

Valentina chorava enquanto segurava seu marido sangrando. Antony suspeitava que Daniel passaria a ter cuidado com o que dizia a partir de agora quando estivesse em sua presença. Francamente, ele deveria saber como agir. Antony nunca suportou esse tipo de comportamento e não se importava de relembrar as regras para os homens.

Quando uma regra na Costa Nostra era quebrada, tudo saía dos trilhos.

Tudo poderia se perder, então.

Cecelia fez um gesto para os guardanapos de seda arruinados, obviamente perturbada, mas conseguindo esconder muito bem. independentemente do esforço, manchas de sangue não saíam.

— O que você fez? — Sua esposa finalmente conseguiu perguntar.

Antony deu de ombros. — Eu vou te comprar novos. Na verdade, pinte o maldito cômodo e compre guardanapos que combinem.

— Ok, tudo bem.

E foi só isso.

Capítulo Dezesseis

Fevereiro de 1994

— Cecelia, você poderia vir aqui um momento? — Antony chamou de seu escritório.

Antony esperou com o máximo de paciência até Cecelia aparecer na porta, com um espanador no quadril e Giovanni sob seus pés. Aquela criança era um filhinho da *mamma* por completo.

Giovanni tirou seu novo item favorito da calça jeans e brincou com ele, um pequeno canivete, abrindo e fechando, tomando o cuidado de segurar a faca corretamente. Cecelia não tinha gostado desse presente, mas não disse nada depois que Antony explicou que seu pai tinha lhe dado um quando tinha a mesma idade de Gio. Dante tinha um também, embora Antony percebesse que o filho mais velho estava mais interessado no que seu pai fazia do que no que ele poderia fazer sozinho.

No entanto, Gio conhecia as regras. Enquanto ele fosse cuidadoso com a faca, poderia mantê-la. Se ele agisse como um pequeno *cafone*, ele a perderia.

— Do que você precisa? — Perguntou Cecelia.

— O que você acha melhor, Indústrias Marcello ou Marcello Investimentos?

— Indústrias.

Sim, foi o que Antony imaginou.

Suas empresas tinham crescido, de restaurantes e clubes para casas, investimento, desenvolvimento e propriedades. Não havia crescimento sem nenhum risco. Era um jogo que Antony estava lentamente começando a aprender.

Mas ele queria fazer tudo do jeito certo, que também significava ter uma marca.

— Bem, investimento também funcionaria, se é do que você gosta. — Disse Cecelia com um encolher de ombros. — Mas, sinceramente, eu prefiro Indústrias. Quem sabe no que você vai se aprofundar no futuro, Antony? “Investimentos” pode não funcionar em todos os casos, enquanto “indústrias” abrange um amplo espectro.

— Eu concordo. Eu só queria ouvir você dizer isso, também.

Cecelia sorriu.

— Obrigada por perguntar.

— Você sempre me diz como fazer.

— Sim.

Todos os outros, menos o chefe de Antony, tinham muito medo de falar. A única razão pela qual Vinnie falava era porque o homem sabia que Antony tinha respeito pela Cosa Nostra e pelas regras acima de qualquer coisa.

Antony levantou os dois projetos que tinham sido entregues a ele no início do dia.

— Qual você prefere?

— Por que não estou surpresa com o fato de você ter os desenhos feitos com Indústrias Marcello em vez de Investimentos?

Ele riu.

— Eu te disse, eu sabia o que você diria. Qual deles, Cecelia?

Cecelia mordeu o lábio.

— Eu não sei. Os dois são muito impressionantes.

Eu acho que você acertaria escolhendo qualquer um.

— Eu gosta do grande, *papà*. — Disse Giovanni.

— Gosto. — Antony corrigiu. — Por quê, Gio?

— Porque é grande.

A lógica de uma criança de quatro anos era a melhor. Antony olhou para o design maior.

Aparentemente, era lógica de uma pessoa de trinta e cinco anos de idade também.

— Sim, será o grande.

Dia dos Namorados de 1994

Antony ficou nas sombras das árvores na frente da casa, observando quando o carro da sua esposa chegou ao portão de entrada. Ele havia instalado o sistema de segurança um ano ou mais atrás, como medida de precaução. Eles provavelmente não precisavam daquilo, e coitado do infeliz que conseguisse burlá-lo.

O carro de Cecelia foi impedido de entrar pelo portão, como Antony tinha instruído o guarda da frente a fazer. Ele riu baixinho quando Cecelia saiu do carro, xingando como ela costumava fazer, enquanto o homem acenava do portão.

— Esta é a droga da minha casa, você sabe! — Cecelia repreendeu o guarda.

— Eu sei, senhora.

— Pare de me chamar assim. Pareço ter cinquenta anos na sua opinião?

— Sra. Marcello, o Sr. Marcello me instruiu a...

— Ah, para o inferno você e Antony.

Antony mal conteve o riso enquanto Cecelia subia pela entrada dos

automóveis usando saltos e um vestido. Foi uma boa caminhada de dez minutos ou mais até o portão da casa. Ela provavelmente pensou que era qualquer outro dia, considerando que ela passou metade dele fora de casa trabalhando na galeria de arte que tanto amava. Ela provavelmente presumiu que os meninos estavam em casa. Dante já teria voltado da escola. Giovanni já teria voltado de onde Antony o tivesse levado para passar o dia.

Ela estava enganada.

Os rapazes estavam passando o dia com os avós. Uma pausa para seus pais, enquanto Antony levava Cecelia para um encontro de Dia dos Namorados particular. Ele não conseguia fazer essas coisas tanto quanto queria. Não havia tempo suficiente para isso, infelizmente.

Parecia que quanto mais velhos eles ficavam, e quanto mais tempo de casados eles tinham, essas coisas escapuliam. Mas Cecelia nunca se esquecia de lembrar a Antony, a seu próprio modo, que estava por perto. Ele não precisava dos lembretes, mas usava todas as oportunidades que tinha para dar a Cecelia seu amor e atenção, porque se ela pedia, era porque de fato precisava. Ele não necessitava saber o motivo, ele apenas oferecia.

Quando Cecelia estava a cerca de trinta passos do local onde Antony estava escondido, sua caminhada foi interrompida com uma parada abrupta. Pétalas de flores, tulipa, sua espécie favorita, tinham sido espalhadas pela calçada. Se ela as seguisse como Antony esperava que fizesse, Cecelia acharia algo especial só para ela.

Ela as seguiu.

Sorrindo, Antony enfiou as mãos nos bolsos e manteve-se nas sombras das árvores enquanto seguia sua esposa de modo que ela não pudesse vê-lo. As pétalas de tulipa voaram da garagem para mais perto da mansão e na direção da neve meio derretida, já que era o mês de fevereiro. Sabendo que Cecelia gostava de saltos, Antony tinha aberto um caminho para

ela para que seus pés não ficassem frios e úmidos enquanto ela procurava sua surpresa.

Conforme Cecelia dava a volta pela lateral da casa, ainda seguindo a trilha, Antony surgiu das árvores. Ele esperou longos minutos que sabia que seriam necessários para ela chegar aos fundos da casa antes que ele passasse para o outro lado. Vindo de trás da casa, Antony encontrou Cecelia onde ela havia parado na parte de trás do edifício que cercava sua piscina coberta.

Ela estava no meio de uma enorme praça marcada por fitas. Mais pétalas de tulipa estavam espalhadas ao redor de seus pés.

— O que você acha? — perguntou Antony.

Cecelia girou de costas, muito perto de escorregar no chão coberto de neve. — *Mio Dio*, você me assustou, Antony!

Antony riu. — Onde você pensou que eu estava?

— Em algum lugar, eu não sei... Pare de rir de mim.

Ele ficou sério e fez um gesto para a parte de fitas.

— O que você acha, este é um bom local?

Cecelia olhou para ele com curiosidade. — Para quê?

— Bem, a maioria das pessoas chamaria de uma pousada, suponho. Mas eu achei que poderíamos chamá-lo de retiro para Cecelia, que apenas as pessoas mais especiais podem usar quando ficarem aqui.

Um sorriso largo se abriu em seu rosto, fazendo o de Antony crescer.

— Você vai construir uma casa para mim fora da nossa casa?

— Eu disse a você, um *retiro*.

— Chame uma casa de casa, Antony.

— Certo. Sim, uma casa. Você vem dizendo que queria uma casa de hóspedes junto com a piscina, mas você precisa de alguma coisa, também. Um lugar no qual você possa se esconder dos meninos durante cinco minutos. Ou de mim, até.

Cecelia estendeu a mão e Antony a pegou, puxando sua esposa para perto de seu peito. Ele se deliciava no calor e no cheiro dela, que só o faziam amá-la mais. Ele sempre a amava mais cada vez que a abraçava.

— Eu nunca mais quero ficar longe de você. — Ela sussurrou.

— Então, sem retiro para Cecelia? Eu não fiz a fundação, ainda.

— Não, eu não disse isso.

Antony sorriu. — Foi o que pensei.

— Por que as fitas? — Perguntou Cecelia.

— Algo proverbial. Está muito congelado agora para enfiar uma maldita pá na terra.

— Ah, eu entendo.

— Primavera. — Antony prometeu. — E você começa a projetar cada metro quadrado.

O sorriso de Cecelia se alargou.

— Você me mima.

— Eu faço isso porque você merece. Esposa feliz, vida feliz, você sabe.

Antes que ele pudesse reagir, a mulher inclinou-se, pegou seu queixo nas mãos e puxou-o para um beijo ardente que instantaneamente fez seu sangue esquentar e o pau endurecer. As mãos agarraram seu casaco, enquanto as mãos de Antony desciam por suas costas até ele estar apalpando sua bunda.

— Onde estão os meninos? — Ela perguntou, sem fôlego e com olhos nebulosos.

— Vão passar a noite fora.

— Não me entenda mal, mas graças a Deus.

Antony a beijou novamente, tomando sua boca com golpes intensos da língua enquanto seu gosto se misturava ao dele. Cecelia não se retraiu

perante a aspereza de seus lábios e dentes acariciando-a enquanto empurrava a parte inferior de seu corpo contra o dela.

Ele queria que aquela mulher sentisse o que ela fazia para ele, todos os dias, durante todo o dia.

— Muito frio aqui fora. — Ele a ouviu murmurar contra sua boca.

— Para casa, Cecelia, depressa.

Levou muito tempo para levá-la para dentro. Cecelia não queria parar de tocá-lo. Sua boca não parava de beijar a dele no ar frio, parando a caminhada até a parte de trás da casa. Quando ele fechou a porta dos fundos, Cecelia estava tremendo. Mas suas mãos ainda a percorriam.

Antony puxou o casaco da esposa ao mesmo tempo em que ela desabotoava sua calça. As palmas frias deslizaram para dentro de sua cueca e ele se retraiu ao sentir o frio que tomou seu pênis rígido. Antony sentia dor de dentro para fora conforme ela o bombeava lentamente, sua mão nos pontos certos para fazê-lo abafar um gemido em seu pescoço.

Pressionando a esposa contra a parede, Antony colocou uma mão ao lado da cabeça de Cecelia enquanto a outra descia por seu vestido. Quando ela o tirou, ele passou para sua calcinha, encontrando-a molhada e quente para ele. Cecelia suspirou, o som mais doce e suave, sua mão tremendo no pau dele quando ele abriu os lábios de seu sexo e entrou nela com dois dedos.

Antony não queria perder tempo. Eles tinham muito pouco.

— Eu quero que você goze nos meus dedos e boca antes que eu a foda contra esta parede, *Tesoro*. Eu quero que você grite meu nome tão alto que o som ficará permanentemente impregnado na porra dessas paredes.

Cecelia estremeceu, a mão apertando o membro dele com mais força.

— Quer?

— Sim. E então eu quero você nua em um cobertor na frente da lareira pelo resto da noite. Vinho, chocolate, você, eu, e nada além de pele.

Parece bom para você?

— Deus, sim.

— Solte o meu pau e me deixe trabalhar, então.

No momento em que a mão dela largou seu pau latejante, Antony pegou o pulso de Cecelia na palma da mão e prendeu os braços contra a parede. Ele não queria provar apenas a boceta de sua esposa até que ela gozasse na sua língua, ele queria provar tudo. Cecelia gemia e se contorcia sob o olhar de seu marido enquanto ele beijava e chupava seu pescoço, sua clavícula e descia mais, onde a queda do vestido deixou exposto o meio de seus seios. Antony puxou mais o vestido, rasgando-o e expondo mais de sua pele e seios para ele.

Cecelia arfou.

— Eu gosto deste vestido!

— Eu vou...

— Comprar um novo para mim. Cale a boca, Antony, e me foda.

Antony riu. Sua esposa o conhecia muito bem.

Ele removeu o tecido de renda que cobria os seios, dando a mesma atenção a seus peitos que dava a sua boca e pescoço. Prendendo o mamilo entre os dentes, Antony mordeu com força suficiente para fazer a esposa sentir uma pontada de dor e deixar sua marca.

— Amo ver minha marca em seu corpo. — Antony murmurou contra a pele de Cecelia.

— Você me marcou toda, Antony.

Sim, caralho, com certeza, sim.

Cansado da roupa que os separava, Antony ajudou sua esposa a tirar o vestido, soltou o sutiã para deixá-lo cair no chão, e soltou as próprias roupas também. De joelhos, Antony enganchou a perna de Cecelia por cima do ombro antes de dar um beijo suave por cima de seu clitóris.

— Tão bonito — disse ele. — Sempre, *Tesoro*.

Os dedos de Cecelia encontraram o caminho para o cabelo de seu marido enquanto sua boca descia por seu sexo. Ele queria o gosto dela inundando sua boca e ela chamando seu nome. Era a melhor maneira de passar qualquer noite. Movendo a língua entre suas dobras, Antony encontrou a umidade que estava procurando. Ela estava quente e firme em sua boca e Cecelia não conteve um único som enquanto sua língua passava por sua fenda e por seu clitóris bem rápido, em movimentos intensos. Ele conhecia bem o corpo dela, sabia fazer como ela gostava até deixá-la tremendo, gritando e gozando rápido.

Mantendo o ritmo da sua língua, Antony enfiou dois dedos em seu canal apertado, encharcado. Seus músculos internos o envolveram com força, mexendo o quadril para se esfregar em sua boca e mão enquanto ele curvava os dedos até encontrar o ponto certo. Ele soube quando conseguiu. Cecelia gritou, sua vagina apertou seus dedos e seu clitóris pulsou sob sua língua.

— Cristo... *Antony!*

Ele não lhe deu tempo para se recuperar enquanto ela tremia durante o orgasmo. Antony ficou de pé em um segundo, colocando a esposa contra a parede e encaixando-se entre suas coxas. Levantando a perna apenas o suficiente para colocar seu pau ao longo de sua fenda, Antony flexionou os quadris uma vez e a penetrou com uma longa estocada.

Ela era a felicidade para ele. Desde sempre. Perdia o fôlego toda vez que tinha o prazer de foder sua esposa. Nada jamais parecia o mesmo. Seus sons, seu cheiro e a sensação de seu corpo o envolvendo.

Amor puro. Êxtase carnal.

Perfeição.

Cecelia estava prensada contra a parede enquanto o pau de Antony penetrava sua vagina bem fundo. Ele pressionou a parte inferior das

costas dela e usou a outra para fixar seus braços sobre a cabeça. Ela estava à mercê dele, incapaz de se mover, e assim disposta a ser usada e amada por ele.

Porque Antony não sabia como tratar Cecelia Marcello sem amor no coração.

Tortuosamente lento, Antony mexeu o quadril, deixando sua esposa sentir cada polegada de seu membro penetrando-a, tomando-a. Cecelia tentou se mover contra ele, mas a força dele sobre ela a mantinha no lugar.

— Pare de me provocar. — Cecelia sibilou.

— A paciência é uma virtude.

— E eu sou uma mulher mimada por sua causa. Eu quero sentir você me fodendo forte, Antony.

— Mmm, palavras como essas farão você conseguir tudo. Estou dentro de você, Cecelia. Você está me sugando bem gostoso. Deus, seu cheiro é delicioso.

Cecelia choramingou. O som saiu desesperado e sôfrego. — Me fode.

— O que você quiser.

— Me fode.

Antony não hesitou e penetrou Cecelia por trás. Prendia os braços dela com as mãos conforme seus gritos ricocheteavam nas paredes. Os sons do sexo entre eles entraram direto no coração de Antony, tornando seu pênis tão duro como concreto.

— Meu Deus, isso é delicioso. — Cecelia murmurou.

— Já faz muito tempo. — Antony forçou as palavras por entre os dentes cerrados. — Amo te comer. Meu Deus, você me deixa louco.

Mais do que tudo, Antony adorava ouvir seu nome na boca da esposa. Como se ele fosse o único homem para ela. Como se só ele pudesse fazer por ela o

que ela precisava e queria. Quanto mais forte ele a fodia, quanto mais ásperos seus impulsos se tornavam e mais força prendia seu corpo contra a parede, mais Cecelia parecia gostar.

— Sim, porra, faz muito tempo. — Antony arfou. — Não há nada melhor do que foder você, Cecelia, porra.

— Eu vou gozar. — Cecelia sussurrou.

Caralho, sim.

Capítulo Dezesete

— Nós vamos ser sempre assim, não é? — Cecelia perguntou em voz baixa.

Antony falava baixinho, passando o braço ao redor da parte inferior das suas costas, enquanto ela se estendia por seu corpo sob o cobertor. Sua cama improvisada no chão não era especialmente confortável, mas funcionou.

— Juntos, você quer dizer?

— Apaixonados. — Ela respondeu.

— Sim. Eu não consigo pensar em um momento em que não estive apaixonado por você.

Cecelia pigarreou, recusando-se a encontrar seu olhar ao perguntar:

— Nunca?

— Não. Não desde que eu conheci você, pelo menos.

— Então, nunca houve outra pessoa na sua vida?

Antony não entendeu o que sua esposa estava perguntando.

— Eu estive com outras mulheres antes de você, mas você sabe disso.

— Não, quero dizer... Depois de nós...

— Cecelia! O que é isso?

Sua esposa escondeu o rosto da vista dele, mas Antony praticamente conseguia sentir suas bochechas vermelhas.

— Eu tinha que perguntar, Antony. Eu *tinha* que fazer isso.

Deus, *por quê?*

— Eu já te fiz pensar que havia outra pessoa? — Perguntou ele.

Cecelia sacudiu a cabeça.

— Por que me pergunta isso, *Tesoro*? Nunca houve ninguém além de você desde que nos conhecemos. Eu nem sequer pensei em sair com outra pessoa ou ter alguém ao meu lado. Eu não sou... Isso não é do meu feitio, entende? Você é minha. Você é tudo de que eu preciso e quero. Você sempre foi, Cecelia.

— Mas...

— O quê? — perguntou Antony.

— Johnathan e Kate. Nós realmente não falamos sobre o que aconteceu naquele jantar no mês passado. Você sabia que ele tinha uma amante, não é?

Antony suspirou forte.

— Sim, mas ele sabe que eu não aprovo e eu nunca conheci a mulher.

— Mas você sabia.

— E daí?

— Não seria fácil para você também? Como é com John?

— Não.

— Por que não?

— Porque eu te amo e ele não ama Kate.

— Meu pai ama minha mãe. Ou é o que ele diz, pelo menos.

— Não da maneira certa, obviamente. — Antony deu de ombros. — Se ele amasse, Liliana seria tudo o que Vinnie precisa. Mas ele sempre teve uma prostituta ou duas ao lado dele. Você provavelmente já tem um irmão ou dois por aí, e nem sabe.

— Talvez.

— Eu não acredito em infidelidade, Cecelia. Eu não ajudo John a manter seus segredos e, na verdade, ele nem sequer fala mais comigo sobre sua amante porque eu não quero ouvir sobre isso. Eu nem sabia que ele ainda estava com alguém, na verdade.

— Será que ele a ama? — Perguntou Cecelia.

Antony assentiu.

— Ele disse que sim, há muito tempo. Eu suspeito que ainda seja a mesma. Ele a conhece há um bom tempo, pelo que sei. Desde que eles eram adolescentes, eu acho.

— Ah.

— Você está bem? — ele perguntou à mulher.

— Sim, eu estou bem.

— Isso é algo deles, Cecelia. Não nosso. Eu sempre serei fiel a você. Você é minha.

— Eu sei. Podemos voltar a fazer sexo, então?

Antony sorriu.

— Voltemos a fazer sexo.

Até que a vida os interrompesse, ele supôs.

Os lábios de Cecelia traçaram um caminho tentador pelo peito de Antony. Sua mão encontrou seu cabelo, sabendo muito bem para onde estava indo. Quanto mais perto ela chegava do seu pênis, mais forte ele apertava. Em seu umbigo, a língua de Cecelia lambeu sua pele. Ela olhou para ele com pálpebras pesadas, os olhos brilhando com luxúria e amor.

— Diga, Antony, quer foder minha boca?

— Porra. — Ele gemeu.

— E então? Isso não é uma resposta. Você quer que eu chupe seu pau?

— Para uma boca tão linda, ela é muito safada, Cecelia.

— Você adora.

— Amo você, você quer dizer.

Cecelia sorriu.

— Ama?

— Sim, você.

As palavras de Antony foram interrompidas pelo som do seu telefone de casa. Ele soltou um palavrão e jogou a cabeça para trás na montanha de cobertores e travesseiros.

— Puta que pariu. — Antony rosnou.

Cecelia riu, rolando de cima do marido.

— Vá. Eu vou ficar aqui... Eu não vou a lugar algum, eu prometo.

Antony ficou de pé, vestindo a calça de dormir e uma camisa que Cecelia tinha trazido junto com os cobertores. — É melhor você não se mexer, porra. Eu não terminei de fazer o que estava fazendo com você ainda, Cecelia.

— Espero que não.

Ele não atendeu o maldito telefone antes que parasse de tocar. Mas nem sequer teve a oportunidade de voltar para sua esposa, pois alguém ligou novamente. Dando a sua esposa um sorriso do outro lado da sala de estar, Antony atendeu a chamada.

— *Ciao*, Marcello falando.

O silêncio foi a resposta, mas Antony ouvia respirações lentas do outro lado da linha.

— Alô?

Nada.

Antony estava a dois segundos de bater o telefone.

— Eu não tenho tempo para esta merda...

— Antony.

A palavra foi dita em meio ao que parecia ser uma névoa total de dor. Antony sentiu o próprio peito apertar quando a voz familiar soou agonizante.

— Paulie?

— Eles... Eles... Eles...

Antony pegou o telefone sem fio, ligou-o, desligou o outro telefone e deu as costas para Cecelia antes de deixar a sala de estar. Algo lhe disse que tinha que mudar de cômodo, que tinha que sair da vista de sua esposa porque ela poderia não querer ver o que viria a seguir.

— Paulie, fale comigo. — Antony murmurou.

— É John. — Paulie sussurrou. — Eles o encontraram.

Antony balançou a cabeça, confuso.

— O que quer dizer com “eles o encontraram”? Ele estava em casa hoje cedo, não é?

— Foi Vinnie, Antony. Vinnie.

— O que tem Vinnie?

— Foi ele.

Antony podia ouvir os soluços sufocados de seu velho amigo ecoando através do telefone.

— Paulie, eu não estou entendendo.

— Ele o matou, porra. Bateu na cabeça dele e, em seguida, deixou o corpo do lado de fora nos degraus da casa de seu pai. Vinnie fez isso!

Um gosto amargo surgiu na boca de Antony, a bile subindo por sua garganta.

— Não. — Antony sussurrou.

— Vinnie...

— Não.

O caixão era tão pesado no ombro de Antony que parecia que ele ia cair no chão e nunca mais ser visto. O sabor amargo permanecia em seus lábios e se transformaram em uma carranca da qual ele não conseguia se

livrar. O coração de Antony tinha sido ferido e mais uma vez, ele sentia que não conseguia respirar.

Os sinos da igreja soaram, as pessoas separaram dos carregadores, incluindo Antony, enquanto a chuva caía.

Era o clima apropriado para o dia, no mínimo.

Pelo menos Deus tinha conseguido acertar uma maldita coisa.

Nada mais estava certo.

Antony se sentia como se sua mão esquerda tivesse sido amputada.

Na parte da frente do caixão, ele só precisava virar a cabeça e veria a mão direita. Paulie usava óculos escuros estilo aviador, mas sua mão sob o caixão, segurando-o como Antony fazia ao seu lado, estava pálida e trêmula.

Seu chefe tinha feito isso.

Seu chefe tinha levado seu amigo.

Antony não conseguia se lembrar de uma vez em sua vida em que já tivesse se sentido tão completamente errado antes. Ele amava a Cosa Nostra — era, e sempre foi — a sua vida inteira. Tinham tirado seu chão, as coisas que ele achava que sabia e nas quais acreditava foram viradas de cabeça para baixo com uma simples ação.

A Cosa Nostra falhou com ele. *La famiglia* o machucou.

Era, sem dúvida, uma parte de sua vida. Era esperado que Antony aceitasse que o que havia acontecido com Johnathan Grovatti não passasse de negócios. Ele deveria aceitar a escolha de Vinnie de bater em Johnathan até a morte com um taco de beisebol antes de largá-lo na frente da casa de seu pai, morto e sangrando, com a cabeça arrebitada.

Disseram a Antony que ele deveria apagar os anos de amizade com John.

Disseram a ele que a morte de John tinha justificativa — *honrosa*. John era o padrinho de batismo de Dante. Ele tinha sido o padrinho de

casamento de Antony.

Lembrou que tinha chorado muito depois que Paulie ligou. Lembrou que se sentiu destruído e ficou se perguntando o porquê. Lembrou-se das mãos de Cecelia correndo sobre sua forma trêmula, puxando-o do chão com suas emoções controladas que ele não poderia esquecer.

— Eu não consigo respirar. — Antony sussurrou.

As pessoas estavam muito longe para ouvi-lo, mas ele sabia que Paulie podia.

— Eu não consigo respirar. — Repetiu ele.

Paulie suspirou trêmulo.

— Só mais um pouco, cara.

Quanto mais Antony fingia não haver nada de errado com ele para manter a aparência, mais ele acreditava que ficaria para sempre daquela forma. Frio, insensível, e desligado do mundo. Ele não tinha outra escolha.

O peso caindo no peito de Antony, apertando seu coração e pulmões até a morte, só parecia ficar mais pesado a cada passo que davam até o carro fúnebre.

John não tinha feito nada de errado.

Ele tinha sido, na maior parte da vida, um bom homem. Ele tinha sido o melhor amigo de Antony.

A morte de John foi a primeira coisa que a Cosa Nostra havia tomado de Antony. Ele tinha visto outros homens sofrerem por seus erros ao longo dos anos. Ele havia enterrado outros homens a quem considerava amigos. Com John não era igual.

Antony não seria o mesmo depois disso.

Uma pergunta ainda batia no peito de Antony: por quê? O olhar de Antony encontrou o de Kate Grovatti.

Ela. Foi tudo por causa dela.

Ele me batia, ela mentiu.

Ele me machucou, ela disse.

Suas contusões vieram do nada. Seus gritos tinham sido falsos como sempre. Como ninguém mais poderia ver isso, Antony não tinha certeza. Poderiam, ele sabia, mas todos eles fingiam não ver, porque ninguém queria ser o próximo.

Kate era totalmente podre.

Ela estava ao lado de Cecelia, Liliana, e um sereno e tranquilo Vinnie Catrolli.

O chefe estava observando. Ele sempre estava observando Antony, porra.

— Queria saber se ele acredita que você está planejando alguma coisa — Paulie disse baixinho.

— Bem, ele deveria — disse Antony, ainda levando o caixão de seu amigo para seu passeio final. — Eu quero que ele me veja chegando.

Março de 1994

Uma semana virou duas num piscar de olhos diante de Antony. Duas se transformaram em três e, em seguida, quatro. Ele não podia mais deixar passar. Aquilo o devorava constantemente. O assassinato de John estava matando Antony porque ele ainda tinha que fazer alguma coisa.

Qualquer coisa.

A neve estava levando mais tempo para derreter naquele ano do que o normal. John tinha sido colocado em uma cripta até que o degelo da primavera viesse e ele pudesse ser devidamente enterrado. Antony se

lembrava vagamente de empurrar o caixão de John na gaveta, dando um tapinha na tampa uma última vez para dizer adeus, mas sem querer deixá-lo partir.

— Eu sinto falta dele. — Antony disse calmamente. — Dante pediu para ir lá algumas vezes. Como você explica para uma criança que o avô matou seu padrinho?

— Antony, se Vinnie perceber que você está planejando qualquer coisa que seja contra ele...

Antony calou Paulie com um único olhar.

— Fique fora disso.

— Como posso fazer isso?

— Paulie...

— *Cazzo*, eu acabei de perder o John. E é normal que você esteja abalado também. Eu não posso fazer isso, foi demais perder John. Deixe isso para lá.

Antony engoliu em seco, vendo os filhos perseguirem um ao outro pelo quintal.

— Eu não posso, Paulie.

— Tony...

— Antony. — Ele corrigiu rapidamente.

Paul franziu a testa.

— O quê?

— Antony, não Tony. Não mais. Tony viveu pela Cosa Nostra e deu coisas demais a ela.

— A Cosa Nostra não fez isso.

— É a mesma coisa. — Antony murmurou.

— Você fez um juramento, Antony.

Antony assentiu, seu olhar encontrando os filhos novamente.

— Eu prometi a minha vida. Eu sei o que eu disse quando fiz a *omertà*.

— É para a vida toda.

Era.

— Então, eu vou torná-la melhor, torná-la maior e mais forte. Cosa Nostra é a nossa coisa, algo nosso, Paulie. Meus meninos não vão fazer isso como fizemos. Eu vou cuidar bem para que não façam. *Principes* de fato é o que eles serão. Não vou colocar meus filhos na *la famiglia*, não uma como esta. Eles terão controle. Eles vão criar as regras. Só eles.

— O que você está dizendo?

Os anos difíceis estavam chegando. Antony podia sentir isso dentro de si.

Nada seria fácil ou seguro por muito tempo.

— Nós não vamos ser a família Catrolli por muito mais tempo.

— Antony! — Paulie sibilou. — E quanto a sua esposa e filhos? O que eles fariam se você fosse o próximo a aparecer espancado até a morte, hein?

Ele ignorou o aviso do Paulie.

— Eu tenho outras coisas com que me preocupar no momento.

— Como o quê? — Paulie perguntou.

— Lina, goomah de John. Eu preciso encontrá-la. Ela merece saber o que aconteceu com ele.

Capítulo Dezoito

Abril de 1994

Antony analisou as fotografias de uma bela jovem e um homem familiar. Se ninguém soubesse a verdade, provavelmente olhariam para as imagens granuladas e pensariam que aquele casal tinha estado junto, provavelmente casados, talvez por um tempo.

As imagens eram separadas por anos.

Johnathan e Lina em uma praia, em jantares e festas compartilhadas como um casal.

Antony *sabia*.

Deus, ele sabia disso no passado.

Era o sorriso no rosto de John, ou a forma como ele segurava o rosto de Lina na palma da mão. Estava nos olhos de John quando ele nunca deixava de olhar para sua amante ou como Lina se encaixava perfeitamente ao lado dele.

Ele amara aquela mulher.

Eu a amo como você ama Cecelia.

— Me desculpe, eu não te ouvi, John. — Antony murmurou, mexendo na caixa de sapatos cheia de imagens, documentos e bugigangas novamente. Ele se perguntou se havia algo que talvez não tivesse visto. — Eu deveria ter escutado você.

Nas fotos, ela estava linda.

Alguma coisa.

Ele precisava de algo para encontrar aquela mulher.

O apartamento de Lina já estava vazio havia um mês, disse o

proprietário. O homem tinha sido inteligente o suficiente para manter o que parecia ser importante e o que a mulher poderia gostar de manter se ela voltasse. A família de Lina tinha as mãos limpas. Na verdade, o pai da mulher praticamente cuspiu na cara de Antony antes de ele bater à porta.

Ele não podia julgá-los.

Nem todo italiano queria se meter com a máfia.

— Havia mais alguma coisa? — Perguntou Antony, com a garganta seca e suas palavras roucas.

O homem careca sacudiu a cabeça.

— Desculpe, é só isso aí mesmo. O resto tinha que desaparecer. Mas foi uma pena, porque Lucky tinha um monte de coisas. Talvez ela tenha levado as fotos, porque não havia nenhuma no apartamento e eu sei que ela tinha várias.

Antony estava muito perdido para ouvir o que o homem dizia.

— Certo. Posso levar isso comigo?

— Claro.

Tonto e entorpecido, Antony saiu do prédio de apartamentos que era, para todos os efeitos, um lugar decente e em uma boa parte da cidade. Ele tinha estacionado o carro mais para baixo na rua apenas no caso de alguém o reconhecer. Tinha que haver uma razão para Lina ter ido embora, afinal. Talvez ela soubesse que alguém viria atrás dela.

Já dentro de seu carro, Antony jogou a caixa no banco do passageiro. Um pedaço dobrado de papel que ele não tinha notado preso entre as abas internas da caixa caiu no topo da pilha. Ele o pegou e abriu, lendo o documento.

Seu coração se acelerou.

Algo bom?

Algo incrível, mesmo que tenha sido idiota da minha parte deixar que

acontecesse. Mas eu ainda não posso contar a ninguém.

Algum dia você vai entender.

Sim... Um dia.

Lucky tinha um monte de coisas.

Enquanto momentos surgiam um após o outro como cenas de cinema nas memórias de Antony, ele só conseguia ver três palavras.

Um nome, na verdade.

Luciano Johnathan Grovatti.

A data na certidão de nascimento dizia que o menino era um ano mais velho que o filho de Antony, Dante. Na verdade, o aniversário de um e o do outro tinham apenas dias de intervalo.

Antony não conseguia voltar a respirar.

A letra familiar de John tinha sido rabiscada no canto esquerdo, afirmando que ele era o pai do menino.

Todo esse tempo...

Antony tinha desperdiçado anos evitando a amante de John e sua segunda vida. Ele ignorava tudo isso simplesmente porque não concordava, em vez de dar a seu amigo alguém em quem confiar. John tinha muito sobre o qual nunca teve a chance de falar.

Como o fato de ter um filho.

— Sinto muito. — Antony sussurrou, ainda olhando para o nome. — Eu sinto muito.

Maio de 1994

Antony levantou a imagem para a janela de vidro e comparou-a com a

mulher sobre a cama de metal com o lençol puxado até o queixo. Ela estava um pouco mais jovem na imagem e, claro, viva.

Sem dúvida, mesmo assim era ela.

— É ela?

— Lina Bassaneli. — Antony confirmou calmamente. — O que aconteceu?

— Estrangulamento, parece.

— Com mão ou outra coisa? — perguntou Antony.

— Outra coisa. — O médico respondeu vagamente.

— Um fio, então.

Não foi nem sequer uma pergunta.

Vinnie gostava de seus fios. Bem, gostava de pedir que outros os usassem.

— E qual é seu nome, senhor? — Perguntou o homem a Antony, com a caneta sobre um bloco.

— Ninguém. — Antony respondeu com um encolher de ombros.

Ninguém importante.

Apesar de não querer nada com Antony, a família de Lina o tinha contatado quando ela saiu do esconderijo para pedir ajuda. Eles deram o que podiam. Ela não tinha ficado muito tempo, mas foi um erro, mesmo assim.

Vinnie tinha pessoas vigiando. Pelo menos, é o que Antony acreditava.

Antony tinha gastado todo o seu tempo livre, pela cidade toda, à procura de uma mulher que se encaixava na descrição de Lina. Infelizmente, ele a havia encontrado.

— Senhor, nós precisamos...

Antony pegou a caneta e o bloco de papel do homem, escreveu o endereço da mãe e do pai de Lina. — Pronto, esta é a família dela.

Ele os contataria em um ou dois dias.

A família pobre não seria capaz de pagar um funeral. Antony proporcionaria um para eles.

De alguma forma.

Junho de 1994

— As indicações foram abertas na semana passada. — Antony informou ao garoto.

Giovanni, membro da equipe favorita de Antony, que tinha salvado sua esposa e filho tantos anos antes, abriu um sorriso.

— É?

— Sim, e eu te indiquei.

— Tire suas roupas, temos que ter certeza de que você não está trazendo escutas. — Disse Paulie.

Giovanni lançou a ele um olhar bravo, mas fez o que lhe foi dito, puxando a camisa e abaixando a calça e a cueca sem um pinga de vergonha. — Continue olhando, Paulie. Eu não tenho nada do que me envergonhar.

— Vá se foder, *cafone*. — Disse, rindo. Ele jogou uma toalha para o rapaz. — Cubra suas coisas, mantenha a boca fechada, a menos que mandem você falar, e tente não os irritar.

Lembranças tomaram a mente de Antony, ameaçando quebrar a calma, a fachada de tranquilidade. Ele já tinha sido aquele garoto. Ele tinha feito essa mesma coisa.

— Pelo menos o clima está quente. — Antony observou, olhando para o céu escuro de junho.

— Quando foi o seu? — Perguntou Giovanni.

— No meio da porra do inverno. Congelou minhas bolas.

— O cargo ainda é seu, no entanto.

— Jurei entregar toda a minha vida para consegui-lo. — Antony suspirou, olhando para o garoto. — Você está pronto para isso?

Giovanni sorriu.

— Você sabe que sim, chefe.

— Eu não sou o chefe aqui, Giovanni.

Ainda não, pelo menos.

Estava muito escuro do lado de fora do armazém familiar. Mesmo uma década depois, Vinnie era o mesmo que sempre tinha sido. O homem gostava que as coisas fossem parecidas. Ele não gosta de mudanças em sua vida. Desde que se tornara um homem feito, Antony tinha visto uma dúzia ou mais de homens serem feitos naquele mesmo armazém. Assim como sua cerimônia de iniciação tinha ocorrido tantos anos atrás, ele sabia que a de Giovanni seria naquela noite.

Bem, em parte.

— E você, Paulie? — Perguntou Antony. — Você está pronto para isso?

Ele nem sequer hesitou. — Por John, sim.

— Por John, então.

O interior do armazém estava silencioso e envolto em trevas. Antony deu a um Giovanni, quase completamente nu, um empurrão, fazendo o jovem parar

no meio da sala. Ele então recuou e acendeu o interruptor que acionava o holofote e expôs Giovanni para os homens, garantindo ao mesmo tempo que ele não pudesse ver os homens de *la famiglia*.

Inferno, mesmo escondido nas sombras do armazém, sentados em

cima de caixas, engradados e de pé nos cantos, os próprios homens da família do crime Catrolli não podiam ver uns aos outros.

Parecia um bom momento para fazer o que precisava ser feito, na opinião de Antony.

Antony caminhou ao longo da parede leste do armazém, de olho no Don de sua família conforme Vinnie entrava no círculo para cumprimentar Giovanni por indução. A *omertà* era sagrada para eles, até mesmo para Antony era uma cerimônia intocada por anos de mudança. Claro, as palavras poderiam ser ditas de forma diferente. Cada família tinha sua própria maneira de fazer ou dizer as coisas, mas o significado da *omertà*, o resultado final, seria sempre o mesmo.

— Existem apenas duas maneiras de você sair daqui. — Disse Vinnie, sua voz ecoando por todo o armazém. — Como um homem feito ou morto. Você está preparado para dar continuidade a esta noite, independentemente de como ela possa acabar para você?

Antony sorriu, sabendo a resposta de Giovanni.

— Eu estou.

— Então, vamos começar.

Antony finalmente chegou no local no armazém onde queria estar. Ficando de olho em Vinnie enquanto o chefe questionava o jovem sobre *la famiglia* e seu desejo pelo cargo, Antony tirou a jaqueta, sem querer dificultar as coisas para ele mais tarde.

Não houve hesitação nem preocupação pesando na mente de Antony.

Um homem inteligente esperava.

Ele planejava.

Esses tipos de homens eram os mais perigosos. Eles são silenciosos. Um homem que não seria emocional, mas que deixaria que a raiva e a necessidade de vingança fervessem até passarem a comê-lo vivo.

Mas apenas por dentro.

Por fora, ninguém saberia.

Antony era um homem inteligente.

Vinnie parou à beira do círculo de luz, Antony deu um passo adiante, mais perto de seu chefe.

— Não se mexa, fique quieto a menos que peçam para você falar, e responda a todas as perguntas que *la famiglia* fizer a você, Giovanni. — Disse Vinnie.

Quando Vinnie desapareceu da vista dos outros homens, voltando à escuridão como Antony sabia que seu chefe faria, era a hora. Antony puxou o fio enrolado do bolso de trás da calça, deixou-o se soltar, e atacou.

O fio foi eficaz. Vinnie gostava dele, na verdade. Antony pensou que seria apropriado que o homem morresse do mesmo jeito que ele tinha escolhido para que outra pessoa morresse. *Lina*.

Vinnie relutou, mas não emitiu um som. Antony apertou o fio na garganta do Don, forçando o corpo do homem enquanto torcia o fio em sua mão com um pouco mais de força. As mãos de Vinnie deram um tapa em Antony. Suas unhas arranharam sua face, com certeza arrancando sangue.

Doeu. Doeua pra caralho.

Antony não emitiu um som sequer. Ele continuou segurando o fio, contando os segundos até que Vinnie parasse de lutar e seu coração parasse de bater.

Então talvez... então talvez, Antony finalmente seria capaz de respirar novamente. Talvez ele seria capaz de visitar o túmulo de John e pedir desculpas pelas coisas que ele não se dedicou a aprender. Talvez então ele se sentiria como se tivesse finalmente feito algo certo e digno de Cosa Nostra.

Antony começaria removendo uma coisa que a envenenava: Vinnie Catrolli.

— Eu teria amassado seu crânio, como você fez com John, Vinnie, mas isso é muito mais eficaz para os meus propósitos. — Antony sussurrou no ouvido do homem que estava morrendo asfixiado. — Você vê, o que você fez mostra que você não passa de um covarde. Você conseguiu alguém para surrar meu amigo até a morte. Você teve alguém que largou o corpo dele onde sua família pudesse encontrá-lo. Você conseguiu alguém para fazer todo o seu maldito trabalho sujo. Não percebeu ainda, Vinnie? Um bom chefe faz isso com as próprias mãos.

Antony riu. O som era tão vazio quanto seu coração.

— É, assim é melhor. — Antony continuou, segurando o fio com força, sem soltar mesmo quando Vinnie começou a ceder. — É melhor, porque quando as luzes se acenderem, todos eles vão ver. Cada um deles vai saber exatamente do que eu sou capaz. Eles vão saber que te matei a menos de cinco metros de distância, ainda que não tenham notado nada. Se eles são homens inteligentes, vão ter medo de mim e vão ficar quietos. Se não, vou cuidar disso também.

Vinnie ainda estava muito quente contra Antony, como se seu sangue estivesse correndo por suas veias, completamente sem oxigênio enquanto o corpo tentava lutar para sobreviver pela última vez. Seria inútil.

Todo o tempo, Antony focou no jovem no meio do círculo de luz, respondendo às perguntas lançadas a ele pelos homens de *la famiglia*. Giovanni respondeu com seu humor habitual, o que lhe valeu ondas de risos.

— Você me chamou de imundo uma vez. — Disse Antony para Vinnie, esboçando um sorriso de canto de boca. — É hora de mostrar a eles como os Marcello podem ser imundos, porra.

O corpo de Vinnie finalmente parou de lutar.

Antony segurou o fio durante 60 longos segundos antes de deixar o corpo cair no chão de cimento... Só para ter certeza.

Capítulo Dezenove

Como a iniciação de Antony, a do jovem Giovanni demorou muito.

Quando chegou a hora de o chefe dar um passo de volta à luz para cortar o homem, fazê-lo falar as regras e seu juramento, Antony foi o único que surgiu dentro do círculo. Murmúrios confusos se espalharam pelo armazém. Antony continuou andando para a frente até parar de pé, frente a frente com Giovanni sorridente.

Vou te dar o cargo, garoto.

Antony tinha feito essa promessa muito tempo atrás. Cumpriria a promessa, literalmente, naquela noite.

— A tua mão? — pediu Antony.

Giovanni estendeu a mão, palma para cima. Antony ainda estava esperando que algum homem no armazém percebesse que algo estava muito errado, encontrasse o interruptor de luz e expusesse o que tinha acontecido. Ninguém o fez.

— Não há necessidade de usar uma arma, Giovanni. Não há necessidade de dar um tiro para mostrar o que vai acontecer se você não puder falar e terminar o seu juramento de forma verdadeira e completamente.

— Antony disse calmamente. — Você sabe o que vai acontecer.

— Você vai me matar.

— Vou. — Antony puxou um canivete do bolso, um que seu pai tinha lhe dado anos atrás. Ainda era o favorito de sua coleção. Ele fez um corte longo, de sete centímetros, na mão de Giovanni, mas não afastou a lâmina. — Aguenta isso, Gio. Deixe o corte sangrar em torno da lâmina. Deixe a dor lembrá-lo da cicatriz que você vai carregar a partir desta noite e o que isso significa. Essa nossa coisa, é tão significativa e importante que às vezes

esquecemos seu porquê e o que faz com que ela seja assim. O mais importante é garantir que continue sendo nossa. Eu espero que você faça isso também.

Giovanni concordou com a cabeça, mas ficou quieto, segurando firmemente a faca como tinha sido instruído. Ele não vacilou e Antony sabia que tinha que doer muito.

— As regras. — Disse Antony. — Diga-me.

Calmamente, com uma voz clara e segura de seus desejos, Giovanni recitou as regras mais fundamentais da Cosa Nostra. Antony tinha quebrado uma delas naquela noite.

Nunca tire a vida de outro homem.

Ele não se arrependia.

Ele não podia se arrepender.

— Você está entrando por vontade própria? — Perguntou Antony.

— Sim. — Respondeu Giovanni.

— O juramento, então.

Antony ouviu as palavras serem ditas, aquelas que ele conhecia de cor, aquelas que ele sabia que o resto dos homens no armazém conhecia, também. Um sentimento sólido havia tomado seu coração, acalmando os nervos, finalmente.

— Acendam as luzes. — Antony exigiu quando Giovanni terminou.

Com o armazém iluminado, Antony não moveu um único músculo. Dois estrondos provenientes de tiros ecoaram pelo armazém. Ele não precisou se virar para saber o que tinha acontecido.

Paulie fez seu trabalho. Ambos, o novo subchefe e o *consigliere* de Vinnie foram mortos.

Era o jeito da máfia, afinal.

Gritos alterados e confusos ricochetearam pelo armazém. Os homens

podiam ver o corpo de Vinnie. Eles podiam ver Paulie com armas apontadas e esperando. Não era preciso ser um gênio para descobrir o que tinha acontecido.

Naquela noite, o armazém desapareceria, seria totalmente incendiado. Pela manhã, o corpo de Vinnie seria descoberto, assim como os corpos de seus homens.

Antes que os homens da família do crime Catrolli fossem embora, eles entenderiam duas coisas.

Um, eles tinham um novo chefe.

E dois, os Catrolli não existiam mais. Apenas os Marcello.

Antony não tirou o olhar de Giovanni.

— Bem-vindo à *la famiglia*.

— Obrigado, chefe.

Sentado no sofá, Antony olhou para a parede conforme a luz do dia se infiltrava através das grandes janelas da sua casa. Depois que ele chegou de volta à mansão dos Marcello, encontrou um lugar para se sentar e não se mexeu.

Acima de qualquer coisa, ele precisava pensar.

Nada seria o mesmo, não que tivesse sido desde o assassinato de Johnathan. Agora, seria totalmente diferente. Antony não era apenas um membro, era o chefe. Ser o Don nunca tinha sido um de seus objetivos. Isso nunca tinha passado pela sua cabeça, mas ele não teve escolha.

Matar Vinnie significava ter certeza de que ele não enfrentaria consequências mais tarde. A única maneira de fazer isso era manter o cargo mais alto. Então, Antony o assumiu.

O som de pés batendo pelo corredor em direção à cozinha chamou a atenção de Antony naquela direção. Levantando do sofá, ele andou até onde o café estava sendo servido. Cecelia cantarolava atrás do balcão da cozinha, sem saber o que seu marido tinha feito na noite anterior.

Sua vida seria diferente agora, também.

Antony suspeitava que ela conseguiria lidar com isso. Ser esposa de um chefe, uma rainha da máfia. Cecelia Marcello tinha nascido para isso.

Saber que o marido havia matado seu pai seria algo totalmente diferente.

— Cecelia. — Antony disse calmamente.

Ela não o escutou.

— Cecelia.

Sua esposa se virou, surpresa, arregalando os olhos muito verdes.

Rapidamente ficou preocupada.

— Antony?

— Me desculpe, eu não liguei ontem à noite, *Tesoro*.

Cecelia balançou a mão.

— Está tudo bem. Os meninos me mantiveram ocupada.

Eles sempre faziam isso.

— O que aconteceu com o seu rosto? — Perguntou Cecelia, inclinando-se sobre o balcão para analisar o rosto do marido. Suavemente, seu polegar tocou o arranhão.

— Nada importante.

— Bem, parece estar doendo, Antony.

— Estou bem.

— Isso é sangue em sua camisa? — Perguntou Cecelia.

Antony suspirou, olhando para a mancha avermelhada em seu peito.

— Sim. Os meninos estão dormindo?

— Eles brincaram muito ontem à noite. — Disse ela.

— Eu aposto que sim. Você vai ter que andar com alguns seguranças por um tempo, está bem?

— Por quê? — Ela perguntou.

Antony deu de ombros.

— Porque sim.

Porque ela era a esposa de um chefe. Sempre seria um alvo. Porque a limpeza de sua Cosa Nostra significava limpar as outras famílias Cosa Nostra em Nova York. Se isso significava que a família Grovatti fosse exterminada no processo, que assim fosse.

Havia muitas razões para citar.

— Eu preciso de você em segurança. — Antony disse calmamente, imaginando que era a melhor coisa a dizer. — Eu te amo, então eu preciso de você em segurança, Cecelia.

— Quanto tempo? — Perguntou Cecelia.

A honestidade era a melhor política.

— Para sempre.

Cecelia parou a xícara de café que estava levantando à boca.

— O que disse?

O telefone da cozinha começou a tocar, interrompendo a conversa. Aquela poderia muito bem ser o resumo da história da vida deles. Alguém estava sempre se intrometendo. Alguém sempre estaria. Antony queria preparar sua esposa para o que ela descobriria com aquele telefonema. Ele imaginou que poderia ser melhor se ele não fizesse isso.

Verificando o relógio na parede, Antony observou as horas. Liliana gostava de fazer seu passeio matinal no mesmo horário todos os dias. Ela teria encontrado o corpo do marido no fim da rua deles trinta minutos ou mais atrás.

Desta vez, ele sabia o porquê do telefonema. Era Cecelia quem não sabia.

— Atenda o telefone, *Tesoro*. — Disse Antony.

— Antony?

— Atenda.

Com a testa franzida, Cecelia pegou o telefone sem fio e atendeu a chamada.

— Casa dos Marcello, Cecelia falando.

No mesmo instante, o belo rosto de sua esposa empalideceu. Antony podia ouvir os gritos frenéticos, desesperados de sua sogra do outro lado da linha, suas palavras inteligíveis em meio aos soluços. Antony não moveu nem desviou o olhar de Cecelia.

Não demorou muito tempo para sua esposa unir os pontos. Ela ergueu o olhar para ele novamente, para suas roupas sujas e para a mancha de sangue. Ela provavelmente estava percebendo a aparência cansada dele e recordando sua observação sobre os guarda-costas.

Ela sabia.

— Ma... — Disse Cecelia, com a voz fraca e rouca. A histeria de Liliana continuou.

O olhar de Cecelia percorria a feição de pedra de Antony. A dor brilhou em seus olhos. Lágrimas brotaram, ameaçando cair. Foi seu único arrependimento. Machucar Cecelia era um fardo difícil de carregar. Ela não gostava do pai, com certeza, mas Vinnie ainda era o pai dela. Ele a tinha feito. Ou metade dela, pelo menos.

Antony pegou um pedaço dobrado de papel, abriu-o e colocou sobre o balcão diante da esposa. Era a certidão de nascimento do pequeno Luciano. Ele ainda não tinha conseguido encontrar o menino. Ele não sabia onde procurar ou com quem Lina poderia tê-lo escondido.

Cecelia não tocou no papel, mas olhou para ele. Sem uma palavra, desligou o telefone com a mãe ainda chorando.

— Meu pai. — Disse, sacudindo a cabeça. As lágrimas finalmente começaram a cair.

— Eu sinto muito.

— Você... Não é?

— Sim. — Antony murmurou.

— Deus, por quê?

Antony tocou na certidão de nascimento com um dedo.

— Por ele.

— Mas....

Vinnie matou a mãe dele, também. A amante de John. Ele a matou. Este menino está por aí em algum lugar, Cecelia. O filho de John está por aí.

— Luciano.

— Como Lucky. — Disse Antony. — O antigo mafioso Lucky.

— Lucky. — Sua esposa repetiu.

— Reze para que esse menino saiba seu próprio nome para que eu o encontre.

O olhar de Cecelia encontrou imediatamente o de Antony.

— Encontrá-lo?

— Eu preciso trazer este menino, Cecelia. Eu devo isso a John e eu preciso que ele fique seguro. Então, sim, Vinnie tinha que morrer.

Sua esposa parecia prestes a vomitar.

Era uma coisa difícil perceber que seu marido era um monstro.

Antony não culpava Cecelia por seus sentimentos.

— Encontre-o. — Repetiu a mulher.

— Foi o que eu disse.

— Não, Antony, encontre este menino.

A paciência de Antony estava por um fio enquanto ele permanecia quieto no canto, observando a família e amigos de luto pelo homem que ele havia matado três semanas antes. Os funcionários se recusaram a liberar o corpo por mais tempo, mas por fim eles não tiveram escolha. Sem nada para continuar, o cadáver de Vinnie foi liberado para sua família com a permissão para o enterro.

Cecelia abriu sua casa para a família e amigos após os serviços funerários. Ele supôs que isso era tudo parte do show, afinal. Eles precisavam manter as aparências.

Ele suspeitava que a maioria sabia, caso contrário, eles tinham um bom pressentimento de que foi ele quem tirou a vida de Vinnie.

Antony ofereceu a Paulie um aceno de cabeça quando o homem se apoiou na parede ao lado de seu velho amigo.

— Como você está? — Perguntou Paulie.

— Melhor. — Antony admitiu.

— Cecelia?

— Está falando comigo.

Paulie riu.

— Isso é mais do que estava acontecendo na semana passada.

— Dante fez com que ela se sentisse culpada, eu acho. Ele perguntou por que ela estava com raiva de mim, então ela mentiu e disse que não estava. Mas está falando comigo por causa dos meninos desde então.

— Ela vai...

— Ficar puta por muito tempo. — Antony interveio com um encolher

de ombros. — E com razão.

— Vai melhorar.

— Quando?

— Vai demorar. — Paulie respondeu.

— Como estão os homens? — Perguntou Antony.

Paulie levantou uma sobrancelha, olhando incisivamente ao redor da sala.

— Dê uma olhada, Chefe.

— Hum, mas você está mais perto deles agora do que eu. É o seu trabalho como meu *consigliere* saber essas coisas, né?

— Eles são... obedientes.

Antony assentiu. — Vamos mantê-los assim.

— E Kate? — Perguntou Paulie.

Bem, Antony ainda não tinha decidido sobre ela.

— Cecelia nunca me perdoaria. Ela a odeia, eu sei que odeia, mas... Eu não sei, é família, Paulie.

— Eu entendo isso. — O amigo disse baixinho.

Antony olhou para o outro lado da sala, encontrando Kate imediatamente.

A cadela estava olhando diretamente para ele.

— Mas ela sabe, também. — Acrescentou Antony.

Sorrindo e esperando que Kate tomasse a ameaça silenciosa como uma promessa, Antony fez o sinal de uma arma com os dedos e apontou-a em sua direção, puxando o gatilho. Ela se encolheu.

Era apenas uma questão de tempo.

— Ela sabe.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei. — Antony murmurou.

A respiração tranquila, rítmica de Padre Peter acalmou Antony de uma forma que ele não conseguia entender. A Igreja sempre tinha sido seu porto seguro, o lugar para acalmar a agitação interior. Do outro lado do confessionário, Padre Peter ficou em silêncio até que Antony estivesse pronto para continuar.

— Já faz... — Começou Antony — Muito tempo desde a minha última confissão.

— Dez anos. — O padre disse.

Antony riu friamente.

— Isso tudo?

— Você se confessou uma semana antes de seu casamento por causa de Cecelia. Você queria começar com tudo limpo com ela, se bem me lembro.

— O senhor está certo, como sempre.

— Bem, eu tento.

Antony soltou um suspiro, sentindo um peso puxando seus ombros para baixo. Durante algum tempo depois do assassinato de Vinnie, isso tinha desaparecido. Agora, estava de volta. Antony precisava que fosse embora novamente.

— O que aconteceu, Antony? — Padre Peter perguntou.

— Coisas.

— Conte-me. Você sabe que esta sempre foi uma zona segura. Eu nunca vou julgá-lo, não sou eu que tenho que fazê-lo.

— Eu falhei com um amigo.

— É mesmo?

Antony assentiu, embora o padre não pudesse vê-lo.

— Eu o julguei por suas escolhas e ignorei coisas que não queria ver. No final, eu falhei com ele por causa disso. Eu não fui um bom amigo para ele, não como deveria ter sido.

— O arrependimento é um fardo pesado que nós, seres humanos, enrolamos na garganta como um laço. E nunca o carregamos tão bem quanto pensamos.

Não era mesmo verdade?

— E eu magoei a minha esposa. — Antony acrescentou depois de um momento, sabendo que essa era outra coisa que o incomodava. — O perdão não é fácil para uma mulher como Cecelia Marcello.

Padre Peter riu.

— Antony, o perdão vem com muita facilidade para uma mulher como Cecelia. Você sabe disso.

— Então por que não o recebi?

— Você pediu a ela?

— Não. — Antony sussurrou.

— De quem é a culpa?

— Minha.

Padre Peter bateu de leve na partição que os separava. — Sua penitência é sua consciência, Antony. Eu não preciso lhe dar mais.

Sem outra palavra, Antony se levantou e abriu as cortinas do confessionário para sair. Ele encontrou a esposa e os filhos esperando do outro lado. A confissão raramente era realizada após os cultos de domingo, mas o padre tinha aberto uma exceção. Antony acreditou que Cecelia levaria seus meninos para o carro e esperaria por ele.

Ele deveria ter sabido que não.

Cecelia soltou a mão de Dante para que pudesse pegar a de Antony.

Ele a segurou.

— Vamos para casa. — Disse sua esposa. — Nós temos um jantar para servir, não é?

— Temos.

Enquanto caminhavam em direção à parte de trás da igreja, Dante puxou a mão livre de seu pai.

— O que foi, rapazinho? — Perguntou Antony.

— Lucian virá em breve?

Antony quase tropeçou.

— O que disse?

Cecelia apertou a mão de seu marido com força.

— Logo, Dante.

— Legal.

Antony olhou para Cecelia.

— Lucian?

— Eles são muito jovens para entender ainda. Vamos chamá-lo de Lucian.

— Eu ainda não o encontrei. — Disse Antony.

— Você vai encontrá-lo.

Capítulo Vinte

Março de 1996

— Ai, meu Deus. — Cecelia gemeu. — Não atenda o maldito telefone, Antony.

Antony empurrou sua esposa na cama e inclinou-se para pegar o telefone do criado-mudo. Antes que pudesse atender, Cecelia rolou e o tirou dele, deixando-o fora de seu alcance.

— Não, Antony. — Ela alertou.

— *Tesoro*, me dá o telefone.

Cecelia fez beicinho. — Não.

— Cecelia...

— Isso acontece a todo o momento, eu juro. Sempre que recebemos um telefonema e estamos fazendo sexo, algo ruim acontece. Não desta vez, Antony. Você é o chefe, você não tem que atender o telefone. *Eles* têm que atender você. Não.

— Isso não é verdade. — Disse Antony. — Nem sempre acontece algo ruim quando nos interrompem.

— É muito verdade. Pense nisso, *bello*.

Antony pensou. Ela tinha razão.

Ainda assim... Poderia ser importante.

— Me dê o telefone, Cecelia.

— Não.

Droga.

Antony tirou o telefone da mão de sua esposa, saltou para fora da cama para que ela não pudesse pegá-lo de volta, e de alguma forma conseguiu se esquivar do travesseiro que ela jogou nele, tudo ao mesmo

tempo.

— Você... *Idiota*. — Cecelia murmurou.

— Seu, apesar de tudo.

— Que bom.

Antony atendeu a ligação, lançando uma piscadela para sua esposa ao mesmo tempo.

— Aqui é o chefe.

— Chefe, talvez o senhor queira ir até Jones. — Disse um dos Capos mais novos de Antony.

— São oito da noite. — Disse Antony. — Eu não tenho que fazer nada.

— Desculpe, não, o senhor está certo, Chefe. Eu só quis dizer que...

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Alguém morreu?

— Não. — O Capo respondeu.

— Alguém tem que morrer? — Perguntou Antony, sorrindo para Cecelia, que apenas balançou a cabeça.

— Uh... Não?

— Por que isso foi uma pergunta e não uma afirmação?

O Capo balbuciou uma resposta adequada.

— O senhor é quem manda, chefe.

— Exatamente. E agora, eu não sou necessário.

— Mas...

— Vincent, agora, eu não sou...

— Sinto muito, Chefe, perdoe a minha grosseria, mas uns caras têm informações que o senhor pode querer sobre uma criança. Isso é tudo o que eles disseram. Algo sobre o restaurante Jones e uma criança.

Antony ficou paralisado.

— Uma criança, eles disseram isso?

— Sim.

— Nada mais?

— Desculpe, Chefe. — Vincent murmurou.

— Está bem. Avise os caras que eu chegarei lá em vinte minutos.

Antony desligou o telefone e o jogou na cama, esfregando a testa.

— O que aconteceu? — Perguntou Cecelia, suspirando. — Eu sabia.

Algo aconteceu.

— Não, você não. É... Pode ser bom.

Poderia?

Seria ele?

Deus, Antony esperava que sim.

Ele tinha passado os últimos dois anos procurando o filho de Johnathan. Lina tinha protegido o menino muito bem porque Antony não verificou só os abrigos. Ele pagou pessoas para verificarem os sistemas de adoção... Até necrotérios, mas nada.

Nada, nada.

Onde estava o Lucky de John?

Onde diabos Lina tinha escondido Luciano?

— Antony? — Cecelia perguntou em voz baixa.

— Alguém tem informações sobre uma criança — disse Antony dando de ombros.

Os olhos de Cecelia se iluminaram.

Antony ficou na defensiva imediatamente.

— Cecelia, não. Não sabemos. Afinal, por onde esse menino andou? Onde pode um garoto de sua idade ter ido? Como ele cuidou de si mesmo? Você poderia imaginar Dante fazendo isso? Porque eles são praticamente da

mesma idade. Pode ser apenas alguma...

— As crianças são resilientes, Antony. — Cecelia interrompeu suavemente. — Elas são duronas. Veja os nossos meninos. Eles têm que ser fortes, você está cuidando para que eles sejam. Como dizer que Lucian não é igual?

— Luciano. — Antony corrigiu.

— Não, nesta casa, ele é Lucian.

— Ele não está nesta casa, ainda.

— Os meninos o conhecem como Lucian, Antony.

— Tudo bem, que seja. — Antony mordeu o interior da bochecha, considerando tudo. — Pode ser ele, Cecelia. Há algumas semanas, os caras ouviram um barulho na parte de trás do restaurante e encontraram uma criança da idade dele mexendo nas latas de lixo em busca de comida, provavelmente. Ele ficava falando alguma coisa sem parar.

— É mesmo?

— Sim, em italiano.

— Oh. — Cecelia sussurrou.

— Você quer ir lá comigo? — Perguntou Antony.

— Não, eu devo ficar aqui.

— Por quê?

Cecelia só falava em levar Lucian para casa e mantê-lo seguro. Havia a questão de criar a criança como filho deles, porque esse era o seu plano, mas a Cosa Nostra não parecia adepta à adoção. Antony não hesitaria em enfrentar aqueles que considerassem sua escolha de tornar Lucian parte da família. Ele era de um homem feito na *famiglia*, mesmo que o homem já tivesse falecido.

— Ele vai precisar de coisas aqui em casa, Antony. — Explicou Cecelia. — Uma cama, algo quente, talvez... Bem, você sabe.

Antony franziu a testa.

— Na verdade, não sei.

— Seus irmãos também.

Dante e Giovanni tinham ficado com Paulie durante a noite para dar um descanso a Cecelia e a Antony.

— Avise seus guardas que você está saindo antes de ir para que eles possam te acompanhar de longe, tudo bem?

Cecelia assentiu.

— Pode ser ele, não pode?

Antony pegou a camisa pendurada na cabeceira da cama.

— Pode ser ele.

Ele se parecia com Johnathan.

Foi a primeira coisa que Antony notou nos olhos castanhos olhando para ele.

Os olhos de John.

Lucian estava na ponta do banco de trás de modo a permanecer pressionado contra a porta. Antony suspeitava que a criança tinha passado tanto tempo em espaço aberto que ficar confinado o deixava nervoso e inquieto.

— Cookie? — Perguntou Antony, estendendo os biscoitos para o menino novamente.

Lucian ainda não confiava nele porque não queria pegar a comida. Mas deve ter visto algo em Antony em que confiava porque interagiu com ele. Ele o deixou segurá-lo. Ele permitiu que Antony o colocasse no carro e o cobrisse com um cobertor.

A criança estava suja, precisava de um corte de cabelo, a roupa estava rasgada, esfarrapado e ele parecia muito desajustado... Mas, por Cristo, estava vivo, porra.

— Por que Lucian? — A criança de nove anos de idade perguntou.

Bem, ele faria nove no dia seguinte, Antony sabia.

— Minha esposa gosta do som desse nome. — Respondeu Antony. — Eu também.

— A *mamma* gostava de Luciano.

— Eu acho que o seu pai gostava mais.

— Por quê?

Antony riu.

— Uma pessoa de quem Johnathan gostava, só isso.

— Quem?

— Você faz um monte de perguntas para um menino tão quieto.

Lucian abaixou o olhar.

— Desculpe, senhor.

— Nada disso. É Antony ou... — Ele parou, sem saber se dizer ao menino que ele poderia chamá-lo de pai seria demais. Provavelmente seria. Melhor deixar a criança decidir por conta própria. — É Antony, Lucian. E você pode perguntar o que quiser. De que outra forma você vai aprender se não perguntar? É bom falar e perguntar, mas é melhor ouvir, Ok? Sempre ouça, Lucian. Escutando, poderá ir mais longe, confie em mim.

— Ok.

— Cookie? — Antony ofereceu novamente.

O segurança dirigindo o carro deu a Antony uma olhada pelo espelho, rindo baixinho.

Era a décima vez que ele oferecia os cookies a Lucian. O menino havia recusado todas as vezes.

Lucian pegou os cookies.

Setembro de 1997

— Antony!

Antony desviou o olhar do churrasco e olhou para a frente, franzindo o cenho para seu irmão com raiva enquanto o homem atravessava o quintal.

— O quê, Ross?

— Essa porra de moleque que...

— É melhor que as próximas palavras que saírem da sua boca sejam a respeito do filho de outra pessoa ou cortarei sua língua fora.

O olhar de Ross se estreitou.

— Eu acho que sei onde ele aprendeu essas merdas. Isso, ou ele simplesmente não pôde evitar. Quem sabe?

— Quem?

— Lucian.

A confusão de Antony aumentou um pouco. Lucian era um garoto calado, especialmente quando outras pessoas estavam por perto. Ele falava muito pouco, ficava mais sozinho, a menos que Dante ou Giovanni o forçasse a sair de um de seus esconderijos, e raramente tinha problemas como seus dois irmãos. Ele era muito danado de inteligente para um menino que passou dois anos de sua vida vivendo nas ruas também. Precisou apenas de um professor particular e de alguns meses e Lucian estava pronto para começar a escola em seu grupo de ano e idade adequada.

— Eu não sei do que você está falando, Ross, mas pare. Sua opinião sobre o meu filho não tem nenhuma importância para Cecelia e eu.

— Ele deu um soco na boca do meu filho!

Antony deixou cair a colher que estava usando para despejar molho nos bifes.

— O quê?

— Você me ouviu. Ele deu um soco na boca de Denny, Antony. Por favor. Isso é ridículo.

Não, não necessariamente, mas não fazia muito sentido.

— Lucian nunca foi violento, Ross.

— Bem, Denny está com a boca sangrando e Dante disse que Lucian é o único culpado.

Indicando o churrasco, Antony disse:

— Cuide disso, sim?

— Seja como for, apenas corrija o seu filho.

— Ei, cuidado.

Ross suspirou.

— Me desculpe, cara. Só... Que não é normal, não é.

— Eu vou cuidar disso.

Antony deu uma rápida olhada pelo quintal, mas não conseguiu encontrar

Lucian em nenhum lugar. Havia a chance de ele estar em um de seus esconderijos dentro da casa. Ele tinha um monte deles. Lucian gostava de qualquer lugar pequeno, apertado e escuro. Gostava principalmente de armários, mas às vezes ele se enfiava embaixo da cama ou atrás de um sofá, também.

Um terapeuta disse que era apenas a maneira que o garoto tinha de se acostumar com seu novo ambiente, fazendo-se não se sentir tão pequeno em um lugar tão grande. Cecelia e Antony não gostavam do fato de Lucian achar que precisava se esconder de sua família e do mundo, mas deixavam que ele

fizesse isso. Em algum momento, Lucian os procuraria quando estivesse pronto.

Eles já estavam, mas agora só dependia de Lucky.

Antony procurou no lado da mansão onde Lucian geralmente ficava. Os meninos podiam passear livremente por toda a casa, exceto no porão e sótão. Esses lugares eram proibidos por motivos de segurança. Depois de verificar cada armário, banheiro, embaixo das camas, e atrás de cada sofá, Antony não sabia onde mais olhar.

Aparentemente, assim como Lucian.

Andando pelo corredor do segundo andar para verificar o quarto de Lucian novamente, Antony notou quando passou que a porta do escritório estava aberta. Não deveria estar. Primeiro, porque sua coleção de facas ficava lá dentro, e por outro lado, sempre ficava fechada quando h a v i a c o n v i d a d o s n a c a s a .

Antony encontrou Lucian escondido embaixo da grande mesa de carvalho. Na mão da criança de nove anos de idade havia um canivete vermelho familiar. Lucian o abriu e fechou várias vezes, admirando a lâmina brilhante e o cabo vermelho arranhado.

— Meu pai me deu isso, sabia? — Antony disse calmamente. — Eu tinha talvez quatro anos ou um pouco mais.

Lucian não agiu como se Antony o tivesse surpreendido.

— É mesmo?

— Sim.

— Você era pequeno.

— Época diferente, eu acho. Eu dei a Dante e a Gio o deles quando eles eram pequenos, também. Só é necessário ensinar a eles como usá-lo corretamente.

— Ou não o usar de jeito nenhum. — Lucian murmurou.

— Isso também.

— Estou em apuros agora? — Lucian perguntou em voz baixa.

— Por socar seu primo?

— Ele não é meu primo de verdade.

Antony suspirou. — Você é nosso filho, então sim, ele é seu primo.

— Adotado.

— Lucian, ainda assim, você é nosso filho.

Lucian não olhou para Antony. — Eu sei.

— O que aconteceu?

— Ele jogou uma pedra em Gio.

— É mesmo?

Lucian encolheu os ombros, balançando a cabeça.

— Sim, e Gio não é rápido o tempo todo porque ele fica muito ocupado olhando para o nada, em vez de olhar ao redor como eu e Dante. E a pedra o atingiu, então eu bati em Denny. Eu também não me arrependo disso. Espero que tenha doído.

Antony teve que segurar o sorriso.

— Por quê, *topino*?

— Porque ele machucou Gio. — Lucian sussurrou.

— E?

— Não se pode ferir a família.

Você os está criando bem, Tony.

— Muito bem, mas você não deveria ter ferido Denny. Eu acho que você vai ter que pedir desculpas para ele, Lucian.

— Se ele se desculpar por ter ferido Gio primeiro. — Lucian disse.

— Vou cuidar para que ele faça isso.

— Certo.

— Quer voltar lá para fora? — Perguntou Antony.

Lucian não se mexeu.

— Ainda não. Eu gosto daqui.

— Gosta?

— Sim.

— Eu não sabia que você passava um tempo no meu escritório.

— Me lembra você. — Lucian disse baixinho.

Huh.

Tá bom, então...

Antony pigarreou contendo as emoções que apertavam sua garganta. Aproximando-se, ele pegou da mesa uma maçã que Cecelia havia deixado mais cedo. — Aqui, *topino*, deixe-me mostrar-lhe como usar esta coisa e então você pode ficar com ela. Eu não preciso mais disso.

Lucian entregou o canivete.

— Você vai dar isso para mim?

— Bem, sim. Meu pai me deu isso. Eu deveria entregá-lo a um de meus filhos, também.

— Ah.

— Você não quer? — Perguntou Antony.

— Sim, quero.

— O que há de errado, Lucian?

— Você é meio como o meu pai, certo?

— Sim. — Antony murmurou.

— Mas... Como você é o *papà* de Dante e Gio, quero dizer. É o meu, também?

— Se você está perguntando se eu te amo da mesma forma que eu os amo, então, sim, Lucian. Desde o segundo em que soube que você existia.

Era verdade.

— Ah. — Lucian disse novamente, olhando o canivete que Antony

estava usando para descascar a maçã.

— Me pergunte o que quiser, Lucian.

— Às vezes é melhor ouvir, *papà*.

Antony quase se cortou ao ouvir Lucian, finalmente, reconhecê-lo como pai. Ele conseguiu se recompor de forma suficientemente rápida e continuou a descascar.

— Você está certo, filho. É verdade.

Epílogo

Antony andou por seu escritório, frustração correndo solta por seu sangue.

Lucian estava bem. Antony sabia desde o começo. Entre os três *principi* Marcello, Lucian sempre foi o mais fácil de lidar de todos os irmãos. Giovanni tinha problemas, alguns que o assustava. Dante era teimoso demais, o que irritava Antony intensamente.

Lucian, no entanto, era o mais fácil.

Isso não fazia sentido.

— Você está certo disso? — Perguntou Antony.

— Sim, Chefe. Ele pediu a um dos rapazes para fazer um movimento. Eu acho que Lenny ficou meio surpreso com isso porque Lucian nunca pede nada, normalmente ele lida com seus problemas à sua maneira ou recorre a um de seus irmãos, mas talvez...

— Isso era algo que ele não queria que eles soubessem e não podia resolver sozinho. — Antony interrompeu, suspirando. — Tudo bem, então. Eu quero tudo o que o cara encontrou enviado para mim em um arquivo e não deixe que Lucian saiba sobre isso. Se ele perguntar, diga que você não encontrou merda nenhuma sobre... Jordyn Reese, não é?

— Então, é o que diz nos documentos. — Respondeu o homem de Antony.

— Bem, envie-o para mim. Vou dar uma olhada.

Lucian não ficaria feliz se Antony descobrisse seu pequeno segredo, mas ele teria que se conformar e aceitar isso. Antony tinha algumas peculiaridades e uma delas era saber cada detalhe que podia sobre a vida pessoal de seus filhos e onde as mulheres estavam envolvidas. Bem, as

mulheres que poderiam ser convidadas para o seio da família de alguma forma.

Aparentemente, uma mulher tinha chamado a atenção de Lucian, mas ele estava escondendo de sua mãe e de seu pai por algum motivo.

— Entendido, Chefe.

Antony desligou o telefone e esfregou a testa, uma dor de cabeça começando a se formar na base do seu crânio. Pegando o telefone novamente, ele disse:

— Ligue para Paulie.

O telefone só tocou duas vezes antes de seu velho amigo atender.

— Ei, Chefe.

— Olá, Paulie.

— E aí?

— Lucian está escondendo algo de mim. Eu não gosto disso.

Paulie tossiu. — Eu acho que preciso de uma bebida.

— Eu também.

— Que tipo de bebida? — Perguntou Paulie.

— Uma mulher. Ela está envolvida com essa gangue de motoqueiros malditos com a qual nós estamos tendo problemas.

— Merda. — No outro lado do telefone, Antony conseguia ouvir Paulie colocar cubos de gelo em um copo. — Isso complica as coisas, hein?

— Como ele conheceu essa moça? — Perguntou Antony, mais para si mesmo do que para seu amigo. — Olha, onde ele a conheceu? Isto é ridículo.

— Por quê?

— Eu tenho uma dúzia de razões pelas quais quero saber, Paulie!

— Quais? — Seu amigo pressionou.

— Ela não é italiana, se levarmos seu sobrenome em conta.

— Cristo, nós dois sabemos que você realmente não se importa desde

que ele esteja feliz.

Verdade.

— Ela está envolvida com esses motociclistas. — Antony disse novamente.

— E daí?

— Como assim e daí?

— Pare com isso, cara. — Paulie disse baixinho. — O que está acontecendo realmente?

— Ele está escondendo isso de mim. — Antony resmungou, contrariado e incomodado.

Toda a situação o incomodava de uma maneira que ele não conseguia explicar.

— Lucian não esconde coisas de mim, Paulie. Ele nunca escondeu. Eu não gosto disso.

E ele não gostava que a causa fosse uma mulher.

— Talvez ele ache que você não vai aprovar ou algo assim. — Paulie sugeriu.

— O que há para aprovar? Ele nem sequer conhece essa mulher! — Antony jogou os braços para cima, com raiva. — É... Se ele estiver interessado nela, já que duvido que os sentimentos sejam realmente verdadeiros, uma vez que ele não a conhece, então é apenas uma paixão sem futuro.

— Cecelia foi uma paixão sem futuro? — Perguntou Paulie.

A pergunta foi feita em tom tão baixo que Antony quase não ouviu.

Só que ele não podia.

— Você sabe que ela não foi, Paulie.

— Você não conhecia Cecelia. Você sabia sobre ela, mas só a conheceu naquela noite na mansão Catrolli. E a partir daquele momento,

porra, você se apaixonou por essa moça, Antony. Não negue.

— Eu não posso.

— Exatamente, então cale a boca, não fale sobre isso.

Antony deixou o comentário passar.

— Escute, isto é difícil para ...

— Imagine como deve ser para Lucian. — Paulie interrompeu gentilmente. — Ele é um homem de vinte e sete anos de idade, Antony. Deixe-o respirar. Deixe-o descobrir o que ele quer.

— Eu te odeio agora. — Antony disse a seu amigo.

— Que assim seja.

Paulie desligou o telefone antes que Antony pudesse responder.

Antony deixaria essa merda de lado, também.

Girando nos calcanhares, Antony congelou. Cecelia estava na porta do escritório com os braços cruzados, sobrancelha arqueada e uma expressão irritada.

— *Tesoro*.

— O que você fez?

Antony deu de ombros. — Nada.

— Você se intrometeu em alguma coisa, não é?

— Não. — Antony disse calmamente.

— Mentiroso.

— Deixe pra lá, Cecelia.

— Quem fez algo errado e por que você sente a necessidade de interferir? — Perguntou a mulher.

— Eu não sei do que você está falando.

— Você mente muito mal

— E você é linda.

— Suas palavras doces não vão me fazer esquecer que você está

escondendo alguma coisa.

Antony fez uma careta.

— Lucian está fazendo uma busca por uma moça envolvida com uma gangue de motoqueiros. Ele tentou fazer isso por debaixo dos panos, para que eu não descobrisse. Por que ele faria isso? Eu não tenho certeza, mas, obviamente, ele não quer que eu saiba.

— Qual é o problema? — Perguntou Cecelia.

— Bem, para começar...

— Nada. — Sua esposa cortou com firmeza. — Não há nenhum problema, Antony Marcello. Sempre fizemos um esforço consciente para que a felicidade dos nossos filhos fosse a coisa mais importante, não importa o que quisessem ou precisassem para alcançá-la. Se essa moça, quem quer que seja, faz Lucian feliz ou ele acha que ela pode fazê-lo feliz, dê um passo para trás e deixe que ele a tenha.

— Eu não estou tentando impedi-lo de nada. — Antony argumentou.

— Você está, sim.

— Eu não estou.

— Você es...

— Eu não estou Cecelia! — Antony gritou de repente, cerrando os dentes ao fazer isso. Ele odiava levantar a voz, especialmente com sua esposa. — Eu não estou. Mas isto me lembra muito John de alguma forma, *Tesoro*. Me lembra muito dele. Eu não quero que Lucian acabe como o pai dele.

— Você não sabe se isso vai acontecer.

— Ele está escondendo as coisas. — Antony rosnou. — Parece a mesma situação de John.

— Talvez esteja apenas tentando descobrir o que ele sente.

Antony olhou para sua esposa.

— Eu não tive que descobrir coisa alguma no que dizia respeito a você.

— Ele não é nós, Antony. Mas, como sempre dissemos, ele ainda é um Marcello. E vai aprender logo.

— Você acha?

— Eu sei. — Disse Cecelia, piscando. — Eu estou sempre certa.

Bem, Antony sempre a deixava estar certa.

Ele não se importava.

— Vamos para a cama. — Sua esposa exigiu. — Lide com isso amanhã.

— Isso é importante, Cecelia.

— Eu sou importante, Antony.

Ela era.

— Venha. — disse Cecelia com um aceno.

Antony obedeceu. Ele sempre faria o que Cecelia Marcello mandasse.

FIM...

**Vire a página e comece uma nova
história de tirar o fôlego.**



BETHANY-KRIS

SPIN-OFF DA SÉRIE FILTHY MARCELLOS

LEGADO

Dea
editora

Copyright © KRISTEN FOURNIER
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Título Original:
A Legacy Prequel
Filthy Marcellos, Book Four

Editor	Patrícia Azevedo
Assistente Editorial	Natália Perruchi
Tradução	Ariane Soares
Diagramação	Cris Spezzaferro
Ilustração	Mia Klein
Imagem	www.depositphotos.com/169887840

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2016.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.
www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

BETHANY-KRIS

SPIN-OFF DA SÉRIE FILTHY MARCELLOS

LEGADO

PREQUEL

LIVRO QUATRO

Capítulo Um

JOHNATHAN

O carro preto parou e estacionou ao lado de Johnathan. A visão do veículo com janelas escurecidas era tão familiar para ele que quase sorriu. *Quase.*

Grande parte de sua vida estava recheada de lembranças de carros como esse que o buscavam por um motivo ou outro. Provavelmente algum problema em que ele se metera e precisava dar o fora.

O vidro da janela do passageiro se abaixou e revelou a pessoa que veio buscar John dessa vez. Ele *sorriu* ao ver Giovanni atrás do volante.

— *Zio* —, John cumprimentou.

Tio.

Verdade seja dita, Giovanni sempre foi mais amigo e irmão de John do que apenas um tio. Especialmente agora que John tinha trinta anos e não era mais uma criança embaixo das asas dele.

Mesmo assim, Giovanni era a única pessoa na família de John com quem ele tinha um nível de confiança que não tinha com mais ninguém. Apesar dos fios brancos salpicarem os cabelos do homem de 57 anos e as rugas no rosto que diziam que Giovanni não era jovem, ele de alguma forma ainda emitia o ar da juventude. Antony, avô de John, sempre dizia que Giovanni tinha uma alma jovem.

Seja lá o que isso significava.

— John —, respondeu seu tio. — Entre. Vamos nos atrasar, e é longe. Eles me disseram que você sairia ao meio dia e já é uma hora.

— Eles se atrasaram com a papelada.

Giovanni apontou para a porta do passageiro. — Vamos. Entre.

Johnathan sabia que não devia desobedecer Giovanni. Abrindo a porta

do passageiro, ele jogou a bolsa marrom no assoalho do carro e entrou. Ele nem chegou a fechar completamente a porta e Gio já estava acelerando, fazendo o carro dar uma guinada para a frente.

— Merda —, disse John, agarrando-se a algo para se firmar e rindo.
— Devagar. Eu quero ver minha mãe pelo menos mais uma vez antes de morrer, ok?

Gio sorriu. — E seu pai?

— Você sabe como é.

— Na verdade, não sei. Lucian, assim como Dante, é meu melhor amigo. Sempre fomos próximos, John. Quando eu era mais jovem, não tinha autocontrole e muitos problemas, mas meus irmãos sempre estavam ao meu lado. Quando meu pai parecia estar a um milhão de quilômetros de distância, meus irmãos continuavam lá. Então, não, eu não entendo.

— Então, ele não é meu irmão.

Gio cantarolou baixinho. — Ele é seu pai, eu sei.

John não tinha concordado com o pai em muitas coisas. Lucian era um bom pai, até então. Ele sempre foi bom com John e suas irmãs. Ele com certeza amava seus filhos. Mas John sempre se sentiu deslocado de alguma maneira em sua vida. Ou mesmo fora de sintonia com as pessoas ao seu redor, inclusive seu pai. Isso dificultava conseguir uma conexão como as irmãs mais novas tinham com a mãe e ele.

— O que tem na bolsa? — Perguntou Gio, apontando para a bolsa que John jogara no assoalho do carro.

John deu de ombros. — Coisas que eu trouxe. Roupas, um relógio, coisas assim. Nada importante.

— Deixe-me ver seu anel, John.

— Por quê?

— Deixe-me ver.

Suspirando, John levantou a mão para mostrar o anel de couro que usava com o brasão da família gravado no meio. — Feliz?

— Só pra ter certeza de que você o pegou de volta também.

— Tudo o que eu levei voltou comigo, *Zio*.

— Eu não confio no sistema, John.

John também não.

— Obrigado por enviar uma bolsa para a prisão para que eu tivesse roupas limpas e decentes para sair hoje —, disse John.

Gio encarou o sobrinho. — Eu não enviei nada, John.

— Quem enviou?

— Seu pai. Ele enviou algumas semanas atrás para que você usasse um terno hoje. Ele pensa em você, mesmo quando você não está pensando nele.

John desejou que isso o fizesse sentir algo, mas tudo o que conseguiu sentir foi uma pontada no peito que o lembrou de como ele realmente era desapegado. Sempre foi assim para ele. Ele nunca se sentiu em casa, ele sempre olhou para as pessoas ao seu redor como se estivesse olhando-as do lado de fora.

— Então, como será sua próxima semana? — Gio perguntou.

— Nada demais. Eu tenho que ser apresentado ao agente de condicional e fazer serviço comunitário. Três anos desse absurdo devem ser divertidos.

Gio riu. — Ou poderíamos apenas pagar o desgraçado.

John fez uma careta. — Subornar pessoas foi uma das razões pelas quais passei três anos atrás das grades, em vez de apenas um, *Zio*.

— Sim —, disse Gio, estremecendo. — Você está certo. Melhor deixar para lá.

Tentativa de suborno de funcionários para retirar as acusações que ele

enfrentava. Posse de arma sem registro. Atirar com uma arma sem registro. Intimidar um policial. Na verdade, *vários* policiais.

As acusações haviam acumulado uma após a outra sobre John, e antes que ele percebesse, ele tinha pego uma pena de cinco anos dada com a batida do martelo do juiz. Nem mesmo o dinheiro de sua família, status, ou conexões tinha sido capaz de tirá-lo de lá.

John tinha certeza de que seu pai e o tio Dante tinham uma mãozinha nisso tudo. Para Lucian, John estava fora de controle. Ou melhor, fora do controle dele. Ele nem sempre seguia as regras. Ele gostava de fazer as coisas do seu jeito, o que nem sempre era o jeito dos Marcellos.

Onde quer que John fosse, geralmente vinham problemas.

Lucian havia dito mais de uma vez que era hora dele amadurecer. John supôs que finalmente tinha amadurecido, de certa forma.

Ele só queria que seu pai não o tivesse deixado preso por cinco anos para que isso acontecesse. Felizmente, John cumpriu sua pena em três devido ao bom comportamento para a futura liberdade condicional, mas ainda era ruim, não importava de que maneira ele encarasse a situação.

— Ei —, disse Gio.

John afastou seus pensamentos perturbados e deu a seu tio a atenção e o respeito que o homem merecia.

Esse era o jeito Marcello. Era uma regra que John não se importava em seguir.

Respeito e honra.

Sempre.

— O quê? — John perguntou.

— O que você quer fazer agora?

— Temos uma festa para ir, não é?

— A qual chegaremos atrasados —, Gio respondeu. — Só me diga

algo que você gostaria de fazer, John.

— Cerveja. Eu gostaria de tomar uma cerveja.

Gio riu. — Você não deveria...

— Está tudo bem. Uma só não vai me matar.

— Acho que podemos fazer isso sem que Dante mande pessoas nos procurar.

John franziu o cenho ao ver o tio... e chefe. — É o meu primeiro dia livre. Você está seriamente me incitando a provocar Dante? Ele, que tem o pavio mais curto do que eu?

Quanto mais velho Dante Marcello ficava, menos tolerável às besteiras ele parecia ficar. John era esperto o suficiente para saber que seu tio, o Don do Marcello Cosa Nostra, daria um chute no seu traseiro primeiro e depois faria perguntas, se necessário.

Gio sorriu. — Não é com ele que você deveria se preocupar.

— Não?

— Não. Preocupe-se quando sua mãe colocar as mãos em você por não ligar para ela por três meses.

Merda.

Família em primeiro lugar, John. Sempre.

As palavras de seu pai eram um mantra que John não conseguia esquecer.

A mãe de John, Jordyn, ficava cada vez mais preocupada conforme o dia da sua liberdade ficava mais perto. Ela expressar suas preocupações sobre isso e uma possível recaída em outro incidente foram suficientes para começar a irritar John. Seu foco era simplesmente sair da prisão e o que ele faria depois de sair. Para fazer isso, ele colocou uma espécie de parede entre ele e sua mãe.

Provavelmente não era a coisa certa a se fazer.

— Talvez devêssemos parar em uma floricultura a caminho do Tuxedo Park, — John murmurou.

Gio assentiu. — Talvez devêssemos mesmo.

— E em uma joalheria.

— Agora você está entendendo, cara. Lucian te ensinou bem, independentemente do que você acha.

John riu. — Eu sei que minha mãe se preocupa porque ela me ama.

— Mas?

— Ela me sufoca —, admitiu John. — Eu sou um adulto, não uma criança. Ela age como se eu tivesse dezessete anos e não trinta. Ela ainda acha que eu sou um garoto.

— Só pra deixar claro, todas as mães veem seus filhos como bebês. Com Jordyn não é diferente. Cecelia ainda acha que tem que ajeitar minha maldita gravata se estiver torta.

— Você sabe que não é a mesma coisa.

Gio suspirou profundamente. — Ou talvez você simplesmente não entenda seus pais, John.

— Eu acho que entendo sim.

— Entende mesmo? Eles quase te perderam duas vezes. Você já pensou que pra eles, deixar você seguir em frente até onde eles não conseguem alcançar, faz com que se sintam sufocados? Que ser incapazes de mantê-lo por perto tira a segurança que eles têm?

John não respondeu ao tio, mas sabia que Giovanni tinha um bom argumento. Quando ele era bebê, sua tia Catrina se envolveu com um cartel que havia raptado John para atraí-la. Ele quase perdeu a vida, assim como seu pai, tios e tia quando eles tentaram salvá-lo.

Obviamente sua família venceu essa batalha.

Os Marcellos sempre venciam.

E então a primeira crise de John aconteceu aos dezessete anos. Enquanto se perdia no caos maníaco de seu cérebro e na torrente de suas decisões incontroláveis e precipitadas que o levaram a um péssimo lugar, ele quase morreu de novo. Automedicação, vivendo de qualquer jeito e quase morrendo.

Ele poderia muito bem ter sido um clichê ambulante.

Só que ele não era.

Sua vida era real, assim como o transtorno bipolar ao qual ele havia sido diagnosticado aos dezessete anos e depois falhou severamente em administrar quando adulto.

— John —, Giovanni disse calmamente. — Eu gostaria de uma resposta.

— Quão próximo meu pai me manteve quando ele me deixou na prisão por três anos?

— Você não deu escolha a Lucian. Você estava louco, John, fazendo coisas idiotas. Quanto mais você fugia, mais frenético ficava. Você estava se recusando a trabalhar com seu pai ou com as pessoas contratadas para você. Mais de uma vez, você colocou todos em situações terríveis que poderiam ter nos custado muito. Você estava se automedicando entre substâncias químicas e receitas médicas. *Cristo*, John, você desapareceu por duas semanas!

Ele tinha mesmo.

Ele fez tudo isso.

— Eu achei que tinha tudo sob controle —, disse John.

— Esse foi seu primeiro erro, porque claramente você estava perdido. Todo mundo estava tentando te ajudar, mas você continuou nos afastando até não conseguirmos mais vê-lo.

Nenhuma palavra era mentira.

John não negaria.

Sua última crise maníaca começou logo após seu vigésimo sexto aniversário, e os ciclos do distúrbio duraram semanas seguidas e essa última mais de um ano. Foi quase igual a sua primeira crise na adolescência, quando sua família finalmente recebeu o diagnóstico do que havia de errado dentro de sua cabeça.

Desequilíbrios químicos.

Bipolar.

O maior erro de John foi achar que ele poderia administrar sua saúde mental sem medicamentos. Essas pílulas o rotularam de louco. Ele não precisava delas. Ele estava errado, e quanto mais ele ficava sem elas, mais maníaco se tornava. Ele passou a roubar por causa da excitação, brigar pelo frenesi, usar drogas para controlar os altos e baixos, a foder qualquer mulher que aparecesse, apenas para sentir algo.

Quando ele estava no auge da crise, ficava acordado por dias, correndo sem parar e obsessivo ao extremo. Quando os pontos baixos da crise o atingiam, ele fazia qualquer coisa para sair disso, se ele conseguisse.

Sim, ele perdeu a batalha com um tiro.

Literalmente.

Seus pais não foram capazes de intervir como quando ele era adolescente, porque dessa vez já era adulto. Quando a crise veio à tona e John finalmente chegou ao fundo do poço, ele quase matou seu primo Andino durante uma discussão sobre território e homens nas ruas. Deveria ter sido uma discussão simples entre Capos, mas John estava perdido demais em suas próprias bobagens para entender completamente o que estava fazendo quando apontou a arma para seu primo em um restaurante movimentado.

Não entendia como Gio estava sentado em um carro com ele depois do que quase fez com seu filho.

Bem, sinceramente ele entendia.

Primeiro a família.

— Estou bem —, disse John com firmeza.

— Agora —, Gio concordou.

John decidiu naquele momento terminar a conversa. Ele não queria falar sobre sua saúde mental com seu amigo, nem com mais ninguém. Ele tem um médico para isso. Ou tinha.

— Deixa pra lá, *Zio* —, disse John.

— Você falou primeiro.

— E agora eu já terminei.

Gio olhou para a estrada pela qual eles estavam passando. — Seu pessoal foi dividido entre alguns Capos da família.

— Melhor do que Dante entregar completamente minha posição e homens para alguém.

— Verdade.

Oh, pelo amor de Deus.

John podia ouvir a hesitação no tom de voz de seu tio, o que não levaria a nada de bom.

— E agora? — Ele exigiu.

Gio bateu os dedos no volante de couro. — Só quero ter certeza de que você não tenha uma recaída quando estiver livre para fazer o que quiser. Dante e Lucian decidiram que seria melhor se por enquanto você trabalhasse ao lado de Andino e Timothy com o pessoal deles.

Uma raiva ultrapassou John como há muito não sentia. Era bom. Bom pra caralho. Como uma injeção de adrenalina diretamente na sua corrente sanguínea.

Mas esse sentimento também era viciante e prejudicial para ele. Ruim para suas crises e ruim pelas correntes bipolares de suas emoções com as quais ele lutava diariamente. Ele não era tão louco, fora de controle e

incontrolável. Ele entendeu que seu comportamento e problemas haviam feito sua família e *la famiglia* passar pelo inferno, mas ele estava bem.

Não estava?

Agora?

Eles não confiavam nele?

Cristo.

Isso o irritou ainda mais.

— Só para deixar claro, não tenho voz aqui, certo? — John perguntou.

Gio encolheu os ombros. — Não, você não tem.

Porque é assim que a Cosa Nostra trabalhava, e sua família estava mergulhada profundamente nessa vida e cultura de um jeito que ninguém conseguia entender. Com seu tio sendo o chefe da família, seu outro tio atuando como *consigliere* de Dante, e o pai de John sendo o subchefe da família, não havia como escapar de quem ele era.

Máfia.

Feito.

Cosa Nostra.

Quando se tratava de decisões da família, especialmente sobre ele, John não se interessava em relutar. Seus tios eram poderosos, assim como seu pai.

Regras.

Sua vida era ditada, cercada e determinada por regras.

John reprimiu o desejo familiar de afastar as paredes que se aproximavam dele novamente. Mas elas estavam apenas em sua mente.

— Há outra coisa que tenho pra fazer esta semana —, disse John, mudando de assunto. Ele não queria brigar com o tio por algo que nenhum dos dois podia fazer no momento. — Eu deveria fazer amanhã, mas preciso

de alguns contatos.

Gio levantou uma sobrancelha e olhou para ele. — O que é?

— Eu preciso de um novo terapeuta. Um que meu pai não tenha comprado.

— John...

— Vou seguir as regras dele e fazer o que ele quiser, mas ele não tem controle sobre isso. Não agora. Faz três anos desde a minha última crise. Me dê um tempo. Eu mereço isso, Gio.

— Você estava errado —, disse Gio calmamente.

— Sobre o quê?

— Sobre seu pai. Ele te deu escolha, John. Você sabe que ele deu.

John começou a se irritar. — Deixe isso pra lá.

— Ele te deu escolha. Se internar e resolver, ou ir para trás das grades. Você tomou a decisão, John, não Lucian.

— Eu não sou louco —, disse John.

— Ninguém nunca disse isso.

Mas parecia que sim.

— Me internar teria me rotulado exatamente disso.

— Nós só queríamos você bem.

— Eu estou.

Gio o encarou de novo. — Vamos torcer para que você continue assim.

— Obrigado, idiota.

— Estou apenas sendo sincero, John. Nós dois sabemos que, se você não continuar controlando isso como foi forçado nos últimos três anos, você poderá facilmente ter uma recaída.

John sabia disso, mas ainda o deixava furioso. Mas sua salvação era que estava sendo capaz de controlar agora, enquanto ele não podia antes.

— A propósito —, disse Gio enquanto acelerava com mais força.

— O quê?

— Feliz aniversário, John.

Capítulo Dois

Tensão percorreu a espinha de John quando seu tio parou na frente do portão de ferro. Uma entrada longa e sinuosa levava a uma mansão com duas alas, três andares, uma piscina e uma casa de hóspedes nos fundos. A propriedade ficava em seis acres da propriedade no Tuxedo Park.

A casa da família Marcello era enorme.

— Código de acesso, por favor —, uma voz robótica saiu pelo interfone em que Gio estava falando.

— Sete, dois, seis, nove, cinco, cinco —, respondeu o tio.

— Por favor, fale seu nome claramente para reconhecimento de voz.

— Giovanni David Marcello.

O interfone apitou por uma fração de segundo antes do portão estremecer e começar a abrir automaticamente. Gio passou o carro pela abertura no momento em que coube o veículo nela. John nunca deixou de surpreender sobre o quão cuidadosa e protetora sua família era em manter suas vidas privadas escondidas da vista do público. Ele entendia, é claro, mas ainda era divertido.

— Reconhecimento de voz? — John perguntou. — Quando Antony colocou isso?

— Um ano atrás.

— Por quê?

Gio endureceu em seu assento. — Porque sim, suponho.

— Você está sendo difícil de propósito, ou o quê?

Gio rapidamente parou entre o portão da garagem e a casa.

— Ele colocou porque não é mais jovem, John. Ele tem oitenta e sete anos e não gosta de ser lembrado das coisas que não é capaz de fazer na sua idade. Ele não é mais rápido, sua visão já está ruim e ele quer que sua esposa

se sinta segura.

— O que aconteceu com o guarda que ele tinha?

— Você vai ver —, Gio murmurou enquanto colocava o carro para andar novamente. — Só não comente nada sobre a idade dele ou as mudanças. Isso o incomoda e também Cecelia fica irritada.

— Deixa comigo.

— Ótimo.

John encontrou o guarda em questão assim que deu pra ver a entrada da frente da casa dos Marcello. Vestido de preto, o homem estava parado ao lado de um sedan escuro com um cigarro na mão e uma arma na cintura. John sabia que o homem só podia ser o guarda, porque ninguém mais podia fumar na frente da casa dos Marcello. Eles tinham áreas designadas para esse tipo de coisa.

— Ele o está mantendo mais perto —, observou John.

— Sim.

— Alguma razão específica para isso?

Gio encolheu os ombros. — Você nunca vai estar seguro o suficiente. Por que John não acreditou nisso?

— Ei —, disse Gio calmamente.

John olhou para o tio. — Hmm?

— Você está bem?

— Sim.

A tensão dele ainda estava lá, assim como sua ansiedade. Três anos de prisão ainda eram muito tempo. Quantas coisas haviam mudado desde que ele foi preso? Quanto a distância tinha aumentado entre ele e sua família naquele tempo?

Gio desligou o carro e colocou a mão na maçaneta da porta. — Só pra você saber, John...

— O quê?

— Eu acho que você fez a escolha certa há três anos.

A testa de John franziu. — Eu não sei o que você quer dizer.

— Quando seu pai subornou o juiz com a opção de uma instituição ou prisão. Eu achei que você fez a escolha certa.

Bem, não era isso que John esperava ouvir.

— Por que disse?

— Porque, apesar de quão irracional tudo o que você estava fazendo parecia, não acredito nem por um segundo que qualquer hospital do país teria te ajudado como a prisão ajudou. Trinta dias em uma instituição com alguns terapeutas e novos remédios não era o que você precisava. Tempo era o que você precisava, John. Você ainda tem os médicos, você tem os remédios, mas você também tem o tempo. Você fez a escolha certa.

John soltou um suspiro lento. — Quem mais pensa assim?

Gio riu. — Eu sei o que você está querendo perguntar.

— Sabe mesmo?

— Sua mãe provavelmente está na porta da frente, pronta para correr pra cá.

John assentiu, sabendo que seu tio não iria responder a sua pergunta.

— É melhor eu entrar antes que ela saia.

— Sim, provavelmente. Aposto que seu pai também está esperando.

— Nós não conversamos muito desde que fui preso.

— Tudo que você precisava fazer era atender o telefone, John.

John olhou para a mansão. — Eu sei.

— Lucian acha que você fez a escolha certa. Caso você esteja se perguntando.

— Não estava.

— Mentir é um hábito terrível, Johnathan.

Era mesmo.

Mas John era muito bom nisso.

Capítulo Três

— Oh, *il mio ragazzo*!

John mal ouviu as palavras saírem da boca de sua mãe antes de ser envolvido em pequenos braços que o apertaram quase até a morte. Apesar de ser tão pequena, sua mãe era forte como o inferno. Ela literalmente o desequilibrou, forçando os dois a girar em um meio círculo para que estivessem de frente para a porta frontal e não para a grande entrada como antes.

— Ei, mãe —, disse John, deixando-a esmagá-lo.

Gio sorriu enquanto passava.

Idiota.

Ele poderia ter o ajudado. Expressões físicas de emoções e John nunca se misturaram bem. A menos que *ele* estivesse expressando-as. E quando expressava emoções fisicamente, geralmente nunca terminava bem para ninguém envolvido. Demonstração de afeto também nunca foi sua praia.

Jordyn apertou o filho com mais força. — Senti sua falta.

— Você me viu há alguns meses, mãe.

— E daí?

John se abaixou quando ela finalmente diminuiu o aperto e deu um beijo rápido na mãe. — E daí nada, mãe. Também senti sua falta.

O rosto de Jordyn se iluminou de felicidade.

Culpa esfaqueou o interior de John.

Ele também não expressava muito bem seus sentimentos. Ele sentia muitas coisas, e isso era apenas consequência de seu problema, mas processar, entender e expressar seus pensamentos e emoções interiores era difícil. Claramente fazia muito tempo desde que ele tinha demonstrado carinho pela mãe, se a alegria dela por uma simples admissão fosse uma

indicação.

— Liliana não conseguiu vir de Chicago com Joseph —, disse Jordyn enquanto ajeitava a gravata torta de John. — Ela tentou, mas não conseguiu sair do plantão no hospital.

Liliana, a irmã mais nova de John, havia se casado com um homem envolvido com a Chicago Outfit. John mal se lembrava do casamento, pois estava bem no meio de um surto maníaco.

— Mas ela virá no mês que vem —, acrescentou Jordyn.

— Lucia? — John perguntou.

— Ela está aqui —, disse a mãe sobre a irmã mais nova dele.

— E Cella?

A outra irmã de John, também casada, mas com um homem não afiliado à máfia, nunca foi muito próxima dele. Então não ficaria surpreso se ela não aparecesse para sua festa de boas-vindas e aniversário.

— Ela está aqui, petiscando a comida enquanto todo mundo espera para comer —, veio uma voz sombria e familiar atrás de John.

Jordyn deu um passo para trás e ele se virou, ficando cara a cara com o pai.

Para John, era como olhar para um espelho envelhecido. Quando criança, quase todo mundo que ele conhecia sentia a necessidade de falar o quanto ele se parecia com o pai. Eles falavam que eram idênticos. Olhos castanhos que eram iguais aos de John o olharam de cima a baixo. Seu pai sorriu, suavizando as linhas nítidas de seus traços. Mesmo aos sessenta anos, Lucian Marcello era alto e esguio, da mesma altura do filho que tinha um metro e oitenta e três de altura. Lucian dominava uma sala com sua atitude contundente. Ele também poderia ser intimidador com sua quietude e olhos atentos.

— Filho —, Lucian cumprimentou.

— Ei —, respondeu John.

— Você parece bem.

— Espero que sim.

— Parece que a prisão tem seus benefícios, hum?

John deixou o comentário escapar, sabendo que seu pai não quis soar como um insulto. — Acho que fez sim.

— Como foi a viagem?

— Longa —, John respondeu.

Lucian riu. — Com Gio, qualquer viagem é longa.

— Ele fala muito.

— Fala mesmo. — Lucian apontou o polegar por cima do ombro. — Como eu disse, Cella está aqui beliscando a comida. Estamos ignorando por conta da gravidez e tal. Ela tem que alimentar o bebê.

John pigarreou. — Eu não sabia que ela estava grávida.

— Telefones funcionam, John, até mesmo na prisão.

Ai.

Esse comentário não saiu como o primeiro.

— Lucian —, disse Jordyn, parando ao lado de seu filho. — Não.

A mandíbula de Lucian se apertou antes que ele franzisse a testa. — *Mi scusi*, me desculpe. Foi um péssimo comentário, filho. Estou feliz que você esteja em casa. Todos nós estamos.

John desejou poder dizer o mesmo, mas por uma fração de segundo, ele voltou a se sentir como o estranho de sua família novamente. Ninguém em particular o fez se sentir assim diretamente, mas a desconexão que ele sentia com seu próprio pai fez com que todos os outros parecessem distantes também.

— John!

Seu nome soando alto desviou sua atenção de Lucian.

John ficou pálido quando seu primo, Andino, passou por seu tio com um sorriso largo. Andino parou na frente de John. Antes do incidente que levou John à prisão e quase ceifou a vida de Andino, os dois primos eram inseparáveis.

Anda ou morre, dizia a família. Porque os dois primos sempre encontravam problemas juntos. Eles sempre foram próximos, melhores amigos, e um erro estragou tudo.

Aos 28 anos, Andino era o primo mais perto da idade de John.

— Jordyn —, Lucian disse com um olhar aguçado na direção de sua esposa... por que não avisamos todo mundo que o cara do momento chegou?

— Claro —, ela respondeu.

Apertando o braço de John com uma mão, seus pais desapareceram.

— É bom ver você, cara —, disse Andino.

John sorriu. — Igualmente, *cugino*.

Andino sorriu com a palavra italiana para o primo. — Eu teria ido te ver, mas não tinha certeza se isso faria bem pra você.

— Eu teria gostado, Andi.

Andino estendeu a mão e John lançou um olhar cauteloso.

— John? — Andino perguntou.

— Sim?

— Estamos bem, cara.

E assim, três palavras afastaram a preocupação que ele tinha sobre sua amizade com Andino.

— Estamos? — Ele perguntou.

Andino não baixou a mão. — Família em primeiro lugar, John.

Ele apertou a mão do primo e a casa começou a parecer um pouco mais real. A distância que mantinha John e seus apegos emocionais à sua família afastados começou a diminuir.

— Espero que você não se importe com a multidão —, disse Andino.
John levantou uma sobrancelha. — Nunca me importei.

— Ótimo, porque toda a maldita cidade está aqui para recebê-lo em casa.

— Sério?

— O convite foi aberto a qualquer pessoa da *la famiglia*, cara. — disse Andino, rindo. — Acho que ninguém recusou.

Putz.

Capítulo Quatro

— Johnathan!

John deu meia-volta ao ouvir a voz cansada e grave de seu avô. Antony Marcello sorriu amplamente.

— Vovô —, John o cumprimentou, pegando a mão que ele ofereceu.

Antony, apesar de seus oitenta e sete anos e pequena estatura, ainda tinha forças. Ele puxou John para um abraço rápido e apertado antes de soltá-lo com a mesma rapidez.

— Como foi?

John nem precisava perguntar o que seu avô queria dizer. — Terrível, mas eu consegui. Os primeiros meses foram um inferno por causa da... — Afastando-se, John olhou ao redor da sala para os convidados que ele estava cumprimentando. — Bem, você sabe o porquê.

Antony franziu o cenho. — Sei sim.

Apesar do colapso público de John anos atrás, seus problemas não eram amplamente conhecidos em seus círculos. Por escolha dele, e não por mais ninguém. Ele não seria menosprezado ou considerado menos homem na Cosa Nostra por causa de seus problemas.

Simples assim.

John sorriu quando seu tio apareceu atrás do avô com uma expressão severa.

— *Papà* —, disse Dante quando sua mão pousou no ombro de Antony.

Antony fez uma careta, mas não se virou. — *Sì?*

— Você deveria estar descansando. É por isso que mamãe comprou a cadeira, lembra? Então você pode se sentar ao invés de ficar em pé.

— Droga, Dante, eu não tenho idade de...

— Eu não disse nada sobre você ser velho, Pai.

Antony não parecia satisfeito. — Nem precisou. Eu posso ouvir no tom da sua voz.

John escolheu não ficar no meio da discussão do pai e do filho.

— Ouviu o quê no tom da minha voz? Não havia nada.

— Queria cumprimentar meu neto mais velho. Todo mundo já fez isso, — Antony murmurou.

— Tenho certeza que John teria ido até você —, disse Dante. — Não é, John?

— Sim, chefe.

Dante apertou os lábios antes de se voltar para o pai. — Sério, vá se sentar. Você terá muito tempo com John na próxima semana. Eu vou me certificar disso. Lucian também.

Antony parecia estar prestes a continuar discutindo, mas quando sua esposa entrou na sala de jantar anexa, ele rapidamente deu um tapinha no ombro de John e partiu. Lentamente, é claro. Antony não se movia muito rápido pela idade dele.

— Cecelia fica de olho nele —, disse Dante mais para si do que para John.

— Ainda bem que alguém fica.

— Ela é a única pessoa com quem ele não discute.

John riu. — Sim, ele nunca discute.

Se virando, Dante olhou para John. — Gio mencionou que você precisará fazer serviço comunitário e relatório disso.

— Algumas horas por semana. Eu tenho que entregar o relatório às sextas-feiras.

— Isso vai dificultar as coisas para nós, John.

Johnathan encontrou o olhar de seu tio de forma tranquila. — Eu sei,

chefe.

— Espero que você seja cuidadoso com os negócios.

— Pega leve comigo, tá bom? Eu não sou idiota. Eu vou lidar com tudo isso.

Dante suspirou. — Você ainda é um Capo, John. Você ainda tem trabalho a fazer. Eu ainda sou seu chefe.

— Estou ciente. Então me deixe fazer o meu trabalho.

— Por que sinto que há mais nisso do que você está dizendo?

John se recostou na parede e cruzou os braços. — Eu tenho duas babás agora, é?

Os ombros de Dante se enrijeceram. — Não veja por esse ângulo.

— De que outra forma você quer que eu veja isso?

— De uma maneira que diz que sua família se importa e se preocupa, John.

— Eu cumpri minha pena. Estou limpo e bem da cabeça. Sou o terceiro Capo mais velho da família, mas nem tenho mais o pessoal. Você não acha isso um pouco injusto?

Dante abriu a boca para falar, mas John levantou a mão para detê-lo. Foi rude John ter feito isso com um Don da Cosa Nostra.

— Não se preocupe —, John disse calmamente. — Entendi.

— Você recuperará tudo —, respondeu Dante. — Eu só quero ter certeza de que você vai conseguir lidar com isso desta vez. Isso é tudo, John.

Mais uma vez, tudo se resumiu a confiança.

John não tinha ninguém para culpar além de si mesmo por isso.

Capítulo Cinco

— Eu tenho que começar a procurar um lugar —, disse John.

Andino deu uma tragada no cigarro e olhou para o companheiro no Lexus. — Eu disse que tudo bem se você quiser ficar comigo um pouco.

— Eu gosto de ficar sozinho, Andi. Não é sobre você.

— Certo. Você só chegou em casa há alguns dias, John. Espere um pouco. Você tem muito ao que se ajustar. Faça isso devagar. Você não precisa fazer tudo de uma vez.

John discordou. Ele queria voltar à sua antiga rotina o mais rápido possível. Parte disso era não estar sob a vigilância de seu primo o tempo todo. Não era culpa de Andino, porque o homem estava apenas seguindo ordens. Mas John se sentia sufocado da mesma forma.

— Eu ainda preciso encontrar meu próprio lugar.

Andino jogou o cigarro quase acabado pela janela. — Nós podemos dar um jeito nisso.

— Ótimo.

— Ei, então, eu tenho que lidar com a papelada em um dos meus restaurantes. Você quer vir ou tem coisas para fazer?

John deu de ombros. — Eu tenho coisas para fazer.

— Eu não vou te emprestar o meu carro.

Rindo, John disse: — Eu não preciso dele, imbecil.

Mas ele precisava ter um e rápido.

— Eu vou pegar o ônibus, — acrescentou John. — O armazém fica a apenas alguns quarteirões daqui.

— Seja cuidadoso, está bem?

John o olhou com raiva. — Me deixe em paz.

— Só estou me certificando.

— Está exagerando. É com o seu pessoal que estou trabalhando.

— Eu sei —, disse Andino. — Mas nem todos esses tolos são bons. Vejo você mais tarde.

John saiu do Lexus sem dizer mais nada ao primo. Enquanto Andino se afastava do acostamento, John andou pela calçada até o ponto de ônibus e esperou. Menos de dez minutos depois, um ônibus indo direto para o coração da Hell's Kitchen parou e John subiu.

Puxando um celular do bolso, discou o número de seu pai enquanto caminhava em direção à parte de trás do ônibus com os olhos no chão.

— *Ciao*, — Lucian disse quando atendeu a ligação do filho.

— Olá, Pai.

— John.

— Eu não vou chegar para o jantar. Peça desculpas a Mamãe.

Lucian suspirou pesadamente. — Por que não?

— Negócios na cozinha.

Tecnicamente, era mentira. Ele não precisava trabalhar hoje, se não quisesse, mas precisava de algo para fazer além de estar sob a vigilância de seu primo. John simplesmente não queria passar por outra rodada de preocupações com os pais dele. Ele precisava de espaço e tempo para respirar. Precisava ser ele mesmo sem as preocupações e a influência de todos os outros.

Seus pais não entendiam.

— Café da manhã amanhã então, — disse Lucian.

— Eu...

— Não é um pedido, John, — seu pai o interrompeu severamente. — Quando você vacila com sua mãe, espero que a compense por isso.

— Tudo bem, amanhã.

— Ótimo.

Lucian desligou a ligação antes que ele pudesse terminar de falar.

Colocando o celular no bolso, John ocupou o primeiro assento que pôde. Levantando os olhos das mãos cerradas que repousavam em seu colo, ele ficou cara a cara com olhos de safira.

John piscou.

A mulher sorriu.

Ela tinha um tablet nas mãos e um fone no ouvido. Uma bolsa repousava a seus pés, atraindo o olhar de John para as botas de couro que ela usava. Jeans *skinny* mostravam o comprimento das pernas e a curva dos quadris. Ele não a reconheceu, mas algo nela era familiar.

Colocando uma mecha de seus cachos em tons de caramelo atrás da orelha, a mulher encontrou seu olhar novamente. A boca dele ficou seca e ele não conseguia entender o porquê. Talvez fosse porque ele tivesse passado três anos na prisão e as únicas mulheres com quem ele teve contato desde que saiu era da família.

Ou talvez fosse porque a garota era linda pra caralho.

Cada parte dele sabia disso.

— Oi —, ela disse, ainda sorrindo.

— Oi —. John sorriu de volta. — Johnathan Marcello.

— O Johnathan Marcello?

John riu. — Só existe um vivo nesta cidade, pelo que sei.

O sorriso da mulher ficou mais amplo. — Siena.

— Como a cidade na Itália?

— Isso mesmo —, ela respondeu.

— Sobrenome? — John perguntou.

— Calabrese. Prazer em conhecê-lo, John.

Merda.

Capítulo Seis

CATHERINE

Catherine entrou no restaurante familiar e respirou fundo. Os aromas reconfortantes de pizza, macarrão e todos os molhos que acompanhavam os famosos pratos do restaurante inundaram seus sentidos. Se havia uma coisa que Andino Marcello conhecia, era uma boa comida italiana. Seu primo possuía meia dúzia de restaurantes como esse em toda a cidade. Esse em particular era o favorito de Catherine.

Acenando para a garçonete enquanto passava pela mulher, Catherine seguiu direto para a parte de trás do restaurante, onde sabia que encontraria o primo mais velho. Os funcionários da empresa nunca causaram problemas a Catherine quando ela passava pela grande cozinha para chegar ao escritório de Andino, pois todos já a viram passar por lá mais do que deveria.

— Catty —, o chefe gritou por de trás do fogão. — Você está linda, garota.

— Jamie —, disse Catherine, sorrindo. — Você tem tempo para me fazer o prato de sempre?

— Para você, é claro.

— Ótimo.

— Andino está lá atrás —, disse Jamie.

Catherine assentiu e andou até lá. O chefe tinha alguns anos a mais que seus vinte e cinco, mas isso não significava que não pudesse se divertir com o homem. Ela terminou o relacionamento sem compromisso quando Andino descobriu.

As regras da vida deles eram simples. Negócios e prazer não se misturavam. Jamie era funcionário de Andino e, de certa forma, Catherine também.

De certa forma...

Os negócios de Jamie com Andino não se pareciam com os de Catherine, mas ela dava ao primo o respeito que lhe devia e aceitou as exigências dele de terminar o relacionamento. Parecia que até agora não havia ressentimentos com Jamie se sua natureza paqueradora era alguma indicação.

Catherine sorriu com seus pensamentos quando abriu a porta do escritório de Andino. O homem nunca a mantinha trancada, por motivo nenhum. Ela nunca bateu, também.

Andino estava sentado atrás de sua mesa de carvalho com um laptop aberto à sua frente e uma dúzia de bugigangas espalhadas e vários pedaços de papel. Ele com certeza era a pessoa mais desorganizada que Catherine conhecia, mas de alguma forma, ele sempre sabia onde estava tudo.

Snaps, o pitbull de Andino mal abriu os olhos quando Catherine entrou na sala. O cachorro grande e musculoso simplesmente mexeu o rabo curto e nada mais.

— Ei —, disse Andino sem levantar os olhos do laptop.

— Ei. — Catherine jogou a bolsa na cadeira vazia e se inclinou para cumprimentar Snaps. Ela coçou atrás da orelha pontuda do cachorro e observou seu rabo atarracado balançar. — Você é um cão de guarda, Snaps. Você nem avisa quando alguém está vindo.

Andino bufou baixinho. — Sim, ele avisa. Por que você acha que nunca tem uma arma apontada para sua cara quando entra aqui sem bater?

Catherine se endireitou. — É sério?

Andino bateu o pé na lateral da mesa, perto da cabeça grande de Snaps. — Ele cutuca meu pé quando alguém se aproxima da porta.

— Mas não avisa quem está vindo.

— Se ele não te conhecesse, você saberia quando invadissem o

escritório.

Catherine decidiu acreditar na palavra de seu primo. Snaps sempre pareceu terrivelmente preguiçoso sempre que ela estava por perto.

— Você trouxe o dinheiro? — Andino perguntou, ainda focado em seu laptop.

— Sim.

— Me dê, Catty.

Catherine queria que as pessoas esquecessem esse apelido. Todo mundo chamava sua mãe de Cat, e por padrão, ela era chamada de Catty. Ela odiava isso.

— Vou começar a cobrar toda vez que você ou um de seus caras me chamarem de Catty, Andino.

Andino sorriu, saudando Catherine com um olhar de desdém. — Certo. Me dê.

Agarrando sua bolsa, Catherine abriu o zíper e puxou um envelope grande e amarelo com cerca de cinco centímetros de espessura. Ela o jogou na mesa de Andino. O dinheiro pesado caiu com um baque surdo. Snaps levantou a cabeça com o som, mas rapidamente caiu no chão como se nada estivesse errado.

Cachorro preguiçoso.

Andino avaliou o pacote com os olhos antes de pegá-lo. Balançando-o na palma da mão, ele o movimentou para cima e para baixo como se estivesse checando o peso.

— Droga —, ele murmurou, aprovando. — Quanto?

— Um pouco mais de cinquenta.

— No total?

— Sim. Setenta por cento, certo?

Andino assentiu. — Sim. Não é uma quantidade ruim para dois

meses. Você sabe que eu tenho traficantes na rua que demoram alguns meses para trazer uma carga como esta, certo?

Catherine deu de ombros. — Eu não sou como eles, Andino.

— Sei disso. Você está sendo cuidadosa, não é?

— Estou indo bem —, disse ela em vez de responder à pergunta dele.

O problema dos negócios de Catherine era que ela não era como os outros traficantes da rua. Na verdade, ela nem trabalhava nas ruas para vender produtos para o primo. Ela não precisava.

Catherine Marcello era, e sempre fora, desde que ela se lembrava, da nata de Nova York. Alguns a chamavam de realza. Outros a chamavam de legado, que lhe dava a capacidade de estar em situações com pessoas que tinham mais dinheiro do que sabiam onde gastar. O status e o sobrenome de sua família lhe deram a chance de se misturar com os melhores dos melhores. Riqueza, dinheiro antigo e celebridade eram seu negócio. Ela os administrava bem. Clubes, eventos de caridade, festas exclusivas e filhos e filhas mimados de pessoas que chorariam se suas crias fossem apanhadas em um escândalo.

Sim, Catherine conhecia o negócio dela.

Ela não era como os traficantes de Andino.

— Quanto de ecstasy e pó você quer para o próximo mês?

— O mesmo que o anterior.

Andino lançou um sorriso. — Enquanto você continuar me pagando, eu continuarei fornecendo, Catherine.

— Claro. — Catherine se perguntou onde John estava, pois achava que seu primo mais velho deveria estar com Andino desde que ele foi libertado da prisão. — Onde está John?

— Lidando com negócios.

Em outras palavras, não era da conta *dela*.

— Ele sabe que estou trabalhando com você? — Ela perguntou.

— Vou falar com ele. — Andino sorriu maliciosamente, acrescentando: — Ou ele descobrirá sozinho. John tem muito o que fazer. Você já pensou em trabalhar por conta própria?

Catherine arqueou uma sobrancelha. — O que aconteceria se eu trabalhasse sozinha, Andino?

Andino riu baixinho. — Bem, você teria que encontrar outro fornecedor, é claro. Mas, pensando no lado positivo, você mesma administraria tudo e poderia ser seu próprio chefe, em vez de reportar a mim.

Como sua mãe fazia, pensou Catherine.

Catrina Marcello já foi a Rainha. Um fantasma supremo, uma Queen Pin no mundo de celebridades, atletas e políticos. Qualquer um que não conseguisse comprar de imediato, Catrina fornecia coca quando eles precisavam, como quisessem.

Catherine, por outro lado, não conseguia trabalhar assim. Ela encontrou seu irmão trabalhando nos vestiários da escola particular uma vez, vendendo ecstasy e maconha para todas as crianças ricas que queriam fumar ou tomar uma pílula que aparecessem sem pensar. Quando Michel se formou e entrou na Faculdade de Medicina, Catherine assumiu seu lugar como fornecedora da escola quando a procuraram perguntando onde poderiam conseguir drogas.

Ela sabia exatamente onde ir. O império de toda a sua família era formado por drogas, armas e território. Seus pais achavam que ela tinha feito vista grossa para os negócios deles, mas Catherine tinha acesso à Internet como qualquer outra pessoa.

Ela sabia que seus primos trabalhavam na Cosa Nostra. Sabia que seu pai era o Don. Então, ela encontrou John quando as crianças começaram a procurá-la. Quando ele foi preso há alguns anos, Catherine se aproximou de Andino.

O resto era história.

Mas o dinheiro era muito bom. Não que ela precisasse. Sua família tinha mais do que poderia gastar. Catherine tinha uma poupança considerável para sua educação e vida depois que terminasse os estudos.

De alguma forma, ter essa poupança e o dinheiro de sua família não era o mesmo do que fazer seu próprio. Pelo seu esforço, ela foi bem-sucedida, respeitada e desejada e, também não precisava imitar sua mãe para conseguir essas coisas. Ela era apenas Catherine Marcello.

— Eu não sei —, Andino falou devagar, olhando para Catherine. — Eu acho que você consegue fazer isso. Criar algo, quero dizer. Sem ser a intermediária para o seu fornecedor.

— Como minha mãe fez? — Catherine perguntou.

Andino se recostou na cadeira e apoiou os braços atrás da cabeça. — Você tem que dar o braço a torcer, Catty, ela era uma grande traficante.

— Não vou usar o nome ou o histórico de minha mãe para chegar a algum lugar, Andino.

— Eu nunca sugeri que você fizesse isso.

— Ser ela é a mesma coisa. Além disso, desse jeito é mais fácil. Simples e limpo.

Andino riu enquanto pegava um livro preto da mesa. Ele o abriu e rabiscou os números que Catherine fez durante o mês. Seu primo sempre fazia isso para acompanhar os negócios.

— Então continue tomando cuidado, certo? — Disse Andino.

Catherine assentiu. — Sempre.

— Ótimo. Porque se seu pai descobrir que uma parte do meu dinheiro vem da filha dele, ele cortaria minhas bolas.

Cruzes.

— Ele não vai descobrir.

Andino bufou. — Cuidado, Catty. Nunca se sabe. Dante não é um homem estúpido, então não o trate como se ele fosse. Catrina também não é idiota. Além disso, do jeito que você está fazendo seu nome em festas e coisas do tipo, não vai demorar muito para que seu pai ou sua mãe descubram.

Catherine se encolheu. Não foi nem a menção do pai que a irritou, mas a mãe. Catrina, apesar de todas as suas tentativas de proteger Catherine de seus acordos como Queen Pin quando ela era pequena, havia falhado. Catherine ainda se embrenhou nos negócios.

Não havia nada como trabalhar com a máfia. Você entrava pra valer ou não. As mulheres não tinham permissão para estar em *la famiglia* e a Cosa Nostra nunca aprovaria as negociações de Catherine.

— Eles estão muito interessados em garantir que eu não seja reprovada na faculdade —, disse Catherine, descartando as preocupações de Andino.

Ultimamente, até seu desejo de se tornar advogada como sua cunhada, Gabbie, estava sendo esquecido cada vez mais, à medida que seus negócios pareciam prevalecer no seu dia a dia. Quanto tempo levaria até que sua mãe e seu pai descobrissem que ela havia desistido de três matérias no semestre passado?

Droga.

Talvez Andino tivesse razão.

— Você conhece sua mãe e seu pai, certo? — Andino perguntou.

— Andino, qual é.

— Pois é. Eles sabem tudo, mesmo quando achamos que não. É o trabalho deles. Por que diabos você acha que Dante ainda é o chefe aos 59 anos? Se ele fosse um homem estúpido, estaria morto. O mesmo vale para sua mãe. Provavelmente, eles suspeitam ou já sabem, Catherine.

— Agora você está apenas tentando me assustar.

— Vinte e cinco anos e pensar em sua mãe ou pai te desaprovando ainda te deixa louca, não é? Você precisa superar isso e trabalhar sozinha, Catherine. Merda, acho que sua mãe e seu pai podem até te surpreender se você contar e deixar que eles entrem no seu pequeno negócio. Pare de ser uma *pincipessa* o tempo todo.

Catherine visivelmente se irritou. — Tenho uma refeição esperando por mim. Jamie está fazendo. Estarei por perto para pegar meu próximo lote na segunda-feira. Afinal, tenho um convite de cinema para uma estreia. Eu preciso estar abastecida e pronta para isso. OK?

— Mudando de assunto, legal.

— Vá para o inferno, Andino.

A risada de seu primo a seguiu até o lado de fora do escritório. Ela bateu a porta com força suficiente para fazer um quadro na parede estremecer. Snaps rosnou de dentro do escritório.

— Não bata na minha porta só porque você está irritada! — Andino gritou.

Catherine continuou andando.

Capítulo Sete

— Aqui está, Catty —, disse Jamie.

Um prato de *fettuccini* de frango Alfredo deslizou na frente de Catherine. Ela jogou um livro em cima da mesa e sorriu.

— Obrigado, Jamie.

O chefe se encostou na mesa. — Como está a faculdade?

— Tumultuada.

— Aposto que sim. Ainda está fazendo direito?

— Tentando —, disse Catherine enquanto colocava o garfo na massa quente.

— Sabe, pode ajudar se você vir visitar Andino um pouco menos e passar mais tempo na faculdade.

O garfo de Catherine parou a meio caminho da boca. Ela olhou para Jamie, seu olhar estreitando. — É mesmo? Obrigada, vou pensar nisso.

Jamie fez uma careta. — Ei, eu só estou preocupado com você.

— Não é da sua conta.

— Eu...

— Não é da sua conta, — interrompeu Catherine friamente. — Mesmo que estivéssemos ficando, ainda não seria da sua conta. Tivemos essa discussão antes e, se eu quisesse alguém mandando em mim, tenho um pai para fazer isso. Lembra daquela conversa?

Jamie se endireitou rapidamente como se alguém tivesse enfiado uma barra de metal em sua espinha. — Sim, eu me lembro.

— Ótimo.

— Aproveite sua comida.

Catherine sorriu docemente. — Eu vou.

O chefe se afastou sem olhar para trás. Catherine não se importou. Obviamente, o homem estava um pouco abalado pelo relacionamento ter terminado meses atrás. Ela achou que ele estava bem com isso, mas talvez só ela estivesse. Catherine não sabia o que dizer ao sujeito, exceto seguir em frente. Pois ela já tinha feito.

Ela comia seu macarrão e frango em paz enquanto pegava seu livro e começava a estudar para uma prova sobre condições sociais e fatores de direito nas facções do governo. Era tão chato. Catherine ainda não sabia ao certo por que decidiu fazer direito. Honestamente, ela não sabia o que queria fazer.

Direito provavelmente não era.

Ela não tinha escolha agora.

— Achei mesmo ter reconhecido esse rosto.

Catherine afastou o olhar do livro quando retirou o garfo da boca. Com a boca cheia de macarrão e olhos arregalados, ela olhou na direção da voz familiar. Cabelos escuros e rebeldes, ombros largos, um sorriso arrogante e uma forma esbelta dançavam na direção de Catherine com passadas que exalavam confiança.

Cristo.

Cross Donati era sexo, pecado e inferno tudo junto. Ele era arrogante quando queria ser, sério nos seus bons dias, e sexy pra caralho o tempo todo.

Catherine se perguntou por que diabos Cross estava perto de um negócio de um Marcello. Apesar de suas famílias serem amigas no mundo da Cosa Nostra, território ainda era território. Cross tinha sua própria família e território para lidar.

Não era isso.

— Catherine —, disse ele, seu sorriso se tornando sensual.

Ela forçou a comida a descer pela garganta para poder respirar e falar.

— Cross. O que você está fazendo aqui?

Cross deu de ombros, puxou a cadeira em frente a Catherine e se sentou em um movimento elegante. Ele irradiava sexualidade e leveza a cada movimento. — Negócios, *bella*. Nada fora do normal.

Linda.

Catherine ignorou o arrepio que percorreu sua espinha.

— É sempre estranho quando as famílias da Cosa Nostra se misturam.

— E o que você sabe sobre isso, hmm?

— Eu sei o suficiente. Eu não sou idiota, Cross.

— Não, sei que você não é.

Sua postura assertiva e seu sorriso fácil a lembraram de como ele havia sido no ensino médio e na faculdade como o rei do campo de beisebol e o alfa em qualquer outro lugar. Ele era um ano mais velho que ela, mas os dois tinham sido próximos... Tão próximos que ele tinha sido o primeiro de Catherine em muitas coisas.

— Como tem passado, Catherine? — perguntou Cross.

Ela não tinha uma resposta adequada para ele.

Sua pergunta parecia misturada com muita coisa que ele não havia dito. Como se o passado estivesse chegando até ela com apenas algumas palavras dele. Seu primeiro beijo e sua primeira vez com um homem foi com Cross. Ele lhe dera cinco anos loucos cheios de lembranças que ela adoraria contar. Ele foi seu primeiro amor.

Se ela tivesse uma lista de coisas que queria fazer até agora em sua vida, o nome de Cross seria o dono de todas as linhas.

Ser bom juntos nem sempre era suficiente. Quando eles eram bons, eles eram muito bons. Mas quando eram ruins, eram absolutamente terríveis. Eles passaram mais tempo terminando durante o ensino médio e no primeiro ano da faculdade do que juntos. O amor jovem e estúpido não era suficiente

para dar certo.

Catherine seguiu seu caminho. Cross o dele.

Simples assim.

Certo?

Com ele sentado à sua frente do jeito que estava, sorrindo e olhando-a com seu olhar castanho escuro e os dedos correndo pelos cabelos, ela se lembrava mais dos pontos positivos do que os negativos. A maneira como a boca dele se curvou nos cantos quando ele sorriu foi suficiente para fazer os lábios de Catherine formigarem com a lembrança de como era ser beijada por todo esse homem.

O que esse cara tinha que irritava tanto Catherine?

— Você está terrivelmente quieta —, observou Cross.

— Pensando —, admitiu Catherine.

— Posso perguntar sobre o quê?

— Você sabe o quê, Cross. A mesma coisa em que sempre penso quando você está por perto.

Como o quão estúpida você me faz, ela acrescentou silenciosamente.

— Você não me respondeu. Como tem passado, querida?

— Bem —, ela respondeu.

Cross sorriu quando sua sobrancelha se ergueu como se não acreditasse nela. — Ainda trabalhando para seu primo?

— Talvez.

— Com certeza você está. Por que mais você estaria aqui?

Catherine acenou para o prato. — Comida deliciosa.

— Mmhmm.

Sem aviso, Cross estendeu a mão sobre a mesa e agarrou a mão de Catherine. Ele apertou gentilmente e passou a ponta do polegar dele pelas juntas dos dedos dela. Catherine puxou sua mão para esconder o leve tremor

ao toque dele.

— Não faça isso, Cross, — murmurou Catherine.

— Ainda teimosa como sempre, pelo que estou vendo.

— Você gostava.

— Eu ainda gosto.

Os olhos de Catherine se arregalaram. — Como é?

— O que você vai fazer neste fim de semana?

— Uh...

— Saia comigo —, disse ele.

Catherine olhou debilmente para ele. — Hum.

— Qual é, Catty, você sempre teve resposta na ponta da língua para tudo o que eu ou alguém te dissesse. Não me decepcione agora.

— Cross...

— Catherine, ei. Andino estava perguntando se você ainda estava aqui. Ele quer que você volte ao escritório por alguns minutos.

Catherine piscou para Jamie. O chefe deslizou ao lado da mesa com um olhar mirado diretamente no homem sentado à frente dela com a mão ainda estendida em sua direção. Não havia como negar o fato de que Cross a observava como se fossem próximos, como se ainda houvesse algo entre eles.

Havia?

Ela não sabia.

Ela não tinha certeza se queria.

— Quem é esse, Catherine? — Jamie perguntou. — Você não mencionou um amigo.

As palavras de Jamie exalavam ressentimento. Cross lançou um olhar desinteressado na direção de Jamie. Nesse meio tempo, Catherine não deixou passar despercebido o fogo nos olhos de seu antigo amante, pois ele provavelmente notou o quão irritado o chefe parecia com a proximidade e o

conforto do casal à mesa.

Com ciúmes.

Cross estava com ciúmes.

Jamie estava com ciúmes.

Catherine não tinha tempo para essa bobagem. Esses dois podiam comparar os tamanhos dos pintos outra vez quando não estivesse por perto. Ela não dava a mínima.

— Obrigada por me informar sobre Andino, Jamie.

De pé, Catherine deixou seu prato inacabado de comida e seu antigo amante em seus respectivos lugares enquanto pegava sua bolsa.

— Cross, foi bom te ver.

Ele nem se levantou.

— Igualmente, Catherine —, ele murmurou.

Ela odiou essa reação dele.

Por quê?

Porque ela se lembrava muito bem de como eram os murmúrios dele sussurrando sobre sua pele.

Sem tempo.

Não para isso.

Capítulo Oito

A parte do irmão mais velho de Catherine que ela mais gostava era a esposa dele, Gabbie. Michel era um idiota mal-humorado e rude em seus dias bons, mas ela era o lado mais doce de sua personalidade.

Fazia com que os jantares em família fossem divertidos.

— Sua casa estará pronta em alguns meses? — perguntou o pai de Catherine da cabeceira da mesa.

Michel assentiu. — Se Deus quiser.

— Está demorando —, disse Gabbie antes de tomar um copo de vinho.

— E você decidiu o que vai fazer depois? — Catrina perguntou ao filho.

— Aula particular —, disse Dante antes que Michel pudesse falar.

Michel sorriu. — Papai sabe. Dinheiro fácil, né?

Gabbie suspirou. — Nem tudo é dinheiro, Michel.

— Tudo é dinheiro —, argumentou Michel.

— Nem tudo —, disse Gabbie devagar.

O pai de Catherine riu da cabeceira da mesa, a alegria em seus velhos olhos suavizando suas feições. Dante costumava parecer intenso e severo. Tanto que ele intimidava a maioria das pessoas que entravam em contato com ele. Catherine sabia que isso era simplesmente porque as pessoas realmente não o conheciam.

Claro, ele era um grande chefe do crime.

Mas ele também era pai.

Ele era um homem de família.

Ele era amável.

— Como vai a faculdade? — Catrina perguntou, seu olhar penetrante

caindo em Catherine.

— Bem —, respondeu Catherine.

— Que ótimo —, disse Dante, sorrindo amplamente. — Só faltam alguns anos, Catty.

Catherine se forçou a concordar. A verdade era que poderia ser mais do que alguns anos.

Dante olhou para a filha silenciosamente, como se estivesse procurando por algo que não existia. Com grande frequência, o pai dela fazia isso. Ele também era muito bom nisso.

— Conversei com Andino hoje —, disse Dante.

Merda.

Catherine enfiou o garfo em um pedaço de carne e perguntou: — É mesmo?

— Sim, ele mencionou que você passou lá para comer no restaurante.

— Sim.

— O que eu perdi? — Michel perguntou.

— Nada —, disse Catherine.

— Oh, você está agindo diferente —, disse Catrina. — Ou melhor, você está tentando *não* agir diferente Catherine.

Dio.

Era por isso que Catherine às vezes evitava sua família. Eles bisbilhotavam demais e enfiavam o nariz onde não deviam.

— Você está saindo com o garoto Donati de novo? — Dante perguntou do nada.

Catherine largou o garfo. Ele pousou em seu prato com um barulho alto e foi o único barulho que a mesa fez durante os dez segundos inteiros que ela passou encarando o pai com a boca aberta.

— O quê? — Catherine finalmente conseguiu perguntar.

— Donati. Cross. O filho de Affonso Donati. — Dante fez uma careta quando Catherine ficou em silêncio. — Por que você está se fazendo de boba, Catherine? Você sabe de quem estou falando. Você o namorou por anos.

— Por que você acha que eu estou com Cross novamente?

— Andino mencionou...

— O quê, que Cross apareceu no restaurante de Andino e conversamos, pai?

Catherine soltou um suspiro pesado, mais frustrada do que nunca. Embora seu pai nunca tivesse dito explicitamente que ela não podia namorar Cross, ele nunca aprovara totalmente o homem. Catherine suspeitava que fosse apenas porque alguém estava interessado nela, e Dante nunca gostou que meninos chegassem perto de sua filha.

Dante levantou uma única sobrancelha e, instantaneamente, Catherine calou a boca. Ela sabia quais linhas podia e não podia cruzar com o pai. Grosseria era algo que ele não aceitava. Não importava quantos anos ela tivesse.

— Desculpe —, Catherine murmurou rapidamente.

— Tudo bem —, disse Catrina, se levantando da mesa. — Michel, vamos... fazer alguma coisa por alguns minutos.

— Vamos, Gabbie, — disse Michel, estendendo a mão para a esposa.

Catherine encarou o prato ao invés dos olhos do pai que a queimavam.

— Pare com isso, papai —, disse Catherine.

Dante suspirou. — Eu só queria uma resposta, Catherine.

— Eu te dei uma.

— Que você jantou com Cross Donati no restaurante do Andino. Sim, entendi.

— Que jantar? — Catherine perguntou. — Não era um encontro.

— Você não o convidou até lá?

— Não.

Dante ficou em silêncio.

Catherine não gostou de nada disso.

— O quê? — Ela exigiu.

— Você está namorando alguém? — Dante perguntou em vez de responder.

Catherine ficou ainda mais frustrada. — Por quê, para você pagar essa pessoa para ficar longe de mim? Eu sei como você se sente sobre os homens na minha vida, pai.

— Eu nunca paguei ninguém, Catty.

— Você provavelmente já pensou sobre isso.

A bochecha de Dante se contraiu antes de assentir uma vez. — É verdade.

Sorrindo, Catherine disse: — Não estou saindo com ninguém. E certamente não com Cross Donati. Ele disse que apareceu no restaurante para negociar com Andino.

Bem, ele disse *negócios*. Catherine supôs que isso significasse negócios com Andino.

— Andino disse que não convidou Cross, querida.

Catherine parou em sua cadeira, absorvendo as palavras de seu pai.

O que isso significava?

Cross a procurara?

Por quê?

— Quero que você seja feliz, Catherine —, disse o pai. — Eu não ligo com quem você escolhe ser feliz. Eu não me importo se ele é um homem feito, ou se ele é um homem comum que você acabou conhecendo. Eu não me importo, desde que ele a ame como você deve ser amada, *mia ragazza*.

Catherine torceu as mãos no colo de forma sentimental, tentando esconder. Ela sempre foi mais próxima do pai do que da mãe. Ela amava sua mãe, mas era diferente com o pai. Dante entendia Catherine, a deixava viver do jeito que ela queria. Ela o adorava por isso.

— Vou encontrar o cara certo, Papai — sussurrou Catherine.

— Aquele que te faça feliz.

— Sim, esse.

— Talvez Cross não te faça feliz.

— Eu sei.

— E outra coisa —, disse Dante.

— Hmm? — Catherine encontrou o olhar de seu pai do outro lado da mesa. — O quê?

— Esteja atenta se ele estiver te procurando por alguma coisa.

Catherine sabia disso.

Mas a curiosidade estava queimando-a.

O que Cross queria?

Capítulo Nove

ANDINO

— Boa noite, mãe —, Andino cumprimentou, curvando-se para beijar a bochecha de sua mãe.

Kim sorriu calorosamente ao filho e deu um tapinha no braço dele. — Seu pai está na garagem.

— Eu não vim ver o papai —, Andino mentiu.

Ele veio conversar com Giovanni, mas sempre criava tempo para sua mãe também. Ser filho único havia permitido a Andino todo o amor e atenção de seus pais sob seus olhos vigilantes. Seu pai era descontraído e divertido, assim como sua mãe.

Eles eram pais interessantes, pra dizer o mínimo. Andino foi autorizado a experimentar a vida sem expectativas ou exigências que o pesassem. Ele sempre teve um confidente em seu pai, caso precisasse conversar. E sempre teve um apoiador em sua mãe, independentemente de suas decisões. O julgamento não tinha lugar na casa e na vida de seus pais, e certamente não em relação a Andino ou a suas escolhas.

Andino nem se lembrava de ter regras.

— Foi um Lexus novo que eu vi na entrada da garagem? — Sua mãe perguntou.

Andino se sentou ao lado dela no sofá, sorrindo maliciosamente. Ele gostava de coisas caras, principalmente carros. — Sim.

— Você se mima, Andino. Todo mundo sempre dizia que mimaríamos você, porque você era filho único. Eu acho que eles estavam errados. Você certamente não puxou o amor pelas coisas caras do seu pai e de mim.

Rindo, ele se recostou no sofá e deixou a familiaridade da casa de

seus pais mergulhar nele. — Eu tenho que gastar o dinheiro que ganho de alguma forma, mãe.

— Que tal uma garota? — Kim perguntou, sorrindo maliciosamente.

— Uma garota?

— Encontre uma, case-se com ela e você terá muito no que gastar, Andi. Coisas além de você. Penso que achará recompensador gastar seu dinheiro com outra pessoa além de você.

— Mãe...

Kim estalou a língua, parando Andino antes que ele pudesse refutá-la. — Eu quero netos algum dia, Andino. Você tem 28 anos, é hora de se acalmar. Encontre alguém para fazer isso.

— Acho que você não entendeu, mãe — Andino disse calmamente.

— Não?

— Não. Não encontrei ninguém que me desse vontade de me acalmar. Não vou forçar isso simplesmente porque você quer netos para mimar.

Kim sorriu, mas até seu olhar foi triste. — Eu sei.

Suspirando, Andino perguntou: — Você se arrepende de não ter tido mais filhos depois de mim? Talvez se você tivesse tido, teria alguns *bambinos* correndo por aí ou algo assim.

— Nem por um segundo.

Kim nem sequer hesitou antes de responder. Suas palavras saíram francas e honestas. Andino acreditou em sua mãe. Ela nunca mencionou querer ter mais filhos quando ele era criança. Nem seu pai.

— Além disso, seu pai teria vivido em constante estado de pânico se eu tivesse lhe dado mais filhos —, acrescentou Kim, rindo baixinho. — Quando você nasceu, Gio correu para o consultório médico para se certificar de que não teríamos mais nenhum. —

Andino sorriu, sabendo que isso provavelmente era verdade. — Você

é terrível, mãe.

— Eu só falo a verdade.

Kim colocou a revista que estava lendo sobre a mesa de café e deu toda a atenção ao filho. Enquanto os olhos de sua mãe eram de um azul escuro, os de Andino eram verdes como os de seu pai. Mas em aparência, ele sabia que se parecia mais com sua mãe. Kim falava manso, já Andino era sua versão mais masculina e moderada. Ela sempre dizia que ele se parecia com seu tio Cody, de Las Vegas.

Andino nunca havia conhecido o homem, mas era apenas uma questão de tempo até que ele finalmente o conhecesse. Afinal, Cody Abella era o chefe da Cosa Nostra de Vegas. Giovanni teve o cuidado de manter o filho longe de Las Vegas por mais tempo que Andino podia se lembrar, embora seu pai nunca tivesse explicado o porquê.

Ele imaginou que tinha algo a ver com sua mãe. Como em que circunstâncias ela conheceu o pai dele. Andino não era estúpido. Ele sabia como isso aconteceu.

As pessoas fofocavam.

— Como está o trabalho? — Perguntou a mãe.

— Tranquilo, mas ocupado como sempre. Me mantém atarefado.

— E John?

Andino permaneceu passivo com a pergunta. — Você está querendo saber dele como tia, ou está tentando extrair informações de mim para o Papai?

Kim sorriu. — Você é muito atento para o seu próprio bem.

— Não, eu só conheço você, Mãe. — Andino deu de ombros, dizendo: — Papai pode muito bem perguntar ao próprio John como ele está indo, se ele está preocupado com ele. Ele sempre foi mais próximo do papai do que com seu próprio pai, de qualquer maneira. Mas honestamente, ele está

bem. Está em casa há alguns dias e nada aconteceu ainda. Está trabalhando. Ele tem muito que recuperar. Três anos é muito tempo fora deste jogo.

Kim estendeu a mão e agarrou o pulso de Andino. Ela o apertou com mais força do que ele esperava. — Não diga isso, Andi.

— Hmm, o quê?

— Um jogo. Não chame isso de jogo. Nunca foi assim, você sabe disso. Se você tratar isso desse jeito, então você perderá como os demais que tratam as coisas assim também.

Andino deu um tapinha na mão de sua mãe. Ela se preocupava demais com ele, e sempre se preocupou. Kim nunca havia desencorajado ativamente o filho a se juntar a Cosa Nostra, nem lhe disse uma palavra quando ele entrou nos negócios da família e na máfia. Kim simplesmente o deixou viver e crescer para ser quem e o que ele quisesse ou precisasse.

Ele amava demais a mãe por isso.

Mas ela ainda se preocupava.

— Estou bem, mãe —, garantiu Andino.

— Estar bem nem sempre é seguro —, respondeu Kim.

Ela estava certa.

— Porquê de tudo isso, hein?

Kim olhou para as mãos, evitando o olhar do filho. — Nada, Andino. Não se preocupe com isso.

Ele não tinha certeza do que isso significava. Especialmente com o fato de que ela não olhava nos olhos dele. O que havia de errado com sua mãe?

— Mãe? — Andino pressionou. — O que é?

Kim balançou a cabeça, olhou para ele e sorriu. — Como eu disse, não é nada. Eu só quero que você saiba uma coisa, Andino.

— Sim, mãe.

— Estou tão orgulhosa de você. Eu sempre estou, não importa o quê.

Andino lhe deu um sorriso. — Eu sei.

— Eu quero continuar me orgulhando de você, Andi.

Ele se endireitou no sofá, surpreso com as palavras dela.

— Por que você não estaria? — Ele perguntou.

Kim estendeu a mão e passou levemente na bochecha dele. — Lembre-se de seguir as regras, Andino. Pode não ser o que você quer agora, mas pode ser a melhor coisa para você algum dia.

Andino piscou, mais confuso do que nunca.

— Tudo bem, — murmurou Andino. — Seguir as regras. Deixa comigo.

— Ótimo. — Kim se levantou do sofá e ajustou as pernas da calça. — Vá falar com seu pai e diga a ele que o jantar está quase pronto. Eu não estava esperando você, mas colocarei um prato extra na mesa. Caçarola serve?

— Tudo o que você faz é *perfetto*, mãe.

Kim riu. — Você é igual ao seu pai. Simpático demais para o seu próprio bem, e você sabe disso, o que só piora as coisas. Por que você não consegue encontrar uma garota com todo esse seu charme, hein? Atraia-a, Andino. Vai valer a pena, aposto todo o meu dinheiro nisso.

Andino não pensava da mesma forma, mas não corrigiu a mãe.

— Você só quer netos —, disse ele.

— Quero —, ela concordou tranquilamente. — Então dê um jeito nisso.

Capítulo Dez

— Filho da puta —, Gio gritou.

Andino se encolheu quando seu pai jogou uma chave inglesa na garagem com um movimento de seu pulso. A ferramenta de metal voou pelo ar até acertar a parede oposta. Não era sempre que Giovanni Marcello se tornava fisicamente violento, então isso chocou Andino, mesmo aos 28 anos.

— Jesus —, Andino murmurou. — *Calma, papá.*

Gio se virou rapidamente para encarar o filho. — Boa noite, filho.

Seu pai enfiou o dedo do meio sangrando na boca e chupou.

— O que aconteceu?

— A chave escorregou e acertou minha unha —, Gio murmurou em torno de seu dedo.

— Ai. — Andino acenou com a cabeça em direção à porta da garagem que dava para o lado da casa. — Mamãe está arrumando a mesa para o jantar.

— Que bom, estou morrendo de fome. E chega de tentar consertar a porra do carro dela.

Andino levantou uma sobrancelha, divertido. — Desde quando você conserta carros?

— Nunca. — Gio bufou quando ele puxou o dedo da boca e olhou para a contusão enegrecida que já estava começando a se formar. — E é exatamente por isso. Roubar um carro, não há problema. Consertar algo, melhor não.

— O que há de errado com o carro?

— Eu não sei, está bebendo óleo.

Andino pressionou dois dedos na testa. — Vou levá-lo ao meu mecânico amanhã.

— Ou eu poderia simplesmente comprar um novo para ela, — sugeriu Gio, sorrindo.

— Ou isso. O que você quiser fazer, Pai.

— Ela estava admirando seu novo Lexus, não estava?

Andino olhou para o pai. — Você estava ouvindo minha conversa com ela antes?

— Não.

— Pai.

A expressão de Gio não se alterou. — Eu disse que não. Pare de me fazer perguntas, filho.

O hábito de respeitar o pai em primeiro lugar fez Andino desistir da conversa. Essas eram as únicas regras que seu pai se importava em aplicar quando Andino era criança, e isso era principalmente porque tinha tudo a ver com viver ao estilo Cosa Nostra.

Honra.

Respeito.

Dignidade.

Família.

Era isso.

A vida de Andino poderia ser resumida em quatro simples coisas.

— Ela mencionou que gostou do Lexus, — disse Andino.

Gio esfregou as mãos. — Que ótimo.

— Ela também estava pescando informações sobre John. Percebi que a curiosidade vem mais de você do que dela, no entanto. Mamãe não bisbilhota assim. Você sim.

Seu pai nem parecia envergonhado.

— Ele tem evitado minhas ligações nos últimos dias, — disse Gio. — Não é normal ele ignorar minhas ligações.

— As minhas não, — respondeu Andino — e eu o vejo todas as noites quando chego em casa. Ele ainda está comigo até conseguir um novo apartamento.

— Lucian está preocupado.

— John tem trinta anos, pai. Deixem-no ser adulto pelo menos uma vez.

Gio fez uma careta. — Você acha que é simples assim, não é?

— Um pouco de confiança pode ajudar bastante. É tudo o que estou dizendo.

— Tudo bem, confiança —, disse Gio pesadamente. — Vou passar a mensagem para Lucian.

Andino assentiu. — E para Dante também.

— Nós nos preocupamos.

— Pois não deveriam. Ele está indo muito bem. Ele está trabalhando, fazendo serviço comunitário e se mantendo discreto, como Dante mandou. John está seguindo as regras... pela primeira vez. Talvez ele esteja se distanciando do pai, porque John ainda está tentando descobrir como respirar do lado de fora da prisão. Dê a ele algum tempo, pai.

Gio diminuiu o espaço entre ele e o filho. Sua mão direita pousou no ombro de Andino quando ele passou, de forma pesada, mas familiar.

— Você sempre foi desse jeito, Andino.

— De que jeito?

— De família, você sabe. Cuidando de todos. Você é bom nisso e vai carregar pelo resto da vida, filho. Isso vai te levar longe... essa pessoa que você é. É mais do que apenas um dever para você, mesmo que não perceba. Só não tenho certeza se é algo que também deseja.

Lá estava novamente. Assim como sua mãe, agora seu pai estava fazendo comentários vagos sobre coisas que não faziam absolutamente

nenhum sentido.

Andino se virou junto do pai para caminhar em direção à porta. — Alguém me criou assim, pai.

Gio sorriu. — Eu sei. O que sua mãe fez para o jantar?

— Caçarola.

— Ela faz a melhor caçarola.

Faz mesmo.

— Ela estava me incomodando com outra coisa também, — disse Andino, abrindo a porta da garagem para o pai entrar na casa.

— Sobre o quê?

— Sobre me casar. Ter filhos. Essas coisas.

— Andino...

— Eu entendo, mas está ficando chato. Peça a ela para parar com isso, tá bom?

Gio parou na porta junto do filho, olhando para o longo corredor onde Kim provavelmente ainda estava arrumando a mesa. Ela não conseguia ouvir a conversa de onde eles estavam. Andino agradeceu por isso. Ele não queria magoar a mãe, mas precisava que ela se afastasse.

— Eu amo a minha mãe, — disse Andino.

— Eu sei que sim, — Gio respondeu calmamente.

— Mas eu não estou nessa fase e não vou fazer isso só porque ela quer, pai. Não tenho interesse em casar com alguém tão cedo ou brincar de casinha. Eu tenho coisas muito mais importantes com que me preocupar.

Andino era um Capo. Cosa Nostra vinha em primeiro lugar, sempre. Para ele, o amor e a eternidade não eram levados em consideração. Não agora. Talvez um dia, mas seus planos imediatos não incluíam esse absurdo. Ele tinha negócios para administrar, uma equipe para gerenciar e dinheiro para ganhar. Ele vivia intensamente. De jeito nenhum ele iria parar com isso

por uma mulher.

— Eu sei que você tem muito com o que se preocupar além de se casar, — disse Gio.

— Então peça a ela para parar um pouco.

Gio olhou para Andino por um tempo antes de dizer: — Não sei como você veio de mim, filho.

A testa de Andino se elevou. — Por que não?

— Somos muito diferentes, você e eu.

— Não consigo ser igual a você e a mamãe.

Gio assentiu uma vez. — Ninguém está pedindo para você ser, Andino.

— Que bom.

— Você não consegue ser igual a gente, Andino, porque você já é muito parecido com outra pessoa, filho.

O que diabos isso significava?

Capítulo Onze

— *Zia* Catrina —, Andino cumprimentou.

Sua tia aceitou um beijo na bochecha. Mesmo com seus cinquenta e tantos anos, a tia dele tinha envelhecido notavelmente bem. As leves mechas acinzentadas em seus cabelos ruivos e as risadas que enrugavam o canto de seus olhos afiados eram os únicos sinais reveladores de sua idade.

Catrina ainda era alta. Ela ainda chamava atenção. Andino sabia que sua tia ainda era capaz de assustar um homem com poucas palavras ou com um golpe de faca também.

— Como está meu sobrinho favorito? — Catrina perguntou.

Andino riu. — Eu não sou o seu favorito.

— Bem, vocês são todos os meus favoritos. Mas quando estamos cara a cara como agora, reservo o direito de qualquer um de vocês serem o meu favorito naquele momento. Então, como está meu sobrinho favorito?

— Eu estou bem. Ocupado.

— Você deveria ir mais devagar e aproveitar um pouco mais o que já tem, Andino —, disse sua tia antes de beber seu chá.

— Talvez.

Os lábios vermelhos de Catrina se contraíram enquanto ela o observava por cima da borda da xícara. — Nunca faça isso, Andino.

— Hmm, o quê?

— O que você acabou de fazer. Dizer o que uma mulher quer ouvir apenas para agradá-la. Não funcionará em uma boa mulher, prometo. Diga a verdade e do jeito certo. Honesto, franco e severo, se necessário. Ela pode não gostar disso de primeira, mas aprenderá que a verdade é melhor do que uma mentira feliz que só doerá com o tempo.

Andino piscou, surpreso com a sinceridade de sua tia. — Ok.

— É tudo o que você tem a dizer?

— Não. Por que que diabos todos estão contra mim ultimamente?

A testa de Catrina franziu. — Como é?

— Todo mundo parece sentir a necessidade de apontar na minha cara que não tenho mulher e que deveria encontrar uma assim que humanamente possível para levá-la ao altar.

— Você está brincando.

— Não —, disse Andino.

Quem brincaria com essa merda?

— Sua mãe? — Catrina perguntou.

— Sim, e outros.

— Kim finalmente está começando a sentir que a casa dela está vazia, só isso.

— Não vou preenchê-la —, disse Andino baixinho.

Catrina riu alto. — Oh, ela não espera que você faça isso, ela simplesmente acha que você está se sentindo sozinho como ela está ou algo assim.

Oh.

Certo... Andino sabia que suas tias e sua mãe sempre foram amigas íntimas, então a suposição de Catrina era provavelmente mais verdadeira do que ele pudesse imaginar. Andino decidiu deixar pra lá, e as palavras de sua mãe do dia anterior sumiram.

— A propósito, por que os carros de meu pai e Lucian estão do lado de fora?

Catrina encolheu os ombros. — Dante os convidou mais cedo. Ele faz isso o tempo todo. Eles estão lá em cima no escritório onde costumam estar. Provavelmente fumando aqueles charutos horríveis novamente.

— Por que ele não me disse que os convidou quando ligou mais cedo?

— Eu não sei, pergunte a ele. E quando você for fazer isso, diga para apagar o charuto também. Fede todo o andar de cima. Não dá nem pra encostar nessa coisa.

Andino riu, deu outro beijo na tia e a deixou sozinha na cozinha para procurar seu pai e tios.

Assim como dissera a tia, Andino os encontrou no escritório de Dante, seguindo os sons de suas vozes itinerantes. O assunto da conversa fez Andino andar devagar enquanto se aproximava das portas abertas de carvalho.

— Está na hora —, Lucian disse calmamente.

— Dá para esperar mais alguns meses, irmão —, disse Dante. — Talvez até depois da próxima reunião da Comissão.

— Você está me pedindo ou mandando?

Dante riu secamente. — Entre família, nós somos irmãos, só isso. Não um chefe e seu subchefe.

— Eu não sei, eu estou cansado de tudo —, Gio murmurou.

Andino parou de andar quando o pai também entrou na conversa.

— Quero dizer, Lucian tem sessenta, você tem cinquenta e nove, Dante, e eu cinquenta e sete. — Gio suspirou profundamente e acrescentou: — Papai também parou nessa idade. Não é como se estivéssemos falando de algo prematuro aqui.

— Eu sei disso —, disse Dante rispidamente.

— Deixe Lucian fazer isso —, disse Gio. — Dentro de alguns meses, procuraremos alguém para mim. Andino consegue lidar com isso por alguns meses. Ele sabe se virar. Acredite que ele possa ocupar lugares com os homens certos.

Andino sentiu um peso no estômago.

Ele não preencheria lugares.

Ele não era o chefe.

— Quero aproveitar meu tempo com meus filhos e netos que nascerão em breve —, disse Lucian. — Minhas filhas mais velhas são casadas, uma foi embora, morando em Chicago, e Cella está falando sobre se mudar para a Flórida com o marido a trabalho. Lucia acabou de se formar e vai para a faculdade no outono fora do estado. E depois tem John...

— Dê um tempo a ele —, disse Gio.

Andino estava agradecido por seu pai ter seguido seus conselhos sobre esse assunto.

— É exatamente onde quero chegar —, respondeu Lucian. — Eu preciso dar tempo ao meu filho. Toda a vida dele foi cercada pela Cosa Nostra. E isso seria bom, Dante, se John fosse como eu quando criança, ou mesmo como você e Gio eram com Papai. Mas ele não é, ele é John. Não posso esperar que meu garoto seja como éramos quando ele tem um conjunto de obstáculos completamente diferentes que ele nunca pediu que colocassem em seu caminho. Pela primeira vez, quero ter tempo com meu filho, onde eu não precise resolver coisas da máfia. Talvez então ele possa me ver de maneira diferente. Apenas um homem, seu pai. Qualquer coisa. Estou pronto para me aposentar. Eu preciso disso.

— Certo. Informalmente, então? — Dante perguntou.

— Pode ser informalmente —, Lucian concordou. — Nós podemos lidar com todas as outras bobagens quando precisarmos.

— O que você acha, Gio? — Dante perguntou.

— Sobre o quê?

— Você sabe o quê. Andino.

— Ele é meu filho —, disse Gio, rindo. — Ele vai ficar bem. Ele é um Capo muito bom e sabe como lidar com homens tão bem quanto você, Dante. Andino está nisso desde que aprendeu a andar. Não tenho dúvidas de que ele

pode administrar esta família. Ele é sua melhor escolha para um sucessor, toda a família sabe disso. Os sussurros já estão se espalhando, você só precisa ouvi-los. *La famiglia* quer Andino como o próximo chefe.

— Eles querem —, Lucian concordou.

Andino ficou atordoado. Nada o pegou tanto de surpresa quanto essa notícia. Não era ruim, de jeito nenhum, mas ele não tinha certeza se era isso que ele queria. Ser chefe nunca esteve em seus objetivos. Andino se concentrava em sua equipe, em ser nada mais que um bom Capo, e era isso. Ele sempre vira John como o sucessor de seu tio, porque ele era o Marcello mais velho entre eles, e John sempre fora incluído em mais coisas que Andino.

O que havia mudado?

Ele sabia a resposta, mas ignorou.

John entenderia?

Andino não tinha a resposta para isso.

Saindo de seu estupor, as pernas de Andino finalmente decidiram funcionar. Ele se moveu alguns metros e passou pelas portas abertas do escritório. De pé na porta, sua forma chamou a atenção de seu pai e tios.

Nenhum deles pareceu surpreso ao vê-lo lá.

— Você ouviu? — Dante perguntou de trás de sua grande mesa.

Andino assentiu, mas não disse nada.

Gio se levantou do sofá. — Isso é bom, Andino.

— É?

As coisas estavam começando a fazer mais sentido para Andino. Quanto mais ele pensava, mais ele entendia as palavras de sua mãe e pai sobre se estabelecer e encontrar uma esposa. Seu pai provavelmente sabia o que estava por vir, e Gio provavelmente contou para Kim.

— Ninguém pensou em me perguntar? — Andino perguntou.

Lucian abaixou a cabeça. — Você já deveria saber, Andino.

— Eu não sei por quê, na verdade.

Dante suspirou. — Qual é o problema?

Andino não sabia se estava pronto para isso.

Era exatamente esse o problema.

Ele tinha 28 anos. Ser chefe não era tão simples quanto subir ao poder quando as pessoas se aposentavam na máfia. Havia muito mais nisso.

Seu tio — seu chefe — pareceu entender seus pensamentos internos.

— Nós nunca estamos prontos, Andino —, disse Dante.

— Eu não pedi por isso —, disse ele.

— Ninguém nunca pediu. — Dante sorriu. — Nós aceitamos, recebemos ou nascemos para isso. No entanto, não pedimos a ninguém.

— Este não é o tipo de mudança que será feita da noite para o dia —, disse Gio quando Dante terminou de falar. — Isso será feito com o tempo, Andino. Lucian está pronto para renunciar, o que permitirá que Dante ocupe seu lugar. A posição de Lucian como subchefe colocará você no primeiro da fila e no centro da família. Você atua como meu intermediário há anos, além de ser Capo. Você sabe como fazer isso, e não será difícil para quem já te vê nessa posição.

— Faz sentido —, disse Andino.

Daria certo, e Andino entendeu a escolha de sua família em promovê-lo, especialmente se *la famiglia* já estivesse de olho nele. Ainda assim era uma mudança enorme. Uma que ele não esperava.

— Ótimo —, disse Dante, sorrindo amplamente e batendo as palmas.

— Então está resolvido.

— Você vai ser um bom chefe, Andino —, disse Lucian.

— Eu concordo —, disse Dante.

Gio lançou um olhar para o filho que Andino não entendeu.

— Você tem tempo para organizar as coisas do lado pessoal —, disse o pai. Ninguém está dizendo que você precisa correr e se casar hoje mesmo, Andino.

Então era isso. O futuro de Andino foi decidido e ele não poderia falar nada sobre isso.

O dever não esperava ninguém.

Capítulo Doze

A melhor parte do dia de Andino era quando nada estava acontecendo. Geralmente, sua vida era corrida, porque era assim que ele vivia, sempre em algum tipo de atividade. Não demorou muito tempo para relaxar, mas seu cachorro mimado não lhe dava uma escolha. Não havia nada que Snaps gostasse mais do que relaxar.

Passando os dedos nos pelos curtos do pitbull, Andino levou o cachorro pelo parque silencioso. Snaps estava feliz, contente. Andino também.

Snaps dava passos preguiçosos, andando diretamente ao lado de Andino o tempo todo, como o cachorro havia sido treinado para fazer. Pensando bem, Andino não queria um cachorro, e muito menos aquele que exigia tanta atenção o tempo todo. Ele não tinha paciência para esse absurdo.

E então um dia seu pai apareceu à sua porta com um filhote nas mãos quando Andino tinha apenas 22 anos. Talvez o filhote tivesse lembrado o pai de outro cachorro que tiveram anos atrás antes de o cão sucumbir à idade e ao câncer. Andino não tinha muita certeza, mas Gio não havia lhe dado escolha.

Não, seu pai simplesmente ignorou o filhote chorão e explicou como ele o encontrou. Aparentemente, Snaps nasceu em um canil. Os tolos que estavam criando os cães faziam isso com o objetivo de usá-los para lutar. Snaps não passava de um cão de briga. Se ele sobrevivesse, viveria para lutar. Se um cachorro mais velho o matasse durante o período em que os cães não estavam sendo vigiados, tanto fazia.

Nasceria outra ninhada.

Gio não gostava de brigas de cães — ele não aceitava isso. Quando descobriu que seus homens estavam envolvidos nisso, ele os demitiu, resgatou o filhote no processo e levou para Andino.

Agora, Andino agradecia.

Depois se perguntou o que diabos ele faria com um cachorro como Snaps.

Passando os dedos nos pelos do cachorro novamente, Andino podia sentir na pele algumas das antigas cicatrizes de Snaps sob eles. Ninguém podia vê-las, mas Andino se lembrou vividamente de como eram as marcas quando seu cachorro era apenas um filhote, lutando para comer alimentos sólidos e precisando de Andino para alimentá-lo com líquidos numa seringa. Sim, Snaps era tão novinho. Ele não era mais assim ou incapaz.

— Snaps —, disse Andino, observando o fato de que não havia mais pessoas na trilha.

As orelhas de Snaps se contraíram, mas nem olhou para cima.

— Você está pronto? — Andino perguntou.

Snaps bufou, seu nariz pressionando o chão. Andino sacudiu o graveto que tinha recolhido. Tinha talvez uns quinze centímetros de espessura e uns trinta de comprimento. Um galho de árvore quebrado que caíra no caminho e ele o pegou enquanto caminhavam.

— Levante —, Andino ordenou.

A cabeça do cão voou para cima, seu olhar treinado para frente. *Bom cachorro*, Andino elogiou em silêncio. Todo esse tempo e treinamento valeram a pena. Snaps adorava aprender.

— Vá pegar —, Andino disse rápido.

O graveto voou de sua mão rapidamente. Snaps provavelmente nem viu seu mestre atirar o graveto, mas o cachorro já estava indo atrás dele. Para a maioria das pessoas, Snaps parecia preguiçoso pra caralho. Andino também não se importava em deixar as pessoas acreditarem nisso.

Snaps estava a seis metros na frente do graveto antes mesmo dele começar a descer do ar. Em um piscar de olhos, o cachorro se virou e

avançou. As duas patas de trás de Snaps pressionaram com força o piso pavimentado e, em seguida, o cachorro se lançou no ar.

A quase dois metros de altura, o cachorro pegou o graveto. A mandíbula de Snaps apertou a madeira com um ruído audível. O graveto se desfez em pedaços. Snaps pousou no chão quase silenciosamente, balançando a cabeça. O que restou do graveto caiu da boca do cachorro antes de Snaps voltar para o lado de Andino.

Bufando, Snaps esperou por seus elogios. Ele sempre esperava. Ele nunca pressionava por isso.

— Bom cachorro —, disse Andino.

Snaps enfiou a cabeça grande na palma da mão de Andino que o acariciou.

Quando sua vida parecia estar indo muito rápido, Snaps sempre conseguia desacelerar. Hoje não foi exceção. Mas mesmo quando a vida de Andino de repente parecia não ser dele, como se ele fosse agora o brinquedo de outra pessoa, Snaps ainda era o mesmo.

O cachorro dele.

O companheiro dele.

Depois das novidades que soube no dia anterior, ele ainda estava tentando se ajustar ao que tudo aquilo significava. Um chefe, era isso que ele deveria ser. Ele decidiu que não parecia necessariamente errado, mas as coisas que mais gostava em sua vida, como estar sozinho, teriam que mudar.

Ele não estava pronto para isso.

— Uau, isso foi loucura —, veio uma voz suave e sensual à esquerda de Andino.

Ele se virou rapidamente, alarmado que Snaps não o alertou para o fato de que alguém estava por perto. Tinha certeza de que estava sozinho.

Aparentemente não.

A mulher, com uma blusa folgada e shorts de corrida, estava na entrada de uma trilha. Seu cabelo loiro, com mexas verde-azulado e roxo, estava preso em um rabo de cavalo solto. Ela tinha o corpo esbelto e tonificado de uma corredora e Andino se viu encarando todas as curvas de seu corpo, desde os quadris até a cintura e seios. Ela estava em forma, era alta, e pela expressão que usava enquanto ele a encarava, fogosa e agitada também.

Andino gostava disso em uma mulher.

A mulher colocou uma das mãos no quadril saliente.

— Você encara as pessoas com frequência? — Ela perguntou.

Andino sorriu, divertido com sua franqueza. — Quando algo merece minha atenção, sim.

A mulher sorriu. — É isso que você achou?

Andino apenas deu de ombros.

Que diabos mais ele poderia fazer?

— Eu só falo a verdade —, disse ele.

A mulher o olhou de cima a baixo. — Você costuma usar terno quando vai passear com seu cachorro?

— Às vezes.

— Hã.

Andino levantou uma sobrancelha. — Você costuma questionar pessoas aleatórias?

— Às vezes. Isso é um problema?

Uma espertinha.

Fantástico.

Capítulo Treze

LUCIA

— *Principessa*, — Lucian disse, dando um beijo no topo da cabeça de sua filha.

— Ei, papai —, Lucia cumprimentou.

Ela voltou à pasta de informações que precisava estudar. Aparentemente, o voluntariado para um abrigo de mulheres e crianças durante o verão não era tão fácil quanto simplesmente se inscrever para o trabalho. Lucia tinha políticas para memorizar, horários e muito mais.

Valeu a pena. Ela queria ajudar.

— Onde está a sua mãe?

— Lendo no quarto dela.

Lucian puxou uma cadeira e se sentou ao lado de Lucia. — Eu estava pensando...

Suspirando, Lucia fechou a pasta e deu ao pai a atenção que ele queria. Lucia, sendo a filha mais nova de seus quatro irmãos, sempre fora o bebê. Seus pais pareciam achar que ela precisava de mais atenção e cuidados do que os irmãos mais velhos, simplesmente porque havia diferença de idade. Talvez eles achassem que ela se sentia deixada de lado. Lucia nunca se sentiu assim.

Ser o bebê da família com apenas dezessete anos, quase dezoito, significava ser *mimada* como um. Precisava de espaço para respirar, um tempo longe de sua família e espaço para crescer. Ela sabia que eles não entendiam, e que eles se machucariam se ela quisesse ir embora, então ela escolheu suas ações de maneira silenciosa. Como ser voluntária no abrigo de mulheres durante o verão.

Com o passado de seu pai, ela sabia que Lucian não invocaria com

Lucia passando oito horas por dia, cinco dias por semana em um abrigo para ajudar. Era mais provável que ele doasse um monte de dinheiro, o que ele já tinha feito, e comprasse um carro para ela ir e vir do local todos os dias. Ela também queria ser voluntária, mas estava a um pequeno passo de se afastar de sua família e seus mimos.

— Pensando o quê? — Ela perguntou ao pai.

— Sobre a faculdade no outono —, Lucian respondeu. — Você não poderia escolher Columbia em vez de uma faculdade fora do estado? É uma ótima faculdade, Lucia, e tem todos os programas que você deseja para o desenvolvimento social.

Lucia afastou o olhar do pai. Se ele pudesse ver os olhos dela, poderia ver suas mentiras. — Mas eu me apaixonei por esse campus quando visitamos.

Lucian soltou um barulho triste baixinho. — Eu sei, *Bella Ragazza*.

— Eu voltarei, pai. Nos feriados, férias e alguns fins de semana.

— Não ajuda muito, Lucia.

Ela sorriu. — Eu sinto muito.

— Eu me preocupo com você sozinha.

— Não. Eu sou adulta. Eu posso lidar com a faculdade.

— Terminar o ensino médio e ter quase dezoito anos não faz de você uma adulta, Lucia.

— Mas...

— Sinto muito, querida, não posso deixar de me preocupar. Eu sei que você quer crescer, mas não tenho certeza se estamos prontos para deixar.

Lucia bateu as mãos na mesa e se levantou rapidamente da cadeira. — Esse é o problema.

Lucian olhou para ela com surpresa, aprofundando as linhas em seu rosto. — Eu não entendo.

— Vocês não estão prontos para me deixar ir. Vocês não estão prontos para eu crescer. Vocês, pai, não eu.

— Oh.

Lucia pegou os papéis da mesa e disse: — Escolhi a faculdade fora do estado, não a Columbia. Já foi acertado, as mensalidades e o primeiro ano estão pagos, além de ter sido aceita meses atrás. Consegui as notas necessárias e quero fazer isso. Me deixe fazer.

Lucian abaixou a cabeça. — OK.

Lucia ficou surpresa que seu pai tivesse aceitado tão facilmente. Não era o jeito típico de Lucian. Ela sabia exatamente de onde havia puxado sua teimosia — de seu pai. O homem lhe dera muito mais do que apenas seu sobrenome quando ela foi trazida ao mundo como uma surpresa para sua mãe e pai depois de anos.

A culpa corroía Lucia por dentro.

— Eu vou voltar, Pai —, disse ela suavemente.

— Temos o verão, certo? — Perguntou o pai.

Bem, ela tinha. O pai dela era uma história diferente. Como *princesa* dos Marcello, Lucia sabia com o que seu pai e o resto dos homens de sua família estavam envolvidos. Ela não era cega ou burra. Ao longo dos anos, ela testemunhara coisas mais que suficientes para saber que sua família também poderia ser a realeza no mundo do crime organizado. Seu pai e os dois tios ocupavam três dos lugares mais altos da família. Até o irmão dela estava envolvido nisso. Felizmente, isso manteve o pai ocupado. Ela tinha o verão de folga, mas Lucian provavelmente não. Seu trabalho era ininterrupto.

— Mais ou menos. Eu também tenho esse voluntariado.

— Estou orgulhoso por você ter aceitado isso —, disse Lucian, estendendo a mão para tocar nas folhas. — Eu sempre tentei doar para os

abrigos e organizações para mulheres e crianças, mas me sinto extremamente orgulhoso por você ter dado um passo a mais para fazer isso.

A culpa inundou Lucia novamente. Ela fez isso porque precisava ficar um pouco longe da família e do fato de que cairia bem em um currículo. Ela também fez isso pela experiência. Lucia vinha de uma família ridiculamente rica. Seu pai poderia ter vivido alguns de seus primeiros anos nas ruas, brigando por comida e tentando sobreviver, mas ela não. Ela nunca teve que se preocupar com nada. Nada estava fora de alcance se ela pedisse à mãe e ao pai.

Lucia se perguntou se precisava se conectar com a vida real.

Talvez este trabalho fizesse isso.

— Acho que você vai conseguir algo incrível com isso —, acrescentou Lucian quando Lucia ficou quieta.

— Espero que sim —, respondeu ela.

Se levantando, seu pai a puxou para um abraço forte que dizia que ele ainda não estava pronto para deixar Lucia crescer. Ela o deixou segurá-la até que ele estivesse pronto para soltá-la, porque muito em breve, seu pai não teria outra escolha senão deixá-la ir.

Lucian era um bom pai — um ótimo pai, na verdade. Mas, pela primeira vez, Lucia simplesmente queria sair da sombra de sua família e ser ela mesma. Ela não achava que seu pai entenderia.

Ele iria?

— Eu te amo, Lucia —, seu pai murmurou. — Você sempre foi a mais tranquila dos quatro. Eu nunca tive que me preocupar com você se meter em algum problema ou nos machucar. Minha boa menina, hein?

Ela sempre foi a boa menina.

Lucia não sabia ser outra coisa.

Lucia suspirou. — Sim.

— Hmm, o que foi?

— Eu também te amo, *papá*.

Soltando-a, Lucian disse: — Tenho que encontrar sua mãe. Tenho notícias que ela vai querer ouvir.

— É mesmo?

Lucian sorriu largamente. — Vou me aposentar mais cedo. Sua mãe está me incomodando há anos para fazer isso, e eu finalmente consegui. Isso é ótimo. Ela ficará irritada se eu não contar imediatamente.

Aposentadoria.

Lucia não sabia o que dizer.

— Então, chega de... *la famiglia*? — Lucia perguntou, escolhendo suas palavras com cuidado. É óbvio que perguntar sobre a máfia ou o envolvimento de seu pai não a levaria a lugar algum. — Chega mesmo?

Lucian deu de ombros, ainda feliz. — Quase isso.

Capítulo Quatorze

Lucia enfiou a cabeça na cozinha moderna e encontrou o chef trabalhando atrás de um grande fogão. O homem piscou algumas vezes antes de finalmente reconhecê-la.

— Lucia?

Ela assentiu. — Oi. Meu primo está por aí?

— Andino está no escritório. Posso avisar ao Skip que você está aqui, se quiser.

— Seria ótimo, obrigada.

— Sente-se em uma mesa. Você quer algo para comer?

— Não, eu estou bem.

— Claro —, disse o chefe. — Vá, eu vou avisar seu primo que você está aqui para vê-lo.

Lucia não ficou surpresa que o homem estivesse confuso com a presença dela. Lucia não costumava ir ao restaurante principal de Andino na cidade, porque seu primo era conhecido por usar o local para praticar as coisas ilegais de seus negócios. Como a máfia. Mais de uma vez, Lucian havia dito à filha para ficar longe.

Rapidamente, ela encontrou uma mesa silenciosa na parte dos fundos e se sentou em uma cadeira. Colocando a bolsa na cadeira ao lado dela, ela esperou Andino. Não demorou muito. Seu primo veio andando pelo restaurante, acenando para alguns clientes enquanto passava e depois se juntou a Lucia na mesa.

— Ei, garota —, disse Andino, sorrindo.

Lucia se forçou a não revirar os olhos. — Ei.

— Seu pai não te mandou ficar longe deste lugar?

— E daí?

Andino riu. — Você deve seguir as regras, Lucia.

— Eu queria saber de uma coisa e estava passando por perto.

— É mesmo?

— Sim —, ela confirmou.

Andino se recostou na cadeira e apertou os botões do paletó enquanto perguntava: — Bem, o que você quer saber?

— Onde está Johnathan?

Lucia só tinha visto seu irmão mais velho uma vez desde que ele foi libertado da prisão. John era seu único irmão, mas, além disso, ele também era a única pessoa que realmente entendia Lucia e como seus pais podiam ser sufocantes. Para John, ela sabia que era uma razão completamente diferente. Mas, honestamente, Lucia só precisava de um tempo e o irmão parecia a pessoa certa para isso.

— Trabalhando hoje. Por quê? — Andino perguntou.

— Eu quero falar com ele.

Sua prima levantou uma única sobrancelha. — Ele está trabalhando, o que significa que você provavelmente não deveria estar com ele, Lucia. Sei como o seu pai se sentiria se descobrisse que você está querendo falar com John enquanto ele trabalha.

Frustrada, Lucia pegou sua bolsa e se levantou. — Obrigada por nada.

— Ei, ei. — Andino se levantou da mesa, estendendo a mão para agarrar o pulso de Lucia.

— O quê? — Ela perguntou, mais rápido do que pretendia.

— O que há com você? — Ele perguntou.

— Quero ver meu irmão. Ele não atende minhas ligações e nunca vai em casa para que eu possa falar com ele lá. Achei que você me contaria onde ele está. Não me surpreende você não me contar. Tomar cuidado com os negócios vem em primeiro lugar na família, certo?

O olhar de Andino se desviou. — Sim, suponho que você esteja certa.

— Me desculpe, Andi. Eu sei que não posso ficar aqui. Eu não deveria ter vindo.

— Está tudo bem, garota. Apenas não conte para seu pai, ok?

Lucia assentiu. — Ok.

— Aonde você vai?

— Eu ia ficar com o Vovô enquanto a Vovó saíria para resolver algumas coisas.

Cecelia, sua avó, sempre se sentia desconfortável em deixar o marido em casa quando ela saía, por qualquer motivo que fosse. Lucia não se importava de ficar com o avô. Então, ele tinha alguém cuidando dele e alguém para conversar. Antony, seu avô, nunca se importou.

Andino assentiu. — Está bem. Vou ligar para John. Vou falar pra ele onde você estará.

A raiva de Lucia diminuiu. — Obrigada.

— Sem problemas.

Capítulo Quinze

— Você tem certeza de que ficará bem? — perguntou Cecelia.

— Ficaremos ótimos —, Lucia disse à avó. — Tenho certeza que ele vai se meter no problema de sempre.

Cecelia riu, as linhas ao redor dos olhos se aprofundando com seu sorriso. — OK.

— Não se preocupe, Vovó.

— Ele está ficando muito cansado ultimamente —, Cecelia explicou calmamente. — Não posso deixar de me preocupar.

Lucia franziu o cenho, triste com as preocupações da avó pela saúde do marido. Antony Marcello sempre pareceu ser a pessoa mais forte e formidável da família, mas, verdade seja dita, ele não estava ficando mais jovem. Uma língua afiada e uma alma forte não criavam um corpo saudável.

— Vai resolver suas coisas —, disse Lucia. — Ele ficará bem comigo. Vou colocar a música preferida dele e ele ficará feliz.

Cecelia sorriu. — OK. Obrigada por ter vindo hoje.

— Eu sempre virei, Vovó.

A mão de sua avó acariciou levemente sua bochecha. A textura coriácea da palma de Cecelia lembrou Lucia que sua avó também não era jovem.

— Nossa boa menina, hein?

Lucia acariciou levemente a mão da avó. — Vá. Você está perdendo tempo.

— Estou indo, estou indo.

Lucia fechou a porta da frente da grande mansão Marcello assim que sua avó passou pela entrada de mármore. Voltando pela casa, encontrou o avô sentado na sala de estar, na poltrona de couro dele com os pés para cima,

um copo de água ao lado e um controle remoto na mão enquanto ele passava pelos canais de televisão.

— Ela te incomodou de novo? — perguntou Antony, sua voz rouca com a idade.

Lucia riu. — Você não deixa passar nada, não é?

— Eu só pareço velho, Lucia. Às vezes posso sentir isso, também, mas minha mente é a mesma de quando eu tinha vinte e cinco anos. Afiado, rápido e inteligente demais para todos os outros.

— Isso é tudo o que importa, vovô.

Antony acenou com a mão desgastada. — Todos eles se preocupam demais.

— Eu sei o que você quer dizer. — Lucia olhou para a água que seu avô tomou. — Você não batizou ela quando a vovó não estava olhando, certo?

Antony sorriu maliciosamente. — Quer mesmo saber?

— Não beba, vovô.

— Oh, é só água. Pare com isso. Nem vinho ela me dá mais.

Lucia fingiu fazer beicinho. — Pobrezinho.

— Ela se preocupa demais —, repetiu Antony com um suspiro. Acenando para o sofá ao lado da sua cadeira, ele acrescentou: — Sente-se, ou suas pernas ficarão cansadas. Então terei que ouvir seu pai falando sobre como eu não cuido de você enquanto toma conta de mim.

— Eu não vou tomar conta de você.

— Dá no mesmo.

Lucia balançou a cabeça, sabendo que não devia discutir com o avô. Antony, não importava sua idade, era muito teimoso para o seu próprio bem. O homem engasgaria com suas palavras antes de cuspir que poderia estar errado sobre alguma coisa.

Sentando-se no sofá, Lucia perguntou: — O que você quer fazer hoje?

Antony sorriu, estendeu a mão e segurou a mão de sua neta mais nova. — Sentar-me aqui e aproveitar o dia com você, Lucia.

— Ok, vovô. Nós podemos fazer isso.

— Ótimo. — Antony assentiu para a televisão. — Está passando uma maratona de filmes de crime e máfia de Nova York.

Lucia não poderia parar rir, mesmo que tentasse. — Sério?

— Sim. Eles fizeram um filme sobre a minha ascensão ao poder nos anos 80 e 90 também.

— Eu sei, eu assisti quando eu tinha quinze anos —, ela admitiu.

Foi assim que ela ficou sabendo da maior parte da história e do legado de sua família na Cosa Nostra. A conversa que se seguiu com o pai tinha sido interessante, principalmente porque Lucian não escondeu nada quando Lucia perguntou sobre tudo. Foi a única vez que eles conversaram sobre isso.

— O filme todo é mentira —, disse Antony.

Lucia se perguntou sobre isso. — É?

Os velhos olhos de Antony brilharam com malícia. — Não.

Capítulo Dezesseis

Depois de se despedir de sua avó, Lucia abriu a porta da frente para deixar a mansão Marcello e ir para casa. Ela congelou no degrau, encontrando uma figura familiar esperando por ela na garagem. Seu irmão mais velho estava encostado no capô do que parecia ser uma Mercedes novinha em folha.

— Ouvi dizer que você estava me procurando —, disse John, sorrindo.

Lucia desceu os degraus da frente, dois de cada vez, até estar perto o suficiente para passar as mãos sobre a pintura preta brilhante da Mercedes. Era um lindo cupê de duas portas, com linhas afiadas e muito cromado.

Ela amava carros.

— Quando você comprou isso? — Lucia perguntou.

— Busquei ontem. Gostou?

— Muito.

— Eu deveria saber que você é uma Maria Gasolina e tudo mais.

Lucia levantou o dedo do meio para o irmão. — Não me chame de Maria Gasolina.

— Eu disse de forma carinhosa, Lucia. É um elogio. — John riu. — Entre. Vamos dar uma volta e depois eu te trago de volta para pegar seu carro.

— OK.

Lucia não precisou que ele chamasse duas vezes. Ela pulou no banco do passageiro, jogando sua bolsa no assoalho do carro. John se sentou ao seu lado e deu partida no carro, acelerando o motor até que Lucia estava sorrindo como uma louca.

— Espero sinceramente que qualquer homem que você conheça

perceba que você tem um gosto requintado —, John disse a ela.

— Sim, eu sei. Eu culpo papai.

John sorriu. — Eu culpo papai também.

Lucia mexeu no sistema de som enquanto seu irmão os levava para o coração da cidade. Ela mal percebeu o tempo voando. Apesar de haver uma diferença de treze anos entre ela e Johnathan, ela sempre se sentiu mais próxima do irmão do que das irmãs mais velhas.

— Então —, John disse demoradamente, puxando Lucia de seus pensamentos.

— Sim?

— Andino ficou repetindo que você queria me ver. O que é, garota?

— Bem, isso, por exemplo.

A testa de John franziu. — Como é?

— Vou fazer dezoito anos mês que vem. Podemos parar com esse negócio de garota?

Rindo, John disse: — Claro. Foi mal.

Lucia se recostou no banco do passageiro, observando os prédios passarem por eles. — Eu não consegui falar com você desde que você saiu. Você está evitando mamãe e papai, aparentemente, isso significa ficar longe de mim também.

— Sim —, disse John, encolhido, — eu não pensei direito nisso.

— Obviamente.

— Desculpe ter perdido sua formatura.

Lucia deu de ombros. — Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Ouvi dizer que você se formou com as melhores notas.

— É verdade —, disse ela.

— E conseguiu ser aceita em todas as faculdades que você se

inscreveu.

— Sim.

John sorriu. — A mais inteligente de todos nós, Lucy.

Lucia fez uma careta. — Eu odeio esse apelido.

— Eu sei, mas você não é forte o suficiente nem tem idade suficiente para me impedir de usá-lo. Posso parar de te chamar de garota, mas não de Lucy.

Ela bateu no braço do irmão. John sorriu de volta.

— Eles se preocupam com você, John —, disse Lucia.

— Eu sei —, ele concordou. — No momento, eu só quero me concentrar em permanecer sã e bem.

— OK.

— Mas eu estarei por perto.

— Legal —, ela sussurrou, sorrindo.

— Além disso, eu vou falar com papai que você amou meu carro.

— Por quê?

John soltou um barulho desdenhoso. — Talvez ele esteja querendo te dar um carro novo de presente pelo seu décimo oitavo aniversário.

— Talvez?

— Talvez —, seu irmão respondeu com um sorriso malicioso.

Lucia fez uma pequena dancinha no banco do passageiro. — Eba!

— Mimada.

— Não me julgue.

— É difícil —, brincou John.

Suspirando, Lucia observou o irmão de soslaio. — É estranho ficar longe e tudo mais?

— Não, mas todo mundo continua tentando fazer que seja.

— Eu não entendo.

— Sinto-me como um inseto sendo observado enquanto sobe em uma parede. Alguém provavelmente está esperando com um sapato para me acertar quando chegar perto demais. Isso me faz sentir como se estivesse vivendo em uma bolha ou algo assim, como se fosse piscar e de repente enlouquecer.

Lucia odiava que John estivesse passando por isso. — Você não é louco.

John soltou um suspiro alto. — Obrigado.

Antes que Lucia percebesse, eles estavam passando por uma parte ruim da cidade. Uma parte do Brooklyn que seu pai sempre deixara claro que Lucia não podia ir. Como a garota inteligente que ela era, Lucia sempre seguia essas regras porque não queria descobrir o que aconteceria se não o fizesse.

— O que estamos fazendo aqui? — Lucia perguntou.

— Apenas fique calada —, respondeu John. — Eu tenho alguns negócios para resolver. Eu sabia que você estava querendo conversar e me ver, ou sei lá, mas ainda tenho trabalho para fazer. Vire a cara como papai sempre disse para você fazer, e ficaremos bem.

Lucia optou por não refutar a isso. — *Trabalhando*, trabalhando?

— Não tenho outro emprego, Lucy. Sou Capo e nada mais.

Ótimo.

John estacionou a Mercedes em frente a um prédio de apartamentos caindo aos pedaços. Ele repetiu para ela ficar calada e deixar o carro trancado até ele voltar. Então, ele saiu do carro e Lucia o viu desaparecer no prédio. Menos de dez minutos depois, seu irmão saiu do prédio com uma mochila preta na mão. John destrancou o carro e jogou a bolsa na parte de trás.

Depois de se recostar no banco do motorista, ele disse: — Pode perguntar.

Lucia olhou para o banco de trás. — O que tem nessa bolsa?

— Um par de coisas.

— Como o quê?

— Dinheiro e droga.

— Hum...

— Coca —, esclareceu o irmão. — Preciso buscar e entregá-las às pessoas que vendem. Deu pra entender?

— Na verdade não.

John balançou a cabeça. — Então pare de perguntar.

Lucia poderia fazer isso.

— Eu tenho que pegar mais algumas antes de poder levá-la de volta. Tudo bem?

— Tudo bem, John.

O irmão dela saiu do estacionamento. — Ótimo.

Durante a hora seguinte, Lucia ficou sentada quieta no carro, enquanto o irmão fazia o que disse fazer. Ele muitas vezes desaparecia nos edifícios com sua bolsa preta na mão, e ninguém nunca lhe olhava duas vezes. Aparentemente, três anos de prisão realmente não tinham afetado a capacidade do irmão de fazer o trabalho dele.

Colocando uma colher cheia de sundae de chocolate com calda quente na boca enquanto John dirigia pelo que parecia ser um parque, Lucia notou um grupo de crianças mais velhas rondando uma loja de conveniência. Bem, não tão eram crianças, provavelmente tinham mais ou menos a idade dela.

John parou o carro e tocou na buzina uma vez. Ele piscou os faróis duas vezes. Confusa, Lucia viu quando um garoto mais velho se separou do grupo e se aproximou do carro de John. Já que o céu estava começando a escurecer, ela realmente não conseguiu ver direito o rosto do cara. Mas quanto mais perto ele chegava da janela de John, mais Lucia podia ver.

Linhas fortes e marcantes moldavam o rosto do homem. Cabelo preto selvagem, como se ele estivesse ajeitando as pontas que caía nos olhos. Olhos castanhos escuros espiaram pela janela aberta de John, encontrando Lucia instantaneamente, quando os lábios do sujeito se abriram em um sorriso arrogante.

Lucia desviou o olhar.

— Ei, Ren —, John o cumprimentou.

Ren.

Lucia arriscou dar uma outra olhada nele. Ele não estava mais olhando para ela, mas concentrando em John.

— Skip —, disse Ren.

— Você tem alguma coisa para mim hoje?

— Sempre, chefe.

A mão de Ren desapareceu dentro de seu casaco, puxando um envelope branco. Passou na mão de John como se nada estivesse errado. John abriu, conferiu rapidamente o dinheiro que estava lá dentro e depois entregou uma pilha ao homem. Então, o irmão de Lucia jogou o envelope no banco de trás.

— Vá ver Tucker —, disse John. — Ele vai separar o que você precisar para a próxima semana.

— Vou sim, Skip.

A mão de Ren bateu no topo do carro, mas antes de se virar, ele lançou outro olhar para Lucia. Lucia se remexeu no assento quando o irmão notou o olhar que passava entre os dois.

— Ren —, John retrucou.

Seu irmão não estava brincando hoje. Ele nunca brincava com os garotos que estavam com Lucia, de qualquer maneira.

— Desculpe, Skip —, disse Ren. — Vou dar uma passada lá. Semana

que vem?

— Sim. Pode ir, garoto.

John já tinha colocado o carro para andar antes mesmo de Ren se afastar.

Quando voltaram à estrada, a curiosidade de Lucia a consumiu.

— John?

— O quê? — Perguntou o irmão.

— Quem era aquele?

— Renzo?

Lucia reconheceria um nome italiano em qualquer lugar.

— Sim, ele —, disse ela.

— Um garoto de rua —, John informou como se não fosse nada. — Um soldado que provavelmente não vai a lugar nenhum, além de onde ele se encontra. É péssimo, mas é assim que é.

Lucia encarou as unhas bem cuidadas, ainda curiosa. — Por quê?

— Porque foi isso que o pai dele fazia para o nosso pai e o avô dele para o nosso avô. É um círculo, Lucia. É cruel. É o tipo de vida que eles não conseguem se livrar, apesar de se esforçarem muito. O que isso importa?

Ela realmente não sabia.

— Só estava pensando —, Lucia decidiu dizer.

O olhar de John se voltou na direção dela antes de dizer: — Continue pensando. Nada mais.

— O quê?

— Fique longe de caras como Renzo, Lucia.

— Eu nem disse...

— Tome isso como um conselho futuro —, John interrompeu. — Lembre-se disso.

Ela tentaria.

Mas...

Os Marcellos não seguiam muito bem as regras. Eles eram imundos demais para isso.

John estendeu a mão e ligou o rádio. Ele tamborilou os dedos no volante enquanto dirigia. Lucia encarou o irmão aparentemente feliz e despreocupado. Ela não conseguia se lembrar de um momento em que John parecia tão bem como naquele exato momento.

— O que está acontecendo com você? — Lucia perguntou.

John deu um sorriso. — Hã?

— Você está feliz.

— Por que eu não estaria?

Lucia balançou a cabeça. — Não é nada.

John riu. — Minha felicidade é tão estranha assim para você, é?

— Não, mas geralmente você não... demonstra tanto —, ela decidiu dizer.

— Isso é verdade.

— Então, o que está acontecendo?

John tamborilou os dedos no volante com a batida da música. — Nada, Lucy. Só acho que serão meses interessantes nesta família. Algo está diferente. As coisas estão começando a acontecer. Estou ansioso pelas mudanças.

Ela não tinha ideia do que o irmão estava falando, mas ele estava feliz. Lucia aceitou e escolheu deixar pra lá.

— Já que você diz, John.

FIM.

^[1] The Filthy Marcello no inglês.